



INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS



Mestrado em
Ensino Tecnológico

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO TECNOLÓGICO**

BÁRBARA CASTRO LAPA

**TECENDO UM TRAÇADO ENTRE AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E
SENTIDOS DO TRABALHO**

**Manaus – AM
2017**

BÁRBARA CASTRO LAPA

**TECENDO UM TRAÇADO ENTRE AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E
SENTIDOS DO TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas para a obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico, sob orientação da prof.^a Dr.^a Rosa Oliveira Marins Azevedo.

Área de Concentração: Processos e Recursos para o Ensino Tecnológico.

Linha de Pesquisa: Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico.

**Manaus – AM
2017**

L299t Lapa, Bárbara Castro.
Tecendo um traçado entre autoformação docente e sentidos do trabalho.
/ Bárbara Castro Lapa. – 2017.
200 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus Manaus Centro*, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo.

1. Educação Tecnológica. 2. Formação de Professores. 3. I. Azevedo, Rosa Oliveira Marins (Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas III. Título.

CDD 371.33

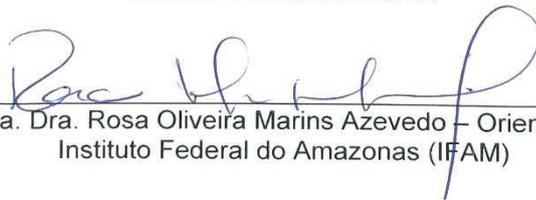
BÁRBARA CASTRO LAPA

TECENDO UM TRAÇADO ENTRE AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E SENTIDOS DO
TRABALHO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico.
Linha de Pesquisa: Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico.

Aprovada em 20 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo – Orientadora
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga – Membro Titular Interno
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Profª. Dra. Dayse Peixoto Maia – Membro Titular Externo
Centro Universitário do Norte (UNINORTE)

A Deus, a minha família e a tudo em que acredito

AGRADECIMENTOS

Sou grata aos meus pais Cláudio Moisés dos Santos Lapa e Úrsula Castro Lapa, ao meu irmão Moysés Israel Castro Lapa pelo apoio, amor incondicional e por me mostrarem a cada dia o valor da vida.

A minha avó Maria das Graças Monteiro de Castro pelo carinho, amor, ensinamentos e por mostrar que o conhecimento é um dos bens mais preciosos de que podemos experimentar.

A minha tia Karla Castro pelo companheirismo e amor dedicados a mim.

A minha orientadora, professora Rosa Oliveira Marins Azevedo, que mais que orientação, cuida com carinho, cultiva e torna fecunda a convivência. Ensina a aprender e a ensinar com paciência, com dedicação, com bom senso, com atenção, com respeito, com ética, com harmonia, com palavras doces, com disciplina e com amor. É um dos maiores elos que me constitui como professora e pessoa, traz inspiração e surpreende em tudo. Mais que professora, é um presente que tenho a honra e alegria de ter em minha vida e lida.

Aos amigos que fiz no mestrado, companheiros que estiveram junto a mim de dia, de noite e de madrugada. Vivenciamos angústias, responsabilidades, alívios, ações bem executadas em equipe, alegrias, tristezas, momentos de tensão, que no mais das vezes foram seguidos por risos largos, sempre com um lanche aconchegante para deixar tudo mais ameno. Muito obrigada por serem vocês comigo: Paulino dos Santos, Austônio Queiroz, Emily dos Santos, Laís Barreto, Júlia Queiroz, Ieda Santana, Amarinildo Ozório, Mauro Melo, João Cavalcante, Keila Brito, Mary Cabral e Domingos Sávio.

Aos professores do curso de mestrado: Ana Cláudia de Souza, Nilton Ponciano e Davi Leal que trouxeram grandes contribuições e inquietações durante as disciplinas História da Ciência e Saberes e Experiências no Ensino Tecnológico no Amazonas.

A professora Andréa Pereira Mendonça pelas contribuições nas disciplinas Ensino e TICs e Aplicações da Tecnologia no Ensino, as quais inspiraram e indicaram um caminho possível para nosso produto, pelo apoio, pelas experiências compartilhadas na organização do III Simpósio em Ensino Tecnológico do Amazonas (SETA) que foi um processo muito harmonioso, alegre de vivenciar. Por todas as palavras de acolhimento e motivação nos momentos certos.

Ao professor João Neto pela contribuição durante a disciplina Metodologia da Pesquisa Científica no Ensino Tecnológico e pelo amparo à turma MPET 2016 na organização do III Simpósio em Ensino Tecnológico do Amazonas (SETA).

Ao professor Amarildo Menezes Gonzaga pela vasta contribuição desde a graduação e em todo percurso do mestrado, sempre a realçar o valor da singularidade e do processo.

A professora Cinara Calvi Anic Cabral por ter aceitado ser minha orientadora de estágio docência, na disciplina Tópicos Especiais: Introdução à Pesquisa Educacional, período de muitas contribuições e ensinamentos para minha formação no curso de mestrado, bem como momento que suscitou memórias de situações vivenciadas ainda na graduação em Ciências Biológicas no IFAM, proporcionando um enxergar diferente ao meu percurso.

Aos licenciandos que pude conhecer e conviver ao longo do estágio docência na disciplina de Tópicos Especiais: Introdução à Pesquisa Educacional, ministrada pela professora Cinara.

Aos mestrandos da turma de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica que contribuíram bastante no processo de implementação e avaliação do curso que propusemos.

Aos amigos que sempre me apoiaram: Anne, Érika, Johnison, Jéssica, Gilmara, João, Fernanda, Louise, Igor e Raimundo.

Aos amigos Lórence, Janize e André que sempre estão de alguma forma presentes na minha vida.

Aos amigos de trabalho, na Escola Estadual Farias Brito, pela compreensão, auxílio e momentos de alegria: Andreia, Adamor, Larissa, Fabrício, Silvana, Luana, Elcimone, Juarez e Maurício.

Ao gestor da Escola Estadual Farias Brito, professor Ricardo Mello, pela compreensão.

Aos alunos da Escola Estadual Farias Brito que a cada dia me encorajam a buscar formação e tentar ser uma professora melhor do que fui no dia anterior.

A pessoas que conheci e que me inspiraram: professores e colegas que fiz na turma do curso *A Floresta Amazônica e suas Múltiplas Dimensões*, oferecido pelo INPA, bem como aos professores Genoveva Azevedo, Maria Inês Higuchi, Niro Higuchi e equipe.

Aos professores Ítalo Matos e Rafael Ferreira, assim como aos estagiários e alunos, pela parceria e ensinamentos no programa de extensão ComCiência da Universidade Federal do Amazonas.

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico (GEPROFET) pelos momentos de aprendizagem compartilhados.

A Diretora de EaD do IFAM, professora Eliseanne Lima da Silva e sua equipe pelo auxílio na submissão do curso *online* proposto à plataforma de MOOCs do instituto.

A Augusto Leel, Dário Avelino e equipe por tornarem possível a gravação e a edição dos vídeos que compuseram o produto da dissertação.

A Katya Nayara Martins Imbiriba pelo projeto gráfico e diagramação do produto da dissertação.

A Suzy e Larissa pelo apoio, da matrícula à defesa, no MPET.

A Açai, Miriti, Arumã, Inajá e Bacaba que tornaram o traçado possível.

A todos que se entrelaçaram a mim em meu autotrançado, estando comigo e fazendo parte do que sou, enfeitando, sustentando, amarrando, marcando e constituindo as fibras da tessitura de minha vida e lida, muito obrigada.

RESUMO

A pesquisa teve por objetivo compreender os sentidos de trabalho no discurso de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM como fundamento para uma proposta de autoformação. De modo específico, articulou-se os conceitos de formação de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, sentidos de trabalho e autoformação docente, como sustentação teórica da pesquisa. Foi elaborado um percurso investigativo para conhecer os sentidos de trabalho de cinco professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, por meio de suas histórias de vida, relatadas em entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Foi possível evidenciar os sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na EPTNM a partir de elementos da Análise Textual Discursiva (ATD), que permitiu compreendê-los como responsabilidade social, experiências e identidade. Tal compreensão possibilitou a elaboração, implementação e avaliação de uma proposta, um Curso Online Aberto e Massivo (MOOC), que teve como objetivo desenvolver uma compreensão crítico-reflexiva no participante relativa à Educação Profissional e Tecnológica. De maneira específica, o curso se propôs a (re)pensar o próprio processo formativo a partir das histórias de vida de professores inseridos na Educação Profissional e Tecnológica; conhecer o enlace teórico entre Autoformação docente, Sentidos de Trabalho docente, Formação Humana Integral ou Omnilateral, Trabalho como Princípio Educativo e Politecnia; além de produzir um *e-portfolio* (que se diferencia em nomenclatura do portfólio apenas por ser virtual) composto pelas atividades desenvolvidas ao longo do curso. O MOOC, disponibilizado na plataforma de cursos *online* do IFAM (<http://mooc.ifam.edu.br:15000/>), oportunizou um processo de autoformação, a partir do que foi compreendido acerca dos sentidos de trabalho no discurso de professores do IFAM, conforme percebido nas considerações tecidas pela turma de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), colaboradora na avaliação do curso, pautado nas bases da Educação Profissional e Tecnológica e no caminhar para si.

Palavras-chave: Formação de professores. Sentidos de trabalho. Autoformação docente. MOOC.

ABSTRACT

The research aimed to understand the senses of job in the Vocational and Technological Education teachers discourse at the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM as a basis for a self-formation proposal. The concepts of teacher training for Vocational and Technological Education, Senses of Teaching Job and Self-formation were specifically articulated as the research theoretical support. An investigative path, through life histories reported in interviews recorded and later transcribed, was designed to know the job senses of five IFAM teachers inserted in Vocational and Technological Education. Therefore the job senses of Vocational and Technological Education teachers were possible to become evident from the Discursive Textual Analysis (ATD) elements which allowed to understand them as a social responsibility, experiences and identity. This perception enabled the preparation, implementation and evaluation of a formative proposal, a Massive Open Online Course (MOOC), that aimed to develop a critical-reflective understanding in the participant regarding Vocational and Technological Education and in a specific way, (re) think the formative process itself from the life histories of teachers inserted in Vocational and Technological Education; to know the theoretical link between Self-formation, Senses of Teaching Job, Integral or Omnilateral Formation, Job as Educational Principle and Politecnia; and produce an e-portfolio composed by activities developed along the course. The MOOC, available on the IFAM online courses platform (<http://mooc.ifam.edu.br:15000/>), provided a self-formation process opportunity from what was understood about the job senses in the IFAM teachers speech as perceived in the Professional and Technological Education (ProfEPT) master's degree considerations, collaborators in the course evaluation based on the Professional and Technological Education and Self-formation.

Key-words: Teacher training. Job senses. Self-formation. MOOC.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1: Resultados da análise sistemática a partir das fontes de busca..... | 17 |
| Figura 2: Modelo da Educação Profissional Brasileira..... | 19 |
| Figura 3: Perfil profissional do egresso..... | 20 |
| Figura 4: Categorias dos sentidos de trabalho..... | 93 |
| Figura 5: Evidências para o sentido de trabalho como responsabilidade social..... | 94 |
| Figura 6: Evidências para o sentido de trabalho como responsabilidade social a partir do compromisso docente..... | 95 |
| Figura 7: Evidências do sentido de trabalho como experiências..... | 98 |
| Figura 8: Os elos que constituíram a experiência docente..... | 100 |
| Figura 9: Percepções do sentido de trabalho nas experiências por meio do mestrado..... | 102 |
| Figura 10: Elos que revelam o sentido de trabalho nas experiências por meio do mestrado... | 104 |
| Figura 11: Percepção do professor como evidência para o sentido de trabalho como identidade..... | 106 |
| Figura 12: Evidências de necessidade de formação de professores do IFAM..... | 109 |
| Figura 13: Bases da EPT..... | 112 |
| Figura 14: Delineamento do MOOC..... | 118 |
| Figura 15: Formação e atuação dos mestrandos do ProfEPT (Turma 2017)..... | 121 |
| Figura 16: As considerações dos frutos..... | 124 |
| Figura 17: O trançado da roda de conversa..... | 134 |
| Figura 18: Percepções e sugestões sobre o MOOC..... | 146 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| A IDEIA DA TESSITURA | 10 |
| 1 A PREPARAÇÃO PARA O TRAÇADO | 15 |
| 1.1 Os sentidos de trabalho na formação do traçado | 16 |
| 1.1.1 Tecendo com enfoque no trabalho..... | 19 |
| 1.1.2 Tecendo com atenção à Educação Profissional e Tecnológica | 24 |
| 1.2 A autoformação no traçado..... | 27 |
| 2 COMO CHEGAMOS ÀS FIBRAS | 30 |
| 2.1 As palmeiras que deram fibras | 32 |
| 3 TRANÇANDO E ENTRELAÇANDO | 92 |
| 3.1 Fibras tecidas e entrelaçadas..... | 92 |
| 3.1.1 A tessitura que envolve: responsabilidade social | 93 |
| 3.1.2 O traçado da lida: as experiências | 97 |
| 3.1.3 O traçado da vida: a identidade | 106 |
| 3.2 Para além das fibras trançadas e entrelaçadas: uma proposta de autoformação..... | 108 |
| 4 O ARREMATE | 115 |
| 4.1 Dando acabamento à tessitura | 116 |
| 4.2 Arrematação: Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho | 117 |
| 4.3 Os frutos que se enxergaram palmeiras | 121 |
| 4.3.1 As buscas dos frutos no traçado | 123 |
| 4.3.2 O dizer-se dos frutos..... | 134 |
| 4.3.3 O olhar dos frutos para o trançado..... | 146 |
| O AVESSE DO TRAÇADO | 153 |
| REFERÊNCIAS | 157 |
| APÊNDICES | 160 |

A IDEIA DA TESSITURA

Nosso percurso é motivado por um problema e, também, por um anseio. Além de responder a um questionamento, elaborar, implementar e avaliar uma proposta de autoformação materializada em um produto, pretendemos fazê-lo com intuito de realçar tanto as singularidades de cada sujeito envolvido quanto nossas particularidades e envolvimento como autores e atores nos caminhos da pesquisa.

Temos como proposta uma analogia do processo vivenciado e elaboração do produto no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico no IFAM com a confecção de trançados ou traçados indígenas, objetos que no cotidiano em aldeia desempenham funções corriqueiras (VELTHEM, 2007) como de armazenamento, transporte e processamento de alimentos, bem como contribuem com a estética corporal dos índios, os determinam e individualizam quanto ao sexo, à faixa etária e às ações desempenhadas no meio no qual estão inseridos.

Escolhemos o traçado indígena por constituir objetos além de admirados pelas minúcias nos padrões tecidos a mão, mas pela relação de funcionalidade que possuem com o trabalho doméstico desempenhado dia após dia na aldeia, com sua utilização em rituais e com o arcabouço simbólico que agregam as técnicas de confecção conforme nos esclarece o excerto:

No Brasil, os povos indígenas fazem uso de materiais de origem vegetal – madeiras, cipós, enviras, palhas, fibras, resinas, óleos, sementes e caniços – para edificarem suas moradias e na produção de artefatos de uso cotidiano e ritual. Os que habitam a região norte-amazônica empregam diferentes matérias-primas na confecção de trançados: folhas abertas, folíolos e pecíolos das folhas novas de diferentes espécies de palmeira como açaí, bacaba, miriti, inajá, as tiras de diversos tipos de cipó, como cipó títica, e os talos de arumã, uma planta silvestre encontrada em terrenos úmidos da terra firme e que, ao ser colhida volta a brotar, exaurindo-se dificilmente (VELTHEM, 2007, p. 122).

A opção pelo trançado indígena nos foi oportuna pela relação existente entre a ideia de funcionalidade que o artefato indígena carrega, representando o trabalho desempenhado em aldeias por meio da produção desses utensílios e a ideia de formação e trabalho docente, pela qual pretendemos trançar e entrelaçar as fibras existentes nas trajetórias de vida de professores da Educação Profissional e Tecnológica.

Com a intenção de seguir na analogia proposta, fizemos um poema que estará presente ao longo do texto evocando o trançado e de forma comparativa fará alusão tanto ao processo de formação docente quanto à história de vida e à maneira como nós professores, retratados no

processo empreendido, compreendemos os sentidos de trabalho. Para que a partir dessa compreensão possamos ter subsídios para a realização de nossa proposta de formação docente.

O traçado

O traçado que enfeita
O traçado que sustenta
É aquele que constitui
O traçado da vida

O traçado da lida
Tem elos, tem caminhos
Tem meandros, tem a fibra
O traçado da vida

A tessitura que envolve
É aquela que amarra
Marca as mãos e marca

Imprime na lida
A fibra que forma
O traçado da vida

(Bárbara Castro Lapa)

O poema foi escrito a partir da reflexão, na condição de aluna do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal do Amazonas, no momento em que era preciso dar início ao processo de pesquisa. Com a influência das leituras, das discussões, dos diálogos com orientadora, das conversas com colegas de turma, de vivências e percepções acerca das possibilidades de enveredar pelos processos formativos de professores no ensino tecnológico, o poema foi se construindo a medida que o problema de pesquisa também ganhava forma.

“O traçado tem elos, tem caminhos” e o nosso caminho profissional tem início no IFAM. Tendo concluído um curso de Licenciatura em Ciência Biológicas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, uma instituição pautada na proposta da Educação Profissional e Tecnológica, e defendido um trabalho de conclusão acerca da constituição da identidade do professor de Ciências em formação a partir do Estágio Curricular Supervisionado, ficou evidente a falta de discussão a respeito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Como profissional, professora de Ciências/Biologia essa falta não é sentida, por trabalhar com alunos de Ensino Fundamental e Médio na modalidade propedêutica, na qual as diretrizes para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) não constituem

nosso cotidiano. Na verdade, ela só despertou ao ingressar no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico (MPET) do IFAM. Já nas primeiras leituras realizadas para o processo de seleção foi possível refletir acerca da realidade vivenciada na licenciatura no instituto e das discussões, principalmente, nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado e Pesquisa e Prática Pedagógica, cursadas na graduação.

Partimos, então, do contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), com o seguinte problema de pesquisa: Em que aspectos os sentidos¹ de trabalho se fazem presentes no discurso de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM e como podem subsidiar uma proposta de autoformação?

Para tratar do problema, elaboramos as seguintes questões norteadoras:

- Como articular os conceitos de formação de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, sentidos de trabalho e autoformação de professores?
- Que percurso investigativo pode ser construído para conhecer os sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio?
- O que pode ser evidenciado em termos de sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio?
- Do evidenciado a respeito de sentidos de trabalho de professores que atuam na EPTNM do IFAM que proposta pode ser desenvolvida para oportunizar um processo de autoformação?

Em conformidade com o problema, nosso objetivo geral é compreender os sentidos de trabalho no discurso de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM como fundamento para uma proposta de autoformação. E alinhados às questões norteadoras, nossos objetivos específicos são:

- Articular os conceitos de formação de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, sentidos de trabalho e autoformação de professores.
- Elaborar um percurso investigativo a fim de conhecer os sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

¹ Nesta pesquisa entendemos, conforme Vygotsky retratado por Daniels (2002) que o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos suscitados em nossa consciência. É um todo dinâmico, complexo, fluido que tem diversas zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e mais precisa. Uma palavra adquire seu sentido no contexto que aparece; em diferentes contextos ela muda seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todo o edifício do sentido, não mais do que uma potencialidade que encontra realização diversificada no discurso.

- Evidenciar os sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

-Elaborar, implementar e avaliar uma proposta de autoformação que oportunize uma compreensão crítico-reflexiva no participante relativa à Educação Profissional e Tecnológica.

Nosso tecer está organizado em seis momentos, nomeados conforme a tessitura de um traçado ou trançado: “A preparação para o traçado”, “Como chegamos às fibras”, “Palmeiras que deram fibras”, “Trançando e entrelaçando”, “O arremate” e “O avesso do traçado”.

A preparação para o traçado, apresenta tanto um olhar sobre a Educação Profissional e Tecnológica quanto um delineamento do traçado no que se refere aos sentidos de trabalho, ao trabalho e à autoformação em nosso processo de tessitura, o que nos fez encaminhar o tecer para a utilização de elementos de análise sistemática acerca de artigos referentes a essas palavras-chave, além de documentos oficiais, como por exemplo a Constituição da República Federativa do Brasil e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

Em Como chegamos às fibras, assim como em Palmeiras que deram fibras, expusemos as histórias de vida de professores inseridos na Educação Profissional e Tecnológica, especificamente Educação Profissional Técnica de Nível Médio e no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico (MPET), no contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM.

Trançando e entrelaçando faz referência às categorias compreendidas e decorrentes do processo de pesquisa que realçam os sentidos de trabalho dos professores inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Instituto Federal do Amazonas, divididos nos campi: Campus Manaus Centro, Campus Manaus Distrito Industrial, Campus Manaus Zona Leste e Campus Presidente Figueiredo.

Em O arremate delineamos a proposta de autoformação elaborada, materializada em um Curso Online Aberto e Massivo (MOOC), submetido à plataforma de cursos dessa modalidade do Instituto Federal do Amazonas (<http://mooc.ifam.edu.br:15000/>), resultado do que emergiu das categorias propostas ao trançarmos e entrelaçarmos as fibras das palmeiras de nosso traçado. Bem como, no arremate, trançamos o processo de implementação e avaliação de nosso curso junto à turma de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e pudemos enxergar as buscas, os dizeres e os olhares dos frutos, conforme chamamos os mestrandos do ProfEPT que colaboraram conosco, vivenciado e avaliando o curso.

Em O avesso do traçado, expomos nossas considerações acerca dos caminhos que percorremos no processo, do que trançamos, (des)trançamos e (re)trançamos em nossa tessitura.

Imprimimos assim um olhar ao que nos aconteceu como experiência e ao que permitiu tornarmo-nos, vermo-nos, referenciar-mo-nos, refletirmo-nos, emanciparmo-nos, diferenciarmo-nos, autonomizarmo-nos e, em suma, autoformarmos-nos no traçado da lida e no traçado da vida.

Na perspectiva do que trançamos, (des)trançamos e (re)trançamos esperamos que nosso traçado possa colaborar com todos que tenham acesso ao seu processo de tessitura e que seja possível haver uma compreensão, quiçá, uma forma de repensar a autoformação/formação. Assim, apresentamos como possibilidade um caminho trançado e entrelaçado frente ao evidenciado nas histórias de vida dos professores e intentamos despertar não apenas um envolvimento teórico, mas, sobretudo, a capacidade de refletir-se no processo, de (re)pensar a prática docente, de transformar-se a partir da experiência formadora do outro, de dar significado ao vivido e produzir sentido ao próprio processo formativo.

1 A PREPARAÇÃO PARA O TRAÇADO

As leituras feitas para realização do projeto e da avaliação escrita durante o processo seletivo para o MPET, bem como as discussões levantadas, desde a primeira disciplina cursada no mestrado, Fundamentos para a Formação de Professores no Ensino Tecnológico, mostraram que a Educação Profissional e Tecnológica possui especificidades, sobretudo porque demanda dos docentes o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem diferenciado, que torne seus participantes aptos a responder as necessidades do mundo do trabalho (BRASIL, 2013), visto que esta modalidade de ensino é baseada no direito à educação e ao trabalho preconizados pela Constituição Federal Brasileira, como direito à profissionalização do cidadão.

Essa profissionalização exige um olhar específico no processo de formação docente. As discussões em torno da Educação Profissional e Tecnológica demandam um enlace com os sentidos do trabalho (BRASIL, 2013). Com isso, a reflexão e busca de caminhos formativos para docentes que atuam nesse campo da Educação se fazem cada vez mais oportunas.

Desse modo, nossa intenção se apresentou relevante não apenas por se propor a uma investigação/reflexão acerca da formação de professores para o ensino Profissional e Tecnológico no Instituto Federal do Amazonas, mas pela crescente necessidade em pensar a Educação voltada às exigências do mundo do trabalho e, mais ainda, pensar a formação de professores aptos a serem mediadores no processo de ensino-aprendizagem de alunos inseridos em uma modalidade de ensino com vista às demandas sociais, científicas e econômicas atuais. Portanto, estando também em conformidade com a ideia de:

Compreender a relação indissociável entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura significa entender o trabalho como princípio educativo, o que não significa *aprender fazendo*, nem é sinônimo de formar para o exercício do trabalho. Considerar o trabalho como princípio educativo equivale a dizer que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isso, apropria-se dela e pode transformá-la. Equivalente a dizer, ainda, que somos sujeitos de nossa história e de nossa realidade (PACHECO, 2012, p. 67).

Nesse contexto, se somos sujeitos de nossa história e produtores de nossa realidade, concordamos com García (1999) que temos responsabilidade por nossa formação. E assim, nosso estudo tem interesse em trazer à baila discussões referentes aos sentidos de trabalho, à formação de professores para a Educação Profissional e Tecnológica, especificamente a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), e à autoformação docente.

Para tanto, foi realizada uma revisão em sites, periódicos e plataformas *online* com a finalidade de coletar dados, que posteriormente foram tratados e analisados com o propósito de responder ao objetivo específico concernente a articular os conceitos de formação de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, sentidos de trabalho e autoformação de professores.

1.1 Os sentidos de trabalho na formação do traçado

Com o intuito de evidenciar os sentidos de trabalho e a formação de professores, na tessitura de nosso processo, foram utilizados, na revisão proposta, elementos da Análise Sistemática delineada por Kitchenham (2004), tais como questão de pesquisa, termos ou palavras-chave de pesquisa, fontes de busca, critérios de inclusão e exclusão, além da coleta e análise dos dados. A Análise Sistemática (KITCHENHAM, 2004) pressupõe em seu processo a identificação, a avaliação e a interpretação de pesquisas disponíveis e relevantes à determinada questão, área ou fenômeno de uma pesquisa particular.

Para essa Análise Sistemática, a questão que norteou a busca foi “Quais considerações podem ser feitas acerca dos sentidos de trabalho inseridos no contexto da formação de professores na Educação Profissional e Tecnológica?”.

Com base no resultado pretendido do processo que trata da sistematização dos sentidos de trabalho, bem como no escopo da análise compreendido na revisão em sites, periódicos e plataformas que contemplam a formação de professores, a Educação Profissional e Tecnológica, assim como o mundo do trabalho, foram escolhidos os seguintes termos ou palavras-chave da pesquisa, os quais foram utilizados de modo individual e combinado na busca: “Educação Profissional e Tecnológica > formação de professores > mundo do trabalho > representação do trabalho para professores”.

Após escolhidas as palavras-chave, foram propostos os seguintes critérios de inclusão e exclusão, abaixo expostos:

- Inclusão: textos referentes aos sentidos de trabalho e formação de professores para Educação Profissional e Tecnológica.

- Exclusão: textos que fogem à proposta dos sentidos de trabalho e formação de professores para a Educação Profissional e Tecnológica.

Após definidos os termos de pesquisa e critérios de inclusão e exclusão, seguiu-se à revisão em sites, periódicos e plataformas, tais como Secretaria de Educação Profissional e

Tecnológica (SETEC)², Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica (RBEPT)³, Portal de Periódicos CAPES⁴ e Revista Debates em Educação, Ciência e Tecnologia (DECT)⁵, no período de 27/08/2016 a 06/09/2016, que resultou na sistematização dos dados coletados e organizados na figura 1, com conteúdos divididos em: textos coletados (TC), textos incluídos (TI), textos excluídos (TE), nome do texto incluído (NTI), conforme exposto a seguir:

Figura 1. Resultados da análise sistemática a partir das fontes de busca

| Fonte de busca | TC | TI | TE | NTI |
|----------------|----|----|----|--|
| SETEC (2007) | 3 | 2 | 1 | Documento Base da Educação Técnica Profissional de Nível Médio Integrada ao Ensino Técnico (BRASIL, 2007). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=35891 Resolução Nº 6, de 20 de setembro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192 Constituição da República Federativa do Brasil. 5 de outubro de 1988. |
| RBEPT (2008) | 11 | 1 | 10 | MOURA, Dante Henrique. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica , v. 1, n. 1, p. 23-38. |
| RBEPT (2009) | 5 | 0 | 5 | Nenhum texto encontrado |
| RBEPT (2010) | 10 | 0 | 10 | Nenhum texto encontrado |
| RBEPT (2011) | 1 | 0 | 1 | Nenhum texto encontrado |
| RBEPT (2012) | 3 | 0 | 3 | Nenhum texto encontrado |
| RBEPT (2013) | 9 | 1 | 8 | A Qualificação Profissional dos Egressos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. Keyla de Souza Lima Cruz, Antonia de Abreu Sousa, Isabel Magda Said Pierre Carneiro |

² Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec-secretaria-de-educacao-profissional-e-tecnologica>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

³ Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

⁴ Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 4 set. 2016.

⁵ Disponível em: <<http://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect>>. Acesso em: 6 set. 2016.

| | | | | |
|-------------------------|----|---|----|---|
| RBEPT (2014) | 13 | 2 | 11 | <p>Identidade Profissional e Trabalho Docente: o que dizem os professores dos cursos de licenciatura do IFAL. Stephanie Silva Weigel Gomes, Regina Maria de Oliveira Brasileiro, Phabyanno Rodrigues Lima.</p> <p>A formação de professores para o ensino profissional no Brasil: a construção de um caminho. Ana Cláudia R. de Souza, Maria do Carmo Ferreira Andrade, Ana Flávia Souza Aguiar.</p> |
| RBEPT (2015) | 9 | 0 | 9 | Nenhum texto encontrado |
| RBEPT (2016) | 10 | 1 | 9 | <p>Educação Profissional e Formação Integrada do trabalhador na Legislação Brasileira: Avanços, Retrocessos e Desafios</p> <p>Rodrigo de Freitas Amorim.</p> |
| Portal Periódicos CAPES | 31 | 1 | 2 | <p>Entrelaçamentos de vidas: a constituição da docência na educação profissional e tecnológica. Fortes, Maria Carolina Abrahão, Maria Helena Menna Barreto 2012. Disponível em: http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2713.</p> <p>Mudanças no mundo do trabalho: acertos e desacertos na proposta curricular para o Ensino Médio (Resolução CNE 03/98). Diferenças entre formação técnica e formação tecnológica. Maria Rita Neto Sales Oliveira. Educação & Sociedade, 01 abril 2000, Vol.21(70), pp.40-62. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000100004</p> |
| DECT (2011) | 10 | 0 | 10 | Nenhum texto encontrado |
| DECT (2012) | 20 | 0 | 20 | Nenhum texto encontrado |
| DECT (2013) | 17 | 0 | 17 | Nenhum texto encontrado |
| DECT (2014) | 21 | 0 | 21 | Nenhum texto encontrado |
| DECT (2015) | 48 | 1 | 47 | As contribuições da memória na formação continuada de professores. Jane do Carmo Machado, Rui Neves. |
| DECT (2016) | 21 | 1 | 20 | Licenciaturas Nos Institutos Federais: Em Busca De Saberes Docentes Para A Educação Profissional Técnica De Nível Médio. Fernanda Rebeca Araújo da Silva, Rosa Oliveira Marins Azevedo. |

Fonte: Dados coletados nas fontes de busca utilizadas.

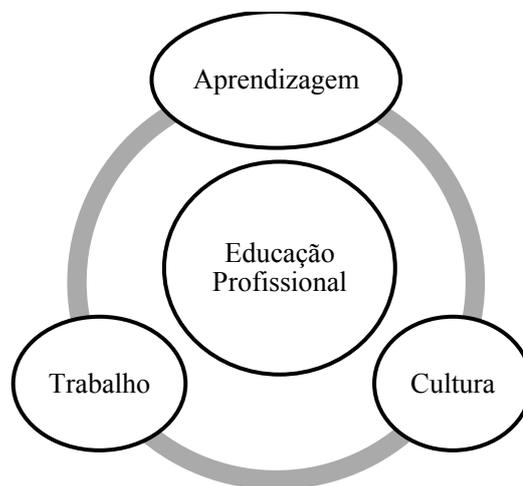
Com base na busca realizada em sites, periódicos e plataformas on-line, emergiram considerações acerca dos sentidos de trabalho inseridos no contexto da formação de professores, tratadas na seção seguinte como: Tecendo com enfoque no trabalho e Tecendo com atenção à Educação Profissional e Tecnológica.

1.1.1 Tecendo com enfoque no trabalho

Nessa seção é evidenciado o conceito de trabalho conforme exposto em documentos oficiais brasileiros coletados na revisão empreendida. É demonstrada na Constituição da República brasileira (BRASIL, 1988) a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Nesse contexto, está inserida a Educação Profissional e Tecnológica, modalidade de ensino baseada no direito à educação e ao trabalho, conseqüentemente, na profissionalização do cidadão.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013) é imperiosa a superação das qualificações profissionais restritas a postos delimitados no mercado de trabalho, visto que é necessário pensar uma formação integral que atenda aos direitos dos cidadãos e às exigências do mundo do trabalho. Assim, a Educação Profissional no Brasil adquire o seguinte modelo:

Figura 2: Modelo da Educação Profissional Brasileira

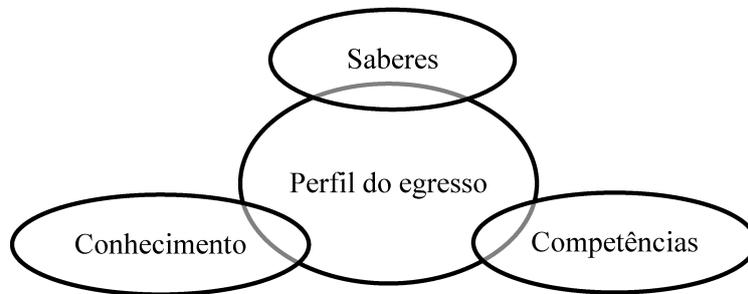


Fonte: Brasil (2013).

Tal modelo de Educação Profissional supõe sua centralidade no ser humano e em suas relações com os outros e com a natureza, propondo atender às necessidades dos sujeitos e da sociedade. Além de estar pautado na aprendizagem por eixo tecnológico, na compreensão do trabalho como princípio educativo e na vivência da cultura do trabalho. Tem como base um

perfil profissional do egresso que considera conhecimentos, saberes e competências profissionais: Gerais, Comuns e Específicos.

Figura 3: Perfil profissional do egresso.



Fonte: Elaboração própria com base em Brasil (2013).

Os saberes específicos, segundo as diretrizes, tratam da identidade de cada curso, enquanto os saberes gerais e os comuns se referem ao eixo tecnológico, garantindo que o profissional atinja compreensão de todo o processo de trabalho, bem como das condições requeridas pelas demandas do universo ocupacional. Cabendo, ainda, às instituições de ensino a responsabilidade e livre concepção do perfil profissional do egresso mediante ao projeto político e participação da comunidade escolar (em especial os docentes), sendo, é claro, obedecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais e estando as práticas pedagógicas norteadas pela valorização das experiências pessoais de cada aluno, sejam essas acadêmicas ou de vida.

Entendemos, em mesmo viés que Oliveira (2003), que a Educação Profissional e Tecnológica se vincula aos princípios ligados à omnilateralidade da formação humana, à interlocução entre a formação para a cidadania e a capacitação profissional, à visão de tecnologia que ultrapassa o reducionismo da sua aplicação prática e à consistência teórico-conceitual integrada a uma prática efetiva e eficiente.

A Educação Profissional e Tecnológica apoiada na formação integral pressupõe o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, inserido dignamente a sua sociedade política (PACHECO, 2012) e integra, como eixos, dimensões tais como trabalho, ciência e cultura. Estando o trabalho vinculado à realização humana (sentido ontológico) e à prática econômica, a ciência relacionada aos conhecimentos e a cultura aos valores éticos e estéticos que balizam a conduta social.

Entendemos a politecnia, conforme Ciavatta (2014), não apenas em seu sentido voltado à formação humana em todos os aspectos, a educação omnilateral, humanista e científica, mas no sentido político, emancipatório, de superação na educação da divisão social

do trabalho entre trabalho manual/trabalho intelectual, com intuito de proporcionar formação de trabalhadores que possam atuar, sobretudo, como dirigentes.

Convém percebermos o trabalho como princípio educativo, inserido na Educação Profissional e Tecnológica, relacionado à compreensão das dinâmicas sócio-produtivas das sociedades modernas atrelada, como nos enuncia Pacheco (2012), à habilitação de pessoas para o exercício autônomo e crítico das profissões, o que nos faz compreender o trabalho como fruto de um enlace entre aspectos ontológicos e históricos, os quais resultam na conexão entre trabalho, ciência e cultura como fatores para formação do indivíduo nessa modalidade.

Em consequência desse modelo, a formação do professor deve estar orientada aos três eixos estruturadores fundamentais da formação de docentes para a Educação Profissional, que envolvem Saberes Pedagógicos, Saberes Tecnológicos e Científicos e Saberes do Trabalho, visto que:

Do professor da Educação Profissional é exigido, tanto o bom domínio dos saberes pedagógicos necessários para conduzir jovens e adultos nas trilhas da aprendizagem e da constituição de saberes e competências profissionais, quanto o adequado domínio dos diferentes saberes disciplinares do campo específico de sua área de conhecimento, para poder fazer escolhas relevantes dos conteúdos que devem ser ensinados e aprendidos, para que os formandos tenham condições de responder, de forma original e criativa, aos desafios diários de sua vida profissional e pessoal como cidadão e trabalhador (BRASIL, 2013, p. 251).

Assim, o professor da Educação Profissional é diferenciado do professor da Educação Básica, pois deve estar apto a preparar o cidadão em relação ao desenvolvimento de seu saber trabalhar, segundo as diretrizes para essa modalidade de ensino, em um contexto profissional cada vez mais complexo e exigente, que impulsiona a Educação Profissional e Tecnológica a guiar-se pela orientação de integração aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia (BRASIL, 2013).

Tendo como princípios orientadores os mesmos da educação nacional, compreendidos pelo artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB):

Igualdade de condições para acesso e permanência; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade; apreço à tolerância; coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; valorização do profissional da educação escolar; gestão democrática do ensino público; garantia de padrão de qualidade; valorização da experiência extraescolar; vinculação entre educação escolar, trabalho e práticas sociais (BRASIL, 1996, Art. 3º).

Desse modo, a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) se conecta à Educação Básica, cabendo às instituições educacionais que oferecem cursos e programas nessa modalidade traçar o perfil de conclusão do curso. Respeitando, sobretudo a valorização das experiências pessoais do aluno, o que remete a uma ampliação da responsabilidade da instituição de EPT, bem como dos professores que formam os alunos nessa modalidade de ensino.

Levando em consideração a responsabilidade para com os alunos de professores que trabalham em uma instituição voltada à Educação Profissional e Tecnológica, cabe refletirmos os seguintes questionamentos acerca do trabalho: Quem ou o que pode propiciar o enlace dos sentidos do trabalho no processo de formação docente? O próprio professor em formação? A prática profissional? Os formadores de professores? Os cursos de formação de professores? As discussões? As reflexões? Os próprios saberes? A integração de saberes? A História de formação ao longo da graduação e pós-graduação?

Diante de tais questionamentos, sabendo ainda que a Educação Profissional e Tecnológica, conforme as Diretrizes (BRASIL, 2013), é guiada pelo direito à educação e ao trabalho e lembrando que nosso escopo é compreender em que aspectos os sentidos de trabalho são concebidos por professores que atuam nessa modalidade de ensino, vale discutir o conteúdo dos artigos coletados na revisão realizada.

Percebemos que Moura (2008), em “A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica”, traz o contexto da Educação Profissional e Tecnológica e ressalta que o mundo do trabalho demanda indivíduos verdadeiramente autônomos, capazes de atuar e promover transformação social, guiados por professores aptos a promover esse processo. Aponta como alternativa de formação docente nessa modalidade duas possibilidades: cursos de licenciatura voltados para a Educação Profissional, bem como pós-graduação *lato e stricto sensu*, além de formação didático-político e pedagógica voltada às especificidades da Educação Profissional.

Em viés similar, Cruz (2013), em “A Qualificação Profissional dos Egressos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE”, apresenta as transformações no mundo do trabalhado como imperativo para necessidade de mudanças na formação do egresso, exigindo da instituição formadora, e especificamente dos professores dessa modalidade, uma orientação formadora que vá além do saber fazer e compreenda as atuais exigências do sistema de trabalho.

Observamos que Gomes (2014), em “Identidade Profissional e Trabalho Docente: o que dizem os professores dos cursos de licenciatura do IFAL”, realça a identidade profissional e o trabalho docente constituído a partir das dimensões pessoal, profissional e institucional. Bem como nos traz a importância na necessidade do professor da Educação Profissional e Tecnológica estar em formação continuamente com a finalidade de acompanhar as mudanças na sociedade.

Assim como Moura (2008), Souza (2014) evidencia em “A formação de professores para o ensino profissional no Brasil: a construção de um caminho”, a importância de se pensar a formação de professores em dois eixos: o primeiro relacionado à área de conhecimento específico e o segundo às especificidades da Educação Profissional, além de apresentar como a formação de professores para o ensino profissional se concretizou no Brasil, por meio da legislação. Expressa ser fundamental uma formação específica para professores da Educação Profissional, que possibilite ao docente lidar com a problemática das relações entre educação e trabalho.

Verificamos que também Amorim (2016), em “Educação Profissional e Formação Integrada do trabalhador na Legislação Brasileira: Avanços, Retrocessos e Desafios”, defende uma educação ou formação integrada que proporcione ao trabalhador uma integração crítica e consciente ao mundo do trabalho, constituindo-se sujeito, e não como mero reprodutor de comandos. Aponta avanços no campo político e institucional, apresenta como retrocesso uma formação ainda fragmentada (de um lado a formação propedêutica e de outro a profissional). Por fim, evidencia como desafio a construção de práticas pedagógicas integradas, alicerçadas na concepção de um currículo integrado, projetos integradores, capazes de romper com a lógica de habilidades e competências pontuais que dispensa o pensamento crítico e o saber acumulado. E tal desafio é de responsabilidade do professor dessa modalidade, bem como da gestão, os quais devem estar aptos a realização de tal processo.

De modo semelhante, Oliveira (2000), em “Mudanças no mundo do trabalho: acertos e desacertos na proposta curricular para o Ensino Médio (Resolução CNE 03/98). Diferenças entre formação técnica e formação tecnológica”, mostra por meio da análise da proposta curricular para o Ensino Médio através da Reforma do Ensino Técnico (BRASIL, 1997) a necessidade de vincular a formação tecnológica às concepções de tecnologia, educação, cultura, produção técnico-científica e flexibilidade, isto é, propõe-se uma formação integradora apesar de serem ressaltados desafios diante da implementação da Reforma proposta.

Sobre o tema, Silva (2016), em “Licenciaturas nos Institutos Federais: em busca de Saberes Docentes para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio”, direciona sua

discussão à formação inicial de professores, apoiando-se nos Saberes Docentes de Maurice Tardif (2014), que são: saberes da formação profissional, disciplinares, curriculares e experienciais. E nos contribui à medida que aponta novos encaminhamentos e ações para a formação de professores na Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

Todas as abordagens presentes nos textos analisados apontam que um caminho para uma possível resposta ao problema deste estudo seria por meio do sentido que os professores conferem ao trabalho, especificamente, à sua prática, ao seu fazer profissional, a sua formação inicial e continuada, ao modo de ser e estar na profissão (NÓVOA, 2007), aos elementos que os constituíram em docentes, às histórias agregadas no decorrer da profissão, à vida pessoal que se mescla à trajetória profissional, influenciando-a e moldando, como uma espécie de amálgama, a identidade do indivíduo à do professor.

As abordagens presentes nos textos analisados em busca de resposta à questão que norteou nossa Análise Sistemática, ou seja, “Quais considerações podem ser feitas acerca dos sentidos de trabalho inseridos no contexto da formação de professores na Educação Profissional e Tecnológica?”, apontam para a necessidade de se evidenciar a responsabilidade do professor com seu processo formativo, bem como suas experiências, constituição identitária e compromisso com a docência entendido, conforme Pineau (2010), como um processo de formação permanente de si.

1.1.2 Tecendo com atenção à Educação Profissional e Tecnológica

No preparo do tecer de nosso traçado, percebemos a necessidade de compreender os três pilares que sustentam a Educação Profissional e Tecnológica, a saber: a formação integral ou onmilateral, o trabalho como princípio educativo, apoiado em trabalho, ciência e cultura como dimensões, e a politecnia (educação tecnológica ou politécnica), que se entrelaçam também no processo de formação de docentes da EPT.

A ideia que envolve o enlace do ensino médio à educação profissional suscita, conforme nos evidencia Ciavatta (2011), um processo de integração na medida em que realça uma concepção de formação humana que preconiza a conjunção de todas as dimensões da vida, isto é, concernentes ao trabalho, à ciência e à cultura, no processo formativo do indivíduo inserido nessa modalidade.

A formação, nesse campo, tem seu horizonte na politecnia e omnilateralidade dos trabalhadores, nas quais se identificam como propósitos fundamentais o fato de proporcionarem a compreensão das relações sociais de produção e do processo histórico e contraditório do

desenvolvimento das forças produtivas (CIAVATTA, 2011), o que incita o entendimento desse processo por meio da concepção do trabalho como princípio educativo.

Compreender o trabalho como princípio educativo requer entendermos, sobretudo, a formação humana como integral. Atingir a compreensão de que trabalho, ciência, tecnologia e cultura possuem uma relação indissociável (PACHECO, 2012) e representam, portanto, o trabalho como princípio educativo, pressupõe que antes tenhamos um indivíduo desenvolvido conforme todas as suas potencialidades, isto é, compreendido no conceito de omlateralidade (DORE, 2014).

Estarmos atentos que a formação integral do educando compreende pensarmos na função social do ensino (GHEDIN, 2010), considerando o desenvolvimento humano a partir de quatro dimensões: social, que abarca o desenvolver-se de modo contínuo como pessoa e enxergar-se como parte da sociedade; interpessoal, referente à cooperação, tolerância, solidariedade e saber relacionar-se; pessoal, que realça a necessidade de conhecer-se e exercer de forma crítica e responsável a autonomia no aprendizado do pensar por si mesmo; e, profissional, que envolve uma educação para o trabalho dotada de uma visão global da pessoa como ser crítico e do ensinar para a complexidade.

Tal configuração nos permite pensar o ensino orientado à ação, à criticidade, à reflexão, à complexidade, à integração de conhecimentos globais, à contextualização e à capacidade de organização de si, por meio de estruturas cognitivas ou esquemas de conhecimento ou, simplesmente, conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais para o enfrentamento e a resolução de problemas que se apresentam na realidade (GHEDIN, 2010).

Convém realçarmos que o contexto da Educação Profissional Técnica de Nível Médio apresenta como dimensões da formação humana (BRASIL, 2013) integradas ao currículo: o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura, que juntos compreendem a concepção do trabalho como princípio educativo, o qual se constitui na base para a organização curricular no que concerne aos objetivos, conteúdos e métodos dessa modalidade.

Inserido nesse panorama, o trabalho é conceituado na perspectiva ontológica de transformação da natureza como realização inerente ao ser humano e como mediação no processo de produção de sua existência, sendo ponto de partida para a produção de conhecimentos e de cultura pelos grupos sociais (BRASIL, 2012), bem como sendo princípio à medida que proporciona a compreensão do processo histórico de produção científica e tecnológica (PACHECO, 2012).

A ciência ganha espaço como categoria indissociável da formação humana, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EPTNM, Brasil (2013), ao ser conceituada como

conjunto de conhecimentos sistematizados, produzidos socialmente ao longo da história, na busca da compreensão e transformação da natureza e da sociedade, expressando-se na forma de conceitos representativos das relações de forças determinadas e apreendidas da realidade.

O tratamento das capacidades humanas, mediante apropriação de conhecimentos como força produtiva remete, nas diretrizes (BRASIL, 2013), ao conceito de tecnologia conforme transformação da ciência em força produtiva, o que Pacheco (2012) enuncia como intervenção no real, ou mediação do conhecimento científico, como apreensão e desvelamento do real (PACHECO, 2012), concebendo a produção como fruto das relações sociais que a levaram a ser produzida.

Nesse contexto, a cultura é compreendida como a articulação entre o conjunto de representações e comportamentos e o processo dinâmico de socialização, constituindo o modo de vida de uma determinada população (BRASIL, 2013), o que direciona à necessidade de formação integral do indivíduo, entendida como possibilidade de acesso ao conhecimento científico, à reflexão crítica acerca dos padrões culturais sociais e à apropriação de tendências e referências manifestadas historicamente.

Assim, cabe evidenciarmos que a unicidade entre as dimensões trabalho, ciência, tecnologia e cultura conjugadas na integralidade do desenvolvimento do indivíduo realça tanto a compreensão do trabalho conforme princípio educativo, como o sentido de formação humana em todos os aspectos, ou seja, para além do sentido de “muitas técnicas”, a educação politécnica como educação omnilateral, humanística e científica (CIAVATTA, 2014).

1.2 A autoformação no traçado

Coube analisarmos o poema e desvelá-lo nas interpretações e comparações que faremos durante o texto. A tessitura de um utensílio ou de um objeto de enfeite é feita, nas populações indígenas, com fibras vegetais extraídas de plantas específicas. Em nosso estudo, as fibras foram os professores, por meio dos quais conhecemos os sentidos que conferem ao trabalho que desempenham no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, distribuídos nos seguintes campi: dois no Campus Manaus Centro (CMC), um no Campus Manaus Distrito Industrial (CMDI), um Campus Manaus Zona Leste (CMZL) e um no Campus Presidente Figueiredo (CMPF).

Os professores formaram um traçado por meio do enlace de suas fibras que inicialmente, embora pareçam fibras individuais, porque cada história narrada é própria de um sujeito, visto que a narrativa se apura, precisando-se, e faz surgir a singularidade de cada um e do sujeito que a constrói (JOSSO, 2010, p.69), conjugam-se com o avançar da trama em um único entrelaçar.

Fazendo-nos perceber que a fala de um tece com a do outro, sem a necessidade do encontro físico dos cinco docentes, por exemplo ao utilizarem expressões como: ao entrarmos no instituto, ou ao cursarmos as disciplinas do mestrado, nós discutimos. Assim, compreendemos, em acordo com Lima (2005), que o eu é também um nós na medida em que nos encontramos em comunhão com um projeto de escola, de vida e de sociedade, atravessados pela coincidência de espaço, tempo e vivências.

O poema nos traz que o traçado que enfeita e sustenta é, também, aquele que constitui o traçado da vida. Assim como os adornos e utensílios de fibras enfeitam, sustentam e constituem o cotidiano indígena, o que enfeitará, sustentará e constituirá nossa pesquisa serão as histórias de vida de professores e suas concepções acerca dos sentidos trabalho a partir das entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente transcritas, realizadas entre os meses de novembro e dezembro de 2016 com cinco professores inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no IFAM.

Com a finalidade de resguardar as identidades das palmeiras, os professores participantes da pesquisa, utilizamos nomes de palmeiras e cipós, tais como Arumã, Açaí, Miriti, Inajá e Bacaba, que fornecem a matéria-prima, a fibra, para os traçados indígenas. Conheceremos os sentidos de trabalho dos professores por meio de suas trajetórias que compreendem o desenvolvimento profissional imbricado em suas histórias de vida.

Quando trazemos no poema que o traçado da lida tem elos, tem caminhos, tem meandros e tem a fibra, queremos dizer que no decorrer do percurso, especificamente das opções e escolhas profissionais de um indivíduo, além dos caminhos, desvios e meandros, temos pessoas que nos influenciaram na constituição de nossa fibra, isto é, elos que nos deram forma. E esses elos constituintes do que somos são pessoas que fizeram ou fazem parte das experiências vividas.

Entendemos, nesse processo, que as experiências são o que nos acontece, tendo relação com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002). Desse modo, enxergamos a experiência como um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual e coletivamente, o sentido e o sem-sentido de sua própria existência e finitude.

Ao dizer no poema que a tessitura que envolve é aquela que amarra, marca as mãos e marca, pretendemos realçar o trabalho docente, a profissão e o desenvolvimento profissional como responsabilidade do professor. Como o que envolve, amarra e marca o indivíduo, além de impulsioná-lo à busca de melhores condições no fazer docente e, sobretudo, à tentativa de um arremate perfeito nos modos de ser e estar na profissão, ou seja, conferir ao professor a responsabilidade em formar-se.

No tecer, a autoformação, concebida por Galvani (2002) como um componente da formação, é caracterizada pelo imbricamento da reflexividade e da interação entre o indivíduo e o ambiente no qual está inserido. Evidencia-se como condição necessária à formação de professores e pode ser considerada como um processo tripolar: autoformação, isto é, formação de si; heteroformação, formação que sofre intervenção dos outros; e, ecoformação, formação com interferência do ambiente onde se pertence.

Percebemos, em igual medida, o desenvolvimento profissional que, conforme García (1999), pressupõe a autonomia do docente quanto ao seu processo de formação. O autor insere a autoformação dentre os fatores que concorrem para o desenvolvimento profissional. Essa percepção ganha relevância, em nosso estudo, visto que nos debruçamos na autoformação como sustentação para elaborar, implementar e avaliar uma proposta de formação para professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio no IFAM.

A autoformação aqui é compreendida, conforme para Pineau (2010), como uma dupla apropriação do poder de formação: tomar em mãos esse poder e aplicá-lo a si mesmo. O primeiro ato significa tornar-se sujeito e, o segundo, tornar-se objeto de formação para si mesmo. Fatos que nos remetem ao tratamento do sujeito como autorreferencial e implicam na criação de um espaço no qual ao indivíduo é permitido tornar-se, ver-se, referenciar-se, refletir-

se, emancipar-se, diferenciar-se, autonomizar-se, e desse modo como nos traz o autor (Idem, 2010), em uma palavra, autoformar-se.

Na medida em que pretendemos traçar nossa fibra pelo processo de desenvolvimento profissional autônomo, não podemos descartar, tendo em vista o que nos diz García (1999), que a autonomia é um aspecto imbricado no constituir-se professor inserido no processo de desenvolvimento profissional (autoformação), além de entender, conforme Day (2001), que o sentido do desenvolvimento profissional dos professores depende de suas vidas pessoais e profissionais e das políticas e contextos escolares nos quais realizam a sua atividade docente. Realçando, em igual medida, que a autonomia trata de um processo dinâmico (CONTRERAS, 2002), em um contexto de relações, se for acompanhada de um processo interior de compreensão e construção pessoal e profissional.

Assim, é necessário compreendermos o desenvolvimento profissional docente a partir de experiências, saber-fazer profissional e competência, conforme Day (2001), que considera para esse desenvolvimento aspectos individuais, tais como: vontade de ir além do cumprimento do dever, comunicação eficaz, sentir-se realizado no ensino, relacionamento com os colegas, satisfação com os sucessos específicos dos alunos, perspectivas dos alunos e aprendizagem através da reflexão sobre a prática.

Tais aspectos devem estar alinhados às disposições psicológicas e sociais como, por exemplo, histórias pessoais de vida, experiência de aprendizagem profissional, o saber-fazer profissional e as culturas de aprendizagem profissional da escola que determinam os contextos diários de seu trabalho, e que podem encorajar ou desencorajar a aprendizagem do professor (DAY, 2001).

Cabe, então, evocarmos nossas fibras provenientes das palmeiras (Arumã, Açaí, Miriti, Inajá e Bacaba), trazermos suas histórias de professores, considerarmos que estão inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no IFAM, compreender como foram traçadas suas trajetórias, conhecermos assim suas concepções, os sentidos de trabalho, e elaborarmos o próprio traçado com as fibras que sustentam, enfeitam e constituem a tessitura que envolve o traçado da vida e o traçado da lida.

2 COMO CHEGAMOS ÀS FIBRAS

Com a finalidade de elaborar um percurso investigativo para conhecer os sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, partimos em busca das fibras de nossas palmeiras, e para conhecê-las percorremos o caminho pela História de vida, por meio da técnica de entrevistas individuais, registradas em áudio e transcritas na íntegra.

Ao entendermos a história de vida como método investigativo em nosso traçar, percebemos que esta suscita as memórias, os fatos, a individualidade e a multiplicidade de cada ser, objetivando relatar a história de um ou mais indivíduos, trazendo à tona experiências, vivências, lembranças, problemas, realizações, conquistas, renúncias, projetos de vida, enfim todos os componentes que constituem um ser, um sujeito, que é ator de sua própria história.

Além de levar em consideração fatores, tais como a origem sociocultural, os valores, as experiências vividas, as compreensões acerca da vida e das escolhas individuais, o respeito pelo autobiográfico que deve ser evidenciado, “[...] já que ouvir o professor devia ensinar que o autobiográfico, ‘a vida’, é de grande interesse, principalmente quando os professores falam do seu trabalho” (GOODSON, 2007, p.71).

Os elos que constituem um ser provêm das relações de parentesco, de amizade ou com qualquer indivíduo que tenha cruzado sua trajetória e de alguma forma tenha lhe cativado ou produzido representatividade. Para Josso, a história de vida passa por um ato de

Revisitar sua história, juntamente com o que guia, no momento presente, esta retrospectiva, para extrair dela o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreender melhor, é o primeiro desafio da pesquisa dos elos que nos deram forma (JOSSO, 2006, p.376).

Esses elos podem ser pais, avós, irmãos, tios, amigos, professores do Ensino Infantil, Fundamental, Médio, Superior, conhecidos, líderes religiosos ou quaisquer indivíduos que tenham sido ou que sejam significantes como referencial em valores, atitudes (ações), tomada de decisão e comportamento pessoal e profissional, especificamente, como docentes.

Realizamos entrevistas que, na perspectiva de Alberti (2004), trata-se do momento de situar efetivamente o fazer história oral. Nesse estudo, entendido como história de vida, visto que em pesquisas na área de educação é adotado esse termo em referência ao método autobiográfico e às narrativas de formação, conforme nos enuncia Souza (2011) acerca do movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores.

Participaram das entrevistas cinco professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFAM (Campus Manaus Centro, Campus Manaus Distrito Industrial, Campus Manaus Zona Leste e Campus Presidente Figueiredo) que cursaram ou ainda cursam o Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do IFAM, visto que tal situação estabelece uma aproximação entre nós e os sujeitos em questão, elemento importante da história de vida como método investigativo (JOSSO, 2006).

As entrevistas, com gravação de áudio, foram realizadas no IFAM-Campus Manaus Centro (CMC) e na residência de um dos professores, entre os meses de novembro e dezembro de 2016, com duração média de 45 minutos. Foram organizadas em três eixos: a vida escolar, a vida familiar, a vida em outro lugar, de acordo com o modelo de Lima Júnior (2013), utilizando como guia os questionamentos seguintes, em uma espécie de roteiro norteador do diálogo:

- Como você descreveria sua vida escolar (Ensino Fundamental, Médio, Superior e Pós-Graduação)?
- O que poderia dizer de sua carreira profissional, desde as escolhas iniciais até os caminhos que o (a) conduziram à Educação Profissional?
- Como você se enxerga atuando em uma Instituição voltada à Educação Profissional e Tecnológica? Quais suas necessidades e desafios?
- Como você descreveria a relação entre sua vida familiar e sua vida profissional?
- Quais investimentos (motivação, renúncias, escolhas) foram ou têm sido feitos em prol de seu desenvolvimento profissional?
- Se lhe fosse perguntado, quais os sentidos que você atribui ao seu trabalho, o que você responderia?

Tais questionamentos foram respondidos ao longo das narrativas feitas pelas fibras de nosso traçado e fizeram emergir nossas categorias de análise, em um processo, com base na unitarização que, conforme Moraes (2011), é parte do esforço de construir significados a partir de um conjunto de textos, entendendo que sempre há mais sentidos do que uma leitura possibilita elaborar e, realçando que nosso objetivo é compreender os sentidos de trabalho no discurso de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM como fundamento para uma proposta de autoformação.

2.1 As palmeiras que deram fibras

Assim como o indígena empreende uma prospecção pelos talos de fibras nas palmeiras escondidas na mata, buscamos evidenciar cada palmeira de nosso traçado, por meio das histórias que as constituíram no processo formativo de professor da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, revelando traços das categorias que mostraram os sentidos de trabalho no discurso de cada docente, que denominamos como palmeiras: Bacaba, Inajá, Miriti, Arumã e Açaí.

Bacaba

Uma palmeira ativa, sempre alerta e que como seu fruto revigora a cada fim do dia para o próximo dia de trabalho. Bacaba nasceu em Manaus, Amazonas, relatou-nos que iniciou sua vida escolar muito cedo, ingressou com 17 anos de idade no curso de graduação em Arquitetura, dedicou-se durante alguns anos aos filhos, momento em que não trabalhou nem estudou, mas resolveu retornar aos estudos, especializou-se, obteve êxito no concurso para docente do Instituto Federal e encontrou no mestrado novas maneiras de olhar sua profissão.

Ao descrever sua trajetória, Bacaba fez emergir os momentos mais relevantes de sua formação. Disse-nos que não lembra de seu primeiro dia de aula, porque era muito pequena, então reproduz o que sua mãe conta. Foi para escola muito nova, com um ano e poucos meses como nos falou. E a partir de então, veio o Ensino Fundamental, Ensino Médio, períodos que não nos deu detalhes, Graduação, que iniciou com 17 anos e concluiu em 6 anos. Após a graduação parou de estudar e trabalhar por bastante tempo para se dedicar aos cuidados de seus filhos. Retornou à vida acadêmica fazendo duas especializações até ingressar no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico (MPET) do IFAM na turma de 2015.

Começou a ministrar aulas, aproximadamente, há dois anos e seis meses. Disse-nos que sua primeira experiência foi como estagiária na faculdade em que estudava, porém não em sua área de formação. Era estagiária, bolsista, trabalhava na área administrativa. E sempre trabalhou na área administrativa, até o ano de 2014, em que começou a trabalhar como professora no IFAM. Disse-nos que antes não teve nenhuma vivência em sala de aula, nem preparo para ser professora, por ter feito um bacharelado. E o que a preparou para o mundo acadêmico foi o próprio mestrado do IFAM, por isso retratou o encontro com a Educação Profissional como um impacto:

Quando você pega o edital do concurso, lá não diz para quem você vai dar aula, para que curso você vai dar aula, faixa etária, nada. E eu nunca tinha sido professora na minha vida, numa sala de aula de escola. Tinha dado aula na igreja, mas nunca em uma escola, só na escola dominical da igreja. E, aí, cheguei no IFAM...pensei...vou ser professora. Entrar numa sala de aula com 44 alunos, isso já foi um impacto. Quanto à formação profissional, eu não senti tanto impacto, porque eu venho de um bacharelado. Então, eu fui formada para ser uma profissional e eu, basicamente, copiava aquilo que eu via meus professores fazerem, embora eu soubesse que tinham algumas coisas que precisavam ser ajustadas e personalizadas. Mas eu não via diferença, porque eu não tenho experiência em ensino fundamental, em ensino básico. Eu não vi essa diferença de educar para a formação acadêmica e educar para a formação profissional. Como eu já dou aula na área técnica, então a minha cabeça já é moldada para aquilo, eu já digo para o aluno: você vai sair daqui para ser um profissional, você vai atuar nessa área, se você quiser. Então, eu não tenho, assim como comparar educar para a formação acadêmica e educar para a formação profissional.

Em seu discurso, Bacaba nos remete aos exemplos, aos elos (JOSSO, 2006), que seguiu para construir seus modos de ser e estar na profissão (NÓVOA, 2007) por meio do fazer docente dos professores que teve durante a graduação. Sugere-nos que seu desenvolvimento profissional docente ocorreu de modo autônomo (GARCÍA, 1999), visto que sua formação inicial não foi estruturada para ser professora, mas sim bacharel, o que estabelece um entendimento da autoformação como um fator que concorre para o desenvolvimento profissional, já que os caminhos que traçou se direcionaram à docência.

Quando chegou ao IFAM, o impacto de não conhecer como funcionava a Educação Profissional e Tecnológica começou no próprio concurso, porque um dos conteúdos que tinha para estudar era a Legislação de Educação Profissional. Bacaba já trabalhava no IFAM, era concursada como técnico administrativo. Já conhecia o ritmo da instituição, mas não tinha a vivência de sala de aula conforme nos explicou, que sabia da existência da educação profissionalizante, do ensino técnico, mas em seu início como professora, começou estudando a Legislação e sua vivência foi se constituindo devagar em sala de aula.

A experiência construída pouco a pouco evidencia que o sentido do desenvolvimento profissional do professor depende de sua vida pessoal e profissional e das políticas e contextos escolares nos quais realizam a sua atividade docente (DAY, 2001, p.15). Bacaba se encontrava na mesma instituição em que trabalhava, no entanto em uma condição diferente, tornou-se professora no Instituto Federal, no entanto percebeu que não compreendia o funcionamento da EPT e que a instituição não possuía um mecanismo para explicar tal modalidade. Enxergou, então, que sua experiência seria gradativamente constituída em sua prática docente.

Identificou como desafio nesse processo, não de sua parte em si, mas em geral de suas observações a dúvida de como o mercado vai receber todos os profissionais que o Instituto coloca, formados, no mercado de trabalho e no mundo do trabalho. Disse ser uma pessoa otimista com relação aos desafios e que faz o possível para trabalhar bem perante situações difíceis. Relatou-nos que nem tudo consegue resolver sozinha:

Por exemplo hoje, na sala que eu dei aula, o ar-condicionado não funcionava e eu tinha metade da iluminação funcionando. São questões que se vai convivendo e tem toda aquela parte burocrática que você: comunica um, que vai comunicar o outro, que vai comunicar outro, que vai resolver o dia em que ele vai poder resolver...e temos que ir lidando com esse tipo de situação dentro instituto.

Quando falamos sobre suas escolhas, renúncias e relação familiar com sua vida profissional, disse-nos que sempre trabalhou um pouco fora e um pouco dentro de casa, mesmo quando era concursada como Técnico Administrativo, mantinha paralelamente seu desenvolvimento como bacharel em Arquitetura e Urbanismo, em que já trabalhava em casa, sempre tendo um lugar onde se sentar, abrir o computador, estudar e trabalhar. E sua família, com origens dos estados do Amazonas, Rondônia, Ceará e Piauí, sempre soube disso. Quanto ao suporte familiar, contou-nos que seu pai lhe dá apoio em Manaus e assim vai ajustando sua vida.

É claro que não tem tanta tranquilidade trabalhar em casa, estudar em casa. E, ser professor...é levar muito trabalho para casa e eu trabalho [em casa] com menino chutando bola atrás de mim, com a bola, às vezes, batendo na minha cabeça. Porque eu não posso me dissociar da minha profissão e eu preciso levar trabalho para casa, lançar nota, corrigir exercícios, tudo isso é feito em casa. Aqui no instituto eu não consigo fazer. É uma maneira até de estar mais em casa, fisicamente, mas o pensamento ainda não está cem por cento lá. E, às vezes, tenho que parar o trabalho, deixar tudo lá e voltar de madrugada, para poder... dar conta de tudo que tem que ser feito.

Realçamos, nesse ponto do discurso, a autonomia que trata de um processo dinâmico (CONTRERAS, 2002), em um contexto de relações, se for acompanhada de um processo interior de compreensão e construção pessoal e profissional. Bacaba compreende a necessidade de crescimento e continuidade profissional, contudo faz esforços para conciliar seu trabalho docente com sua vida pessoal, buscando assim autonomia sobre o seu próprio processo de desenvolvimento.

Enquanto conversávamos sobre quais foram os investimentos, não apenas financeiros, mas pessoais, Bacaba nos contou que o investimento financeiro foi total, porque nunca estudou em escola pública. A primeira vez que fez um curso sem pagar por seu estudo foi no mestrado do IFAM. Relatou-nos que toda sua vida na escola, na faculdade, nas especializações foi paga.

Então já começa por aí, pelo investimento financeiro que sempre foi altíssimo, por exemplo, minha faculdade em 1995 custava 600 reais, tem mais de 20 anos. Com relação ao meu próprio investimento, eu sempre fui comprometida, porque se eu estou pagando, eu preciso aprender de qualquer jeito. Eu sempre estudei a noite, minha graduação foi noturna. Foram seis anos estudando a noite. Minha especialização era no fim de semana ou então era a semana toda estudando a noite. E, aí, você tem que deixar filho pequeno, deixar compromissos, deixar diversão. Tem que ter comprometimento e era o que eu tinha.

Evidenciamos o compromisso e a responsabilidade para com sua formação perante os investimentos realizados e percebemos que Bacaba foi capaz de planejar, dirigir e selecionar suas atividades de formação, constituindo sua própria imagem pessoal e visão como profissional conjugada mais tarde como realização na qualidade de profissional do ensino (GARCÍA, 1999). No momento em que falávamos sobre motivações e desenvolvimento profissional, Bacaba se questionou:

Por que o Mestrado Profissional do IFAM? Não sei te responder, mas quando você entra em uma Instituição Federal, em uma vida que você vai lecionar, precisa do mestrado, tanto financeiramente, porque é preciso aumentar nosso salário e você precisa crescer de forma acadêmica. Então minhas motivações são tanto o lado financeiro, quanto o crescimento profissional. E eu venho de uma família que é toda acadêmica também. Mas eu não tinha, a princípio, que fazer um mestrado, porque eu trabalhava em uma instituição que não iria agregar valor financeiro para isso. Depois que eu criei meus filhos e que eu voltei a estudar...aí, eu disse: agora eu vou para a pós-graduação. Essa foi a quarta prova de mestrado que eu fiz, há quatro anos estava tentando entrar em um mestrado. Mesmo antes de eu entrar no IFAM, eu já fazia prova de mestrado, não porque eu queria ser professora, mas porque eu já queria crescer profissionalmente.

Relatou-nos que as tentativas em outros mestrados não foram na área da Educação, estavam mais próximos de sua área de formação, Arquitetura, mas como já estava na instituição, trabalhando com a docência, tentou o mestrado no IFAM e que a escolha uniu o útil ao agradável, fazendo-nos perceber que sua necessidade de buscar formação profissional foi encorajada pela prática em sala de aula (DAY, 2001), pelas experiências como professora. Enquanto falávamos sobre escolhas, trabalho docente, inserção em uma instituição de Educação

Profissional, questionamos Bacaba sobre qual sentido era conferido ao seu trabalho e como ela se enxergava nesse processo.

Eu me enxergo como uma formadora de profissionais. Então, todas as aulas que eu ministro sempre vai ter alguma fala minha como: “olha, daqui a uns dias vocês vão estar trabalhando”. Embora eu saiba que a maioria deles não vai seguir por essa área, no caso, o curso que eu dou aula é Paisagismo. Trabalho com três disciplinas: Desenho Técnico, Introdução ao Paisagismo e Projetos Paisagísticos I. Não sei, mas eu tenho consciência que grande parte não vai ser paisagista, porque não quer. Eu sei que muitos deles estão lá só porque a mãe matriculou, ou porque era o único curso que era perto da casa dele, ou porque foi o que ele achou melhor de todos os outros que tinham no campus. Mas eu me enxergo como uma formadora de profissionais, embora eu saiba que alguns deles não serão paisagistas, o meu posicionamento em sala de aula é que eu estou formando um profissional. Às vezes, eles olham para mim e dizem: “professora, eu não vou ser isso!”. Eu digo: “Não importa, para mim, não importa, mas eu estou dando aula para você ser isso!”

Em seu discurso, enxergamos, nesse ponto duas dimensões da profissionalidade (CONTRERAS, 2002), a obrigação moral e o compromisso com a comunidade. Bacaba reconhece que o professor deve estar comprometido com seus alunos, no entanto fica evidente que esse processo causa uma certa tensão, revelado em suas palavras quando nos disse que “não importa, mas estou dando aula para você ser isso!”. Parece-nos, embora não fique explícito, que o comprometimento com o conteúdo da disciplina se sobrepõe ao compromisso em desenvolver o aluno como pessoa, como se a formação profissional do aluno estivesse priorizada em detrimento da individual, fato que difere totalmente da prioridade e opinião das outras palmeiras de nosso traçado. E quanto à relação com os alunos em sala de aula, Bacaba nos descreveu que:

Há vários momentos. Nos momentos iniciais, no começo do ano, quando eles não se conhecem e eles não me conhecem, eles não sabem porque estão ali e não sabem o que é Paisagismo. Tem o momento em que eles já me conhecem e eles já sabem até o que eu vou dizer. E tem o momento, como estamos agora, nessa última disciplina, Projetos Paisagísticos I, que por exemplo, ontem, foi uma aula muito legal, eu deixei um grupo apresentando e os outros criticando o trabalho que estava sendo apresentado. Então, chegou a um ponto que eu não precisei fazer intervenção no erro do grupo, porque eles já amadureceram nesse processo de conhecer um pouco da disciplina, de conhecer um pouco da profissão, das práticas da profissão e de reconhecer o que precisava ser melhorado no trabalho do outro e no próprio trabalho. Eu vejo amadurecimento neles, embora eu entendo que alguns deles não vão seguir essa área. Mas eles amadurecem nesse processo.

Ao conversarmos sobre fatos significantes em seu desenvolvimento profissional, Bacaba destacou:

Eu acredito que o mestrado foi, assim, um ponto muito importante. Tanto que na minha prova oral, na entrevista, eu falei para os membros da banca que eu acreditava que o que aprenderia nesse mestrado, talvez fosse o que estava faltando para me ajudar em sala de aula, até porque eu não vinha de uma formação para ser professora, eu não vinha de uma licenciatura. E, eu acreditava que ia aprender técnicas, métodos e ia conhecer autores e pessoas que iriam colaborar para que eu pudesse...não digo incrementar...não é a palavra, mas...tornar as aulas mais significativas e tornar o aprendizado significativo para os meus alunos... E, eu acredito que melhorei muito como professora, pelo que eu aprendi, pelo que eu li, pelo que eu fui levada a conhecer, pelo que os professores mostraram...que eu acho que sozinha, iria conhecer, mas iria demorar mais um pouquinho, eu não iria encontrar alguns autores, eu não iria ter algumas oportunidades, eu não iria buscar tão rapidamente como foi com o processo do mestrado.

Quanto às disciplinas, ao seminário de projetos e ao processo de pesquisa do mestrado, Bacaba nos contou:

Eu não tive, assim, muito tempo não, porque foi tudo muito intenso. Nós tivemos as disciplinas uma após a outra. Então, tínhamos aula de segunda a sexta de manhã. A tarde era para ler os textos. A noite era para produzir os textos. Era assim. Foi de agosto (2015) até janeiro desse ano (2016) nesse jeito. Então, teve uma disciplina que nós íamos para a floresta de manhã, de tarde íamos para outra aula, de noite fazíamos outras coisas, por exemplo, jantávamos com a família e de madrugada nos encontrávamos no Google Drive. Então, eu não tenho como dizer: eu me descobri, eu me achei, porque eu não tive esse tempo...foi um impacto do começo ao fim. Então, no dia 11 de janeiro de 2016 quando eu entreguei o último trabalho, eu falei assim: “até que enfim acabou!” [risos] “não tem mais disciplinas!”, mas agora já são outras coisas...foi tudo muito intenso, não tive tempo de “respirar”...E a pesquisa...ela está andando...o produto eu estou na fase da ideia do que eu quero fazer, mas eu ainda não escrevi muita coisa. Mas já está delineado, a prática já está toda feita, a aplicação já está toda feita. Mas o que eu tenho que fazer agora é escrever, analisar os dados e ajustar a fundamentação teórica, ainda tem alguns ajustes para fazer.

Ao falar de sua relação no ambiente de trabalho, disse-nos:

Eu me sinto completamente abraçada pelo meu campus. Tudo que eu preciso, o que está relacionado ao pedagogo, à direção geral, à direção de ensino, à coordenação de ensino, tudo o que eu preciso...é só pedir, trabalhar, que eu consigo, por exemplo, eu cheguei no campus e nós não tínhamos laboratório de desenho técnico. E, eu perguntava: “onde é que todo mundo desenha aqui nesse campus?” ...ah, não tem, não tem, não tem... “e, como é que eu faço para ter?” ...ah, você tem que fazer um termo de referência... “e, o que é um termo

de referência, como é que faz?” Fiz o termo de referência...um ano depois, nosso laboratório de desenho está lá, com 40 mesas, 40 pranchetas, com régua paralela, banquetas...consegui desmontar uma sala com divisórias, pedi do diretor e ele desmontou a sala para caber tudo. Então eu me sinto abraçada, eu me sinto apoiada, tudo que pedimos, praticamente, conseguimos, o que está dentro do possível deles também. Recentemente, nós trouxemos um palestrante de São Paulo, Marcelo Rebelo que fez uma palestra na FAS (Fundação Amazonas Sustentável) e eu entrei em contato com ele, perguntei se ele viria, sealaria para os nossos alunos de paisagismo, de 13 a 18 anos. A direção conseguiu uma diária para ele, em tempos de crise...uma diária? Ele foi ao campus e falou para os meninos (alunos). Então, eu não tenho do que reclamar, porque se queremos fazer algo, temos que preencher um papel, seja um termo de referência, seja um projeto de extensão ou um projeto de pesquisa ou um projeto cultural. E, se fazemos e é aprovado, conseguimos fazer o que tem que ser feito. Eu vejo muitas pessoas reclamando, mas elas não vão atrás.

Em seu discurso podemos evidenciar que a busca pela formação docente se apresentou não apenas por meio do mestrado, mas também pelas relações que constituiu no ambiente de trabalho, tanto com os alunos quanto com os colegas, o que realça a constituição docente pelos elos (JOSSO, 2006) formados ao longo da trajetória do professor. Quando perguntamos se Bacaba se sentia realizada com o trabalho que desempenhava, respondeu:

Eu não sei, ainda, te responder. Não sei não. Ainda está muito cedo. Ainda não terminei nem o estágio probatório. Mas eu não reclamo, porque tem gente que queria está no meu lugar, tem gente que queria ter isso (função) que eu tenho. E eu vou, com chuva ou com sol. Meus alunos dizem: “professora, a senhora não falta?” Eu digo: “menino, eu já estou morta? Não! Então, não dá para eu faltar!” [Risos] porque até quando eu vou faltar, aviso um dia antes.

Com suas afirmações durante nossa entrevista, realçamos que o fazer docente, as ações como profissional, os valores que possui, bem como a experiência da professora deve ser entendida como um saber, conforme enuncia Bondía (2002), que revela ao homem concreto e singular, entendido individual e coletivamente, o sentido e o sem-sentido de sua própria existência e finitude. Conjugando, desse modo, o ser ao profissional em um processo de construção identitária (NÓVOA, 2007).

Inajá

Uma palmeira quieta, arriscaríamos dizer tímida, mas que como nos conta o folclore brasileiro representa uma linda índia, símbolo de graça e beleza, conforme pudemos perceber nas entrelinhas da história de Inajá que nasceu em Parintins, município situado às margens do rio Amazonas, mas ainda jovem veio estudar Administração em Manaus. Após a graduação, momento em que já não morava mais com sua família, direcionou seu foco aos concursos públicos na área administrativa, mas considera ter encontrado na docência, contato que pôde vivenciar na Universidade Federal de Roraima, uma forma de se tornar realizada profissionalmente.

Ao rememorar e descrever sua trajetória, Inajá iniciou frisando que nunca, jamais, pensou em ser professora, que seu foco ao concluir a graduação era ser aprovada em um concurso e trabalhar em um órgão público. Assim, optou por fazer uma especialização na área de gestão e continuou estudando para concursos, fez cursos preparatório, aulas particulares e se dedicou bastante. Disse que fazia todos os concursos que surgiam na época, foi aprovada e chamada a tomar posse em Boa Vista, Roraima, um cargo na Secretaria de Saúde, como Administrador.

Foi para Boa Vista, mas relatou que continuou estudando para passar em outro concurso, melhor, federal, já que tinha esse foco. Após um ano trabalhando em Roraima soube de um processo seletivo para professor substituto na Universidade Federal de Roraima. Como o órgão, no qual trabalhava, funcionava apenas de 07:30 as 13:30, contou-nos que ficava o resto do tempo livre para estudar, realizar outras atividades e no edital para professor substituto da Universidade constava carga horária de aula pela tarde e à noite.

Inajá disse que nunca havia pensado na possibilidade de ser professora, mas fez o processo seletivo, também estimulada por amigos que a motivaram na tentativa. Teve sucesso e foi chamada para assumir o cargo. Inicialmente, afirmou ter ficado em dúvida, mas aceitou o desafio, revisou o conteúdo da disciplina que ministraria, Orçamento e Finanças, e enfrentou seu primeiro dia de sala de aula como professora, com as mãos tremendo no quadro e medo que os alunos perguntassem algo que não soubesse responder.

Com o passar dos meses, disse que ganhou mais uma disciplina, depois outra e outra, ficando com três disciplinas ao fim do semestre. Começou a se identificar com as aulas, conforme relatou, se dedicar mais que ao outro emprego, no órgão público, cujo vínculo era seguro.

Foi uma experiência que eu nunca mais...nem sei imaginar minha vida sem a sala de aula. Me cativou mesmo. Foi algo que eu gostei muito e fui muito bem recebida pelos alunos. E, então, minha trajetória inicial na docência é essa, totalmente despreziosa, não foi planejado, foi por um acaso, mas que fui tentando, como sempre falo para os meus alunos, me inspirar nos meus piores professores, porque eu jamais quero ser igual a eles. Então fui consolidando isso, mas professor substituto fica só dois anos e no final quando eu tive que sair, nossa...eu não queria deixar aquele ambiente da Universidade Federal de Roraima e vários alunos falaram: “poxa, não acredito”, porque eu peguei uma turma logo no primeiro semestre e ficamos juntos até o terceiro, nos envolvemos com a Administração. Meu primeiro amor é a Administração e meu segundo a docência, então eu juntei os dois, porque eu não me vejo sendo outra coisa que não administradora e professora.

No mesmo período em que finalizou o contrato com a Universidade de Roraima, surgiu o edital para o concurso do IFAM. Inajá contou que já estava estudando o conteúdo geral solicitado para o concurso e o específico compreendia as aulas que ministrava em suas disciplinas como professora. Considerou que teve sucesso na prova escrita e em todas as outras fases e assim foi chamada a assumir o concurso em seu último ano de contrato com a Universidade.

Eu fiquei muito, muito feliz mesmo, porque agora eu seria só professora, eu não gostava mais da minha atividade de administrador público do outro concurso, porque nós víamos muita coisa errada e eu não gostava de ver isso, principalmente na área da saúde, eu trabalhava em um setor que era muito...como eu posso dizer...nós sabíamos de todas as fraudes do governo e tínhamos que acobertar aquilo e eu ficava muito revoltada com isso, então é algo que eu não quero nunca mais para a minha vida, tanto que eu fui nomeada na Suframa, cheguei a ir, mas voltei para o IFAM, porque foi de novo uma experiência que não era para mim. Tanto que eu pensei: “eu prefiro tornar pessoas melhores do que compactuar com essa sujeira! Eu prefiro poder ter a chance de transformar pessoas”. No caso, os meus alunos, tanto que eu...eu não me prendo só ao conteúdo, eu gosto...sempre gostei de dizer a eles da vida.

Em seu discurso, podemos evidenciar o cuidado e a preocupação com o bem-estar dos alunos, estabelecimento de vínculos com o alunado, o desejo de um bom ensino e de sentir-se comprometido (CONTRERAS, 2002) com valores e aspirações educativas. Realça o comprometimento que o professor se atribui para com os alunos, o compromisso de educar o aluno não para um exame vestibular, não para uma disciplina que obedece aos parâmetros curriculares, mas educar o aluno para as situações da vida.

Inajá nos disse que não possuía nenhum conhecimento de Educação, nunca tinha estudado Educação em sua vida antes da prova do mestrado e do concurso em que foi aprovada para o IFAM, mas que constava no edital que haveria dois meses de formação para

entendimento da dinâmica dos institutos e, conseqüentemente, da Educação Profissional e Tecnológica. No entanto, afirmou que essa formação nunca houve:

Na verdade, vamos abrir parênteses aqui, eu só fui entender o que é essa Educação Profissional e Tecnológica no mestrado. Então, eu estou no IFAM há cinco anos...desses, três anos eu fiquei dando aula por pura intuição, porque é bem precária nossa orientação pedagógica. Eu entendo que ser pedagogo em uma escola normal é uma coisa, mas ser pedagogo dentro do instituto é outra totalmente diferente e a maioria dos pedagogos que vão para lá (campus Presidente Figueiredo) não têm esse conhecimento, apesar de terem estudado, apesar de na prova do concurso ter constado esse conteúdo, mas a aplicabilidade é zero, não há formação. Assim como eu não sabia, posso dizer que quase 70 por cento dos meus colegas não sabem dizer o que é a Educação Profissional e Tecnológica. Então, eu cheguei no campus (Presidente Figueiredo) e só me disseram: “você vai dar aula para o Subsequente, nós temos Integrado e Subsequente”, mas nunca me disseram o que é o Integrado, o que é o Subsequente, mas eu fui descobrindo, dando aula, mas nunca eu direcionei que naquela minha aula eu estava formando. Hoje eu já sei que eu estou formando cidadãos, que precisam ser autônomos e envolvidos em toda uma questão social e política. Eu fazia isso, porque sempre achei que devemos dar essa formação para a vida, mas não que alguém tenha me orientado. E na questão de inovar, eu sempre gostei de fazer as coisas diferentes com os alunos, sair dessa rotina tradicional, o que também era feito de forma intuitiva, sem nenhum direcionamento. E, quando me via em uma situação em que não sabia o que fazer, eu corria com a pedagoga. Horas eu tinha uma luz, horas eu ficava no vácuo e assim, eu me virava e até hoje eu penso: “nossa, como é que eu consegui dar aula assim!?”

Inajá relatou que começou a trabalhar, no campus Presidente Figueiredo, com alunos da modalidade Subsequente, isto é, alunos que buscam um curso profissionalizante, mas já concluíram o Ensino Médio. Nesse momento surgiram os primeiros desafios e o impacto de ter que adaptar a sua disciplina, os conceitos da Administração, ao contexto de alunos de comunidades (ramais) adjacentes ao município de Presidente Figueiredo.

Eu tive muitos desafios e tive que rever todos o meu modo de ministrar aula. E aí eu só fui acordar para o mundo e que eu tinha que ter uma nova postura quando eu tive que dar aula no Integrado, que eram alunos do Ensino Médio, que eu nunca tinha dado aula. Eu morria de medo de dar aula para eles, mas chegou uma hora que tinha a disciplina de Administração e só tinha eu para dar essa aula, aí eu tive que ir. Eu lembro que a pedagoga disse para mim: “E agora tu vais ter que ir, porque eu não tenho para onde correr mais”. Ela postergou o que pôde, para ver se iriam outros professores, mas o meu concurso não tinha mais ninguém para ser chamado. Aí, eu fui, falei: Ah, está bom, então eu vou, já estou aqui mesmo”. E, no Integrado é que eu tive que rever tudo, porque eram alunos diferentes dos que eu já havia tido contato... tu sabes né [risos]...nós temos que controlar um pouco mais, estar mais atentos. E, foi nessa hora que tudo a respeito da Pedagogia fez falta. Eu não

sabia como funcionava, mas eu sabia que existia e que eu tinha que aprender isso, porque se não, eu não teria condições de ministrar aulas para eles.

Então, a partir desse momento, Inajá nos contou que decidiu que faria mestrado após o término do estágio probatório, pois embora pudesse, não queria interromper esse período. Disse que os próprios professores do campus (Presidente Figueiredo) lhe cobravam, alguns colegas que já estavam começando o doutorado e tinham entrado junto com ela no concurso. Destacou ter buscado alguns programas de pós-graduação e tentou o mestrado do IFAM em 2014, quando já começou a ler algumas bibliografias e ter uma visão diferenciada da Educação, mesmo sem se aprofundar. Relatou ter feito o processo seletivo para o MPET, no entanto não obteve êxito e sabia que não iria passar, mas queria testar seus conhecimentos. Tentou uma segunda vez na turma de 2015/2 e conseguiu aprovação.

Nós entramos no meio de 2015. Entrei, mas sempre...assim...desconhecendo muitas das coisas, mas eu sempre ia na intuição, porque é meu isso de querer fazer diferente, de achar que se eu ficar só dando aula, o aluno vai achar chato, então eu sempre fiz atividades diferenciadas em sala de aula, tanto que os alunos sempre gostavam e eu tentava explicar os conteúdos de Administração de outra forma.

O mestrado se apresentou à Inajá como formação contínua a medida que surge como oportunidade de colaborar, de modo significativo, como nos mostra Day (2001), ao seu desenvolvimento docente na escola, conforme considera em seu discurso a necessidade de buscar conhecimento na área da Educação para dar continuidade à sua prática em sala de aula.

Quando conversamos sobre a relação de Inajá com seus alunos, relatou que antes do mestrado, na verdade antes da disciplina do professor Amarildo Menezes Gonzaga, que se constituiu em um elo (JOSSO, 2006) de seu processo formativo, enquadrava-se dentro da proposta positivista, porque acredita que a Administração lhe formou para ser positivista, o que lhe impulsionava a formar seus alunos para o mercado de trabalho.

Eu não vou nem dizer para o mundo do trabalho, que agora eu já sei o que é mundo do trabalho. Eu formava meu aluno para o mercado de trabalho, para que ele fosse um empreendedor, na disciplina de Empreendedorismo, para ele ter uma perspectiva de trabalhar em uma empresa, a minha visão era a visão do administrador. Eu estava formando alguém que iria trabalhar naquele mercado de trabalho. Então eu formava alunos para isso, era a minha concepção técnica, de trabalho técnico, totalmente positivista, tanto que eu demorei muito para sair dessa caixinha, porque eu não conseguia compreender esse universo da Educação.

Inajá nos descreveu o processo de mudança de posicionamento após ter cursado a disciplina Currículo e Transdisciplinaridade, no Mestrado, quando durante as discussões sobre currículo, sobre os problemas na educação, sobre como o modo de pensar a Administração a impedia de compreender outros caminhos e possibilidades:

Nós estávamos discutindo e discutindo, eu falava: “Meu Deus, por que não propor uma situação em que todos possam seguir igual e pronto. Como na Administração, em que se tem uma situação, vamos resolver o problema e todos vão seguir esse parâmetro”. Nossa, ele (o professor) quase foi à loucura, [risos], porque eu não tinha compreendido ainda que na Educação tem que levar em conta todo um contexto e eu demorei muito para me apropriar disso tudo. Era desconhecido para mim e eu não entendia como é que esse povo vive anos tentando encontrar uma solução para determinada situação e não encontra. Eu pensava: “Eu quero resolver isso[risos]...gente, vamos resolver essa situação, porque assim não dá”. [Risos] E eu tive que me libertar desse pensamento, até para a própria dissertação, porque não tinha condições de escrever assim. E eu formava meus alunos com essa concepção, por isso eu estou ansiosa para voltar para a sala de aula, porque minhas ideias estão fervilhando e eu quero dar esse retorno, uma nova proposta para os meus alunos...eles têm que aprender isso, eles têm que descobrir essas novas situações e quem sabe um dia, um deles pode se tornar professor. Então, hoje a concepção que eu tenho do que é o instituto, da proposta dele, do que ele traz para população é outra. E eu estou ansiosa para aplicar tudo nas minhas disciplinas.

É perceptível que Inajá passou por um processo de mudança com a chegada ao mestrado, tornou-se sujeito e objeto de formação para si mesma (PINEAU, 2010) e enxerga em seus alunos a motivação para uma ressignificação da prática em sala. Mas também iniciou um processo de superação da compreensão do ensino na perspectiva da racionalidade técnica (CONTRERAS, 2002), passou a considerar a possibilidade de que as situações problemáticas da educação podem ser oriundas de diversos fatores, não apresentando, portanto, uma solução pronta e rápida conforme pensava antes.

Quando falávamos sobre relação familiar, Inajá contou que há muito tempo não mora com seus pais, aproximadamente quinze anos não tem grande vínculo com eles e com cidade onde nasceu, Parintins, município do Amazonas. Adaptou-se, assim, desde que veio morar em Manaus e depois quando foi para Boa Vista. Relatou que seu contato com os pais sempre foi distante, principalmente após completar 22 anos, quando terminou a graduação. Disse-nos que sempre foi muito independente e teve o espírito administrador dentro de si por meio dos planejamentos e das ações que empreendia.

Sobre ser apoiada pela família, sofreu barreiras quando de fato resolveu sair de um cargo em um concurso na Suframa e decidir ser professora no Instituto Federal do Amazonas, no campus Presidente Figueiredo.

Quando eu falei que ia sair para ser professora, a mamãe quase “morre”. Ela não queria, não queria mesmo, falava: “Como é que eu ia largar um emprego tão bom para voltar e ser professora lá em Presidente Figueiredo”. Ela não gostou, nem um pouco mesmo, e professora...minha própria família discriminava o professor, que já é tão discriminado. E aí, eu tive que falar para ela: “Mas mãe é o que eu gosto de fazer! O que adianta eu ir para a Suframa que é um lugar bom como a senhora acha e eu ir chateada todo dia, ter um dia péssimo de trabalho”. Eu prefiro ir para onde eu gosto...apesar de ganhar menos...e morar no interior, o que é algo que eu também gosto, não quero mais vir para Manaus. Eu falei: “é o que eu gosto e é a minha vida”.

Disse-nos que sua mãe concordou em respeitar a decisão e, em relação à família saber de sua rotina de professora, eles não sabem ou sabem bem pouco. A única pessoa que acompanha Inajá é seu noivo que também mora em Presidente Figueiredo e, recentemente, seu irmão que se tornou professor e que troca experiências de vez em quando com Inajá. Mas como sua formação é Engenharia Mecânica, Inajá o considera bem fechado aos conceitos da Educação, porém disse tentar transmitir a ele o que aprendeu no mestrado (IFAM), apesar de o irmão ser mestre, mas em uma área técnica.

Sobre os investimentos, motivações, escolhas e renúncias em seu desenvolvimento profissional (DAY, 2001), Inajá contou que sua motivação de ser professora é intrínseca, vem do prazer de ser docente, é a profissão que quer seguir, até porque, conforme explicou, poderia estar empregada em outro lugar, inclusive ganhando muito mais do que ganha, mas quer ser professora, quer estar nesse cotidiano, o que mais a motiva é o contato com os alunos, considerado por ela fantástico, pois aprende muito, se sente atraída por isso e por poder ensinar. Expressou que se sente satisfeita quando sai da sala de aula e vê que todos entenderam.

E quando passa tempos e os alunos voltam dizendo que lembraram de mim em alguma situação que viveram, essa é minha maior motivação. Agora, quanto a largar coisas, renunciar, até agora, ao longo desses sete anos, não aconteceu nada assim, pelo contrário eu ter virado professora de forma efetiva, para mim foi um ganho, porque eu vim de mais longe para mais perto da minha família. Em Roraima o acesso era muito mais difícil para eles virem ou para eu ir à Parintins. E em Presidente Figueiredo é mais próximo. Então para mim não teve perda, sempre houve ganho, a profissão docente só me trouxe ganho, me trouxe o mestrado, as pessoas que eu conheci aqui, essa nova oportunidade de ver a minha profissão no instituto de outra forma. E, como eu falo: “eu quero contribuir com o meu campus, eu não quero guardar só para mim o que

eu aprendi, eu quero contribuir, quero dar o retorno para eles”. Então não houve perdas, para mim eu só vejo ganhos.

Inajá reconhece o contributo que a formação contínua trouxe ao seu fazer docente, revelando como resultado um crescimento acelerado (DAY, 2001), tanto crescimento aditivo que engloba a aquisição de conhecimentos, destrezas e compreensão mais profunda de determinados aspectos, quanto crescimento transformativo que resulta em mudanças significativas nas crenças, valores, conhecimentos e modos de compreensão do professor. Realçando, ainda, que no cotidiano do trabalho, recriamos nossa própria história como docentes, cuja imersão na profissão desenvolve um senso de compromisso, zelo e vigilância (LIMA, 2005).

Sobre os sentidos que Inajá atribui ao trabalho docente, como se enxerga em seu campus, no ambiente de trabalho, como professora, mencionou:

Eu sempre me senti professora, se eu não tivesse me sentido professora eu não teria permanecido. Desde o primeiro contato com os alunos e com o universo docente, nossa, eu lembro que quando eu era professora lá em Boa Vista e quando me chamava de professora, [risos]às vezes eu ficava pensando: “será que é comigo mesmo!?” , porque quem estuda Licenciatura já vai se preparando para isso. E do nada eu ouvi pessoas me chamando de professora, eu pensava: “meu Deus, sou eu mesma essa professora?” [risos]. Ser chamada de professora foi o primeiro impacto, mas depois vai se tornando bom de ouvir. Então eu acho que desde o dia que me chamaram, pela primeira vez, de professora, eu me senti professora, pertencida a essa profissão, o que só foi crescendo com o passar do tempo.

Inajá sugere a construção de um processo identitário (NÓVOA, 2007) a partir do sentimento de pertencimento à profissão docente, acompanhada de um desenvolvimento processual de autoformação, concebida por Galvani (2002) como um componente da formação, caracterizada pelo imbricamento da reflexividade e da interação entre o indivíduo e o ambiente no qual está inserido, isto é, ser professora na Universidade Federal de Roraima permitiu a percepção de que seu eu não possuía existência própria fora de seu ambiente social, necessitando, conforme Lima (2005), da colaboração do outro para se constituir, para se definir e ser autor de si mesmo.

Em relação ao sentimento dos alunos com ela, contou que recentemente quando ficou afastada da sala de aula por causa do mestrado, teve que deixar no meio do ano uma turma do 1º Ano de Administração do Integrado e, desde então, ouve os alunos dizerem quando lhe encontram: “professora, por que a senhora nos abandonou? ”. Os alunos dizem que nenhuma

outra professora conseguiu ensinar TGA como ela ensinava, porque Inajá, conforme nos relatou, traz tudo para o universo da sala de aula, a empresa se torna a sala de aula como forma de trazê-los para o universo da Administração.

E isso é muito bom de ouvir para um professor e eles sempre disseram que eu era uma boa professora, que ensino direitinho e não tem quem não aprenda. Só que eu acho que eu não era uma boa professora, hoje eu tenho consciência de que eu não era uma boa professora, eu tentava ser, por uma sorte eu era, dentro daquele universo, mas hoje eu sei que não era. Por isso que se procura o mestrado, para melhorar, eu procurei o mestrado para melhorar.

Inajá considera a experiência no mestrado impactante, tem a percepção da necessidade de se desenvolver profissionalmente, de buscar meios para aprender, de transformar-se e autoformar-se (PINEAU, 2010). Disse-nos que quando sua turma iniciou no MPET, as disciplinas foram corridas, pois deveriam ser concluídas até o fim do ano de 2015. A professora enviou para a turma, antes do início das aulas, uma coletânea de textos para leitura e discussão. Inajá nos disse que leu, fez resumo, apontamentos, como ainda estava de férias, dedicou-se e já se preparou para a disciplina.

Foi o primeiro contato, estudar sobre Tecnologia, que não temos nem ideia do que é, foi o primeiro impacto. Descobrir que a Tecnologia não é só um celular, não é só uma televisão, tudo é Tecnologia e que ninguém sabe disso. E no Instituto Federal muito menos, o que vai culminar no nosso ensino tecnológico. Todos pensam que é só usar um computador e não é. Isso me impactou logo, porque você vai vendo que não conhece e que não sabia de nada. E, vendo os conceitos da formação de professores, que vêm até um pouco antes da disciplina, para fazer o projeto no início.

Conforme Inajá os conceitos da Educação não estavam claros, pois não compreendia o que era o processo formativo docente, tentava buscar o conceito, procurava artigos, mas relatou que sentia dificuldades.

Para quem não é da área da Educação é muito difícil entender todo esse universo, muito mesmo, vocês não têm ideia, noção de como é difícil compreender isso. Então, desde a época que eu estava estudando para fazer o projeto e a prova, eu pensava: “poxa, para ser professor tem tudo isso, é assim mesmo!?”. Para mim todo dia era uma novidade, eu me via e me vejo muito nos textos da Machado quando ela fala que continuamos formando professores achando que o conhecimento específico basta. E para mim antes, isso era tudo que valia, o conhecimento bastava e ela diz que os professores vão se formando no seu dia-a-dia em sala de aula, nos erros e acertos. Isso parecia que estava sendo escrito para mim, ela (Machado) foi abrindo o meu mundo, nossa, eu pensava: “sou eu, isso é para mim!” [risos]. Porque era tudo que eu

vivi e ainda vivia, porque eu escuto meus colegas de trabalho, administradores, contadores e engenheiros, todos pensam assim: “que basta saber o conteúdo para ser professor e a forma com que eu vou explicar ou que esse aluno vai conseguir absorver, isso é com ele, eu não tenho nada a ver”. A maioria dos institutos federais tem essa característica. E tudo isso mexia comigo, deve ter algo a mais e na disciplina da professora Rosa, nós fomos descobrindo que sempre tem algo a mais e mais e mais [risos]. E eu ficava pensando: “meu Deus, como é que eu vivi esse tempo todo sem saber disso? [Risos].

Disse-nos que pensava todos os dias durante a disciplina que havia dado aulas por um longo tempo sem saber de nada a respeito da Educação. Por isso, afirmou estar ansiosa para retornar à sala de aula, mostrou muita vontade que todos saibam do que ela aprendeu no mestrado, mas tem consciência de que é muito complicado, porque depende dos colegas, professores, quererem também. Considerou que tem barreiras, mas que sua vontade é dizer a todos o que aprendeu. Já fala aos seus amigos mais próximos que são da área técnica também, encoraja-os a fazer uma pós-graduação na área da Educação, por considerar de extrema importância para quem é docente no Instituto Federal. Mas além do primeiro impacto das disciplinas, considerou como desafio:

Apresentar-se ao público...eu lembro que o primeiro colóquio, na disciplina da professora Rosa...gente...eu pensei: “por que a professora Rosa convidou Deus e o mundo? [Risos] os alunos da outra turma estavam, meu Deus, eles já sabiam o que eu ia falar. Eu estava insegura, não sabia direito e tive que falar sobre Tecnologia. Eu pensava: “será que eu sei?” [risos]. Parecia que nós não sabíamos de nada, mas a professora Rosa é tão confiante que ela passa essa confiança de que nós sabemos sim. E nós acabamos, não sei como, saindo bem. Então esse foi um grande impacto também, porque dar aula para os alunos é diferente, eles vão aprender conosco, não que tudo que eu disser vai estar certo, pode haver questionamento, mas é muito diferente do que você falar para o professor Amarildo na plateia, ele estava lá e eu falando sobre Tecnologia, para a professora Andreia...meu Deus do céu [risos]. Esse era o meu medo e de toda turma, mas tudo bem. Aí, veio a apresentação da professora Andreia, que foi a Mostra de TICS e eu que fui apresentar, dez minutos para falar toda a nossa experiência que está em um capítulo do livro de 25 páginas, ela nos fez explicar em dez minutos. E ela disse que se passasse ela cortaria o microfone [risos]. Treinei minha fala, no dia, o auditório estava lotado, o que já deu um desespero. Então, todas essas barreiras foram uma preparação para a defesa e eu fiquei com muito medo nesse dia, mas depois eu estava lá, consegui levar bem. Tanto que falaram que nem parecia que eu estava nervosa, mas só eu sei. E esse impacto foi grande, porque tinha muita gente lá e o tempo era muito curto. Depois veio o Seminário de Projetos, que foi muito tranquilo, tinha pouca gente [risos], meu negócio é quando tem muita gente. E eu estava bem segura quanto à proposta que eu apresentei no dia.

Inajá nos traçou uma trajetória de barreiras, cuja principal foi a exposição ao público, pois apesar ser professora, ficou bastante apreensiva quando submetida a tais situações no mestrado, considera ser diferente da sala de aula, visto que no auditório haviam muitas pessoas. Conforme disse, pessoas que sabem muito, gente de peso, como enfatizou, o que lhe causou uma sensação de angústia, embora enxergue no exemplo de confiança depositada pela professora da disciplina um elo (JOSSO, 2006) em seu processo formativo. Disse-nos:

Fico feliz, até porque cada professor tem uma história, no final né, para dizer como chegou aqui. Eu me fascino por isso também, tudo que tem relação com a História me fascina. É tudo tão particular e eu fico pensando que nós convivemos com uma pessoa e, às vezes, nem sabemos como ela chegou ali, o que ela passou. No meu texto, na dissertação eu falo brevemente sobre minha trajetória, mas eu não quis me estender, eu não me vejo falando muito assim, contando toda essa minha história de vida, detalhando. Eu falei que não queria assim, porque acho que não combina muito comigo, mas tudo que eu relatei agora está lá, só que de maneira mais sucinta, até o momento do mestrado, porque o método Aprender Investigando pede isso, uma reflexão acerca da trajetória e todos os trabalhos da nossa linha (Linha 1- Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico) tem que constar isso, até para o avaliador e o leitor enxergarem de onde nós viemos. Eu acho muito bom, apesar de não ter detalhado tanto.

A história de vida de Inajá compreende um processo formativo que inicia no bacharelado, mas encontra na docência o desenvolvimento profissional (DAY, 2001) e o sentimento de pertencimento à profissão. Evidenciando que o ser em formação só se torna sujeito no momento em que sua intencionalidade é explicitada no ato de aprender e em que é capaz de intervir no seu processo de aprendizagem e de formação para favorecê-lo e reorientá-lo (JOSSO, 2010, p.78).

Miriti

Encanta a história dessa palmeira conhecida como a árvore da vida, pois dela tudo se aproveita e assim se apresentou com extraordinária persistência e perseverança o caminhar de nosso Miriti que considera sua trajetória na docência longa, pois teve início em sua vida estudantil, durante a infância. Mora no Amazonas há 34 anos, nasceu no município de Unaí, situado em Minas Gerais. Nasceu e estudou em uma área rural próxima à Unaí até a quarta série primária. A partir de então, foi para a cidade, precisou repetir a quarta série, lembrou-nos que na quinta série ainda havia um exame de admissão, fez esse exame para continuar estudando, passou a frequentar a escola na sede do município de Unaí e concluiu, assim, o primeiro grau,

que compreendia até a oitava série, atualmente, trata-se do Ensino Fundamental do sexto ao nono ano.

Contou-nos que teve certa dificuldade, pois os pais se separaram, na época tinha 14 anos, portanto quando chegou a Unai, hoje uma cidade que tem cerca de 80 mil habitantes e fica próxima à Brasília, foi morar com irmãos e primos, todos morando em uma casa coordenada pelo irmão mais velho e um primo também maior de idade. Em Unai, estudou até a oitava série. Aos 16 anos, após um período sem estudar, mudou-se para Goiânia devido à oferta de emprego, conforme relatou. Em Goiânia, tinha alguns parentes e lá conseguiu concluir o Ensino Médio.

Fez um curso Técnico em Enfermagem, passou por todo o estágio, mas disse que não se identificou com a área. Teve muita dificuldade para estudar, morou em República com um irmão e assim conseguiu terminar o Técnico em Enfermagem, mas não o exerceu. Contou que a vida era muito difícil, inicialmente em Goiânia, trabalhou na construção civil, como servente, em um serviço bastante pesado. Disse que quando chegou ao terceiro ano no curso Técnico em Enfermagem, conseguiu passar em uma seleção para o curso de sargento da Polícia Militar e ficou no quartel e na escola. Foi aprovado no curso técnico, mas reprovou no quartel. E com essa reprovação, desistiu, não quis mais seguir carreira militar, pois se optasse assim, teria que ficar na posição de soldado.

Eu pensei: “não, como soldado...não vale a pena”. E também muita coisa aconteceu, inclusive morte de colegas em serviço, o que me deixou desmotivado. Resultado, conclui a Enfermagem, mas emprego na época era muito difícil. Como já tinha experiência na construção civil, continuei trabalhando, inclusive, estava morando em Goiânia, daí fui para Vitória, no Espírito Santo.

Relatou-nos que chegou em Vitória, foi trabalhar na construção civil, na condição de servente, mas rapidamente foi classificado como carpinteiro e o salário melhorou um pouco. Do período em que esteve em Goiânia, trabalhando na construção civil, estudando e no quartel, conheceu uma família de Mato Grosso, Cuiabá, família de que até hoje é amigo de William, um jovem que também estudava em Goiânia, que se tornou professor no Instituto Federal do Mato Grosso, um grande amigo que o incentivava muito e que o convidou para morar em Cuiabá.

Miriti disse que foi morar na casa da família de William, que o acolheu e incentivou a fazer um exame vestibular, em uma faculdade recém-criada, municipal. Fez o vestibular, foi aprovado junto com seus amigos. Mas descobriram que era um vestibular fantasma, não havia

universidade, era uma fraude. Diante das dificuldades de emprego no Mato Grosso e sempre com a intenção de continuar e fazer aventuras, decidiu ir para Rondônia.

Em 1981 para 1982 Rondônia que era um território passou a estado. Eu falei: “vou para Rondônia! ”. Na época a rodovia 364 que liga Cuiabá a Rondônia era toda de chão (barro). Eu lembro que era mês de dezembro, muita chuva e eu falei: “eu vou embora! ”. Me falaram: “rapaz, não vai, você está louco, você vai pegar essa estrada!? É muito difícil! ”. Aí, a dona Maria, mãe do William, disse: “se você quer ir, tudo bem, mas se você quiser ficar aqui em casa, vai ficando até conseguir um emprego, conseguir começar uma faculdade”. Mas eu disse: “eu vou para Rondônia”.

Descreveu ter chegado em Rondônia e como tinha sido militar, se apresentou no quartel, onde ficou mais ou menos um mês morando e procurando emprego, mas não conseguiu emprego algum.

Eu tenho uma lembrança como se fosse hoje: “na época, a usina de Samuel estava em construção, eu fui lá, mas não consegui emprego, a situação estava muito difícil”. Eu fiquei sempre tentando, eu tinha que conseguir um emprego. Tinha uma pedreira lá em Porto Velho...procurei essa pedreira, cheguei lá, procurei emprego, mas não tinha. Então se não tinha emprego nem para quebrar pedra nessa cidade, então está difícil. Pensei: “voltar, eu não vou mais...eu vou é para Manaus! ”.

Em 1982, veio para Manaus, mencionou que não conhecia nada na cidade, não tinha ideia de como seria. Mas sabia que havia um ônibus regular de Manaus a Porto Velho e de Porto Velho a Manaus. A essa altura, disse-nos que já não tinha, praticamente, quase nada de dinheiro. Mas ouviu falar da Legião Brasileira de Assistência (L.B.A.), pela qual conseguiu uma passagem de ônibus. Na viagem para Manaus, conheceu pessoas, conversou e ao contar sua história de vida a um rapaz, Francisco, mais ou menos da sua idade, conseguiu um lugar para ficar em Manaus.

Miriti relata que era diferente, não havia tanta violência como hoje, ainda tinha confiança entre as pessoas. Então tudo começou a melhorar, antes não conhecia ninguém, depois, já conseguiu um amigo no ônibus, que o convidou para sua casa em Manaus, no bairro de São Lázaro. Hoje essa família mora no bairro Morro da Liberdade. Ao chegar em Manaus, no primeiro domingo de fevereiro de 1982, atravessaram o rio de balsa, o encontro das águas e então, puderam chegar no fim da tarde à casa de Francisco, que apresentou Miriti a seu pai e sua mãe, que lhe permitiram a estada em Manaus.

Então, eu fiquei morando na casa dele. E como eu falei, a construção civil tem uma grande afinidade comigo, nessa época a Hidrelétrica de Balbina estava em construção. Eu lembro que tinha um escritório dela aqui em Manaus, chamado Construindo Balbina. Fui até o escritório e disse que estava procurando uma vaga para trabalhar como carpinteiro lá na hidrelétrica. Enquanto eu estava conversando, tinha um senhor ao meu lado que era técnico de uma empresa, a fábrica de cimento. Ele era um dos técnicos e disse que estava trabalhando na construção, era uma empresa paraense, a Engeplan. Ele trabalhava na Engeplan construindo a fábrica de cimento. Eu expliquei minha história e ele ouvindo, perguntou se eu queria trabalhar em Manaus, na construção da fábrica de cimento. Eu disse: “tudo bem, já não vou mais trabalhar em Balbina, vou ficar aqui mesmo em Manaus”. O nome dele é Hélio, meu amigo até hoje. Me levou para a fábrica de cimento.

Na fábrica de cimento, mencionou que morou no alojamento da empresa Engeplan que era uma construtora de Belém do Pará e abriu uma exceção para que Miriti morasse lá também, já que no alojamento só podiam morar paraenses. Ficou morando e trabalhando na fábrica de cimento entre 1982 e 1983. Mas a empresa passou a construir uma fábrica na rodovia Transamazônica, no município de Itaituba, no Pará. E como Miriti era uma pessoa muito dedicada e já tinha adquirido confiança, lhe convidaram a trabalhar no município de Itaituba, custearam passagens de avião a ele e a vários colegas de trabalho.

E fomos trabalhar lá na Transamazônica, em Itaituba. É uma grande história...nessa época, no rio Tapajós, em Itaituba, tinham muito garimpos. Era a cidade do ouro. Estava no *boom* do garimpo, então, por exemplo, lá tinha uma praça chamada Praça do Garimpeiro, em que passavam por lá muitos garimpeiros com malária e todo dia estava morrendo gente, porque eles iam para o garimpo, mas quando ficavam doentes eram trazidos de helicóptero para Itaituba e ficavam lá na praça, muitos eram do Nordeste e morriam por lá. Era um cemitério enorme em Itaituba. Então...o que ocorreu...em 1983 eu me inscrevi, em Manaus, no vestibular e deixei para uma pessoa pegar o cartão, mas quando eu vim fazer o vestibular essa pessoa não tinha pegado o cartão e eu acabei perdendo o exame.

Voltou para Manaus, relatou que continuou trabalhando nessa mesma empresa, mas em outras obras. Em 1984, fez o vestibular para Geografia na Universidade Federal do Amazonas e foi aprovado. Mas por que fazer Geografia? Em resposta a esse questionamento em seu próprio discurso, contou-nos que pelo fato de tanto andar pelo Brasil, disse-nos que acabou aprendendo Geografia na prática e a partir do segundo período já começou a trabalhar como professor, foi morar na casa do estudante, na rua Barroso, centro de Manaus. Quando chegou à faculdade, não tinha recursos, mas conheceu pessoas que lhe aconselharam a pleitear uma vaga para morar na casa do estudante.

Mencionou que os critérios para a vaga eram: 1) Vir de municípios do estado do Amazonas; 2) Pessoas de baixa renda de municípios do Amazonas que moravam em Manaus; e 3) Pessoas de baixa renda de outros estados do Brasil. Declarou ter entrado nesse último critério e morado na casa do estudante durante quatro anos, de 1985 a 1988, em que cursou Geografia. Logo começou a trabalhar em cursinhos pré-vestibulares, sem saber nada, foi para a sala de aula enfrentar os alunos. Na segunda metade dos anos 80, tinham muitos cursinhos em Manaus, ganhava por hora/aula. E, em setembro de 1987, conseguiu um contrato pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas (SEDUC), que era chamado de Regime Especial.

Consegui esse contrato com a SEDUC em 1987 e tudo começou a melhorar. Morava na casa do estudante, trabalhava em uma escola estadual e em um cursinho. Só que nesse período que eu estava fazendo faculdade. O que ocorreu? Eram muitas greves, mas mesmo assim eu consegui terminar em quatro anos. Trabalhei pela SEDUC, em um colégio no bairro do Coroado, chamado Renato Thompson, era uma escola conceituada. Já depois de formado, passei no concurso da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), mais adiante, fiquei na SEMED e por volta de 1993, passei no concurso e vim para o IFAM em 1994. Então é uma longa trajetória, trabalhei em várias escolas particulares em Manaus, trabalhei no Ceima, Colégio Einstein, Colégio Objetivo, tive essa grande experiência. Na época, tinha Educação Moral e Cívica, era bastante diferente. E aqui no Instituto Federal, fiz o concurso no final de 1993 e assumi em 28 de fevereiro de 1994, portanto já estou aí, prestes a completar 23 anos só aqui no Instituto Federal.

No instituto, inicialmente, Miriti foi para o Campus Manaus Distrito Industrial (CMDI), depois pediu remoção para o Campus Manaus Centro (CMC). Trabalhava na SEDUC como contratado conforme relatou, quando foi aprovado no concurso da SEMED. Certo dia, viu no jornal que estavam abertas as inscrições para professor efetivo do Instituto Federal, na época era Escola Técnica Federal do Amazonas. Tinha uma vaga apenas, algumas pessoas disseram: “ah, não vai não que isso aí não é sério, lá se você não conhecer alguém, você não vai passar”. Mas Miriti disse que resolveu tentar, fez a inscrição, não tinha especialização ainda, somente a graduação, mas tinha bastante experiência de sala de aula.

Descreveu que fez a prova, eram dez candidatas, mas conseguiu ser aprovado em primeiro lugar e na ocasião, foi chamado, juntamente com o segundo colocado, que era o professor Dalmir Pacheco. Como sua vaga era para o centro, ficaria no CMC, mas conversando com o professor Dalmir, que morava mais próximo do centro e tinha mais dificuldades de locomoção para ir até o CMDI, resolveu ceder sua vaga no CMC a ele e ir para o CMDI.

Eu lembro até hoje a prova prática, foi um sorteio, eu fiquei com o tema agropecuária brasileira, foi uma coincidência, uma sorte né, ter que falar da

agricultura e pecuária brasileira, fiz cartazes, peguei dados, foi uma aula de 50 minutos, eu procurei um colega meu chamado Luiz, professor da UTAM. Nós morávamos na Colina do Aleixo, ele era meu vizinho e como era professor universitário, fui conversar com ele, falei que faria uma prova prática e gostaria de algumas orientações. Ele falou: “primeiro, ministre sua aula no tempo correto e fale de modo que todos possam lhe ouvir”. Eu me preparei, segui as orientações dele, no dia fixei os dados na lousa e comecei. A professora Stela fez parte da banca, que sentou lá atrás, a sala estava cheia de alunos, acho que foi na sala 7 ou 8 no corredor da Sete de Setembro. Fiz tudo e quando concluí os alunos bateram palmas. Todo mundo aplaudiu, depois ficou um silêncio, eu pensei: “bom, pelo menos acho que me sai bem”.

Na prova de títulos, apresentou os documentos, tinha a experiência de graduado, não possuía especialização. Ficou ansioso pelo resultado, foi até o CMC para saber e quando chegou à portaria pela Sete de Setembro, perguntou do resultado do concurso para professor de Geografia, verificou e havia sido aprovado.

Fui chegando aqui, sempre trabalhando no Ensino Médio. Na época, no Distrito (CMDI), no curso de Eletrônica, sempre tive uma boa relação com os alunos e procurando passar para eles a importância de se dedicar aos estudos, trabalhando a motivação nos cursos técnicos e profissionalizantes, tentando mostrar a eles que além da parte profissional é importante que sejam formados para a cidadania, para vida. Então para o Ensino Técnico não perdi de vista a questão da cidadania, sempre eu percebia que não adiantava uma pessoa bem preparada na técnica, sem esse preparo para a cidadania, porém em toda essa minha trajetória de aproximadamente 23 anos eu trabalhei pela intuição, às vezes fazendo as coisas certas e às vezes percebendo que estava fazendo errado. E ao entrar no mestrado comecei a perceber que na verdade falta muito para ser um bom professor, ou pelo menos se aproximar do que é ser um bom professor.

Em seu discurso, Miriti deixou evidente tanto a obrigação moral (CONTRERAS, 2002) para com sua profissão, que pressupõe o comprometimento do professor com os alunos, o que Day (2001) expressa como ir além do cumprimento do dever, fazer com que os professores criem condições que permitam o crescimento do aluno e, sobretudo, o desenvolvimento da motivação, inserida em uma espécie de processo de aprendizagem contínuo.

Assim como Inajá, Miriti compreendeu que precisava buscar formação, com a finalidade de contribuir como profissional da educação para a emancipação de pessoas (IMBERNÓN, 2014), dos alunos, formando-os para a vida. Na tentativa de fazer algo mais por seu desenvolvimento profissional, enxergou assim a entrada no mestrado do IFAM como um divisor em sua formação e percebeu suas necessidades e dificuldades referentes à prática

docente em sala de aula, constituindo assim um processo de reflexão ou Autoconsciência (NÓVOA, 2007) acerca de sua trajetória como professor.

Quando conversamos sobre sua relação com os alunos e colegas de trabalho, Miriti nos disse que sempre teve um bom relacionamento com os colegas, nunca enfrentou dificuldades nas relações interpessoais, sempre trabalhou com jovens, que considera muito extrovertidos, mas que quando necessário são flexíveis. E nos relatou como observação marcante de sua memória na instituição:

O que até hoje lembro, com emoção, é o interesse de antes dos alunos. Agora, não sei se devido à internet, que dá ao aluno muita facilidade de informação. Porque antes tudo era mais difícil, então o que o professor falava era mais valorizado. Hoje as informações estão aí e devido a essa questão, muitas vezes o aluno não valoriza o que o professor fala. Para você ter uma ideia, na época, aqueles alunos que tinham mais dificuldades, eu marcava um horário para dar aula de reforço, por exemplo se tinham dez alunos, esses dez apareciam em outro horário para a aula de reforço. Se a aula era de manhã, eu marcava o reforço à tarde e eles compareciam. A aula era de Geografia, imagine atualmente...se eu falar em aula de reforço de Geografia, eles vão sorrir da minha cara. Porque para Matemática e Física, às vezes eles já não comparecem, imagina para Geografia. Então algo marcante que eu vejo é essa questão do interesse do aluno. Naquela época eles tinham mais interesse em valorizar as aulas do professor. E hoje, devido a essa grande facilidade das informações, talvez eles não valorizem o que o professor está querendo transmitir a eles.

Miriti entende que os contextos de aprendizagem sofreram alterações, percebe as mudanças com o passar do tempo, evidenciando que a formação permanente (IMBERNÓN, 2014) do professor deve ser entendida para além do domínio das disciplinas ministradas, o que pressupõe o estabelecimento de questionamentos constantes acerca dos valores e concepções de cada professor.

Quanto à opinião sobre o IFAM, Miriti considera que o instituto melhorou muito, apesar de alguns aspectos negativos, como essa questão da falta de interesse por parte do aluno, mas compreende que houve um crescimento nos vários níveis de ensino, nas várias modalidades, porém nos disse que os professores ainda não se encontraram com a realidade atual, pois muitos ainda trabalham na concepção daquela Escola Técnica Federal do Amazonas.

Eu já tinha essa concepção e agora ela é mais nítida, contundente. Se nós percebermos, hoje, nossa escola em si já é um laboratório, porque nós temos aqui todos os níveis de ensino. Então o Instituto Federal é único no país, tem a pós-graduação e as licenciaturas trabalhando com os alunos do Ensino Médio, tem toda essa convivência. Eu vejo que isso é um diferencial, se nós soubermos aproveitar, é muito enriquecedor.

E como desafios e necessidades na sua trajetória profissional dentro da instituição, relatou que a docência não depende apenas da vontade e do conhecimento do professor, mas de todo um corpo envolvido, setor psicológico, pedagógico. Pensa que se esse conjunto não estiver trabalhando em sintonia, dificilmente o professor vai atingir seus objetivos em sala de aula. Então, ressalta que o maior desafio enfrentado hoje, é justamente a falta de conexão entre todos os setores da instituição.

Na verdade, o que percebemos é que há um isolamento entre os setores. Então, fica difícil de trabalhar. É como se fossem ilhas. Aqui, por exemplo, tem muitas reuniões, mas reuniões isoladas, não tem algo que fale com todos das questões do ensino, da extensão. Tudo isso tem que ser trabalhado em sintonia. Isoladamente fica difícil. Mas há a dificuldade de reunir, porque quando se fala em reunião...é difícil. Às vezes tem convite, mas quando é convocação, aí é obrigado, mas mesmo assim tem gente que arruma uma justificativa, foge e não comparece.

Quanto às observações de Miriti, cabe realçarmos que as condições de trabalho dos professores não se dissociam da cultura de aprendizagem profissional, da gestão, do planejamento escolar, dos recursos, do relacionamento pedagógico, da capacidade que professor tem de refletir sobre sua prática e propor mudanças (DAY, 2001).

Ao falarmos sobre escolhas, renúncias, motivações e opções dentro de sua trajetória, Miriti nos disse que não teve renúncias, porque sempre fez o que gostava e 23 anos já é bastante tempo para essa percepção. Sempre aproveitou bem seu tempo e durante o período que está em Manaus, concluiu, também, outro curso superior, de 2000 a 2004, foram 5 anos no curso de Direito, motivado por seu envolvimento nas questões sociais, movimentos sociais, movimentos sindicais. E pensa ser uma forma de dar uma contribuição maior para a sociedade.

Considerou então um investimento próprio, uma motivação pessoal. Na época, suas aulas no IFAM eram apenas de manhã e Miriti cursava Direito pela tarde, participou da primeira turma de Direito de uma universidade privada de Manaus. Disse ter feito um bom curso, apesar de muito difícil, porque se dividia entre trabalho e estudo. Obteve êxito na prova da OAB, o que considera uma vitória que agregou valor para si e para sua Licenciatura em Geografia.

Sua entrada no mestrado aconteceu quando percebeu que era importante fazer uma pós-graduação, foi a primeira seleção que tentou, apesar de já ter feito alguns projetos antes, mas sem dar continuidade ao processo de inscrição. Quando surgiu o mestrado no IFAM, em

2014, fez a inscrição, realizou as etapas do processo, mas não foi aprovado. No entanto, quando tentou pela segunda vez, em 2015/2, foi aprovado.

Antes do processo seletivo, já havia cursado uma disciplina como aluno especial, na disciplina Uso de Recursos Naturais Amazônicos no Ensino, com o professor Jean Dalmo, seu orientador, professora Lucilene e professor Edson Valente. Considerou que a disciplina seria muito próxima da Geografia, por isso resolveu cursá-la. Disse-nos que foram muitas as atividades, aulas práticas, aulas de campo e na avaliação cada professor fazia as suas questões, para Miriti foi muito difícil, era tudo muito intenso e haviam, também, atividades em equipe, mas conseguiu a aprovação.

Começou a cursar as outras disciplinas com a turma regular, uma após outra com um intervalo de uma semana entre elas, período que tinha muito o que fazer, muito o que ler e escrever. Não teve um intervalo de fato para descansar e, com grande dificuldade, relata que conseguiu concluir as disciplinas. Suas impressões do mestrado, ao fazer um balanço das atividades experienciadas:

Muita coisa muda, para melhor, nossa própria atitude como professor. Nós percebemos que com essas aulas que tivemos, com tudo que nós escrevemos e continuamos a escrever, é possível ver um grande avanço. Hoje eu tenho mais facilidade para escrever, eu tinha muita ideia, mas para colocar no papel era difícil. E as dificuldades que nós encontramos é justamente a questão do próprio tempo, todo mundo tem uma velocidade, por exemplo, eu tenho 59 anos. Com a idade muita coisa pesa nos nossos ombros. Um jovem, por exemplo, pode estudar a noite toda e nem sente sono, eu não...começo a estudar à noite e já chega o sono e eu tenho que dormir. A dificuldade também veio com a informática, com o computador. Eventualmente, você pode pedir ajuda de um colega ou outro, mas o básico é com você mesmo. No computador, aquilo que outros fazem em meia hora eu vou gastar três ou quatro horas para redigir [risos], tenho dificuldades para construir um gráfico. É difícil não ter esse domínio da Informática para conseguir avançar.

Miriti realçou suas experiências, o que lhe aconteceu (BONDÍA, 2002) no processo vivido, evidenciando que no saber experiencial não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem sentido do que nos acontece, o que torna tal saber particular, singular, subjetivo, contingente e pessoal. E quando conversávamos sobre a relação familiar e profissional, Miriti nos disse que não percebe muita influência por não viver com a família.

Eu sou solteiro, tenho duas filhas, mas são filhas sócio afetivas. Tive um relacionamento com a mãe delas, por volta de 2005. Nessa época, uma das minhas filhas tinha seis anos, acabei morando com a mãe dela, acho que menos de um ano, mas acabou, não deu certo. Mas criei afetividade por aquela

criança e hoje ela tem 18 anos, levei-a ao cartório e registrei como filha. A mãe dela tem outra filha de sete anos e pelo fato de eu ter tido a convivência com a mais velha, também tenho muito carinho pela mais nova. Resultado, são as duas filhas que eu tenho. Inclusive, me deram apoio nesse período que eu fiquei doente, 44 dias de licença médica, tive que fazer uma cirurgia. E o mal não foi pior porque eu já tinha feito a Qualificação, então, eu estava bastante adiantado, a previsão era que eu defenderia agora em dezembro, mas devido à doença, a nova data de defesa ficou para março do ano que vem. Resumindo, tenho essas duas filhas, que moram com a mãe. Quando moramos no mesmo teto às vezes fica difícil para estudar, mas como moramos separados, até que não tem muita interferência não.

Quanto ao sentido que Miriti atribui ao trabalho, como se enxerga na docência, em sua prática no instituto, relatou-nos que com o mestrado percebe que tem mais facilidade de fazer um trabalho adequado, mais eficiente. Desempenha um estudo na disciplina de Geografia por meio de uma prática didática para contribuir no processo de ensino e aprendizado a partir do ensino do solo. Ministra aulas expositivas dialogadas sobre o que é solo, formação do solo, processo erosivo, experimentos em laboratório e aulas práticas de campo envolvendo a temática.

Considera algo bastante volumoso e contou que sabia da importância de aulas de campo, mas não tinha a convicção de como fazer, o que já compreende atualmente. Pensa que o Ensino Tecnológico pode ser melhor a partir do momento em que o professor consegue fazer algo mais adequado. Por exemplo, diz que o laboratório pode ser usado de forma correta ou não. A forma inadequada que percebe é que, às vezes, o professor é considerado bom, mas é repetitivo, faz tudo do mesmo jeito há anos, ou seja, é apenas um mero transmissor de informação e não valoriza o aluno.

O professor tem que proporcionar uma liberdade em sala para que o aluno possa se descobrir no laboratório. Eu vejo que o Ensino Tecnológico tem esse aspecto importante, do professor que deve valorizar o que cada aluno tem e a partir daí, vai surgir uma boa ideia, uma iniciativa de construir. O professor tem que valorizar aquilo que o aluno já sabe, o que pode sair do aluno.

Como professor inserido no Ensino Tecnológico, Miriti entende que o docente deve desenvolver tanto compromisso para com o aluno, obrigação moral conforme Contreras (2002), quanto criar condições que permitirão ao aluno o desenvolvimento da motivação, crescimento da autoestima e o desafio de um empenho contínuo (DAY, 2001).

Sobre sua experiência e motivações para o futuro, acrescentou que pela contagem de tempo, tem seis anos de trabalho na SEDUC mais 22 anos no Instituto Federal. E com o mestrado sua perspectiva de futuro é continuar escrevendo.

Nós sabemos que tem muitos livros produzidos, mas quando você procura um trabalho de campo, por exemplo na Geografia, as referências são poucas. O que eu pretendo fazer é começar a produzir algo para outros professores, que possa contribuir com o trabalho em sala de aula. Penso também em escrever algo ligando a Geografia ao Direito. Minha ideia é escrever uma obra para professores conjugando Geografia e Cidadania. É importante para o professor, por exemplo, conhecer as leis de crimes ambientais, mostrar para os alunos que o Meio Ambiente, segundo a Constituição, é responsabilidade de todos. É importante colocar tudo isso junto à Geografia para o professor trabalhar em sala de aula. Por exemplo, a questão indígena, trabalhar em sala tanto a Constituição como a Lei Orgânica do Município, trazer também os Estatutos. Enfim é muito assunto que é possível trabalhar em sala envolvendo cidadania.

Miriti reconhece que, principalmente, para os professores do Estado e Município, como já trabalhou em ambas esferas, há muitos professores que trabalham pela manhã, tarde e noite e não têm tempo de preparar material de aula. Pensa que seria ótimo fazer um material com sugestões para o professor, cartilhas com roteiros de aula de campo especificamente, como forma de retorno à sociedade do que tem aprendido no mestrado.

Tal posicionamento nos remete à dimensão da profissionalidade docente (DAY, 2001) nomeada compromisso com a comunidade, que compreende a resolução de problemas e a consciência de estar inserido em um âmbito com um claro componente político, entendendo a educação para além da sala de aula, dotada de dimensão social e política. Assim a profissionalidade, segundo Day (2001), pode significar uma análise e uma forma de intervir nos problemas sociopolíticos que competem ao trabalho de ensinar.

Arumã

Uma palmeira que nos traz a delicadeza e a força no traçado das fibras tecidas nos utensílios do cotidiano de suas muitas histórias de vida e profissão, assim se constitui Arumã, nascida em Minas Gerais, morou no Espírito Santo e mais tarde se mudou para o Amazonas. Estudou o Ensino Fundamental, Médio e cursou Graduação em Design impulsionada, curiosamente, por seu pai. Especializou-se, trabalhou antes de ser professora no Instituto Federal, na esfera municipal e estadual, pôde ter sua própria empresa e considera que todas as experiências que vivenciou antes de ingressar no IFAM, bem como o encontro com o Mestrado, são de extrema relevância ao seu fazer docente.

Disse-nos ter voltado no tempo por um momento quando conversávamos sobre os caminhos que a levaram a ser professora:

Eu acho que eu não escolhi a docência, mas a docência que me escolheu. A minha história em sala de aula começou quando eu era menina. Eu tinha aquela coisa de brincar de escolinha, mas com treze anos eu comecei a dar aula particular, o que chamam de ser explicadora, dava aula para os meus vizinhos. Como uma aula de reforço. Eu tinha um vizinho, que na época, queria fazer a antiga Escola Técnica e eu dei aula para ele por um ano para fazer a prova. Mas eu não tinha nem noção de onde é que eu iria terminar ou, sei lá, estar hoje.

Fez bacharelado, tem formação em Design, que não considera ter relação direta com a docência. Mas na graduação, quando estava terminando, foi dar aula por intermédio de uma amiga que a impulsionou a trabalhar como professora. Visto que precisava trabalhar e como considerava que o emprego que se encaixava em seu perfil, começou a dar aulas em uma escola estadual para alunos de Ensino Médio. Concomitantemente, concluiu o curso universitário e foi trabalhar na prefeitura na área de Design.

Trabalhou em agência de design, mas após três anos de formada, seu contrato com a Prefeitura acabou, ficou desempregada e começou a enviar currículos para as escolas na tentativa de conseguir uma vaga. Morava em Vitória, Espírito Santo na época. Enviou seu currículo para várias escolas de curso técnico, porque como era apenas bacharel, sabia que não poderia dar aulas em universidades. Então foi chamada para uma entrevista e começou a dar aula, ficou dois anos nessa escola como professora, com a disciplina de Desenho Técnico. Em seguida, fez a prova de concurso para o IFAM, obteve êxito e foi trabalhar no campus de Presidente Figueiredo.

Apesar de eu já vir de uma escola de Educação Profissional, que era a escola onde eu trabalhava em Vitória, era só de cursos técnicos, mas é uma dinâmica completamente diferente no instituto. Por exemplo, lá eu dava aula para o subsequente que é o pós-médio, que preparava alunos para concursos. E quando eu cheguei no IFAM, fui dar aula para o Integrado, nível Médio. Então eu acho que o choque foi esse, porque eu vim de um ritmo e, aí, entrei em outro ritmo. E isso de você não saber muito..., mas plano de ensino e diário eu já sabia, porque já vinha dessa outra escola, mas você não é preparado quando entra no instituto.

Assim como Inajá, Arumã nos relatou a não preparação para iniciar a docência no instituto na modalidade EPT, percebe que houve um impacto na chegada ao IFAM. Falamos também de seus desafios e necessidades de trabalhar no campus de Presidente Figueiredo.

O maior desafio para mim foi entender a realidade de Manaus e do Amazonas, porque eu vim do Espírito Santo. E aqui é uma outra cultura, outro ritmo. Então, meu primeiro desafio foi me encontrar em Presidente Figueiredo. Eu estava lidando com alunos de outra faixa etária, com outra realidade, muitas vezes são alunos da zona rural, dos ramais. Então, eu precisei de um tempo para processar tudo isso, porque no primeiro momento eu não entendia o que estava acontecendo. Quando eu cheguei, entrei em sala de aula e comecei o cotidiano com os alunos...pensei: “espera, aqui é diferente, é outro ritmo, são outros alunos, é outra realidade”. Comecei a perceber a docência de outra maneira também, porque em uma escola particular em você prepara alunos para concurso, para o mercado de trabalho, você tem que treinar o aluno, você está ali para treinar o aluno, você tem que passar o conteúdo e estar apto a desenvolver aquela atividade ali, mas não é como no instituto, que você faz uma reflexão, pensa, discute com o aluno.

Arumã nos revelou que já pensava sobre ir além de educar apenas para o trabalho em uma instituição de EPT, já fazia essa reflexão, mas nos contou que é óbvio que com o mestrado sua concepção mudou ainda mais. Cabe analisarmos que Bacaba pensa de outra forma, entende que deve preparar o aluno para ser profissional, para o mercado de trabalho, o que se diferencia da concepção de Inajá e Arumã que embora também possuem formação de bacharéis, mas pensam que o aluno, prioritariamente, deve ser formado para a vida.

Considera o mestrado como um caminho que já vinha acontecendo, desde quando se inquietava com a realidade do campus em Presidente Figueiredo, com os cursos oferecidos lá, que não tinham relação com a localidade. Arumã mostra a mesma inquietação de Bacaba, de como o mercado vai comportar os alunos que são formados no instituto. Por exemplo, havia um curso de Mecânica, mas não tinha onde o aluno estagiar. Isso era algo que a incomodava. Então a ida para o mestrado é parte desse caminho que ela estava seguindo e talvez se tivesse ido antes, não teria alcançado o nível de pensamento, de reflexão que considera ter hoje.

Eu tive que viver algumas experiências anteriores para poder hoje, talvez, refletir no nível que eu estou refletindo. E depois, eu vim para o campus CMDI, que é outra realidade. Os alunos aqui têm outra realidade, tive que perceber os alunos no CMDI e também trabalhar com graduação, eu tive que sair do nível Médio Técnico e ir também para a graduação. Em um mesmo semestre dei aula no EJA, Médio Integrado e Subsequente, e graduação. Foi outro desafio...é muito difícil, porque você não é uma tomada, um interruptor que você desliga. É muito complicado, eu acho que em alguns momentos nós não conseguimos passar de um nível para o outro, por exemplo, às vezes, você entra na graduação pensando que está falando com o EJA, até porque coincide de ter aula no mesmo dia. Então, você não tem nem tempo de aliviar seu pensamento, chegar em casa refletir sobre aquela aula, pegar o material da próxima e pensar sobre elas. Você sai de uma aula, depois de algumas horas você já está em outro nível. Isso também é um grande desafio. Eu não sei qual é a fórmula, mas acho que está muito no campo da reflexão. Hoje eu penso muito que você tem que compreender a dinâmica da turma. Por exemplo, minha experiência com o EJA foi muito bacana, eu entrei em uma turma com sete alunos, primeiro que eles não se falavam, estavam em dois grupos.

Eram sete alunos que não se falavam na sala, estavam divididos e muito desmotivados. Arumã teve, então, que motivar os alunos a se envolverem com a disciplina e se envolverem uns com os outros, porque não era possível trabalhar em grupo com uma turma dividida. Disse ter sido um grande desafio trabalhar com eles. O que realça o compromisso do professor (CONTRERAS, 2002) situado acima de qualquer obrigação contratual com a instituição da qual faz parte, evidenciando aspectos que concorrem para seu desenvolvimento profissional, por exemplo: vontade de ir além do cumprimento do dever, relacionamento com os colegas e satisfação com os sucessos específicos dos alunos (DAY, 2001).

Eu tentei me aproximar dos alunos, acho que talvez mostrar o meu lado mais humano, mais solidário, do que talvez o meu lado acadêmico. Foi assim... e foi muito legal, porque eles cresceram muito, no final do semestre, eu vi o resultado da disciplina, o trabalho ficou muito bom. Hoje eu encontro com eles, que estão formando agora e vejo que aquela indiferença acabou. É óbvio que não foi só o meu trabalho, mas sim o trabalho de um grupo de professores que se preocupou com a turma, porque havia outros colegas que tinham a mesma percepção e nós conversávamos a respeito da turma nos corredores, nos intervalos. Mas eu acho que esse é talvez o grande desafio de se trabalhar no instituto, trabalhar com vários níveis. E você não é preparado para isso, acho que outra coisa que nós temos sentido ali na graduação, é que nós temos cinco cursos e diferente de uma universidade, em que você é professor do curso, de Engenharia, por exemplo, ali não...você é professor da graduação. Então, os professores não se identificam com curso nenhum. Quando você fala assim: “vamos reunir os professores da Engenharia”, termina que você não sabe se é ou não professor, às vezes você deu aula no primeiro período e depois não viu mais a turma e não é da área técnica, então, esse é outro nó que temos lá.

Quando conversamos sobre como Arumã se enxerga nessa instituição, sendo professora de tantos níveis e como é sua relação, tanto com seus colegas quanto com seus alunos, ela nos reportou a uma situação daquele dia mesmo:

Hoje, nós estávamos no conselho de classe e eu fiquei olhando e pensando nisso...nós estávamos falando de alguns alunos que têm dificuldade e que não conseguem aprender, talvez por algum problema cognitivo. Então, alguns colegas disseram: “vamos acompanhar de perto esses alunos, vamos ajudar”, enquanto outros disseram: “não, mas eu não levo jeito para isso”. Aí, eu fiquei pensando nisso, que formação nós temos? Como é que esse professor se vê? O que ele pensa sobre ser professor? O que ele acha que é ser professor, qual a concepção dele? Porque pelo menos eu penso que ser professor é muito mais do que passar matéria no quadro, chegar na sala e passar conteúdo. Ser professor é muito mais abrangente, eu me vejo assim. Eu acho que nós temos um papel que ultrapassa, mesmo sendo professor da Educação profissional, nós temos um papel social. Porque querendo ou não, os alunos mesmo de graduação vão se mirar em alguém, vão se espelhar em alguém e o professor é o alguém de destaque.

Arumã lembra que normalmente no IFAM se tem um professor para em média 40 alunos, às vezes o professor não lembra do aluno, mas o aluno não vai esquecer aquele professor. E diz que pensa muito nisso, no que faz dentro e fora de sala no instituto que possa trazer um impacto para seus alunos e que tipo de impacto seria esse, se positivo ou negativo. O que ultrapassa a sala de aula. Completa que o conteúdo talvez seja a menor parte no ser professor, porque conteúdo, informação, o aluno pode consultar em sites da internet, livros ou revistas. Mas realça a importância de ser um exemplo para seu aluno, de se constituir em um elo (JOSSO, 2006) na vida do alunado.

Miriti evidenciou em seu discurso, assim como Arumã, que a internet talvez tenha tomado a frente em passar informações aos alunos e ao professor deve caber a função de educar, de agir como mediador no processo de aprendizado. Trata-se, então, do professor utilizar o saber-fazer e os conhecimentos experienciais nas aprendizagens (JOSSO, 2002).

Ao falar que acha que mesmo sendo professor da Educação Profissional, tem um papel social, traz à tona a forma como enxerga a preparação para o trabalho,

Quando eu cheguei no instituto eu pensava no mercado de trabalho e a vivência, o cotidiano no instituto me fez enxergar o mundo do trabalho e a ida para o mestrado reafirmou, confirmou esse meu pensamento e ampliou tudo. Eu falo isso para os alunos...o fazer, o desenvolver uma atividade, daqui a pouco as máquinas vão fazer, mas o pensar, o refletir, a tomada de decisão, as implicações que isso tem, só um ser humano vai poder fazer. E eu quero

sempre colocar essa pulguinha atrás da orelha deles, vocês estão aqui para aprender a fazer o que? Só repetir uma ação ou para pensar essa ação, refletir sobre os impactos dessa ação? Eu penso muito nisso.

Arumã realçou a motivação que ultrapassa o dever de ensinar conteúdos (DAY, 2001) como professora e suscitou, em seu discurso, a função social que seu trabalho docente reflete no cotidiano de alunos inseridos no instituto. Revelando, assim, o contexto da Educação Profissional e Tecnológica que ressalta a demanda do mundo do trabalho por indivíduos verdadeiramente autônomos, capazes de atuar e promover transformação social, guiados por professores aptos a promover esse processo (MOURA, 2008).

Ao conversar sobre os investimentos, não apenas financeiros, mas pessoais, além de escolhas, renúncias, motivações que teve ao longo de sua trajetória, disse-nos:

O que meu pai me ensinou foi a trabalhar [voz um pouco trêmula, respirou profundamente e continuou], algo que eu via nele e que eu vejo em mim é que ele tinha a questão de ser produtivo e de ser proativo, era algo que lhe motivava e é algo que me motiva também. E, então...às vezes...hoje mesmo eu estava muito cansada, muito cansada, eu cheguei do médico e pensei: “eu não vou no conselho de classe, eu vou faltar hoje”. Aí...eu deitei na cama e falei: “não, espera aí...eu não posso, porque...eu comecei a pensar nos alunos, sobre os quais eu precisava falar, conversar com os outros colegas, então, vou levantar e vou”. Então, ao longo da vida, existem momentos que você precisa fazer renúncias, acho que muito mais do que comprar livros e fazer cursos, estudar...eu acho que são essas pequenas coisas que representam os grandes investimentos que você faz, quando você se preocupa...então, se eu vejo que o aluno está faltando muito, se vejo que o aluno não está fazendo as atividades, eu vou ao setor pedagógico, pergunto à pedagoga se ela tem algo a dizer sobre o aluno. Então, esse talvez seja, no trabalho, um investimento que você tenha que fazer, é estar preocupado com o outro.

A motivação inicial de seu desenvolvimento profissional deriva do elo (JOSSO, 2006) representado por seu pai, que gerou influência direta em sua constituição identitária. Além da motivação para o trabalho revelada por meio do compromisso e responsabilidade com a profissão (DAY, 2001), o que implica nas pequenas motivações que se tem, na responsabilidade que toma para si (IMBERNÓN, 2014), nas experiências que enfrenta na docência e na construção de sentido por meio do que passa a experienciar, do que lhe acontece (BONDÍA, 2002).

Quanto à questão familiar, passou por situações quando estava em Presidente Figueiredo, por exemplo, que considera ter sido de muita renúncia. Assumiu uma função que exigia mais dedicação, tinha que ficar durante três turnos no campus e abrir mão de estar em casa com seu filho ainda bebê, tinha um ano na época. Considera ter sido um grande

investimento que fez, renunciar ao convívio com o filho, se sentindo por vezes culpada por não estar presente em casa, mas ao mesmo tempo, sabendo que tinha um compromisso profissional que precisava ser cumprido.

Não pôde deixar o trabalho, pois tinham ações e decisões, das quais era necessário participar e não poderia dizer que não iria ao campus. Disse-nos que ficava se dividindo entre casa e trabalho. Contou-nos que sempre buscou atualizar seus conhecimentos, lendo, comprando livros, fazendo cursos, mas pensa que esses outros sejam talvez os maiores investimentos que fez, de abrir mão de estar com seu filho ou de estar preocupada com os alunos. Relatou-nos que, agora, em tempos de aplicativos de mensagens por celulares, é uma professora que os alunos têm seu contato, às vezes, no final de semana lhe enviam mensagens, mas esclareceu que há um limite combinado em sala de aula previamente. Tenta atender e estar junto aos alunos.

No final do semestre eu sempre falo para eles: “obrigada por tudo que vocês me ensinaram”. E tem alunos que se assustam quando eu falo isso, porque acho que ainda existe aquela cultura de que o aluno não vai ensinar nada para o professor, mas eu acho que é uma grande mentira e que nós aprendemos muito mais que os alunos. No final do semestre, o seu crescimento, o tanto de coisas que você aprendeu como professora foi muito maior.

Ao falar de suas influências, não só de alunos que lhe ensinam ao fim de um semestre, revelou-nos que a pessoa que mais lhe influenciou foi seu pai, porque ele não queria que Arumã estudasse. Então, quando ela terminou a antiga oitava série, hoje nono ano, ele lhe disse: “Para que você vai fazer o segundo grau? Você tem que trabalhar! ” Seu pai queria que trabalhasse e o fato de ele não querer que ela estudasse, era um estímulo para que ela insistisse em estudar. Quanto mais ele se opunha, mais ela queria estudar.

Eu pensava: “Não...eu preciso estudar! ”. Então, eu acho que talvez ele seja afigura mais forte com relação a isso. E eu fiz o segundo grau...quando eu estava no terceiro ano, ele me chamou para trabalhar, ele abriu uma loja, me deu uma sociedade, tudo para que eu largasse o estudo. E eu fico pensando: “gente...o papai não existia” [risos]. Fez isso para que eu deixasse de estudar, ele falava: “Para que você vai estudar? Você já tem sua loja”. E a mamãe falou: “não...você precisa estudar! ”. E ficou naquela né...e eu falei: “não...vou terminar né”. E um dia ela me chamou e falou: “olha, você já está terminando, já está no terceiro ano, você sempre teve notas boas, pelo menos termina o segundo grau, depois que você terminar o segundo grau, se você não quiser ir adiante, eu não vou falar mais nada”. Daí eu terminei, quis fazer a faculdade no outro ano e foi aquela briga, porque ele não queria. Eu fazia cursinho, mas não conseguia fazer as aulas direito, então eu não passei no vestibular esse ano. Resolvi ser seminarista, porque já que ele não me deixava fazer

faculdade, eu ia fazer Seminário...e Seminário ele não iria poder me impedir de fazer, esse era o meu pensamento [risos]. Fiz seis meses de Seminário, porque eu queria ser bacharel em Teologia, mas eu não queria não...na verdade eu queria era provocá-lo [risos].

Contou-nos que saiu do Seminário e ficou seis anos sem estudar, quando um dia, uma amiga ao conversar com Arumã, falou: “ por que você não volta a estudar? ”. Então, resolveu fazer a inscrição para o vestibular, disse que fez por fazer e passou. Mas confirma que seu pai foi a figura que lhe impulsionou, foi o elo (JOSSO, 2006) mais alicerçador de seu desenvolvimento profissional (DAY, 2001).

E quando eu estava na faculdade, quando terminei e fui defender a monografia, ele quis assistir. E ali, ele entendeu o sentido de estudar, o que isso significava para mim, a importância. Ele foi na defesa, me apoiou, achou o máximo, ficou super feliz e foi muito bom. Dois anos depois, ele morreu e nesses dois anos entre eu ter me formado e ele ter morrido...esses dois anos...foram os dois anos que nós conversamos e estudamos muito em casa. Ele já estava doente, então, ele não tinha como frequentar a escola, mas nós estudávamos em casa, eu e ele. Foi muito legal, porque ao invés de ele me despertar para o estudo, eu que o despertei. E eu acho que foi ele a figura.

Após a faculdade, com intuito de dar continuidade ao seu processo de construção profissional, fez duas especializações, uma em Administração e Marketing e depois, quando já estava em Manaus, uma em Educação à Distância, oferecida pela UFSC que considera ter sido muito boa, pelo intercâmbio com pessoas de todo Brasil, com as quais participou de três encontros presenciais em que pôde trocar experiências, o que lhe impulsionou para pensar em cursar um mestrado.

Realizou a prova de mestrado duas vezes. Na primeira vez, fez o processo até a entrevista, passou por todas as etapas iniciais, mas quando foi classificada para a entrevista, não obteve êxito. Depois conversou com colegas, que são professores e já têm doutorado, para tentar entender como funcionava o mecanismo do mestrado e, conversando com eles, conseguiu amadurecer suas concepções, o que lhe conduziu a uma segunda tentativa, na qual participou de todas as etapas e foi aprovada.

Passei e não sabia de nada né [risos]. Na chegada, a primeira disciplina foi decisiva, porque te dá um repensar realmente. Primeiro se é aquilo mesmo que você quer e, segundo, te faz ver o mundo a sua volta de outra maneira. Eu acho que foi muito bacana sim. E tem essa questão toda de que é muito desgastante, muito cansativo, ainda mais eu que tenho criança pequena. Você tem que readaptar sua vida toda, a rotina toda mudou dentro de casa, do trabalho mudou. Continuei trabalhando, mas eu pedi redução de carga horária,

fiquei com dez horas, que ainda é uma quantidade relevante, não é muito, mas também não é tão pouquinho. Continuei em sala de aula e o processo de estar em sala de aula e estar no mestrado é muito rico, apesar de ser cansativo, é muito bom, porque todo dia você reflete e você ressignifica a sua docência. Todo dia você vai ao mestrado, assiste a aula, faz uma leitura, escreve e quando você entra em sala de aula de noite você já está pensando diferente, você já está vendo diferente, você já está diferente, não tem como você não estar diferente. Eu acho que tem sido uma experiência única.

Percebemos em seu discurso o professor em formação, influenciado pelas ideias do mestrado e pela reflexão das ações e adesões (NÓVOA, 2007) percebidas frente a sua prática em sala, sendo a ele permitido transformar-se, ressignificar-se, tornar-se, ver-se, referenciar-se, refletir-se, emancipar-se, diferenciar-se, autonomizar-se e autoformar-se (PINEAU, 2010), constituindo sua identidade no cotidiano da formação e da docência.

Após disciplinas, painel, mostra e seminário de projetos no MPET, já é possível refletir o processo à medida que Arumã percebe sua necessidade em repensar a docência:

Eu acho que você pensar o viés social da docência! Porque aquela observação que eu fiz de apesar de ser professora da Educação Profissional é justamente, porque a maioria dos professores que estão no instituto ou pelo menos os que eu vejo que são da Educação Profissional não pensam o viés social da educação, não pensam o mundo do trabalho, porque não foram preparados para isso. Como nós não temos uma preparação, você já sai do mercado de trabalho para o instituto, você traz o mercado de trabalho para o instituto. Então o Engenheiro saiu da indústria e vem para o instituto, o que ele vai trazer para cá? Ele vai trazer a indústria, então, ele vai talvez repetir o modelo que viveu lá. Eu acho que esse repensar o viés social da docência, o lado humano da docência é muito importante. O fato de você pensar que está contribuindo para a formação de pessoas, de seres humanos, que muito mais que profissionais...eu sempre penso isso, eu sou profissional oito horas por dia, mas...e as outras horas? O que eu sou? Eu penso muito nisso, você está ali e está preparando o aluno, mas ele não vai ser só aquilo ali e eu penso que muitos alunos do Integrado, principalmente, eles vão fazer de você que é o professor, um exemplo ou a inspiração dele. Dependendo da situação que ele tem em casa, ele vai negar a casa e vai se apropriar de você enquanto exemplo. E talvez com uma palavra errada você pode desestimular o aluno ou até destruir os sonhos dele, só porque você falou uma palavra sem pensar. Então, eu me preocupo muito com isso.

A partir de sua compreensão acerca da docência, Arumã realça o professor como elo (JOSSO, 2006) no processo formativo do aluno e deixa evidente que um dos sentidos que atribui ao trabalho desempenhado pode ser o papel social da docência, a responsabilidade e o compromisso (CONTRERAS, 2002) de formação que o professor desenvolve na relação com seus alunos.

Arumã nos disse que o mestrado contribuiu muito para refletir. E no conselho de classe, no instituto, tudo ficou muito latente para si, quando ouviu colegas falando que os alunos não tinham jeito, que não aprendem, fato que a fez pensar: “será que o aluno não aprende ou será que o professor é que não está sabendo ensinar? Não está sabendo ajudar esse aluno? ”. Assim, chegou à conclusão de que o mestrado foi um divisor de águas em sua vida, com as contribuições das disciplinas e de todo o processo que pôde viver até então. Fato também percebido por Bacaba, Inajá, Miriti e Açai. E quando falamos sobre como Arumã enxerga os sentidos do trabalho para si, ela nos respondeu:

Eu acho que o sentido do trabalho está muito atrelado a tudo isso que eu falei, muito mais do que passar um conhecimento técnico e específico para os meus alunos, o que eu quero realmente é que eles tenham a capacidade de pensar, de refletir, de fazer críticas, de tomar decisões, de fazer escolhas, mas é óbvio que nem sempre vão ser as escolhas corretas, mas que sejam conscientes, porque eu acho que a escola tem uma parcela nessa formação, a família tem também um grande papel, mas a escola tem uma responsabilidade fundamental na formação. Então, quando eu penso no ser docente, ser professor, para mim está muito atrelado a isso.

Quanto ao seu processo de busca por formação, de desenvolvimento profissional (DAY, 2001) na educação, considera que:

Depois do mestrado, acho que o doutorado talvez seja o próximo passo né. É algo que eu já penso, já vislumbro, o doutorado, não sei se vai ser logo de imediato, se eu vou parar, eu não queria parar, eu queria poder prosseguir, a vida também tem os caminhos dela, então, eu penso muito nisso e acho que não é só o mestrado e o doutorado, eu acho que a formação vai vindo de outras maneiras também. Creio que o grande ganho são os projetos que você vai se envolvendo, ou seja, aquilo que você promove, o teu retorno para a sociedade. Uma das coisas mais bacanas que aconteceu foi que eu comecei a orientar alunos, nunca tinha orientado alunos de graduação. Então, esse ano foi o primeiro ano que eu orientei. Acho que esse talvez foi um ganho e é um desafio legal. Eu tinha duas orientandas, uma trancou a graduação para ter bebê e com a outra aluna, nós conseguimos caminhar, aprovar um artigo e você vê o seu aluno ir para um evento e apresentar é muito bom, é uma sensação muito especial, acho que é mais gratificante do que se fosse eu indo. Porque você pensa: “eu contribuí para essa formação, para esse passo que essa pessoa está dando”. E eu penso muito nisso, nos projetos e pela minha própria característica...eu sempre estive envolvida com a área de gestão e talvez esse seja um caminho, porque isso é algo que me preocupa muito, a maioria dos gestores não são especialistas em gestão.

Arumã pensa que talvez a área de gestão seja um caminho que vá seguir em sua carreira, embora não saiba se vai enveredar por essa opção. Foi algo que conversou com sua orientadora, a qual falou: “você tem muito mais o perfil de gestora do que de pesquisadora”.

Mas Arumã tem consciência de que precisa desenvolver um perfil de pesquisadora, que esse viés tem que aflorar, principalmente por considerar o professor muito cobrado, já que muito mais que de gestão, o instituto é de pesquisa.

Eu acho que essa formação que eu estou tendo, esse passo do mestrado...se lá no futuro eu for caminhar para a gestão...ele é essencial, porque quisera que os gestores tivessem essa experiência que nós estamos tendo de formação para a docência, porque o que se vê é que...nós temos a felicidade de ter bons gestores...eu não reclamo, nós temos bons gestores, que escutam, porque tem gestor que não te ouve. Mas você vê muita gente que não está apto, embora tenha boa vontade, disponibilidade, mas não está preparado e a escola sofre, reflete lá na sala de aula, reflete lá na ponta, que é o aluno...não sei...não sei o que o futuro me reserva [risos].

Arumã tem 10 anos de docência, sendo que no instituto está há 5 anos e ressaltou que ter trabalhado antes de ser professora do IFAM foi muito importante para constituir a professora que é hoje.

Eu acho que o trabalho...ter trabalhado em empresas e em outras repartições públicas antes do instituto...foi bacana, porque você vê que é uma faca de dois gumes...o professor da Educação Profissional tem que ter a formação para a docência e ao mesmo tempo tem que ter o conhecimento prático, da indústria, do setor econômico, que movimenta o trabalho, eu acho que isso foi muito importante para mim e eu tive a felicidade de ter a minha própria empresa, de ter sido funcionária de empresa, de ter sido estagiária em empresa, de ter sido servidora na esfera municipal e estadual, que são âmbitos diferentes. Então, eu acho que todo esse caminho foi muito válido e hoje em dia ele é parte da professora, da docente que eu sou. Não tem como me dissociar disso, não tem como apagar esse período. Isso está na minha identidade e eu acho que na maneira como eu ministro aula, na maneira como eu me comunico com os alunos e acho que tem uma gotinha de cada parte da minha vida ali, quando eu estou em sala de aula. E é um dos momentos que eu fico mais feliz...é quando eu estou em sala de aula. [risos] Me sinto muito feliz, realizada com o que eu faço...posso estar cansada como for, eu às vezes vou me arrastando, mas quando eu chego na sala, a minha pilha renova e é muito bom, muito bacana. Me sinto muito realizada com a minha profissão. Acho que é uma dádiva não é!? Você poder fazer o que gosta e gostar do que você faz.

Arumã, bem como Bacaba, Inajá, Miriti e Açaí, evidencia o trabalho como satisfação, o traçado da vida, a identidade, vai se constituindo no traçado da vida, nas experiências do fazer e ser docente, na maneira como a professora se expressa no ser individual e no modo como deixa aflorar a lembrança (LIMA, 2005), que expressa uma construção humana e, portanto, traz em si a marca do autor, das leituras, das crenças pessoais e do projeto de dizer, do acontecimento discursivo (FOUCAULT, 1997).

Açaí

Os encantos da poesia do fruto que chora, que nos fez emocionar e alvoroçar com toda sua energia conforme dizem ser própria de alguém que consegue movimentar do porteiro ao marceneiro no instituto, assim se apresenta Açaí, nascida em uma ilha no Amazonas. Mudou-se ainda criança para Manaus, estudou o Ensino Fundamental na Escola General Sampaio e, seguindo o sonho de ser professora, iniciou o magistério no Instituto de Educação do Amazonas (IEA), mas resolveu morar em Porto Velho, onde continuou o magistério na Escola Estadual Carmela Dutra. Em seguida, mudou-se para Ariquemes, onde concluiu o magistério na Escola Heitor Villa Lobos.

Trabalhou em escolas no estado de Rondônia durante 24 anos, quando decidiu retornar à Manaus e ser professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, onde pôde legitimar, por meio do mestrado, a experiência já consolidada em sua profissão de se vestir de poesia para ensinar língua portuguesa. Ao pedir que Açaí nos contasse um pouco de sua trajetória, dos caminhos, das pessoas e lugares que a conduziram a ser professora, iniciou dizendo:

Bom, o desejo de ser professora eu costumo dizer que nasceu desde a barriga da minha mãe, porque com seis anos eu já dava aula, eu já lecionava para as bonecas, para as árvores...eu morava em uma ilha, no meio do rio Solimões, no Médio Solimões, entre Codajás e Coari. E as ilhas são isoladas, porque tudo acontece na costa, os barcos, os regatões, o padre quando vem fazer o batizado das crianças ou vem fazer um casamento, é tudo na costa. Para você ter acesso ao lazer, à religião, tem que atravessar o rio, tem que sair da ilha, cruzar o rio e ir à costa para participar dos eventos. Então, eu morava nessa ilha de forma isolada e eu já dava aula, já ensinava...e o meu irmão teve muita dificuldade em aprender a ler. Meu pai um dia foi de canoa para Coari, que ele passava um dia remando para chegar dessa ilha em frente ao Camará até Coari e, na volta, trouxe duas cartilhas de ABC e folhetos de cordel.

Com três meses de estudo, como sua mãe lhe contou, Açaí já lia tudo, mas seu irmão ainda não, por isso seu papai batia muito nele, conforme relatou. Um dia seu pai bateu tanto que ficaram as marcas nas costas da criança e diante da dor que o seu irmão sofria, Açaí afirmou que resolveu ensiná-lo a ler.

Eu não sei se vai ter relevância falar isso[pausa], mas esse meu irmão é negro, porque meus pais nunca tiveram filhos, todos os filhos que eles criaram foram adotivos. Então, minha mãe chegava em uma casa em que uma mulher tivesse muitos filhos, e dizia: “me dê essa criança para eu criar?” E a mãe dava...e com isso eles criaram 14 filhos. E o meu irmão era bem negro e tinha menino

de todo jeito, tinha menino negro, menino de cabelo liso, enrolado, de todo jeito...e esse meu irmão é negro, não sei se isso tem alguma influência, mas ele apanhava muito, como um escravo apanhava...para estudar, para aprender a ler e eu sentia muita pena de vê-lo apanhando, então, um dia eu disse: “meu irmão eu vou lhe ensinar a ler”. E eu com seis anos de idade ensinei o meu irmão a ler e quando viemos para Manaus, eu fui estudar naquelas escolas em que as pessoas faziam uma mesa grande de madeira, uns bancos compridos e davam aula particular em casa. E foi lá que eu levei o meu primeiro bolo de palmatória, porque eu errei a tabuada...eu era muito boa em recitar poemas, em escrever, em ler, mas eu era muito ruim na Matemática. Então, eu levei meu primeiro bolo de palmatória e, para mim, isso foi algo muito marcante.

Em Manaus, disse-nos que moravam no Beco da Paciência. Açaí lembra que quando passava pela frente da Escola Técnica, dizia: “um dia vou lecionar aqui! ”. Então, já era um sonho lecionar no Instituto. Em Manaus o transporte era muito difícil, conforme relatou, andavam a pé do bairro de Educandos para a Praça 14, todos os dias, para uma escolinha estadual muito precária, de chão batido com uns bancos de madeira, lembra-se ainda do nome de sua primeira professora Alta de Paiva Nascimento, momento que frisou ter ficado muito marcado em sua memória.

Nessa época, relatou-nos que surgia em Manaus, o bairro da Compensa, o qual já havia sido invadido e as pessoas já estavam revendendo suas casas. Sua mãe falou para seu pai: “vamos lá neném, quem sabe não conseguimos um terreninho”. Seu pai falou: “vou nada...eu saí lá do interior, do meio da mata e vou morar no meio da mata aqui também? ”. Açaí nos contou que o bairro da Compensa tinha muita mata. Mas sua mãe insistiu até que eles foram procurar uma casa. Viram uma casinha toda de palha, cercada de compensado e escrito com carvão: “Vende-se”. Ela perguntou quanto custava, disseram-lhe, eles tinham o dinheiro, negociaram e compraram.

Isso já foi em 1970, quando o Brasil ganhou a Copa de 70, nós já estávamos na nossa casinha coberta de palha. E eu lembro que ouvi um barulho grande de fogos que foi como um trovão no ar e eu não sabia o que era...muito mais tarde eu descobri que era o Brasil que tinha ganhado a Copa do Mundo. Mamãe dizia: “a única coisa que podemos deixar, neném, para esses meninos é o estudo, vamos atrás de estudo para esses meninos”. Até então, eu só tinha estudado nos bancos de madeira improvisados. Meu pai ao conversar com uma vizinha [pausa]...ela disse: “olha, tem uma escola, General Sampaio, que o diretor é meu conterrâneo e eu posso lhe indicar para você ir lá atrás de vaga para os seus filhos. E o papai foi, lá na escola General Sampaio... o tenente Nierlando que era o diretor e conterrâneo dessa vizinha nossa. E o papai chegou lá, contou nossa história e conseguiu uma vaga para mim e outra para o meu irmão.

Foi, então, estudar na escola General Sampaio, uma escola construída no auge da Ditadura Militar, 1970, em que os militares tinham regalias, segundo Açaí, inclusive de ter uma escola para seus filhos no interior do quartel. A escola General Sampaio ficava no interior do quartel do 1º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS). Começaram a estudar, conforme nos relatou, já que seu pai conseguiu vaga para Açaí e seu irmão. Ela conta que entrava para estudar, mas seu irmão ficava do lado de fora, nunca mais seu irmão frequentou nenhuma escola, tudo o que ele aprendeu foi com Açaí quando tinha seis anos de idade como professora dele. Ele ficava do lado de fora, jogando bolinha de gude, esperando-a e, quando terminava a aula, ele a acompanhava. Açaí disse nunca teve coragem de dizer para seus pais, porque eles iriam castigar o irmão.

Na escola, foi matriculada na primeira série, mas a professora descobriu que ela já sabia ler, pois quando escrevia as frases no quadro, Açaí lia tudo. Naquela época, havia o parecer da Secretaria Estadual de Educação, em que se fazia uma avaliação para avanço de série. Açaí fez e passou para a segunda série. Em seu histórico escolar, está escrito: “Promoção Automática”. Foi para a segunda série estudar com a professora Maria Georgina Libório Barroso, uma professora que hoje Açaí entende como à frente de seu tempo, era jovem, recém-casada, trabalhava com produção textual e toda semana fazia os alunos escreverem um texto.

Quando ia ler os textos lá na frente, ela deixava o meu por último, porque era o melhor, era aquele que ia impactar a turma, então, ela lia por último, ela dramatizava as histórias, pedia para nós dramatizarmos e tantas outras coisas...que ela fazia...um dia ela pegou uma folha de papel sulfite, dobrou, fez uma caixinha e pediu para cada um fazer também e disse: “levem e amanhã tragam a caixinha transformada em uma casa”, os colegas fizeram as caixinhas só desenhadas, um negócio muito feio... e eu, morava na Compensa, em que as casas eram cobertas só de palha ou com alumínio, um alumínio ondulado, que era muito comum na década de 70 e no sol quente aquelas casas brilhavam com o reflexo do sol. E eu peguei um pedaço de papel laminado, imitei a folha do telhado de alumínio, colei de um lado e do outro do quadradinho... na frente eu peguei uma cartolinha e fiz uma faixa tipo um degrau, parecido com as casas antigas ali da Rua Epaminondas no centro de Manaus, são três níveis...então, eu colei aquela frente, fiz janelas e no outro dia quando eu cheguei lá, a minha casa era a mais criativa de todas, a mais bonita de todas[risos]. E o que estava em jogo era a criatividade né...não precisava a professora dizer, ela só disse leve e traga transformado em uma casa. Fiz uma janelinha vazada, coloquei cortina por dentro e fiz uma faixa, resultado, a minha casa era a mais criativa de todas.

A professora Georgina se constituiu em referência à Açaí, em elo (JOSSO, 2006), que lhe inspirou, porque mais a frente Açaí conta que como professora, em sua prática na sala de aula, se veste de poesia, faz produções textuais, dramatiza, foge da gramática e do que chama

de gramatiquice, fazendo alusão ao tradicional culto ao vernáculo que alguns colegas, também professores de língua Portuguesa, promovem.

Outra memória de sua professora veio de uma aula de Ciências, em que nos disse ter aprendido sobre as partes de uma planta: raízes, caule, folhas, flores, frutos e foi solicitado que os alunos trouxessem uma planta completa. No bairro da Compensa, como retratou Açaí, não era difícil achar uma planta, havia muita mata, tudo muito rústico, ainda tinham igarapés de água limpa e clara, mas que hoje são esgotos. Lembra que era um igarapé de água transparente, onde sua mãe lavava roupas e Açaí com seus irmãos se banhavam.

A professora pediu uma planta completa, uns alunos levaram galhos de planta, outros levaram só a raiz e o caule. Mas Açaí disse que saiu procurando e encontrou uma arvorezinha de flores amarelas, conhecida popularmente como “remela de cachorro”, não sabe quem colocou esse nome, mas a chamavam assim. Encontrou aquela planta, arrancou pela raiz e levou. Todos chegaram à escola com suas plantas incompletas, mas Açaí tinha uma planta completa.

Então eu acho que o me fazia ficar encantada era a afinidade que eu tinha com a professora... quando ela falava da enchente do rio, levava jornal, mostrava a cobra grande que engoliu o boi, mostrava o que era uma maromba no interior...então, era uma professora diferente, que explicava, levava recursos da época, figuras, jornais, contextualizava o ensino...Eu só tirava notas boas, enquanto os outros meninos só tiravam notas baixas e ela fez o seguinte comentário: “gente, eu não acredito que depois de tudo que eu expliquei, de tudo que eu trouxe e mostrei para vocês, ainda teve gente que errou?”

O modo como a professora conduzia suas aulas foi um exemplo para o fazer docente de Açaí, para constituir o modo como ensina, já que a maneira de ensinar (NÓVOA, 2007) está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. Contou-nos que as melhores notas no momento da entrega de boletins eram as dela, o que deixava seu pai bastante orgulhoso.

Meu pai vendia uma comida chamada cascalho, que eu acho que já está extinta, porque não é aquele cascalho do triângulo não, o cascalho era a massa do pastel frita, que é um “quadrão”. E ele tinha um tabuleiro de madeira, onde colocava aqueles cascalhos bem arrumadinhos e ia vender na porta da minha escola. Ele tinha uma sandália havaiana que já tinha um buraco no calcanhar e eu nunca tive vergonha do meu pai, às vezes, eu digo que sou muito feliz, porque eu nunca tive vergonha do meu pai, nunca tive vergonha da minha casinha de palha, nunca tive vergonha de dizer que eu estudava com a lamparina, porque não tinha energia na nossa casa, era sempre a lamparina e eu era um orgulho para o meu pai, que dizia: “a minha filha gosta de ler e como tem muito carapanã, ela lê com a lamparina debaixo do

mosquiteiro”...[risos]e eu fico imaginando o perigo não é, que era ir para debaixo do mosquiteiro com uma lamparina para ler...e era um orgulho, meu pai tinha muito orgulho de mim.

E quando chegava o dia da entrega das provas e dos boletins, a sala ficava cheia de tenentes, coronéis cheios de medalhas e distintivos, esperando as notas de seus filhos, porque era uma escola de privilégio para os filhos dos militares e o seu pai, lá no fundo, com a sandália com buraco, aquela roupinha suada, o tabuleiro encostado no muro e na hora de entregar os boletins, contou-nos que:

A professora Georgina dizia para o meu pai: “parabéns, o senhor tem uma filha ótima, ficou em primeiro lugar...leve esta caneta como reconhecimento das notas boas da sua filha”...e não ia para aqueles militares, não ia para aqueles homens cheios de medalhas, ia para o vendedor do cascalho e isso era maravilhoso, porque meu pai se enchia de orgulho. E eu fico pensando nessa professora que valoriza também os pais, então, por que que as escolas e também o Instituto Federal não chamam esses pais? Por que não valorizam também os pais?

Açaí pensa, nesse sentido, que no desenvolvimento do professor devem ser considerados fatores que transpõem o cumprimento do dever curricular (DAY, 2001) e que a escola deve estabelecer uma aproximação não apenas com os alunos, mas com a família, consolidando um compromisso com a comunidade (CONTRERAS, 2002).

Descreveu-nos que no bairro da Compensa, na periferia, sempre tinham muitas crianças. Seu pai fez uma mesa de madeira com uns bancos compridos, também de madeira, e Açaí, com 12 anos de idade, começou a dar aula para os filhos dos vizinhos. Certo dia, como nos relatou, passou pelas redondezas o pessoal do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), estavam procurando pessoas que estivessem mais adiantadas na leitura e escrita, que já soubessem um pouco mais da Língua Portuguesa para ser professores do MOBRAL. Uma vizinha falou: “olha, tem uma mocinha ali que já leciona, tem uma escolinha”.

Eles foram até a casa de Açaí, visitaram a sala que seu pai havia feito e lhe fizeram a proposta de fazer o treinamento para lecionar no MOBRAL. Açaí conta que aceitou prontamente. Em sua sala de aula, passou a lecionar para o MOBRAL. Disse que tinha uma remuneração, pequena, mas que já lhe bastava para se sentir professora aos 14 anos. Lecionou 2 anos para o MOBRAL e depois, como seu sonho era fazer o Magistério, fez o Primeiro Ano Básico e, no segundo ano, profissionalizante, optou pelo Magistério.

Após o Primeiro Ano Básico, foi estudar no IEA (Instituto de Educação do Amazonas), fez Magistério e já tinha 18 anos quando foi trabalhar no Distrito Industrial, na CCE da

Amazônia SA. Relatou-nos que apanhava a rota as cinco horas da manhã, porque a distância do bairro da Compensa para o Distrito Industrial era grande e quando Açaí saía da fábrica, já entrava em uma rota que passava em frente ao IEA, descia e ia para sua aula. Contou-nos que “estudar que era bom, estava difícil, porque dormia, cochilava e ao pegar o ônibus para voltar à Compensa, perdia o ponto de casa e muitas vezes o cobrador me acordava no ponto final, lá na beira do Rio Negro”.

Sempre tinha que pedir ao cobrador e ao motorista que quando voltassem a deixasse em casa, por volta das dez e meia ou onze horas da noite. Esses caminhos, experiências no cotidiano da vida e da lida que a fizeram professora, lhe impulsionaram, sobretudo, a refletir acerca da condição dos alunos do Instituto Federal que hoje forma, principalmente quando afirma ser contra à ida de seus alunos para o Polo Industrial de Manaus, incentivando-os à realização de um curso de graduação.

Nessa época, Açaí fez uma viagem para conhecer Porto Velho, quando tinha 17 anos, ao falar da vontade de ser professora, que estava fazendo Magistério, uma moça que conhecera na cidade lhe disse: “olhe, aqui no território...lá ainda era território federal...eles aceitam pessoas que estão cursando Magistério, porque há uma carência muito grande de professor e se você vier para cá, você vai conseguir lecionar”. Ao chegar em Manaus, pediu demissão da CCE e pegou o primeiro ônibus que tinha de Manaus a Porto Velho pela estrada Transamazônica.

Peguei o ônibus da Viação Mota direto para Rondônia. E quando eu disse para os colegas do trabalho: “olha eu estou indo para Rondônia”, um me deu um sapato, que era maior que meu pé, mas foi esse que eu usei para estudar o Magistério lá, outro me deu um jaleco, naquele tempo os uniformes eram jalecos brancos, o outro me deu a meia, tudo que eu precisava para quando chegasse lá não ter que comprar. Então, meus colegas da CCE, todos fizeram uma vaquinha, uma cota, e me deram as coisas que eu precisaria. Quando eu cheguei lá, a senhora com quem eu fui morar, mãe dessa moça que sugeriu para eu lecionar em Rondônia, tingiu de azul uma calça branca de Brim. E foi assim que eu fui para o Carmela Dutra, que era uma escola de muito rigor, tinha que estar com o uniforme impecável, calça azul, jaleco branco, meia branca, sapato preto e assim eu fui, toda equipadinha, mas tudo era doação [risos].

Em Porto Velho, procurou uma escola para lecionar e em sua primeira tentativa, na escola Doutor Granjeiro, como nos relatou, uma escola para filhos de ricos, já lhe aceitaram, apenas perguntaram se estava estudando Magistério na Escola Carmela Dutra. Disse que começou no dia seguinte. E a senhora onde morava lhe fez um vestido para que Açaí começasse a dar aula. Lecionou nessa escola de agosto a dezembro, por um semestre. No ano seguinte, foi para Ariquemes, cidade próxima à capital, onde conheceu um rapaz que lhe pediu em

casamento. Como seu noivo morava em Ariquemes, foi também morar lá, terminou o último ano de Magistério na escola Heitor Villa Lobos.

Nesse mesmo ano, contou-nos que chegou uma equipe da Universidade Federal do Pará, oferecendo a Licenciatura curta e quem quisesse, já poderia fazer o vestibular. Estava terminando o Magistério e já era candidata ao vestibular. Mas grávida, com nove meses e uma barriga imensa disse ter perguntado aos organizadores do vestibular: “e se eu ganhar bebê como fica?”. Eles disseram: “não tem problema, nós vamos ao hospital e a senhora faz a prova lá”. E quando a equipe saiu, o professor de Português que estava dando a aula que foi interrompida, afirmou à turma: “olha gente, nós moramos no meio da mata”.

Ariquemes estava sendo desbravada naquele momento, o governo fazendo projetos de assentamento, em que ganhava prêmio quem desmatasse mais, segundo Açaí. Quem ganhava um sítio, tinha que desmatar quase todo para receber os recursos do governo, era o “progresso” conforme ironizou Açaí. O professor falou: “Eu sei que vocês podem querer fazer outra faculdade, tanta gente aqui que queria fazer Direito, Filosofia, mas se a Universidade vem até nós, não podemos perder essa oportunidade, façam, porque daqui a três anos, a Licenciatura curta era de três anos, quem fizer vai ter nível superior”, pegou na gola da camisa, levantou-a e arrumou, gesto que Açaí lembra claramente.

O professor completou: “[...] quem não fizer vai ter apenas nível Médio”. O professor foi um fator de motivação (DAY, 2001) no desenvolvimento profissional de Açaí. Para Açaí, esse incentivo foi muito importante, porque quase todos de sua turma de Magistério fizeram o vestibular e muitos passaram, inclusive ela. Mas contou do desafio para fazer o vestibular, pois na véspera vieram as dores do parto e, com muita emoção, nos descreveu:

Eu ganhei bebê em casa, com parteira, não fui para o hospital, justamente para ter parto normal e não ter perigo de perder a prova do vestibular. No outro dia meu marido, que era boiadeiro e tinha aqueles caminhões imensos de transportar boi, me levou. As 7 horas da manhã, eu desci do caminhão de boi e o povo da universidade já estava indo para o hospital fazer a prova comigo[risos], porque era uma cidade pequena, uma clareira no meio da mata. Em Ariquemes, por volta de 1980, ainda estavam derrubando a mata para construir a cidade. Tinha um único hospital, estavam indo para lá fazer a prova, porque a notícia correu a cidade de que eu havia ganhado neném. Então, quando eles estavam saindo do portão da escola para levar a prova para o hospital, eu desço do caminhão de boi [risos]. E tinha um jornal na cidade, chamado O Parceleiro, que foi até lá, tirou a foto do primeiro vestibular do Território Federal de Rondônia, não havia sido implantada ainda a Universidade Federal de Rondônia, estava ainda em processo. E eu apareci como manchete do jornal que dizia “Primeiro Vestibular” e embaixo, como subtítulo, estava escrito assim: “Heroísmo e muita força de vontade é o caso

da senhora que se submeteu a um parto na sua própria casa, um dia antes da prova do vestibular” e lá estava minha foto.

Disse-nos ter guardado esse jornal, mas perdeu com as mudanças, se tivesse guardado, teria colocado em sua dissertação. Com sete dias que seu filho tinha nascido, começaram as aulas. Tudo aconteceu muito rápido conforme relatou, houve o vestibular, logo saiu o resultado, as aulas já começaram, Açaí tinha que frequentar as aulas, levar o bebê e amamentar. Disse-nos que:

A minha vida foi parir e estudar [risos]. No estágio do Magistério eu estou com um barrigão enorme, na véspera do vestibular, eu estou ganhando neném, em seguida, engravidei de novo, então, em uma Licenciatura curta eu tive dois filhos [risos]. Terminei a Licenciatura curta, tive a formatura, o médico Confúcio Moura foi nosso paraninfo, fez um discurso lindo, que eu nunca esqueço...na época, estava tendo uma greve de apanhadores de laranja e cortadores de cana...menina, os apanhadores de laranja e cortadores de cana fizeram uma greve e, um dia depois, já conseguiram um aumento...e no discurso ele dizia assim: “vamos professores, unam-se, sejam unidos, lutem, porque já há apanhadores de laranja e cortadores de cana que ganha mais que um professor no Brasil”. Gente, essa frase me marcou muito mesmo, porque se o professor quisesse, ele mudaria o mundo, se fosse unido, porque nós temos a faca e o queijo nas mãos. Mas nós não estimulamos a fome, nós temos a faca e o queijo, mas não estimulamos a fome, fome de justiça, fome de cultura. Esses professores...meu Deus do céu...gramatiquinhos, que se não tiverem com a gramática, não é aula de Português.

Açaí tem um depoimento de um aluno que diz sobre ela: “quando a professora entrou na sala e disse que não ensinaria Gramática tradicional, eu fiquei besta, porque pensei qual o problema dessa professora? O que será que ela tem?” E hoje ele a agradece e diz: “que bom que você não ensinou a Gramática tradicional! Me ensinou que há outros caminhos, você abriu meus horizontes e hoje eu sou professor de Português, por causa de você!”.

Percebemos, no discurso, o professor sendo reconhecido como exemplo, como elo (JOSSO, 2006), Açaí se constituiu em elo para inspirar e formar seus alunos, assim como foi a professora Georgina para si em seu Ensino Fundamental. É também o que ressaltou Arumã em sua fala, quando diz que o professor é um espelho para o seu aluno, por isso deve pensar no que diz, deve ter responsabilidade em seu discurso, obrigação moral (DAY, 2001) para com seus alunos.

Então, é isso né, o professor não morre, ele permanece nos alunos dele. Eu tenho um aluno, um discípulo, que um dia nós estávamos na Livraria e ele pegou o livro Alegria de Ensinar do Rubem Alves e nós lemos ali a primeira página que dizia: “o professor não morre jamais, ele está sempre presente na vida dos seus alunos, na prática dos seus alunos” e o que fizemos ali...nos

abraçamos, choramos e choramos...ficamos lá cinco minutos abraçados e chorando, porque ele reproduz o que eu faço, é professor de História, mas faz paródia, paráfrase, teatro. Esses dias, ele me mostrou as paródias sobre a Revolução Francesa e os alunos não fizeram só as músicas, mas foram para lugares que lembravam a Revolução Francesa, isso lá em Coari. E fizeram as paródias, mostrando o visual, mostrando o teatro, junto com a música...gente, eu achei aquilo fantástico. Então, ele está reproduzindo, mesmo na disciplina de História, os recursos que um dia eu utilizei com ele na sala de aula. Ele usa música, paródia, poesia, paráfrase, teatro, tudo ele reproduz e quando ele manda para mim essas imagens eu confirmo o que o Rubem Alves diz, que o professor não morre jamais, que ele permanece nos alunos dele. E eu estou aí, na vida de vários alunos, graças a Deus.

Ao citar Rubem Alves, Açaí se emocionou, quando confirmou nas palavras do autor que ensinar é um exercício de imortalidade, que de alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de nossa palavra, o professor, assim, não morre jamais. Percebemos que em seu desenvolvimento a docente se expressa em sua experiência, que é considerada como fonte de recursos de autoformação (GARCÍA, 1999).

Açaí concluiu a licenciatura curta, em seguida, participou de um congresso da confederação de professores brasileiros, onde conheceu um professor da Universidade de Rondônia que lhe disse: “vai abrir a primeira turma do curso de Letras e a Universidade já vai funcionar esse ano e, se você quiser, pode se submeter ao processo como portadora de diploma e conseguir uma vaga”. Açaí contou entusiasmada que ao saber da possibilidade de ingressar no curso de graduação sua reação foi aproveitar a oportunidade:

Cheguei em casa, liguei para Rondônia...eu sempre digo que com um talão de cheque e um telefone na minha mão eu faço proezas [risos]. Liguei para a secretaria da universidade e eles disseram que eu só tinha que enviar meus documentos. Então, reuni os documentos, peguei um ônibus e fui a Porto Velho. Eu me formei na Licenciatura curta em dezembro e em março, eu já era aluna da Universidade de Rondônia, na primeira turma de Letras, para plenificar. Estudei dois anos, já plenifiquei e me formei em Licenciatura Plena em Letras. Quando eu me formei, ao invés de ficar em Porto Velho e seguir minha carreira, fazer o mestrado, tentar doutorado, eu fui para Machadinho do Oeste...o que é uma longa história, mas vou tentar resumir [risos].

Relatou-nos que a senhora que cuidava de seus filhos, em Ariquemes, para que ela pudesse estudar em Porto Velho de segunda a sexta-feira, resolveu se mudar, vender a casa e ir para Cuiabá. Açaí diz que ficou desesperada, tanto pela dor da separação da amiga, porque ela e sua família a amavam muito e eram muito amados por ela, quanto porque viu seu curso ameaçado. Já estava quase no final da graduação e não tinha com quem deixar as crianças.

Chamou uma de suas irmãs de Manaus, sem pensar, porque disse que era assim, tomava atitudes de forma rápida.

Então, disse-nos que propôs a sua irmã: “você não quer vir cuidar dos meus filhos até eu terminar de estudar!?”. Mas esqueceu que a irmã tinha quatro filhos. Quando chegou a Porto Velho, sua irmã levou os quatro filhos, uma irmã caçula e mais um irmão. Açaí contou que pensou: “gente e para sustentar todo esse povo? Só com o meu salário de Magistério?” Porque ainda não recebia salário nem de Licenciatura curta nem plena. Relatou ter sido terrível, pois não tinha como sustentar todos, mas naquela época, estava havendo doação de terras em Machadinho do Oeste.

Eu falei: “quer saber, eu vou para Machadinho, lá eu consigo um terreno para a minha irmã, ela faz a casa dela e depois segue em frente. Fomos para Machadinho do Oeste. Quando eu falei para o casal que me acolheu, me deu casa e tingiu a calça de azul quando eu cheguei em Porto Velho, que eu ia para Machadinho, o senhor falou: “você está ficando doida!? Você está crescendo igual rabo de égua!?”[risos]...para baixo...[risos]. E eu falei: “eu tenho que ir, porque eu não vou conseguir sustentar onze pessoas, a minha família e a família da minha irmã.

Disse-nos que foram para Machadinho do Oeste, chegando lá, sua irmã conseguiu um emprego na Fundação Nacional de Saúde, seguiu a vida, já tinha casa, chácara, então, Açaí voltou para Porto Velho, porque seu interesse não era em terras. Mas antes de voltar, contou que fez um trabalho relevante, já que Machadinho iria passar de Distrito a Município, órgãos como o fórum, o hospital, o cartório eleitoral, todos se instalariam no município recém-formado.

Açaí relatou que as pessoas queriam emprego, mas para isso, precisavam estudar. Então, Açaí pediu emprestado um galpão da Administração do Distrito para ensinar a todos que quisessem ter êxito no concurso. Dava aulas de dia, por seu contrato, era funcionária pública já que foi transferida de Ariquemes para Machadinho e, de noite, ensinava o conteúdo do concurso a quem se interessasse. Hoje, vinte e cinco anos depois, disse que eles estão se aposentando graças às aulinhas lá no galpão de madeira, de chão batido, sem piso, sem nada. Afirmou que eles passaram no concurso graças às aulas e ao esforço deles, que frequentavam mesmo cansados de noite aquela aula de língua portuguesa. O interesse dos moradores nas aulas fez Açaí e colegas concluir que:

Nós pensamos: “mas se tem tanto candidato querendo estudar, vamos abrir um Centro Supletivo, vamos lutar por isso”. Mas enfrentávamos um perigo muito grande que era morrer, porque teria o município que precisaria de um

prefeito e de vereadores, então, ali se nós déssemos um sabonete a alguém é porque já queríamos ser vereadores. Imagine criar um Centro Supletivo para dar educação ao povo. Nós íamos morrer, porque a área rural é muito violenta. Nos reuníamos na calada da noite, depois das onze, na casa de um e outro, disfarçados, fazíamos os documentos e eu que levava para Ariquemes. Eu não tinha medo não, era afoita, dizia que ia ao médico, porque ninguém poderia saber que nós estávamos cogitando abrir um Centro Supletivo. Em Ariquemes eu já tinha feito amizade com muita gente e tinha colegas de faculdade que eram da prefeitura, eram da SEDUC, SEMED. Levei o documento solicitando o Centro Supletivo e eles deferiram, mas nós precisávamos de um terreno. Então, um senhor cedeu uma casinha de madeira, nós mandamos fazer uma pedra fundamental com um escrito “Núcleo Avançado de Ensino Supletivo”.

Relatou que, como resultado, conseguiram o Centro Supletivo e muitas pessoas estudaram, podendo ter seu certificado de nível médio. O espaço era de madeira, hoje está construído em alvenaria, tem uma rua asfaltada em frente. Foi colocado o nome de Paulo Freire, uma homenagem ao educador, conforme nos disse Açaí emocionada.

E hoje é o Centro Supletivo Paulo Freire, nós conseguimos driblar as dificuldades, mas muita gente morreu...[emocionada]...o seu Tangará, presidente da Associação de moradores de Machadinho pagou com a própria vida a luta. Estavam derrubando as reservas florestais e eu era a vice-presidente da Associação, o seu Tangará era semianalfabeto, eu que escrevi o texto da denúncia, de que os madeireiros estavam derrubando as florestas e ele só assinou. Eu lembro que nós nos reunimos em um quartinho de uma pousada em Ariquemes para escrever esse texto, depois saiu no jornal. E não demorou muito tempo, ele foi morto com um tiro a queima roupa. Um homem foi contratado para matá-lo. Ele estava indo de ônibus de Ariquemes até Porto Velho, quando o ônibus parou para as pessoas fazerem um lanche, em uma das paradas obrigatórias, ele estava subindo no ônibus, tinha colocado o pé no ônibus para entrar...um homem chegou e disse: “seu Tangará!? O senhor é o seu Tangará!?”...ele virou e disse: “sim, sou eu”...e o homem atirou, ele morreu na hora. E aí, ficou um outro rapaz, Marivaldo, no lugar dele como correspondente do jornal e que mataram também. Então, graças a Deus que eu saí de Machadinho, mas consolidei as lutas.

Açaí descreveu-nos que Machadinho do Oeste passou a município e que pôde fazer parte também dessa luta, não porque quisesse ser vereadora ou prefeita, mas porque se engajou na luta. Construíram o Centro Supletivo do zero, conforme nos contou, que há uma foto em que estão limpando o terreno ainda. Organizou seus livros e montou uma biblioteca pública, chamada Biblioteca Castro Alves, e até hoje encontra pessoas que lhe dizem: “olha eu conheço você, a senhora colocou seus livros lá, criou a biblioteca de Machadinho. O espaço ajudou muito, ficava cheio de alunos pesquisando.

Em seguida, Açaí disse ter começado a escrever para editoras, que logo enviaram livros para lá. E assim contou ter conseguido outra manchete no jornal pelo fato. Após as

conquistas, voltou para Porto Velho, mas percebeu que seus pais já estavam bastante idosos, um pouco doentes, então falou: “agora eu vou ficar perto deles”. Já tinha passado 24 anos lecionando em Ariquemes, Machadinho, Porto Velho e foi quando pediu transferência.

Eu lembro que eu levei meu pedido para o campus da Zona Leste e para cá (CMC), voltei para Rondônia e fiquei aguardando. E o mais engraçado foi que eu cheguei lá na Zona Leste (CMZL), era mais ou menos meio dia e não tinha uma viva alma, quem apareceu para me receber foi um bode [risos]...eu entrando lá e em plena calçada, lá vem um bode [risos]...é muito bucolismo né, lembra o Arcadismo [risos].

Contou que certo dia recebeu um telefonema do setor pessoal do Instituto Federal, em que perguntavam: “professora, a senhora ainda está interessada em vir para Manaus? ”. Ela falou: “já estou com a mala pronta”. Começaram os trâmites, as aulas só iniciavam em março em Rondônia, mas em Manaus começavam em fevereiro, voltou para Manaus e assumiu cinco turmas de segundo ano do Ensino Médio no CEFET, atualmente IFAM.

Todas as turmas de segundo ano eram minhas. E quando eu entrei vestida de poesia, trabalhando a crônica, os alunos ficaram encantados. Sabe o que aconteceu? Me levaram para o banco dos réus [risos]. Chamaram o setor jurídico, o diretor de ensino, as pedagogas, me colocaram em uma mesa grande, disseram que eu era uma impostora, que tinha vindo para cá sem nenhum documento, que não tinha saído em diário oficial, que o método que eu estava utilizando não era o perfil do CEFET, que eu não tinha o perfil da instituição e que não podia continuar aqui com esse método. Mas não foi isso, foi porque os alunos me amaram e quando eu passava no corredor eles saiam da sala, me abraçavam, coisa que nunca havia acontecido em quase 100 anos de instituição, eu tinha trazido algo novo, era uma nova maneira de ensinar e realmente, um dia eu me vesti de poesia, fiz e coloquei uma roupa de poesia e vim...tanto é que eles dizem “você entra na sala vestida de poesia”. E eu literalmente entrava na sala vestida de poesia.

Relatou-nos que o diretor de ensino ouviu, pegou sua pasta e falou: “está encerrada a reunião”. E depois a chamou, na diretoria para dizer: “você pode fazer o seu trabalho, porque daqui para frente eu vou lhe apoiar”. E nos disse ter sido assim que conseguiu desenvolver o trabalho que já faz por 12 anos, trouxe o projeto Hora da Saudade, que revela talentos, fez a primeira peça de teatro no Instituto com duração de uma hora, porque lhe diziam: “aqui peça de teatro, se passar de 15 minutos, não fica ninguém no auditório”. Encenou “A Feiurinha”, com quase 40 minutos de duração, com o auditório lotado até o fim.

Disse-nos que foi conquistando as pessoas, o que lhe faz conseguir realizar seu trabalho. Exemplificou, carinhosamente, que a professora Andreia, do MPET, diz que Açaí é a única pessoa no Instituto que consegue movimentar do porteiro ao marceneiro.

E ontem eu passei lá na marcenaria, e falei: “seu Sabá...o senhor nem foi à minha dissertação!?”...ele disse: “poxa vida, é porque eu estou aqui sozinho, não deu”. Mas assim, eu faço amizade mesmo, quando quebra alguma coisa eu vou lá, e olha que ele é uma pessoa difícil de lidar, mas comigo não, ele é muito meu amigo...eu faço elogios...chego lá e digo: “cadê o marceneiro mais lindo do mundo!?” [Risos]. Então, esse trabalho eu consegui, porque não recuei...o que eu acho é que o povo sai da universidade com todo gás, influenciado pelos teóricos, por tudo que vê e lê, mas quando chegam na escola, basta um ou dois professores falarem: “ah, você está animado, mas aqui ninguém quer nada com nada não”, a pessoa acredita nisso e ao invés de trazer o diferente, recua.

Isso lhe intriga, porque disse sempre se perguntar: como um pedagogo, um estudante de Letras, um estudante de História que leu os autores que dizem que a escola do século de 19 não cabe mais hoje, que o estudante do século 21 quer mais, quer movimento, quer ação, quer ser protagonista, quer ser visto, quer ser autor e ator, saem da universidade e têm as mesmas ações dos professores do século 19? Perpetuam práticas antigas, porque são desestimulados no primeiro momento. Mas por que não enfrentam? Disse que conquistou seu espaço, que havia muitas pessoas contra si, dizendo que era uma impostora, que seu método não era adequado, no entanto continuou acreditando em sua prática.

Recentemente, contou-nos que foi tirada de sala de aula, porque alguns alunos fizeram um documento dizendo que não ensinava gramática e o gerente sem avisá-la lhe expulsou, praticamente, da turma. Descreveu-nos que estava sua casa, pensando que no outro dia iria dar aula para sua turma, quando recebeu um telefonema do departamento de ensino, dizendo: “olhe professora, a senhora não é mais professora dessa turma”. Porque o gerente havia recebido um documento de alunos dizendo que a professora não ensinava Gramática e, por esse fato, não teria interesse de ficar com professores que não ensinavam a língua Portuguesa por meio da Gramática.

E eu tive que engolir, eu só não lutei, porque eu precisava de tempo para terminar a minha dissertação. Me colocaram à noite com o Proeja, o que eu acho que foi uma providência divina, primeiro porque eu não me indignei, eu pensei pelo lado positivo, que eu teria todos os dias para escrever. Mas se não fosse isso eu tinha lutado pela minha turma e ficado lá...eu sei que quando sai um professor que faz um trabalho diferenciado, quem perde são os alunos, não é o gerente. Há gerentes aqui no Instituto que conhecem o meu trabalho e tudo

que querem é que eu vá trabalhar nas suas gerências e eu só lamento, porque os alunos de informática são alunos bons, que passam com notas altas aqui, mas não vamos menosprezar os outros. Já fiz trabalhos maravilhosos em Mecânica que é tido como o curso mais bagunceiro, mais elétrico, mas eu amo a turma de Mecânica, em que os alunos pelo fato de serem bem extrovertidos, eu me dou muito bem com a turma deles e em qualquer lugar também. Lamento, porque estávamos trabalhando com projetos maravilhosos, eu pedi para que eles contassem a História dos anos 80, cada grupo ficou com um tipo de trabalho, uns com o cinema, outros por meio do cordel, outros com a crônica, outros com a poesia e foi um trabalho lindo apresentado no auditório, porque eu valorizo muito o trabalho dos meus alunos, eles sempre apresentam no auditório para se sentirem os protagonistas.

Açaí relatou que pensa que os professores de Português devem trabalhar a reflexão, a criatividade, a autonomia, a humanidade, enfim, a formação para a vida do aluno em uma instituição de EPT, já que conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013) é imperiosa a superação das qualificações profissionais restritas a postos delimitados no mercado de trabalho, é necessário pensar uma formação integral que atenda aos direitos dos cidadãos e às exigências do mundo do trabalho. Disse-nos que não é porque se trata de um instituto tecnológico que não deve haver artes, poesia, dança, escrita apurada.

Eu tenho aqui médico bailarino, inclusive escrevi sobre ele na minha redação para entrar no mestrado, era para falar sobre o Ensino Tecnológico e eu falei que o Ensino Tecnológico tem que ser também um ensino humano, criativo, reflexivo, em que o médico não seja só médico, seja também escritor, bailarino e que tenhamos mais, mecânicos escritores, mecânicos bailarinos, mecânicos atores, escritores, poetas. Então, o Ensino Tecnológico não pode esquecer o estético, o humano, o criativo, o original. Eu venho fazendo esse trabalho diferenciado e não me preocupava muito antes, só me preocupava em que o trabalho feito pelos alunos, mais de três mil textos, fossem parar em livros, que nós fizéssemos uma compilação. Fizemos, inclusive, uma compilação, para o centenário do IFAM, só com textos de alunos, chamada “Horizontes Cruzados”, em que só há alunos autores, eu faço apenas o prefácio, vai sair agora uma segunda edição, o livro está dividido em contos, crônicas, poemas e paródias, tudo muito criativo, muito lindo.

Além desse primeiro livro, disse-nos que fez um livreto, com produções de Proeja e Subsequente. E o mais interessante é que quando lhe disseram que trabalharia à noite com o Proeja, falou: “vou escrever um livro junto com os alunos do Proeja”. Mas tentaram lhe desencorajar dizendo: “colega, não vai conseguir nada não, pare, pare com essa ideia, esse povo do Proeja acorda quatro horas da manhã, pega rota para ir trabalhar e quando vem para cá de noite, a única coisa que eles fazem é dormir”. Relatou, no entanto, que:

Graças a Deus que eu nunca vi nenhum aluno dormindo na minha aula, pelo contrário, nós fizemos juntos um livreto chamado “Voos noturnos”, produzido só por alunos de Proeja e Subsequente. Temos “As loucas aventuras do jacaré psicodélico”, escrito também só pela turma de Proeja e fizemos o projeto “Ensino noturno é show”, durante dois anos, em que os alunos de Proeja apresentavam crônicas, contos, paródias, tudo feito no auditório e eles davam um show mesmo. E fizemos duas versões seguidas de “Ensino noturno é show”, lançamos dois livros e conseguimos fazer a “Primeira mostra de paródias do IFAM”, que foi um sucesso, as paródias trouxeram muitas críticas, porque naquela época teve um massacre em uma escola em Realengo, no Rio de Janeiro, e tudo foi retratado em paródia que dizia: “até mesmo nas escolas não existe proteção, entram bandidos e assassinos, ai ai...meu Deus que aflição”, isso com a música “Asa Branca” [citou os versos e os repetiu com musicalidade]. Então, tinham paródias de todo jeito, com crítica política e o mais interessante de tudo é que um amigo meu, chamado Jessé, da música clássica, acompanhou os alunos ao piano, pois tudo que fiz envolvendo piano até hoje aqui no IFAM, sempre convido esse amigo e pianista para participar.

Contou-nos que era muito bom ver seu amigo pianista tocando as paródias, ele vinha dois dias antes ensaiar com os alunos do Proeja no auditório. Disse que sempre usa o piano em seus eventos com seu amigo Jessé tocando. Sempre sonhou que esse trabalho se tornasse livros, que publicasse primeira, segunda, terceira edição e outras compilações, com outros nomes. Afirmou que seu marido sempre dizia: “um dia seu trabalho tem que ser legitimado”, porque ele ficava muito arrasado quando alguém dizia: “isso que ela faz não é aula não, isso é doidice”.

Com a defesa da dissertação, contando essa trajetória, porque, conforme frisou, tudo que nos contou está também na dissertação, seu marido lhe disse: “meu sonho era que seu trabalho fosse legitimado, porque eu não aguentava mais ver as pessoas dizendo que aquilo que você fazia não era aula, que língua portuguesa era só gramática, que produção textual, que colocar os alunos para escrever crônicas e desenvolver seu potencial criativo não era aula de Português”.

Então, Açaí acredita que a satisfação maior da defesa dessa dissertação é mais de seu marido, no sentido da legitimação, do empoderamento de seu trabalho, de dizer que o que ela fez durante a vida toda é um trabalho que deve ser reconhecido, divulgado, legitimado, mostrar que ela não está sozinha no mundo, que há teóricos amparando suas ideias, conforme nos revelou:

Acho que todo professor deveria ler Japiassu, quando diz que aqueles que utilizam seus conhecimentos dentro de caixinhas são o câncer da educação, gente...isso é pesado, é muito pesado...vem também Imbernón criticando o tipo de aula do século 19 que o professor tenta aplicar no século 21, não cabe mais, que é preciso se reinventar, acompanhar e, até um termo pejorativo, é preciso uma reciclagem nesses professores. Então, entre aspas, precisam mesmo de uma “reciclagem”, porque o que fazem já não serve mais, ficou

obsoleto. E a defesa da dissertação em cordel é uma forma de legitimar o meu trabalho e dizer: “olha, tudo que você fez não foi em vão”.

Relatou-nos que quando lecionou língua Inglesa em Machadinho, já que possui formação em Letras Português e Inglês, como já havia professor de Português na escola, só tinha a opção de lecionar língua inglesa, e não sabia muito de Inglês, só o básico, mas com o básico, ensinou da melhor forma possível. Por volta de 23 anos depois, contou que recebeu um DVD, com depoimentos de colegas professores e alunos em seu aniversário de 50 anos.

No DVD tinha um depoimento de uma aluna que Açaí já não lembrava mais, dizendo: “professora, eu quero dizer para a senhora que eu viajei o mundo, fui para a Inglaterra, para a França, para o Japão, para a Alemanha, e tudo começou com as suas aulinhas de Inglês lá no meio da mata em Machadinho”. Tinham depoimentos, também, dos colegas de luta para construir o Centro Supletivo de Machadinho, dizendo: “Aquela escola que você viu brotando do chão, agora se transformou em um lindo Centro Supletivo”. Disse-nos que lhe enviaram a imagem, no DVD, 23 anos depois, e mostra sua emoção:

Isso para mim é muito, muito bom [emocionada], é muito gratificante, porque como é que eles conseguem lembrar dessa professora e trazer histórias que estão muito vivas na memória deles e que eles falam, várias pessoas falam. E os depoimentos, eu vejo que está tão viva aquela história que eu ajudei a construir, fazer brotar e se transformar em um lindo Centro Supletivo e agora de alvenaria, arborizado, lindo. Na minha dissertação tem a foto do Centro Supletivo que nós ajudamos a construir na calada da noite, fugindo da morte, porque diziam: “se eles querem construir, é porque querem ser vereadores ou prefeito, vamos tirá-los da jogada, porque quem vai ser prefeito e vereador somos nós”. E nós sabemos que na política tem isso, de querer tirar o outro da jogada, se alguém faz o bem é porque quer ser vereador ou prefeito e tem que ser tirado da jogada, então vivíamos com medo.

Nas memórias de Açaí, o professor se revela como influência, elo (JOSSO, 2006), como exemplo para os seus alunos. Açaí confirmou, bem como disse Arumã, que às vezes o professor não lembra dos alunos que teve, mas os alunos nunca esquecerão seus professores, nem o quanto representaram em sua formação. Diante de sua história de vida e das lutas que enfrentou, quando conversamos sobre os sentidos que atribui do trabalho, revelou-nos que:

Nunca, desde quando eu cheguei aqui, nunca vi como preparação para o trabalho, nunca, nunca e eu digo para os meus alunos: “eu estou preparando vocês para ir para outros caminhos, menos para o Distrito Industrial, porque se vocês estão aqui se preparando para servir de mão de obra barata naquele Distrito Industrial, não vai valer a pena a minha saliva, as minhas cordas vocais, a minha energia e o meu esforço, então nunca, nunca passou pela

minha cabeça que eu estivesse formando técnicos para trabalhar no Distrito Industrial, de jeito nenhum, muito pelo contrário, eu trago um texto: “Distrito Industrial, uma fábrica de doentes”, que mostra a quantidade de pessoas com lesões por esforço repetitivo, com problemas na coluna vertebral, injustiçadas e que não recebem seus salários corretamente. E o tanto de propaganda, de persuasão que eu puder fazer para que os alunos não se conformem em ser técnicos e trabalhem no Distrito Industrial, eu faço.

Afirmou-nos que sempre conta a seus alunos a história da águia que quase virou galinha, pois vivia em um galinheiro. Mas quando um alpinista a viu, disse: “Meu Deus, o que você está fazendo aqui?”. E a águia dizia: “eu quero ser galinha, eu quero ser galinha!” O alpinista pega essa águia que queria ser galinha, coloca em um saco, sobe a montanha mais alta e despeja a águia de lá. Logo, ela começa a voar e descobre que realmente é uma águia. Diz que lá de cima, essa águia avistou vários galinheiros embaixo, galinheiros em forma de igreja, de escola, de partidos políticos, de associações e viu também um grande galinheiro chamado PIM (Polo Industrial de Manaus). Frisou que conta essa história, porque não quer que seus alunos sejam galinhas nesse grande galinheiro chamado Polo Industrial de Manaus:

Então eu não vejo meus alunos indo para lá, eu não tenho essa intenção e eu não quero, mas Althusser diz que a escola faz parte de aparelhos ideológicos e eu acho que isso é possível, que essa escola tenha interesses, porque antes de eu assumir essas aulas de produção textual e preparar para a universidade, segundo o que me contaram, é que passavam poucos alunos no vestibular, eu não sei, teria que investigar isso, mas é possível. Porque no ano em que eu cheguei o resultado do PSC saiu no dia da aula da saudade e poucos alunos haviam passado. Então, os alunos me disseram: “professora, passavam pouquíssimos alunos mesmo, tipo oito de cada turma”. E quando eu comecei a trabalhar com produção textual e preparar os alunos para a redação do vestibular, começou a passar 90% da turma. Virava uma festa aqui, porque os meninos quebravam ovo uns nos outros, jogavam trigo, tinta, cortavam os cabelos, os corredores ficavam uma bagunça. E começou a aprovar muito aluno para Direito, Medicina, Psicologia, Odontologia, Farmácia. E o que aconteceu? Teve um ano que eles me tiraram do terceiro ano. Não sei o motivo, mas fico me questionando, como eu sou muito inquieta e tenho o pensamento muito acelerado, eu fico pensando, será que essa escola como aparelho ideológico do Estado, como uma escola que forma para a Indústria, para o trabalho, será que eu não estava com uma nova proposta fazendo os alunos irem para outros lugares e por isso me tiraram dos terceiros anos, para que não tivesse tanta gente indo para a universidade!? Não sei, isso é uma incógnita e um ponto de interrogação, mas que me tiraram do terceiro ano, tiraram.

Açai ao falar de sua resistência em educar o aluno da EPT apenas para seguir a carreira técnica, confronta com a ideia de Bacaba que pensa em formar profissionais independentemente se o aluno seguirá ou não a profissão, mas se aproxima da ideia de Inajá, Arumã e Miriti, que

realçam a dimensão do compromisso do professor (DAY, 2001) em educar o aluno para a vida. Tais posturas, talvez indiquem um novo perfil de professores do instituto, quiçá se trata de uma reinvenção do modo de ser e estar na profissão (NÓVOA, 2007) de professores da EPT decorrente do processo de formação no Mestrado do instituto que, conforme dito, representa uma mudança no modo de pensar a prática docente.

Além de instigar a reflexão por parte dos professores, o mestrado suscitou o compromisso com a docência entendido, conforme Pineau (2010), como um processo de formação permanente, evidenciando a necessidade de uma formação autônoma e, sobretudo, possibilitou um espaço no qual ao indivíduo é permitido tornar-se, ver-se, referenciar-se, refletir-se, emancipar-se, diferenciar-se, autonomizar-se, e, em uma palavra, autoformar-se.

Embora existam professores que formem alunos exclusivamente para o trabalho, como dito pelas palmeiras de nosso traçado durante as entrevistas, nossa compreensão já evidencia professores com intenções diferentes em relação ao ensino proposto em instituições de EPT. Percebemos que a intenção dos docentes, dos quais conhecemos as histórias de vida, não se esgota na máxima de educar para o mercado de trabalho, mas lança um olhar sobre a educação, colocando-a atenta aos objetivos do mundo do trabalho, aponta para uma formação integral do indivíduo. Tratamos, portanto, de um fenômeno a ser observado e nos indagamos se a inserção em um mestrado em Ensino Tecnológico, que discute a EPT, talvez seja um dos fatores de colaboração para essa mudança no comportamento e modo de pensar a profissão de docentes inseridos no Instituto Federal.

Quando falamos sobre a percepção de Açaí diante dos colegas em relação a esse tema, da preparação de alunos para o trabalho, contou-nos da existência de professores obcecados pelo PSC (Processo Seletivo Contínuo da Universidade Federal do Amazonas), e que tem uma opinião totalmente diferente. Disse-nos que fala para os alunos: “nós não podemos transformar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas em um cursinho pré-vestibular”.

Eu não dou aula para o PSC, eu não preparo aluno para o PSC, até porque é uma prova de cem anos atrás [risos], é uma “gramatiquice”, então eu não preparo aluno para o PSC, em nenhum momento quis ou tentei transformar o Instituto Federal em um cursinho pré-vestibular, eu preparo para a vida, para a reflexão, para a leitura, para escrita, para a interpretação, para ser gente. Eu não concordo com isso de dizer que a essência do Instituto Federal é preparar para o trabalho... para quê? Para ser mão de obra barata? Meus alunos não, jamais. Eu li um texto de uma escritora que faz um apanhado de todas essas escolas profissionais e chega à conclusão de que as escolas profissionais, a vida inteira, tinham um único objetivo, que era preparar o aluno para ser uma mão de obra barata. Mas então, aqui no Instituto Federal os colegas pensam

assim, e tem muitos que pensam e defendem isso em plena reunião, dizendo: “não, mas aqui nós somos uma instituição para preparar para o trabalho”. Eu já grito de lá: “eu mesma não, não estou aqui para preparar aluno para ser escravo no Distrito Industrial não, eu estou aqui para preparar meus alunos para a vida, para serem gente, para a humanização, para a arte, para ser alguém no mundo, menos escravo no Distrito Industrial”.

Relata que há muitos professores que defendem o preparo para a prova do PSC no instituto, mas realça que seus alunos são aprovados muito mais no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e na UEA (Universidade do Estado do Amazonas), que não têm tanta gramática, que no PSC. Diz que enquanto os alunos dos professores gramatiquinhos são aprovados pelo PSC e vão estudar na UFAM, os seus são aprovados na UEA, na Unicamp, no ITA, nos outros vestibulares que já não utilizam a proposta gramatical afastada da poesia, da produção e interpretação textual.

Açai assegurou que enxerga sua identidade profissional, seu fazer docente nesse ambiente de trabalho e em todos os outros pelos quais já passou, bem como seus investimentos, não apenas financeiros, mas pessoais, suas escolhas, renúncias, compromissos, responsabilidades consigo e com sua família como parte de um processo que sempre teve como motivação o desejo pela docência.

A vida inteira, por causa desse meu desejo muito grande de ser professora eu não me imagino fazendo outra coisa, eu nunca tive dúvida, a minha mãe fazia tudo para tirar essa ideia da minha cabeça, ela dizia: “minha filha, professora não tem tempo para cuidar os filhos, passa o tempo todo cuidando dos filhos dos outros e não tem tempo para cuidar de seus filhos, professora anda com a roupa toda puída”, puída é uma roupa bem velhinha, com buraquinhos, “professora usa roupa toda puidinha, minha filha, porque não tem dinheiro para comprar, é isso que você quer? Minha filha, você é inteligente, você pode fazer outra coisa”. Meus filhos, também, nunca me perdoaram... agora é que já estão me perdoando, mas já cresceram, o caçula tem 33 anos, o mais velho tem quase 40 anos. E eles nunca me perdoaram, diziam: “como é que uma pessoa tão inteligente, que podia ter feito Direito, Medicina, foi ser professora e a minha resposta, sempre era a mesma: “meu filho você não percebe que eu sou feliz sendo professora”. E é o lugar que me faz feliz, na sala de aula, onde eu esqueço todos os problemas, eu posso estar com o maior problema do mundo, mas quando eu entro na sala de aula, eu não tenho mais problema, eu acho que os professores deveriam fazer isso. O problema deveria ficar lá fora e ele entrar como professor, sem o problema, então, como é que eu me vejo? Eu me vejo essa pessoa muito, muito apaixonada pela sala de aula. A sala de aula é o meu palco.

Açai nos disse “se eu não fosse professora, eu seria atriz”, porque concebe a sala de aula como o seu palco, contou que adora plateia, não gosta de sala com poucos alunos. Relatou que quando ministrou aula para o Proeja com seis alunos, tinha que fazer malabarismos para

ficar feliz e dar aula para aqueles seis alunos ali, tão entusiasmada quanto na turma de 40 ou 42, porque frisou gostar de sala cheia, gostar de ver os olhos dos alunos brilhando na hora em que está falando. Disse-nos também preferir salas de aula com calouros, porque considera que entram no instituto com muita expectativa, leem tudo o que se pede para ler, dramatizam o que se pede para dramatizar.

Já os mais antigos, alunos dos terceiros anos, contou-nos que além de não terem muito tempo juntos, porque são apenas duas aulas por semana, têm que dar conta das redações para os vestibulares, pedir para refazer, escrever, reescrever e prepará-los, já que é a forma que encontra de fazer com que esses alunos não sejam apenas técnicos. Relatou que na realidade eles aprendem consigo sentando junto a eles, explicando, dizendo o que pode ou não fazer, enviando recados imensos com instruções de como eles devem fazer os textos, da harmonia entre os parágrafos, entre as margens.

Me comunico por esses bilhetes, que têm tido um resultado muito grande, a conversa de corredor que é tão defendida no livro do professor Bazzo, em que há fóruns maravilhosos nos corredores com o aluno de forma desprendida, essas conversas de corredores surtem um efeito muito grande e é verdade. Eu tenho exemplo de conversas de corredor, de chamar o aluno e dizer: “olha, eu não quero mais que você faça assim, você tem potencial, você é um aluno tão bom, maravilhoso”. E o aluno ser transformado da água para o vinho com uma conversa de corredor, é muito lindo isso, eu acho que todo professor deveria ler Walter Bazzo. E como eu me vejo como professora, eu me vejo como essa pessoa muito preocupada não com o conteúdo, não é o conteúdo que é mais importante, eu não tenho preocupação em cumprir o programa. Uma vez fiz uma cartinha para o Rubem Alves que dizia: “com você aprendi a receita de esquecer os programas escolares e dei um livro para ele, também, que fala das Receitas de olhar de Roseana Murray. E essas receitas eu leio em sala de aula, dramatizando, por exemplo, Receita para pegar as estrelas: “vá para rua, dance na chuva, plante bananeira”. E eu chamo um aluno, vou lendo e ele tem que dramatizar, ir plantando bananeira e dramatizando essas receitas, depois eles escrevem suas próprias receitas e as receitas são lindas e criativas, cada vez que esse aluno lê, é uma felicidade para mim, então, eu sou uma pessoa muito feliz, porque todos os dias a minha sala de aula tem algo original, inédito, um aluno escreve um texto, lê e dramatiza.

Açai nos conta que quando houve a possibilidade de entrar no mestrado do IFAM não queria, mas um amigo, que inclusive fez um agradecimento para ele em sua dissertação, falou: “Isso que você faz, tem que ser legitimado, já é trabalho de mestre! Você só precisa de um título, não vai ter dificuldade” e ela pensava: “que nada, eu lá vou me meter no mestrado, não quero saber não” Não queria de jeito algum. Então, seus alunos leram a crônica de Rubem Alves chamada “A pipoca”, que tem três títulos, porque como nos contou, Rubem Alves já tinha certa autonomia para isso, trocava os títulos, assim, uma se chama “A pipoca”, outra “Milho de pipoca”, outra “Pipocas ou piruás”.

Nessa crônica o autor diz que o milho para se tornar pipoca tem que passar pelo fogo, tem que sentir um calor muito forte, tem que ser provado pelo fogo para poder se transformar naquela pipoca branquinha, cheirosa, saborosa e poder fazer a alegria da festa. Descreveu-nos que seus alunos leram essa crônica, três dias antes de terminar as inscrições para o mestrado. Normalmente, eles leem, escrevem e depois socializam. Enquanto socializavam, eles diziam: “eu serei uma pipoca, eu quero ser uma pipoca branquinha, cheirosa e gostosa e você? Se você não se transformar em uma pipoca, o seu destino vai ser o lixo”. E olhavam para sua professora, outro aluno disse: “a pipoca é tudo de bom, faz a festa, mas se não se transformar em pipoca vai ser um milho duro e o que você quer ser, uma pipoca ou um milho duro? Que seu destino vai ser o lixo”.

Eu pensei: “meu Deus esses meninos estão falando comigo, isso é para mim, eu não posso continuar assim, eu vou fazer o mestrado” e fui, fiz o projeto três dias antes de terminar as inscrições e fui aprovada graças à crônica de Rubem Alves, graças ao que os alunos escreveram e à poesia também [risos]. Eram calouros, eles recém entraram no Instituto, já me dando lição de vida, sabe, então nós pensamos que o professor ensina, mas ele recebe muito mais, aprende muito mais. Infeliz daquele professor que acha que está ali para ensinar, porque eu aprendi que professor não ensina nada, ele se apropria de um estudo feito por outro, por um livro didático, passa para os alunos e “se acha”. Mas como? Se ele não criou nada. Não escreveu nada, está lá reproduzindo um conteúdo de um estudo que outro fez, ele se apropria e acha que está ensinando. Então, se além de ele não estar ensinado, ele não estimular, não animar, não orientar, não ajudar, o que ele fez? Nada. Então, eu aprendi que nossa missão na sala de aula não é ensinar, porque pouco nós sabemos também, mas é de estimular, orientar, ajudar. E o trabalho por projeto é isso. O aluno está ali trabalhando e você só orientando, ajudando e no fim o aluno sai protagonista, pode dizer que fez, que criou algo.

Açai mencionou o livro digital feito pelos alunos, com imagens, digitação, produção e o cordel. O livro digital é um exemplo de trabalho feito totalmente pelos alunos, no qual a professora apenas orientou o uso de uma palavra ou outra para fazer a rima melhor. Contou-nos que perguntava se estava melhor mesmo e o aluno era quem decidia. Assim aconteceu também na produção textual, quando pedia para o aluno refazer de acordo com suas orientações e dizia: “e agora? Compare os textos e veja qual ficou melhor? ”.

Disse-nos que se trata de fazer o aluno enxergar que há caminhos, há outras possibilidades, que escrever é a arte de mexer com as palavras, se uma não estiver boa, deve ser retirada e outra deve ser colocada em seu lugar. Realçou que o papel do professor excede a transmissão de conhecimento e, conforme Imbernón (2014), a profissão compreende outras

funções, tais como a motivação, a luta contra a exclusão social, a participação, a animação de grupos, as relações sociais, bem como a capacidade reflexiva em grupo.

Após ter passado pelo mestrado, considerada uma experiência ímpar em seu desenvolvimento, contou-nos que quando estava lá, igual à pipoca passando pelo fogo, dizia que não queria mais saber de estudar, que não queria mais saber de nada e quando terminasse esse mestrado gostaria de relaxar. Mas disse que no momento em que ouviu a banca dizendo que seu trabalho pode ter desdobramentos, pode ainda tomar outros caminhos, então começa a pensar que ainda pode contribuir, que ainda é possível superar sua contribuição.

É como um parto normal, igual ao que eu fiz, pari em um dia e no outro já estava lá fazendo vestibular. Aquela dor já acabou, eu digo isso nas minhas considerações finais, que eu sentia um misto de medo e alegria. Medo de decepcionar meu orientador, medo de não dar conta. E eu com a minha “leiguice” em informática, falava para a professora Andréia que eu era tecnofóbica, mentira, só invenção, porque eu não sei muita coisa, então, criei essa frase de que eu sou tecnofóbica. E quando eu fui fazer a disciplina de Ensino e TICs, falei “professora eu não sei nada de informática” e ela disse: “você sabe passar e-mail? ”, e eu disse: “sei”. E ela completou: “então está bom! Só precisa disso.” [Risos]. E me perguntou: “Você tem uma conta de e-mail? ”, eu falei: “tenho”, ela disse: “então pronto, só precisa disso”. E realmente, só com uma conta de e-mail, nós conseguimos um êxito muito grande na disciplina Ensino e TICs que já resultou em um capítulo de livro, já resultou em um livro digital, em um blog e no segundo capítulo da dissertação, [risos] só passando e-mail. E é isso, eu já estou pensando no doutorado e pensando que o que mais me deixa feliz é essa legitimação, isso não é uma loucura, isso não é só língua portuguesa, é língua portuguesa e muito, muito mais. Vai além da gramática, vai para a vida, para a poesia, vai caminhar junto com o científico, eu costumo dizer que agora, daqui para frente Ciência e Poesia caminham juntas, de mãos dadas [risos].

Seu trabalho no mestrado do IFAM é, sobretudo, inspirador para que outros professores tomem conhecimento e consciência de que é possível realizar uma proposta diferente, científica, ousada.

Quem disse que a Ciência tem que ser como sempre foi? Nós aprendemos isso no mestrado com a professora Ana Cláudia, que nos mostrou que a Ciência não revela a verdade, o que era verdade hoje, não vai ser a verdade de amanhã. A Ciência tem seu rigor científico, mas existem as quebras de paradigmas. E isso ficou muito claro, tanto é que quando eu encontrei com ela, falei: “professora Ana Cláudia, vá assistir à minha defesa, porque é uma quebra de paradigmas”, ela disse: “eu vou, porque a Ciência está aí para ser questionada, para ser modificada, para ser inovada, já que não é estática, nem revela a verdade, não é uma verdade absoluta”.

Açai, como professora reconhece que o processo formativo docente tem dificuldades, mas que todos os percalços podem ser superados em prol do desenvolvimento profissional, em favor de se tornar uma professora aberta a um novo horizonte, a um novo caminho, a uma nova maneira de caminhar, apta a apresentar aos alunos novas possibilidades no ensino, disposta a ir além do convencional, pronta para ousar e reinventar a sala de aula no entrelaçar da fibra de seu próprio traçado, que conjuga sua vida e sua lida em uma só trama.

Entendemos que após conhecermos as palmeiras, cabe expor como foram desveladas as fibras e como foi o processo de trançar e entrelaçar nosso traçado, representado pela análise das histórias de vida, iniciada com a leitura detalhada do *corpus* da pesquisa.

3 TRANÇANDO E ENTRELAÇANDO

Para enxergar a trama tecida é necessária a justaposição das fibras. Na tentativa de darmos forma ao nosso traçado, construímos o arranjo que permitiu organizar três categorias de análise, entendidas como sentidos de trabalho atribuídos pelos professores em seus percursos, entrelaçadas em nosso traçado como: A tessitura que envolve, O traçado da lida, O traçado da vida. Percebemos, também, em nossa tessitura que haviam mais possibilidades de trançar do que supúnhamos, o que se revelou em aspectos para além das fibras trançadas e entrelaçadas, os quais nos conduziram a uma proposta de autoformação.

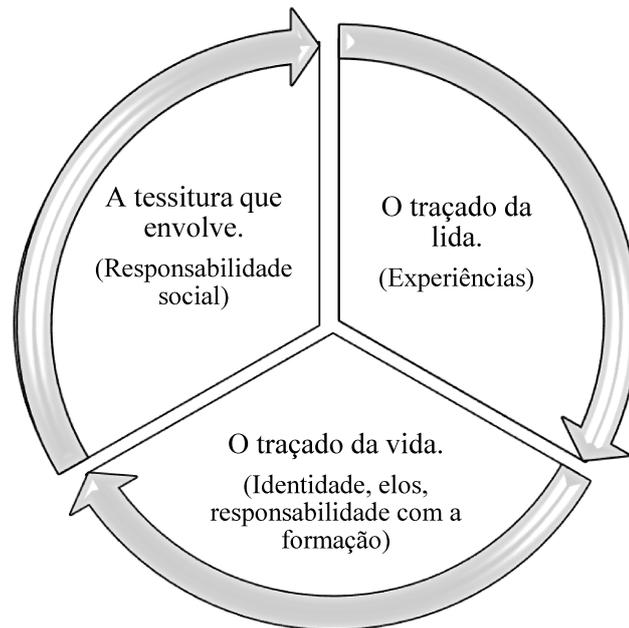
3.1 Fibras tecidas e entrelaçadas

Para que pudéssemos tecer e entrelaçar as fibras das palmeiras de nosso traçado e chegar às categorias de nosso processo, foi feita a leitura detalhada do *corpus* da pesquisa, reconhecendo que nosso objetivo é compreender os sentidos de trabalho no discurso de professores como fundamento para uma proposta de autoformação.

E o processo teve como base a Unitarização (MORAES, 2011) que deve estar em conformidade com os objetivos da pesquisa, a qual está efetivamente direcionada à procura de uma compreensão mais ampla e válida dos fenômenos estudados, o que é a própria razão de se fazer pesquisa, ainda segundo Moraes (2011). E trata, certamente, daquilo que move esse estudo, já que procuramos uma compreensão do fenômeno investigado, seguindo assim os moldes da Análise Textual Discursiva, que se expressa em nosso traçado.

Emergiram, então, três categorias, entendidas como sentidos de trabalho atribuídos pelos professores, são elas: A tessitura que envolve; O traçado da lida; O traçado da vida. Respectivamente, na figura 4 abaixo, A tessitura que envolve entrelaçada à profissionalidade docente, à obrigação moral, ao compromisso social (DAY, 2001); O traçado da lida entrelaçado às experiências (BONDÍA, 2002); O traçado da vida entrelaçado ao processo identitário do professor (NÓVOA, 2007), aos elos do processo (JOSSO, 2006) e à responsabilidade com a própria formação (PINEAU, 2010; GALVANI, 2002; CONTRERAS, 2002).

Figura 4: Categorias dos sentidos de trabalho.



Fonte: Elaboração própria.

Respectivamente, a primeira categoria trata do que impulsiona o professor a ir além do cumprimento do dever como nos traz Day (2001), e, do que se expressou pelas palmeiras de nosso traçado como os elos do processo, além do “educar para a vida” ou então “o trabalho docente como função/responsabilidade social”; a segunda revela as experiências que sustentam o professor, a lida docente, aquilo e aqueles que nos acontecem; a terceira trata do trabalho que constitui, que preenche a identidade, realizando-nos, satisfazendo-nos, movendo-nos como professores que somos e nos constituindo. Tais categorias se expressam nas seções seguintes e evidenciam, no discurso de nossas palmeiras, o trançar e entrelaçar das fibras.

3.1.1 A tessitura que envolve: responsabilidade social

A tessitura que envolve é aquela que amarra, marca as mãos de quem tece o traçado e deixa marcas, mas também é aquela que ao final enfeita. Tal categoria nos remete ao trabalho docente como compromisso, o que os professores em suas narrativas classificaram como educar o aluno para a vida, como a concepção de que o professor deve ir para além do cumprimento do dever (DAY,2001), remete-nos às relações do professor com a docência, à responsabilidade de ser professor (PINEAU, 2010),ao sentido social que atribuem ao trabalho (LIMA, 2005), à obrigação moral (CONTRERAS, 2002) que o professor desempenha, para quem está

direcionada sua profissão, isto é, quem influencia e por quem foi influenciado (JOSSO, 2006), as suas ações (NÓVOA, 2007) e ao seu desenvolvimento profissional (GARCÍA, 1999).

Percebemos nos discursos dos professores evidências que apontam para o sentido de trabalho como responsabilidade que atribuem a si no fazer docente, conforme recorremos abaixo aos excertos das entrevistas:

Figura 5: Evidências para o sentido de trabalho como responsabilidade social.

| | |
|--------|--|
| Bacaba | <p>Não sei, mas eu tenho consciência que grande parte dos alunos não vai ser paisagista, porque não quer. Eu sei que muitos deles estão lá só porque a mãe matriculou, ou porque era o único curso que era perto da casa dele, ou porque foi o que ele achou melhor de todos os outros que tinham no campus. Mas eu me enxergo como uma formadora de profissionais, embora eu saiba que alguns deles não serão paisagistas, o meu posicionamento em sala de aula é que eu estou formando um profissional. Às vezes, eles olham para mim e dizem: “professora, eu não vou ser isso! ”. Eu digo: “Não importa, para mim, não importa, mas eu estou dando aula para você ser isso!”</p> |
| Inajá | <p>Hoje eu já sei que eu estou formando cidadãos, que precisam ser autônomos e envolvidos em toda uma questão social e política. Eu fazia isso, porque sempre achei que devemos dar essa formação para vida, mas não que alguém tenha me orientado. E na questão de inovar, eu sempre gostei de fazer as coisas diferentes com os alunos, sair dessa rotina tradicional, o que também era feito de forma intuitiva.</p> |
| Miriti | <p>Sempre tive uma boa relação com os alunos e procurando passar para eles a importância de se dedicar aos estudos, trabalhando a motivação nos cursos técnicos e profissionalizantes, tentando mostrar a eles que além da parte profissional é importante que sejam formados para a cidadania, para vida. Então para o Ensino Técnico não perdi de vista a questão da cidadania, sempre eu percebia que não adiantava uma pessoa bem preparada na técnica, sem esse preparo para a cidadania.</p> |
| Arumã | <p>[...]eu penso que ser professor é muito mais do que passar matéria no quadro, chegar na sala e passar conteúdo. Ser professor é muito mais abrangente, eu me vejo assim. Eu acho que nós temos um papel que ultrapassa, mesmo sendo professor da Educação profissional, nós temos um papel social. Então, se eu vejo que o aluno está faltando muito, se vejo que o aluno não está fazendo as atividades, eu vou ao setor pedagógico, pergunto à pedagoga se ela tem algo a dizer sobre o aluno. Esse talvez seja, no trabalho, um investimento que você tenha que fazer, é estar preocupado com o outro. Eu acho que o sentido do trabalho está muito atrelado a tudo isso que eu falei, muito mais do que passar um conhecimento técnico e específico para os meus alunos, o que eu quero realmente é que eles tenham a capacidade de pensar, de refletir, de fazer críticas, de tomar decisões, de fazer escolhas, mas é óbvio que nem sempre vão ser as escolhas corretas, mas que sejam conscientes, porque eu acho que a escola tem uma parcela nessa formação, a família tem também um grande papel, mas a escola tem uma responsabilidade fundamental na formação. Então, quando eu penso no ser docente, ser professor, para mim está muito atrelado a isso.</p> |
| Açaí | <p>Eu não dou aula para o (Processo Seletivo Contínuo) PSC, eu não preparo aluno para o PSC, até porque é uma prova de cem anos atrás [risos], é uma “gramatiquice”, então eu não preparo aluno para o PSC, em nenhum momento quis ou tentei transformar o Instituto Federal em um cursinho pré-vestibular, eu preparo para a vida, para a reflexão, para a leitura, para escrita, para a interpretação, para ser gente. Eu não concordo com isso de dizer que a essência do Instituto Federal é preparar para o trabalho, para quê? Para ser mão de obra barata? Meus alunos não, jamais.</p> |

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

A tessitura que envolve nos remete sobretudo às relações entre o docente e os alunos, faz referência ao compromisso que o professor atribui a si no cotidiano da sala de aula, ao comprometimento que o profissional da educação carrega consigo e que fez Bacaba, Inajá, Miriti, Arumã e Açaí afirmarem que seu intuito é preparar o aluno para a vida, ir além dos conteúdos estabelecidos pelo currículo e superar a preparação do aluno como técnico por meio do desenvolvimento da capacidade de refletir, de criticar e de questionar sua prática e seu próprio processo de aprendizado.

A percepção do compromisso ou obrigação moral para com o ensino está situada acima de obrigações contratuais, conforme Contreras (2002), e assim constatamos nos discursos dos professores quando frisam que estão preparando seus alunos para serem profissionais como trouxe Bacaba, ou que pensam em proporcionar uma formação para a vida conforme ressaltou Inajá, ou que se interessam em formar para cidadania como expressou Miriti, ou quando Arumã disse que possui um papel social no desenvolvimento da capacidade de reflexão, criticidade e questionamento do aluno, ou quando Açaí afirmou que prepara seus alunos para a vida, para a reflexão, para a leitura, para escrita, para a interpretação, para ser gente.

Tais posicionamentos conferem ao professor comprometimento com todos os alunos em seu desenvolvimento como pessoas (CONTRERAS, 2002), realçando que a profissão exerce funções de motivação e participação social, se transformando na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza (IMBERNÓN, 2014). Na tentativa de realçar o sentido pessoal do trabalho (LIMA, 2005), o qual reside naquilo que, como bem social, os incita a ensinar, percebemos ainda nos excertos abaixo, em concordância com Contreras (2002), o compromisso do professor para com a comunidade:

Figura 6: Evidências para o sentido de trabalho como responsabilidade social a partir do compromisso docente.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | E eu vou, com chuva ou com sol. Meus alunos dizem: “professora, a senhora não falta? ” Eu digo: “menino, eu já estou morta? Não! Então, não dá para eu faltar! ” [Risos] porque até quando eu vou faltar, aviso um dia antes |
| Inajá | Eu não vou nem dizer para o mundo do trabalho, que agora eu já sei o que é mundo do trabalho. Eu formava meu aluno para o mercado de trabalho, para que ele fosse um empreendedor, na disciplina de Empreendedorismo, para ele ter uma perspectiva de trabalhar em uma empresa, a minha visão era a visão do administrador. Eu estava formando alguém que iria trabalhar naquele mercado de trabalho. Então eu formava alunos para isso, era a minha concepção técnica, de trabalho técnico, totalmente positivista, tanto que eu demorei muito para sair dessa caixinha, porque eu não conseguia compreender esse universo da Educação. [...] E eu tive que me libertar desse pensamento, até para a própria |

| | |
|--------|---|
| | dissertação, porque não tinha condições de escrever assim. E eu formava meus alunos com essa concepção, por isso eu estou ansiosa para voltar para a sala de aula, porque minhas ideias estão fervilhando e eu quero dar esse retorno, uma nova proposta para os meus alunos...eles têm que aprender isso, eles têm que descobrir essas novas situações e quem sabe um dia, um deles pode se tornar professor. Então, hoje a concepção que eu tenho do que é o instituto, da proposta dele, do que ele traz para população é outra. E eu estou ansiosa para aplicar tudo nas minhas disciplinas. |
| Miriti | O professor tem que proporcionar uma liberdade em sala para que o aluno possa se descobrir no laboratório. Eu vejo que o Ensino Tecnológico tem esse aspecto importante, do professor que deve valorizar o que cada aluno tem e a partir daí, vai surgir uma boa ideia, uma iniciativa de construir. O professor tem que valorizar aquilo que o aluno já sabe, o que pode sair do aluno. |
| Arumã | Eu acho que esse repensar o viés social da docência, o lado humano da docência é muito importante. O fato de você pensar que está contribuindo para a formação de pessoas, de seres humanos, que muito mais que profissionais...eu sempre penso isso, eu sou profissional oito horas por dia, mas...e as outras horas? O que eu sou? Eu penso muito nisso, você está ali e está preparando o aluno, mas ele não vai ser só aquilo ali e eu penso que muitos alunos do Integrado, principalmente, eles vão fazer de você que é o professor, um exemplo ou a inspiração dele. Dependendo da situação que ele tem em casa, ele vai negar a casa e vai se apropriar de você enquanto exemplo. E talvez com uma palavra errada você pode desestimular o aluno ou até destruir os sonhos dele, só porque você falou uma palavra sem pensar. Então, eu me preocupo muito com isso. |
| Açaí | Me comunico por esses bilhetes, que têm tido um resultado muito grande, a conversa de corredor que é tão defendida no livro do professor Bazzo, em que há fóruns maravilhosos nos corredores com o aluno de forma desprendida, essas conversas de corredores surtem um efeito muito grande e é verdade. Eu tenho exemplo de conversas de corredor, de chamar o aluno e dizer: “olha, eu não quero mais que você faça assim, você tem potencial, você é um aluno tão bom, maravilhoso”. E o aluno ser transformado da água para o vinho com uma conversa de corredor, é muito lindo isso, eu acho que todo professor deveria ler Walter Bazzo. E como eu me vejo como professora, eu me vejo como essa pessoa muito preocupada não com o conteúdo, não é o conteúdo que é mais importante, eu não tenho preocupação em cumprir o programa. |

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

O compromisso docente se desvela no discurso à medida que os professores demonstram o cuidado, a preocupação e a atenção na relação com os alunos, na busca de responder às exigências da formação discente no Ensino Técnico, que perpassa o tecnicismo e procura, conforme Simionato (2008), um profissional com autonomia intelectual, que domine não apenas os conteúdos, mas os caminhos metodológicos e do trabalho intelectual interdisciplinar para resolver problemas.

Nesse aspecto, é perceptível o engajamento dos professores em cumprir não somente o conteúdo programado pelo currículo, mas ir além do cumprimento do dever, como suscita Day (2001), estabelecendo em igual medida comunicação eficaz no desenvolvimento de suas atividades, satisfazer-se com sucessos específicos dos alunos, sentir-se realizado no ensino,

atender às perspectivas dos alunos e possibilitar a aprendizagem por meio da reflexão sobre a prática.

Esses compromissos atribuídos a si pelos professores se revelaram no momento da entrevista quando Bacaba disse que se esforça para não se ausentar da sala de aula por se sentir comprometida com o aluno, ou quando Inajá reconhece a necessidade de mudança em sua prática e de apresentar uma nova proposta em benefício do aluno, ou no momento em que Miriti afirma que o professor deve valorizar o saber do aluno e a partir daí iniciar o processo de aprendizagem, ou quando Arumã exalta a necessidade de pensar o viés social e o lado humano da docência como contribuição na formação do aluno e mais ainda como capacidade de refletir-se e formar-se (PINEAU, 2010) no andamento da prática, ou no discurso de Açaí que ressalta a importância do professor estar atento ao aluno e comunica-se de forma eficaz em prol não do conteúdo, mas do desenvolvimento do discente como pessoa.

Quando dissemos que a tessitura que envolve é aquela que amarra, marca as mãos de quem tece o traçado e deixa marcas, mas também é aquela que ao final enfeita, nos referimos ao compromisso docente, o que é justamente o que amarra, o comprometimento, a obrigação para com a profissão que marca, isto é, envolve o professor. E ao final enfeita, porque representa a finalidade do ensinar, a satisfação com o sucesso do outro, por meio da formação do aluno, que se converte em sucesso e formação, quiçá autoformação, do próprio docente.

3.1.2 O traçado da lida: as experiências

A lida, o trabalho docente e o que nos sustenta, revela-nos o sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002) na sala de aula, nos corredores da escola e fora do ambiente de trabalho, no cotidiano do indivíduo, nas relações pessoais, nos acontecimentos que levam ao desenvolvimento profissional, nas relações com as pessoas que colaboram, causam empecilhos ou se constituem em exemplos, em elos (JOSSO, 2006) no caminhar docente. Assim percebemos o trabalho, aqui entendido pelos professores como as experiências, a fibra que os ampara e os fortalece no processo de formação.

Mas para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; por outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades (JOSSO, 2002). O sentido pessoal do trabalho não reside diretamente no salário, mas no que, como bem social, incita os professores a ensinar (LIMA, 2005) como já dissemos, comprovando o enlace, assim, da categoria anterior, que traz o sentido de trabalho como

responsabilidade social com esta categoria, que se relaciona com a lida, isto é, com as experiências.

Percebemos nos discursos o valor que os professores atribuem às experiências que os formaram ao longo de sua trajetória, na construção de seu fazer docente, ou seja, na lida. E assim identificamos evidências, expostas na figura a seguir, que apontam para um sentido de trabalho como experiência:

Figura 7: Evidências do sentido de trabalho como experiências.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | Quando você pega o edital do concurso, lá não diz para quem você vai dar aula, para que curso você vai dar aula, faixa etária, nada. E eu nunca tinha sido professora na minha vida, numa sala de aula de escola. Tinha dado aula na igreja, mas nunca em uma escola, só na escola dominical da igreja. E, aí, cheguei no IFAM...pensei...vou ser professora. Entrar numa sala de aula com 44 alunos, isso já foi um impacto. Quanto à formação profissional, eu não senti tanto impacto, porque eu venho de um bacharelado. Então, eu fui formada para ser uma profissional e eu, basicamente, copiava aquilo que eu via meus professores fazerem, embora eu soubesse que tinham algumas coisas que precisavam ser ajustadas e personalizadas. |
| Inajá | Foi uma experiência que eu nunca mais...nem sei imaginar minha vida sem a sala de aula. Me cativou mesmo. Foi algo que eu gostei muito e fui muito bem recebida pelos alunos. E, então, minha trajetória inicial na docência é essa, totalmente despreziosa, não foi planejado, foi por um acaso, mas que fui tentando, como sempre falo para os meus alunos, me inspirar nos meus piores professores, porque eu jamais quero ser igual a eles. Então fui consolidando isso, mas professor substituto fica só dois anos e no final quando eu tive que sair, nossa...eu não queria deixar aquele ambiente da Universidade Federal de Roraima. |
| Miriti | Consegui esse contrato com a SEDUC em 1987 e tudo começou a melhorar. Morava na casa do estudante, trabalhava em uma escola estadual e em um cursinho. Só que nesse período que eu estava fazendo faculdade. O que ocorreu? Eram muitas greves, mas mesmo assim eu consegui terminar em quatro anos. Trabalhei pela SEDUC, em um colégio no bairro do Coroado, chamado Renato Thompson, era uma escola conceituada. Já depois de formado, passei no concurso da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), mais adiante, fiquei na SEMED e por volta de 1993, passei no concurso e vim para o IFAM em 1994. Então é uma longa trajetória, trabalhei em várias escolas particulares em Manaus, trabalhei no Ceima, Colégio Einstein, Colégio Objetivo, tive essa grande experiência. Na época, tinha Educação Moral e Cívica, era bastante diferente. E aqui no Instituto Federal, fiz o concurso no final de 1993 e assumi em 28 de fevereiro de 1994, portanto já estou aí, prestes a completar 23 anos só aqui no Instituto Federal. [...] porém em toda essa minha trajetória de aproximadamente 23 anos eu trabalhei pela intuição, às vezes fazendo as coisas certas e às vezes percebendo que estava fazendo errado. |
| Arumã | Apesar de eu já vir de uma escola de Educação Profissional, que era a escola onde eu trabalhava em Vitória, era só de cursos técnicos, mas é uma dinâmica completamente diferente no instituto. Por exemplo, lá eu dava aula para o subsequente que é o pós-médio, que preparava alunos para concursos. E quando eu cheguei no IFAM, fui dar aula para o Integrado, nível Médio. Então eu acho que o choque foi esse, porque eu vim de um ritmo e, aí, entrei em outro ritmo. E isso de você não saber muito..., mas plano de ensino e diário eu já sabia, porque já vinha dessa outra escola, mas você não é preparado quando entra no instituto. |
| Açaí | [...] os alunos me amaram e quando eu passava no corredor eles saíam da sala, me abraçavam, coisa que nunca havia acontecido em quase 100 anos de instituição, eu tinha |

| | |
|--|--|
| | trazido algo novo, era uma nova maneira de ensinar e realmente, um dia eu me vesti de poesia, fiz e coloquei uma roupa de poesia e vim...tanto é que eles dizem “você entra na sala vestida de poesia”. E eu literalmente entrava na sala vestida de poesia. [...] Então, o Ensino Tecnológico não pode esquecer o estético, o humano, o criativo, o original. Eu venho fazendo esse trabalho diferenciado e não me preocupava muito antes, só me preocupava em que o trabalho feito pelos alunos, mais de três mil textos, fossem parar em livros, que nós fizéssemos uma compilação. |
|--|--|

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Experiência também entendida, em concordância com Tardif (2014), como um saber desenvolvido pelos professores no exercício de suas funções e na prática profissional, baseado no trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio, identificado por exemplo quando Bacaba nos relatou o impacto da chegada em sala de aula, ou no momento em que Inajá revelou que a sala foi uma experiência que a cativou, ou quando Miriti expôs as diversas escolas pelas quais passou, ou quando Arumã reconhece que mesmo vindo de uma escola de Educação Profissional percebeu a diferença na dinâmica do instituto e a necessidade de adaptar-se e quando Açaí nos contou do trabalho diferenciado que realiza no IFAM, considerando o lado estético, humano e criativo a ser desenvolvido no Ensino Tecnológico.

Entendemos o realce que nossas palmeiras conferem às condições da profissão (TARDIF, 2014), ao evidenciar as relações que os professores desenvolvem com os demais atores no campo de sua prática, bem como as obrigações e normas as quais devem desempenhar, além das funções circunscritas à instituição na qual estão inseridos. Enxergamos nos professores que a lida com os condicionantes da profissão é formadora e permite ao docente o desenvolvimento do *habitus* que lhe possibilitará enfrentar o cotidiano da docência.

Cabe observarmos uma lacuna entre os saberes adquiridos na formação e os saberes constituídos na experiência, evidenciados, por exemplo, por Bacaba quando disse que nunca havia sido professora, embora tenha tido formação por meio do bacharelado para ser profissional e sofreu, portanto, um impacto quando entrou em uma turma de 44 alunos no IFAM, revelando o que Tardif (2014) nos enuncia como um choque entre a formação e a realidade da docência em seus primeiros anos de ensino, o que incita o professor a enxergar os limites de seus saberes.

O *habitus* se desvela em um estilo de ensino, em “macetes” da profissão, em traços da personalidade profissional, manifestando-se em um saber-ser e saber-fazer pessoal e profissional validados pelo trabalho cotidiano (TARDIF, 2014). O que Nóvoa (2007) também expressa como *Acção*, que compreende as melhores maneiras de agir na profissão e faz

referência ao processo identitário docente, alimentado pela construção de maneiras de ser e estar na profissão.

Ao considerarmos a construção dos saberes experienciais concebidos por meio dos discursos dos professores entrevistados, convém evidenciarmos que as experiências formadoras, conforme Josso (2002), implicam uma articulação elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação, objetivadas em representação e competência. Traduzidas no fazer docente desenvolvido pelos professores, por exemplo quando Açaí percebe que por meio de ações diferenciadas no ato de ensinar, inserida no Ensino Tecnológico, consegue solidificar sua maneira de ser, sua competência na profissão e conjugar a isso a afetividade na relação com os alunos.

Percebemos, em igual medida, na descrição das experiências, elos (JOSSO, 2006) que se expressam na trajetória traçada pelos professores, identificados quando Bacaba disse que no início da docência copiava o que havia visto seus professores fazerem, ou quando Inajá afirmou que se inspirava em seus piores professores, porque jamais gostaria de ser igual a eles. Tais traços revelam, conforme Bondía (2002), que se trata de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, bem como às pessoas que nos acontecem, o que também expressamos na figura abaixo.

Figura 8: Os elos que constituíram a experiência docente.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | Então minhas motivações são tanto o lado financeiro, quanto o crescimento profissional. E eu venho de uma família que é toda acadêmica também. Mas eu não tinha, a princípio, que fazer um mestrado, porque eu trabalhava em uma instituição que não iria agregar valor financeiro para isso. Depois que eu criei meus filhos e que eu voltei a estudar...aí, eu disse: agora eu vou para a pós-graduação. |
| Inajá | [...] fui tentando, como sempre falo para os meus alunos, me inspirar nos meus piores professores, porque eu jamais quero ser igual a eles. [...] Eu prefiro poder ter a chance de transformar pessoas”. No caso, os meus alunos, tanto que eu...eu não me prendo só ao conteúdo, eu gosto...sempre gostei de dizer a eles da vida. |
| Miriti | [...] O que até hoje lembro, com emoção, é o interesse de antes dos alunos. Agora, não sei se devido à internet, que dá ao aluno muita facilidade de informação. Porque antes tudo era mais difícil, então o que o professor falava era mais valorizado. |
| Arumã | O que meu pai me ensinou foi a trabalhar, algo que eu via nele e que eu vejo em mim é que ele tinha a questão de ser produtivo e de ser proativo, era algo que lhe motivava e é algo que me motiva também. [...] E quando eu estava na faculdade, quando terminei e fui defender a monografia, ele quis assistir. E ali, ele entendeu o sentido de estudar, o que isso significava para mim, a importância. Foi muito legal, porque ao invés de ele me despertar para o estudo, eu que o despertei. E eu acho que foi ele a figura. [...] No final do semestre eu sempre falo para eles (os alunos): “obrigada por tudo que vocês me ensinaram”. E tem alunos que se assustam quando eu falo isso, porque acho que ainda existe aquela cultura de que o aluno não vai ensinar nada para o professor, mas eu acho que |

| | |
|------|---|
| | é uma grande mentira e que nós aprendemos muito mais que os alunos. No final do semestre, o seu crescimento, o tanto de coisas que você aprendeu como professora foi muito maior. |
| Açaí | [...] Eu morava nessa ilha de forma isolada e eu já dava aula, já ensinava...e o meu irmão teve muita dificuldade em aprender a ler. Meu pai um dia foi de canoa para Coari, [...], na volta, trouxe duas cartilhas de ABC e folhetos de cordel. [...] Quando ia ler os textos lá na frente, ela (a professora Georgina) deixava o meu por último, porque era o melhor, era aquele que ia impactar a turma, então, ela lia por último, ela dramatizava as histórias, pedia para nós dramatizarmos e tantas outras coisas [...] eu acho que o me fazia ficar encantada era a afinidade que eu tinha com a professora, quando ela falava da enchente do rio, levava jornal, mostrava a cobra grande que engoliu o boi, mostrava o que era uma maromba no interior...então, era uma professora diferente, que explicava, levava recursos da época, figuras, jornais, contextualizava o ensino [...] é isso né, o professor não morre, ele permanece nos alunos dele. Eu tenho um aluno, um discípulo, que um dia nós estávamos na Livraria e ele pegou o livro Alegria de Ensinar do Rubem Alves e nós lemos ali a primeira página que dizia: “o professor não morre jamais, ele está sempre presente na vida dos seus alunos, na prática dos seus alunos” e o que fizemos ali...nos abraçamos, choramos e choramos...ficamos lá cinco minutos abraçados e chorando, porque ele reproduz o que eu faço, é professor de História, mas faz música, paródia, poesia, paráfrase, teatro, tudo ele reproduz e quando ele manda para mim essas imagens eu confirmo o que o Rubem Alves diz, que o professor não morre jamais, que ele permanece nos alunos dele. E eu estou aí, na vida de vários alunos, graças a Deus. |

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Por meio dos elos representados nos discursos dos professores consideramos, conforme Day (2001), que os docentes em qualquer estágio de suas vidas e carreiras se encontrarão em uma determinada fase de seu desenvolvimento pessoal e profissional. E assim, observamos quando Bacaba comentou que suas motivações para o desenvolvimento profissional provêm da vontade de crescimento financeiro e da influência indireta de uma família envolvida com o meio acadêmico.

Evidenciamos, também, no discurso de Inajá que seu incentivo em se desenvolver profissionalmente se constitui na experiência com os alunos e na vontade de superar suas próprias experiências como aluna ao ter dito que se inspirava em seus piores professores, fator que a motiva a buscar novos caminhos em sua prática como professora. Já Miriti fez referência ao valor antes dado ao professor pelos alunos e que considera preterido em virtude de o acesso à informação atualmente ser maior, ressaltando assim a necessidade da busca por novas maneiras de ensinar e interagir em sala.

Verificamos, da mesma forma, na fala de Arumã que além da figura relevante que foi seu pai na constituição de seu modo ser na profissão, de sua postura e competência no trabalho, ela trouxe o reconhecimento pelo que aprende com seus alunos ao fim de cada semestre, representando que a formação se dá, conforme Pineau (2010), na interação da ecoformação com a autoformação, isto é, refere-se à formação de si no decurso da vida em casa quando traz à

tona a influência familiar que seu pai representou, bem como a interação entre a autoformação e heteroformação no decurso da vida no trabalho, quando expressou o quão significantes são os ensinamentos que emergem da interação com os alunos.

Açaí reconhece igualmente a figura de seu pai e a representatividade que teve desde o momento em que lhe trouxe, após uma viagem de canoa, folhetos de cordel e uma cartilha do ABC como relatou, além da imagem da professora Georgina que a encantava ao ler textos, dramatizá-los em sala de aula e contextualizar por meio de recursos o ensino, afirmando que o professor, conforme citou Rubem Alves, não morre jamais e ficará sempre presente em seus alunos, o que pode ser confirmado de modo duplo, visto que Açaí carrega muito do modo de ser e saber-fazer de sua professora da infância, bem como já inspirou alunos com seu *habitus*.

Tais experiências nos incitam a pensar o processo de formação apoiado na interferência do outro, isto é, na heteroformação (PINEAU, 2010), que se torna manifesto no discurso dos professores quando expõem suas percepções acerca opção pelo mestrado em Ensino Profissional no IFAM e sobretudo a respeito do processo de seleção, das expectativas que construíram, da concepção do andamento das disciplinas e do decurso que se revelou em formação de si.

Figura 9: Percepções do sentido de trabalho nas experiências por meio do mestrado.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | Eu acredito que o mestrado foi, assim, um ponto muito importante. Tanto que na minha prova oral, na entrevista, eu falei para os membros da banca que eu acreditava que o que aprenderia nesse mestrado, talvez fosse o que estava faltando para me ajudar em sala de aula, até porque eu não vinha de uma formação para ser professora, eu não vinha de uma licenciatura. E, eu acreditava que ia aprender técnicas, métodos e ia conhecer autores e pessoas que iriam colaborar para que eu pudesse...não digo incrementar...não é a palavra, mas...tornar as aulas mais significativas e tornar o aprendizado significativo para os meus alunos... E, eu acredito que melhorei muito como professora, pelo que eu aprendi, pelo que eu li, pelo que eu fui levada a conhecer, pelo que os professores mostraram...que eu acho que sozinha, iria conhecer, mas iria demorar mais um pouquinho, eu não iria encontrar alguns autores, eu não iria ter algumas oportunidades, eu não iria buscar tão rapidamente como foi com o processo do mestrado. |
| Inajá | Para quem não é da área da Educação é muito difícil entender todo esse universo, muito mesmo, vocês não têm ideia, noção de como é difícil compreender isso. Então, desde a época que eu estava estudando para fazer o projeto e a prova, eu pensava: “poxa, para ser professor tem tudo isso, é assim mesmo!?”. Para mim todo dia era uma novidade, eu me via e me vejo muito nos textos da Machado quando ela fala que continuamos formando professores achando que o conhecimento específico basta. E para mim antes, isso era tudo o que valia, o conhecimento bastava e ela diz que os professores vão se formando no seu dia-a-dia em sala de aula, nos erros e acertos. Isso parecia que estava sendo escrito para mim, ela (Machado) foi abrindo o meu mundo, nossa, eu pensava: “sou eu, isso é para mim!” [risos]. Porque era tudo que eu vivi e ainda vivia, porque eu escuto meus colegas de trabalho, administradores, contadores e engenheiros, todos pensam assim: “que basta saber o conteúdo para ser professor e a forma com que eu vou explicar ou que esse aluno vai conseguir absorver, isso é com ele, eu não tenho nada a ver”. A maioria dos institutos |

| | |
|--------|--|
| | federais tem essa característica. E tudo isso mexia comigo, deve ter algo a mais e na disciplina da professora Rosa, nós fomos descobrindo que sempre tem algo a mais e mais e mais [risos]. E eu ficava pensando: “meu Deus, como é que eu vivi esse tempo todo sem saber disso? [Risos]. |
| Miriti | Muita coisa muda, para melhor, nossa própria atitude como professor. Nós percebemos que com essas aulas que tivemos, com tudo que nós escrevemos e continuamos a escrever, é possível ver um grande avanço. Hoje eu tenho mais facilidade para escrever, eu tinha muita ideia, mas para colocar no papel era difícil. |
| Arumã | [...] Quando eu cheguei no instituto eu pensava no mercado de trabalho e a vivência, o cotidiano no instituto me fez enxergar o mundo do trabalho e a ida para o mestrado reafirmou, confirmou esse meu pensamento e ampliou tudo. Eu falo isso para os alunos...o fazer, o desenvolver uma atividade, daqui a pouco as máquinas vão fazer, mas o pensar, o refletir, a tomada de decisão, as implicações que isso tem, só um ser humano vai poder fazer. E eu quero sempre colocar essa pulguinha atrás da orelha deles, vocês estão aqui para aprender a fazer o que? Só repetir uma ação ou para pensar essa ação, refletir sobre os impactos dessa ação? Eu penso muito nisso. [...] Depois do mestrado, acho que o doutorado talvez seja o próximo passo né. É algo que eu já penso, já vislumbro, o doutorado, não sei se vai ser logo de imediato, se eu vou parar, eu não queria parar, eu queria poder prosseguir, a vida também tem os caminhos dela, então, eu penso muito nisso e acho que não é só o mestrado e o doutorado, eu acho que a formação vai vindo de outras maneiras também. Creio que o grande ganho são os projetos que você vai se envolvendo, ou seja, aquilo que você promove, o seu retorno para a sociedade. |
| Açaí | Eu pensei: “meu Deus esses meninos estão falando comigo, isso é para mim, eu não posso continuar assim, eu vou fazer o mestrado” e fui, fiz o projeto três dias antes de terminar as inscrições e fui aprovada graças à crônica de Rubem Alves, graças ao que os alunos escreveram e à poesia também [risos]. Eram calouros, eles recém entraram no Instituto, já me dando lição de vida, sabe, então nós pensamos que o professor ensina, mas ele recebe muito mais, aprende muito mais. [...] E é isso, eu já estou pensando no doutorado e pensando que o que mais me deixa feliz é essa legitimação, isso não é uma loucura, isso não é só língua portuguesa, é língua portuguesa e muito, muito mais. Vai além da gramática, vai para a vida, para a poesia, vai caminhar junto com o científico, eu costumo dizer que agora, daqui para frente Ciência e Poesia caminham juntas, de mãos dadas [risos]. |

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

O sentido de trabalho como experiência se manifesta na compreensão dos professores pela necessidade, motivação intrínseca, em buscar formação seja para legitimar o trabalho já desenvolvido no instituto como fez Açaí, ou porque acreditava que o mestrado fosse lhe proporcionar o que faltava em sua prática docente em termos de saberes pedagógicos (TARDIF, 2014) como suscitou Bacaba, ou quando Inajá tomou consciência de que apenas o conhecimento específico da disciplina não bastava para ser professor.

A trajetória no mestrado se apresentou como experiência formadora (JOSSO, 2002) na medida em que os professores se perceberam atores no processo formativo, o que García (1999) nos enuncia como desenvolvimento profissional e que pressupõe, sobretudo, uma autonomia do professor sobre seu processo de formação, evidenciado quando Arumã disse que apesar de já vislumbrar o doutorado, compreende que a formação se apresenta de outras

maneiras também, quer seja pelos projetos nos quais os professores se envolvem ou nas atividades que desempenham como retorno à sociedade.

A formação também pôde ser evidenciada no mestrado por meio da convivência, discussão e aprendizado com os elos (JOSSO, 2002) envolvidos no processo, dada importância que nossas palmeiras conferiram a essa trajetória formativa, revelada na figura abaixo:

Figura 10: Elos que revelam o sentido de trabalho nas experiências por meio do mestrado.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | Por que o Mestrado Profissional do IFAM? Não sei te responder, mas quando você entra em uma Instituição Federal, em uma vida que você vai lecionar, precisa do mestrado, tanto financeiramente, porque é preciso aumentar nosso salário e você precisa crescer de forma acadêmica. Então minhas motivações são tanto o lado financeiro, quanto o crescimento profissional. |
| Inajá | Apresentar-se ao público...eu lembro que o primeiro colóquio, na disciplina da professora Rosa...gente...eu pensei: “por que a professora Rosa convidou Deus e o mundo? [Risos] os alunos da outra turma estavam, meu Deus, eles já sabiam o que eu ia falar. Eu estava insegura, não sabia direito e tive que falar sobre Tecnologia. Eu pensava: “será que eu sei?” [risos]. Parecia que nós não sabíamos de nada, mas a professora Rosa é tão confiante que ela passa essa confiança de que nós sabemos sim. E nós acabamos, não sei como, saindo bem. Então esse foi um grande impacto também, porque dar aula para os alunos é diferente, eles vão aprender conosco, não que tudo que eu disser vai estar certo, pode haver questionamento, mas é muito diferente do que você falar para o professor Amarildo na plateia, ele estava lá e eu falando sobre Tecnologia para a professora Andreia...meu Deus do céu [risos]. Esse era o meu medo e de toda turma, mas tudo bem. Aí, veio a apresentação da professora Andreia, que foi a Mostra de TICS e eu que fui apresentar, dez minutos para falar toda a nossa experiência que está em um capítulo do livro de 25 páginas, ela nos fez explicar em dez minutos. E ela disse que se passasse ela cortaria o microfone [risos]. Treinei minha fala, no dia, o auditório estava lotado, o que já deu um desespero. Então, todas essas barreiras foram uma preparação para a defesa e eu fiquei com muito medo nesse dia, mas depois eu estava lá, consegui levar bem. Tanto que falaram que nem parecia que eu estava nervosa, mas só eu sei. E esse impacto foi grande, porque tinha muita gente lá e o tempo era muito curto. Depois veio o Seminário de Projetos, que foi muito tranquilo, tinha pouca gente [risos]. E eu estava bem segura quanto à proposta que eu apresentei no dia. |
| Miriti | Nós sabemos que tem muitos livros produzidos, mas quando você procura um trabalho de campo, por exemplo na Geografia, as referências são poucas. O que eu pretendo fazer é começar a produzir algo para outros professores, que possa contribuir com o trabalho em sala de aula. |
| Arumã | Passei e não sabia de nada né [risos]. Na chegada, a primeira disciplina foi decisiva, porque te dá um repensar realmente. Primeiro se é aquilo mesmo que você quer e, segundo, te faz ver o mundo a sua volta de outra maneira. Eu acho que foi muito bacana sim. E tem essa questão toda de que é muito desgastante, muito cansativo, ainda mais eu que tenho criança pequena. Você tem que readaptar sua vida toda, a rotina toda mudou dentro de casa, do trabalho mudou. Continuei trabalhando, mas eu pedi redução de carga horária, fiquei com dez horas, que ainda é uma quantidade relevante, não é muito, mas também não é tão pouquinho. Continuei em sala de aula e o processo de estar em sala de aula e estar no mestrado é muito rico, apesar de ser cansativo, é muito bom, porque todo dia você reflete e você ressignifica a sua docência. Todo dia você vai ao mestrado, assiste a aula, faz uma leitura, escreve e quando você entra em sala de aula de noite você já está pensando diferente, você já está vendo diferente, você já está diferente, não tem como você não estar diferente. Eu acho que tem sido uma experiência única. |

| | |
|------|---|
| Açaí | É como um parto normal, igual ao que eu fiz, pari em um dia e no outro já estava lá fazendo vestibular. Aquela dor já acabou, eu digo isso nas minhas considerações finais, que eu sentia um misto de medo e alegria. Medo de decepcionar meu orientador, medo de não dar conta. E eu com a minha “leiguice” em informática, falava para a professora Andréia que eu era tecnofóbica, mentira, só invenção, porque eu não sei muita coisa, então, criei essa frase de que eu sou tecnofóbica. E quando eu fui fazer a disciplina de Ensino e TICs, falei “professora eu não sei nada de informática” e ela disse: “você sabe passar e-mail? ”, e eu disse: “sei”. E ela completou: “então está bom! Só precisa disso.” [Risos]. E me perguntou: “Você tem uma conta de e-mail? ”, eu falei: “tenho”, ela disse: “então pronto, só precisa disso”. E realmente, só com uma conta de e-mail, nós conseguimos um êxito muito grande na disciplina Ensino e TICs que já resultou em um capítulo de livro, já resultou em um livro digital, em um blog e no segundo capítulo da dissertação, [risos] só passando e-mail. |
|------|---|

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Entendemos que as práticas profissionais não se constituam como isoladas e sim como partilhadas (CONTRERAS, 2002), como quando Inajá descreveu sua apreensão e de seus colegas de mestrado nos momentos de socialização das atividades realizadas, encorajadas pelos elos, na figura dos professores formadores, bem como dos próprios colegas que partilhavam simultaneamente tais experiências e, por conseguinte, aprendizado nas situações relatadas.

Em igual medida o desenvolvimento e as práticas profissionais convergem à conjugação de saberes tanto pedagógicos, quanto sociais e experienciais (TARDIF, 2014), revelados quando Bacaba retrata que a chegada em uma instituição federal e a atividade como professora a fez sentir que precisava do mestrado, justificando a necessidade por meio de anseios financeiros e crescimento profissional. Assim percebemos que não basta apenas o saber social, que compreende saberes disciplinares e curriculares, mas são requeridos pelo professor os saberes experienciais e pedagógicos, pelos quais Bacaba também se sentiu motivada a iniciar o mestrado e por meios dos quais Miriti realça sua vontade em contribuir com o trabalho de outros professores em sala de aula, expressando que os problemas surgem pelo fato de que o professor só pode assumir seu compromisso moral com a comunidade (CONTRERAS, 2002) a partir da autonomia.

Compreendemos, da mesma forma, no processo de atribuição do sentido de trabalho como experiência as necessidades e limitações de cada indivíduo, evidenciando que se trata de sujeitos mais ou menos ativos ou passivos da sua formação e de que podem dar a si próprios os meios de serem sujeitos cada vez mais conscientes (JOSSO, 2010), o que confirmamos com o posicionamento de Arumã que entendeu o mestrado como uma experiência única, visto que lhe proporciona uma resignificação da própria prática em sala de aula e a percepção de refletir-se e transformar-se. Reflexão também constatada por Açaí ao superar suas limitações e transformá-las em retorno à sociedade, em produto ao fim do mestrado.

Entendemos no discurso de nossas palmeiras uma perspectiva de autoformação que desdobra o indivíduo em uma dupla operação denominada autorreferencial, no qual o professor torna-se sujeito, quando se apropria da formação e objeto de formação, quando a aplica a si mesmo (PINEAU, 2010). Evidenciando que na medida em que ocorre um processo contínuo de identificação dos sujeitos com as propostas vivenciadas, no mestrado, novos valores e condutas se delineiam e nessa tensão entre mudança e permanência, continuidade e diferença, conforme Lima (2005), é que se constroem as identidades.

3.1.3 O traçado da vida: a identidade

O trabalho que constitui é também aquele que preenche a identidade, realizando-nos, satisfazendo-nos, movendo-nos e motivando-nos como professores que somos e constituindo nossas fibras. Isto é, o sentido conferido ao trabalho, traduzido no traçado da vida, é compreendido como o processo de constituição da identidade docente, que entrelaça o indivíduo ao seu compromisso com a profissão, ao fazer profissional, bem como ao que se extrai daquilo que nos acontece como experiência.

Compreendemos que o professor ao ensinar tem sua identidade carregada de marcas de sua própria atividade e boa parte de sua existência caracterizada por sua atuação profissional, que com o passar do tempo vai moldando o docente com sua própria cultura, *ethos*, ideias, funções e interesses (TARDIF, 2014). Percebemos, assim, nos discursos evocados, abaixo, que o traçado da vida revela um sentido de trabalho que aponta para a identidade, entendida por nós como um processo identitário, a medida que consideramos a identidade como um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão (NÓVOA, 2007).

Figura 11: Percepção do professor como evidência para o sentido de trabalho como identidade.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | E, ser professor...é levar muito trabalho para casa e eu trabalho [em casa] com menino chutando bola atrás de mim, com a bola, às vezes, batendo na minha cabeça. Porque eu não posso me dissociar da minha profissão e eu preciso levar trabalho para casa, lançar nota, corrigir exercícios, tudo isso é feito em casa. Aqui no instituto eu não consigo fazer. |
| Inajá | Eu sempre me senti professora, se eu não tivesse me sentido professora eu não teria permanecido. Desde o primeiro contato com os alunos e com o universo docente, nossa, eu lembro que quando eu era professora lá em Boa Vista e quando me chamava de professora, [risos]às vezes eu ficava pensando: “será que é comigo mesmo!?” , porque quem estuda Licenciatura já vai se preparando para isso. E do nada eu ouvi pessoas me chamando de professora, eu pensava: “meu Deus, sou eu mesma essa professora?” [risos]. Ser chamada de professora foi o primeiro impacto, mas depois vai se tornando bom de ouvir. Então eu acho que desde o dia que me chamaram, pela primeira vez, de professora, eu me senti professora, pertencida a essa profissão, o que só foi crescendo com o passar do tempo. |

| | |
|--------|---|
| Miriti | [...] sempre eu percebia que não adiantava uma pessoa bem preparada na técnica, sem esse preparo para a cidadania, porém em toda essa minha trajetória de aproximadamente 23 anos eu trabalhei pela intuição, às vezes fazendo as coisas certas e às vezes percebendo que estava fazendo errado. |
| Arumã | Eu acho que o trabalho...ter trabalhado em empresas e em outras repartições públicas antes do instituto...foi bacana, porque você vê que é uma faca de dois gumes...o professor da Educação Profissional tem que ter a formação para a docência e ao mesmo tempo tem que ter o conhecimento prático, da indústria, do setor econômico, que movimenta o trabalho, eu acho que isso foi muito importante para mim e eu tive a felicidade de ter a minha própria empresa, de ter sido funcionária de empresa, de ter sido estagiária em empresa, de ter sido servidora na esfera municipal e estadual, que são âmbitos diferentes. Então, eu acho que todo esse caminho foi muito válido e hoje em dia ele é parte da professora, da docente que eu sou. Não tem como me dissociar disso, não tem como apagar esse período. Isso está na minha identidade e eu acho que na maneira como eu ministro aula, na maneira como eu me comunico com os alunos e acho que tem uma gotinha de cada parte da minha vida ali, quando eu estou em sala de aula. E é um dos momentos que eu fico mais feliz...é quando eu estou em sala de aula. [risos] Me sinto muito feliz, realizada com o que eu faço...posso estar cansada como for, eu às vezes vou me arrastando, mas quando eu chego na sala, a minha pilha renova e é muito bom, muito bacana. Me sinto muito realizada com a minha profissão. Acho que é uma dádiva não é!? Você poder fazer o que gosta e gostar do que você faz. |
| Açaí | A vida inteira, por causa desse meu desejo muito grande de ser professora eu não me imagino fazendo outra coisa, eu nunca tive dúvida [...] E é o lugar que me faz feliz, na sala de aula, onde eu esqueço todos os problemas, eu posso estar com o maior problema do mundo, mas quando eu entro na sala de aula, eu não tenho mais problema, eu acho que os professores deveriam fazer isso. O problema deveria ficar lá fora e ele entrar como professor, sem o problema, então, como é que eu me vejo? Eu me vejo essa pessoa muito, muito apaixonada pela sala de aula. A sala de aula é o meu palco. [...] E como eu me vejo como professora, eu me vejo como essa pessoa muito preocupada não com o conteúdo, não é o conteúdo que é mais importante, eu não tenho preocupação em cumprir o programa. |

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Entendemos que a construção identitária do professor se molda em sua trajetória social e profissional (TARDIF, 2014), sendo resultado da formação docente, da inserção na profissão, do choque com a realidade, da aprendizagem na prática, da descoberta dos limites, da negociação com os outros, da responsabilidade para com os alunos, da satisfação com os sucessos individuais dos discentes, das relações pessoais/familiares, de processos anteriores de socialização, da realização pessoal e de poder enxergar-se professor.

O processo identitário também passa pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa atividade, sabendo que a forma como ensinamos depende diretamente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino (NÓVOA, 2007). Assim, constatamos a impossibilidade de dissociar o professor do ser e o ser do professor, conforme Bacaba trouxe em seu discurso quando disse que não é possível se dissociar de sua profissão.

Ou quando Arumã reconheceu que também não pode se dissociar das experiências de trabalho que teve antes da entrada no Instituto Federal do Amazonas, relatando-nos que todos

os momentos vividos anteriormente estão presentes em sua identidade, bem como constituem a docente que é, em sala de aula, e que considera ser o momento de maior felicidade e satisfação, pois mesmo quando cansada, disse se esquecer de todos os problemas ao entrar no instituto para ministrar as aulas, sentindo-se realizada na docência.

Percebemos que na medida em que ocorre um processo contínuo de identificação dos sujeitos com as propostas vivenciadas, novos valores e condutas vão se delineando, nessa tensão entre mudança e permanência, continuidade e diferença é que se constroem as identidades (LIMA, 2005), assim como observamos nos discursos acerca do sentimento de pertencimento à profissão, relatado por Inajá, por exemplo, quando disse que tal sensação iniciou e, tem aumentado com o passar do tempo, desde o período em que ministrava aulas na Universidade Federal de Roraima.

Tal sentimento de pertencimento foi expresso por Miriti ao considerar ter trabalhado pela instituição durante sua trajetória de aproximadamente 23 anos no Instituto Federal ou quando Açaí comentou do seu desejo de ser professora iniciado desde a infância e alimentado por si no decorrer da vida por meio dos processos de formação aos quais se submeteu, da postura adotada em sala de aula, da obrigação moral e compromisso com a comunidade (CONTRERAS, 2002), da satisfação com os sucessos específicos dos alunos, da realização com a profissão e da reflexão sobre a prática (DAY, 2001).

O trabalho como satisfação, move-nos a compreender o traçado da vida por meio da identidade que se constitui no traçado da vida, ou seja nas experiências do fazer e ser docente, bem como se entrelaça em igual medida na tessitura que envolve e representa a responsabilidade social do professor, impelindo-nos ao entendimento de que a formação, em conformidade com Dominicé (2010), é feita pela presença de outrem e de nós, em um processo de autonomização que no decurso da vida nos ajuda a descobrir o que é importante aprendermos para nos tornarmos competentes, darmos sentido ao nosso trabalho e constituirmos nossa identidade.

3.2 Para além das fibras trançadas e entrelaçadas: uma proposta de autoformação

Enxergamos que para além das fibras nos discursos de nossas palmeiras existem aspectos que nos suscitam a entender que o ser em formação só se torna sujeito no ato de aprender e em que é capaz de intervir em seu processo de aprendizagem e de formação para favorecê-lo e reorientá-lo (JOSSO, 2010). Realçamos, na figura abaixo, elementos que os professores evidenciaram como uma necessidade de formação quanto ao entendimento da

modalidade de ensino da instituição na qual se inseriram e terminaram por buscá-la sem uma contribuição institucional, o que se constituiu em um processo de autoformação.

Figura 12: Evidências de necessidade de formação de professores do IFAM.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | Quando você pega o edital do concurso, lá não diz para quem você vai dar aula, para que curso você vai dar aula, faixa etária, nada. E eu nunca tinha sido professora na minha vida, numa sala de aula de escola. Tinha dado aula na igreja, mas nunca em uma escola, só na escola dominical da igreja. E, aí, cheguei ao IFAM...pensei...vou ser professora. Entrar numa sala de aula com 44 alunos, isso já foi um impacto. [...] Eu acredito que o mestrado foi, assim, um ponto muito importante. Tanto que na minha prova oral, na entrevista, eu falei para os membros da banca que eu acreditava que o que aprenderia nesse mestrado, talvez fosse o que estava faltando para me ajudar em sala de aula, até porque eu não vinha de uma formação para ser professora, eu não vinha de uma licenciatura. |
| Inajá | Na verdade, vamos abrir parênteses aqui, eu só fui entender o que é essa Educação Profissional e Tecnológica no mestrado. Então, eu estou no IFAM há cinco anos...desses, três anos eu fiquei dando aula por pura intuição, porque é bem precária nossa orientação pedagógica. Eu entendo que ser pedagogo em uma escola normal é uma coisa, mas ser pedagogo dentro do instituto é outra totalmente diferente. Assim como eu não sabia, posso dizer que quase 70 por cento dos meus colegas não sabem dizer o que é a Educação Profissional e Tecnológica. [...] E, foi nessa hora que tudo a respeito da Pedagogia fez falta. Eu não sabia como funcionava, mas eu sabia que existia e que eu tinha que aprender isso, porque se não, eu não teria condições de ministrar aulas para eles (alunos). |
| Miriti | Então para o Ensino Técnico não perdi de vista a questão da cidadania, sempre eu percebia que não adiantava uma pessoa bem preparada na técnica, sem esse preparo para a cidadania, porém em toda essa minha trajetória de aproximadamente 23 anos eu trabalhei pela intuição, às vezes fazendo as coisas certas e às vezes percebendo que estava fazendo errado. E ao entrar no mestrado comecei a perceber que na verdade falta muito para ser um bom professor, ou pelo menos se aproximar do que é ser um bom professor. |
| Arumã | Apesar de eu já vir de uma escola de Educação Profissional, que era a escola onde eu trabalhava em Vitória, era só de cursos técnicos, mas é uma dinâmica completamente diferente no instituto. Por exemplo, lá eu dava aula para o subsequente que é o pós-médio, que preparava alunos para concursos. E quando eu cheguei ao IFAM, fui dar aula para o Integrado, nível Médio. Então eu acho que o choque foi esse, porque eu vim de um ritmo e, aí, entrei em outro ritmo. E isso de você não saber muito..., mas plano de ensino e diário eu já sabia, porque já vinha dessa outra escola, mas você não é preparado quando entra no instituto. [...] Eu acho que esse é, talvez, o grande desafio de se trabalhar no instituto, trabalhar com vários níveis. E você não é preparado para isso [...] Eu acho que você pensar o viés social da docência, porque aquela observação que eu fiz de apesar de ser professora da Educação Profissional é justamente, porque a maioria dos professores que estão no instituto ou pelo menos os que eu vejo que são da Educação Profissional não pensam o viés social da educação, não pensam o mundo do trabalho, porque não foram preparados para isso. Como nós não temos uma preparação, você já sai do mercado de trabalho para o instituto, você traz o mercado de trabalho para o instituto. Então o Engenheiro saiu da indústria e vem para o instituto, o que ele vai trazer para cá? Ele vai trazer a indústria, então, ele vai talvez repetir o modelo que viveu lá. Eu acho que esse repensar o viés social da docência, o lado humano da docência é muito importante. |
| Açaí | [...] o Ensino Tecnológico tem que ser também um ensino humano, criativo, reflexivo, em que o médico não seja só médico, seja também escritor, bailarino e que tenhamos mais, mecânicos escritores, mecânicos bailarinos, mecânicos atores, escritores, poetas. Então, o Ensino Tecnológico não pode esquecer o estético, o humano, o criativo, o original. [...] Mas aqui no Instituto Federal os colegas pensam e tem muitos que defendem isso em plena |

| | |
|--|---|
| | reunião, dizendo: “não, mas aqui nós somos uma instituição para preparar para o trabalho”. Eu já grito de lá: “eu mesma não, não estou aqui para preparar aluno para ser escravo no Distrito Industrial não, eu estou aqui para preparar meus alunos para a vida, para serem gente, para a humanização, para a arte, para ser alguém no mundo, menos escravo no Distrito Industrial”. |
|--|---|

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Em seus discursos, os professores perceberam um problema que reside na falta de preparação na chegada ao Instituto Federal, alguns por virem de um Bacharelado e considerarem lhes faltar saberes próprios da Educação, outros por virem da Educação Propedêutica e tentar igualá-la ou compará-la à modalidade de ensino do instituto, e outros por chegar de uma instituição também voltada à Educação Profissional e Tecnológica, mas com dinâmica diferente daquela encontrada no IFAM.

A percepção desse problema, pelos professores, é indicada em seus discursos na observação de sua própria condição e/ou na condição de seus colegas de trabalho, como trazido por Inajá quando afirmou que dos cinco anos desde que ingressou no instituto, durante três anos trabalhou por pura intuição e, assim como ela, reconhece vários colegas no campus onde está lotada na mesma situação, trabalhando conforme a intuição.

De mesmo modo, Bacaba expressou ser um problema o desconhecimento da dinâmica do instituto e a falta de preparação para a inserção em uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica por vir de uma formação de Bacharelado e considerou a busca por formação como uma motivação intrínseca, proveniente de sua vontade de crescer profissionalmente e financeiramente, o que a direcionou ao mestrado no IFAM.

Arumã, em igual medida, afirmou que os professores percebem que não há preparação para trabalhar com a Educação Profissional e Tecnológica nos vários níveis presentes do instituto e que a maioria dos professores inseridos na Educação Profissional não pensam o viés social da educação, não refletem o mundo do trabalho, porque não foram preparados para isso e pelo fato de já saírem do mercado de trabalho para o instituto, trazem consigo o mercado e seus modelos para a sala de aula, sem conseguir realizar uma transposição que possibilite enxergar o Ensino Tecnológico de modo mais humano, mais integral, omnilateral.

Conforme nos trouxe Açaí ao criticar o posicionamento dos colegas que afirmam que o instituto deve preparar para o trabalho, preterindo, segundo a percepção de nossa palmeira, o desenvolvimento de um ensino humano, criativo, reflexivo, crítico e que ofereça ao aluno a possibilidade de formar-se para a arte, para a vida e para o mundo.

Entendemos no percurso entrelaçado das palmeiras do traçado que o ingresso no mestrado se apresentou como forma de mitigar a lacuna percebida pelos professores em seu

processo formativo. Para além dos anseios individuais, o mestrado representou a busca por formação no entendimento de que para continuar o desenvolvimento de suas atividades docentes na instituição era necessário conhecer mais da Educação Profissional e Tecnológica como foi para Miriti ou até legitimar, como para Açaí, o trabalho que já realizara.

Seja para entender melhor a Educação Profissional e Tecnológica, ou formar-se como profissional, ou legitimar a docência, é fato que as palmeiras de nosso traçado, tiveram como resultado de suas próprias percepções sentidos de trabalho como responsabilidade social, experiência e constituição identitária, além da necessidade de buscar formação permanente, o que em concordância com PINEAU (2010) nos incita a compreender a autoformação docente apoiada em um processo crítico-reflexivo, portanto autônomo por parte do professor.

A partir dessa compreensão, pareceu-nos relevante pensar uma proposta de autoformação materializada em um curso online aberto e massivo, um MOOC, que possibilitasse desenvolver uma compreensão crítico-reflexiva no participante relativa à Educação Profissional e Tecnológica e, especificamente, (re)pensar o próprio processo formativo a partir das histórias de vida de professores inseridos na Educação Profissional e Tecnológica.

Direcionamos o MOOC não apenas aos docentes que já se encontram no IFAM, mas esperamos que a proposta formativa do curso alcance professores dos Institutos Federais, bem como alunos dos cursos de Licenciatura do IFAM, que embora sejam formados em uma instituição voltada à Educação Profissional e Tecnológica, pouco (ou nada) discutem acerca dessa modalidade durante a graduação, conforme nos enuncia Silva (2016), evidenciando ainda, que o desafio atual nos Institutos Federais é revestir as Licenciaturas de sentido para a vocação dessas instituições, o que implica pensar o perfil identitário dos cursos.

O próprio estilo formativo dos MOOCs permite a integração de variados níveis de escolarização, visto que não exige requisitos prévios. Ainda que pautado em um processo de autoformação docente, que pressupõe uma busca permanente por formação ao longo da vida e se apoia, conforme Pineau (2010), no eu, nos outros e na natureza, elementos considerados constituintes da vida, o MOOC poderia ser ampliado a uma iniciativa institucional, como possibilidade formativa aos professores inseridos nos institutos federais ou que desejem se inserir.

Atentos à compreensão de que os sentidos de trabalho evidenciados no discurso de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM se expressam como resultado da responsabilidade social, das experiências no percurso e da constituição identitária, apontamos

tais sentidos como fundamento para a proposta de autoformação e percebemos a necessidade de um curso de formação que oportunize o estudo da Educação Profissional e Tecnológica, evidenciando suas bases, expostas na figura abaixo:

Figura 13: Bases da EPT.



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Para além de trançar e entrelaçar as fibras de nosso traçado, elaboramos o conteúdo de nossa proposta autoformativa, o MOOC, seguindo tais bases da Educação Profissional e Tecnológica, com o intuito de possibilitar aos professores dessa modalidade não apenas um envolvimento teórico, mas, sobretudo, a capacidade de refletir-se no processo, de (re)pensar a prática docente, de transformar-se a partir da experiência formadora do outro, de dar significado ao vivido e produzir sentido ao próprio processo formativo.

Percebemos, em concordância com Bondía (2002), que as experiências têm relação com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. Então, embora não esteja evidente, é possível identificar nos discursos dos professores o conceito de Formação Integral quando se reportaram, por exemplo, as suas pretensões na relação com os alunos em sala de aula ou quando disseram de suas intenções em formar um indivíduo para a humanização, para o mundo, em detrimento da formação exclusivamente para o trabalho.

O que realça o sentido, nos discursos das palmeiras, do enfoque no trabalho como princípio educativo, conforme Pacheco (2012), ressaltando a busca da superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, isto é, incorporando o intuito de formar

trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos, evidenciando o enlace da dimensão intelectual ao trabalho produtivo.

E atentos que ao promover tal enlace entre o entendimento do trabalho como princípio educativo e da formação integral do indivíduo, remetemos também ao conceito de educação politécnica que tem como referência a noção de trabalho (SAVIANI, 2003), isto é, o conceito e o fato do trabalho como princípio educativo geral, do qual parte a organização da educação a partir do entendimento da realidade e do próprio trabalho.

Nos sentidos de trabalho compreendidos em nosso traçar, identificamos nas entrelinhas das fibras do discurso de nossas palmeiras a busca pela formação integral não apenas de si, mas, sobretudo, dos alunos, o entendimento da relação indissociável entre ciência, cultura, tecnologia e trabalho concorrendo para essa formação e o trabalho compreendido como processo histórico e ontológico expresso no sem-sentido das experiências (BONDÍA, 2002) que acontecem aos professores.

Assim, percebemos que o conceito de formação humana integral se mostra de maneira clara no momento das entrevistas e no sentido dado às experiências pelos docentes. No entanto, os conceitos de educação politécnica e trabalho como princípio educativo se manifestaram de forma muito sutil, de modo subliminar, arriscando dizer subconsciente, nos discursos, imbricados possivelmente nos processos de Ação, isto é, nas maneiras de ser e agir na profissão e Adesão, que diz respeito aos valores adotados pelos professores em seus processos constitutivos.

Convém, desse modo, o oferecimento de uma proposta autoformativa, por meio do curso “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores de Educação Profissional e Tecnológica”, que acenda uma discussão acerca não apenas dos conceitos de Formação Humana Integral ou Omnilateral, Trabalho como Princípio Educativo e Educação Politécnica, mas que permita, a quem experienciar o curso, enxergar até que ponto esses conceitos se entrelaçam e se distanciam conforme a perspectiva da Educação Profissional e Tecnológica e, a partir dessa percepção, ressignificar o enlace dos conceitos em benefício do processo formativo de si.

Compreendemos, conforme nos propusemos, que os sentidos de trabalho expressos nos discursos de nossas palmeiras se apresentaram como fundamento para que pensássemos nossa proposta de autoformação atenta às dimensões não apenas epistemológicas e metodológicas, mas sobretudo ontológicas presentes no processo de formação do professor inserido na Educação Profissional e Tecnológica. Assim os sentidos de trabalho e nosso MOOC

emergiram tal como o trançado que encontra no entrelaçar das fibras uma amarração em si mesmo e assim envolve e enfeita o traçado da lida e o da vida.

4 O ARREMATE

No arremate, ao seguir o objetivo traçado de compreender os sentidos de trabalho no discurso de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM como fundamento para uma proposta de autoformação, identificamos a tessitura que envolve responsabilidade social, o traçado da lida que diz respeito às experiências e o traçado da vida que faz referência à identidade, além de evidências por parte das palmeiras de necessidade de formação no que concerne à compreensão da Educação Profissional e Tecnológica, o que nos fez trançar o MOOC como uma proposta de autoformação docente, entrelaçando a formação de si a partir da formação do outro.

Expostos os sentidos provenientes dos discursos de nossas palmeiras, trançadas e entrelaçadas as fibras de nosso traçado, colocamo-nos atentos ao arremate de nossa feitura que se expressa por meio da materialização do próprio processo e de nossa tessitura em uma proposta de autoformação, por meio de um Curso Online Aberto e Massivo ou *Massive Open Online Course* (MOOC) para professores da Educação Profissional e Tecnológica, o qual nomeamos: Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica.

Entendemos o arremate não apenas como um momento de dar acabamento, mas também como uma oportunidade de olhar o feito e ainda ser capaz de trançá-lo, (des) trançá-lo e (re)trançá-lo, em um processo de arrematação que pareceu esgotar-se e renovar-se em sim mesmo. Descobrimos, nas diversas trançadas, desmanches e entremeios, brechas no traçado de nosso curso que precisaram de ajustes e só conseguimos perceber tal necessidade ao ouvir os sentidos que emergiram daqueles que nomeamos como os frutos das palmeiras, os quais além de realçar o valor de um processo autoformativo, também enfeitaram nosso traçado da lida e da vida.

4.1 Dando acabamento à tessitura

Com as palmeiras que deram fibras foi possível observar que o próprio traçado vai se revelando, constituindo-se em trançado. Com base no que observamos como sentidos de trabalho e pela busca permanente por formação, foi planejada a elaboração do curso “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica. De acordo com McAuley et al. (2010), MOOC se trata de um curso massivo oferecido por uma plataforma *online*, tendo como característica: conectividade em rede social, recursos *online* gratuitos e acessibilidade ao conhecimento em determinado campo de estudo.

Nessa modalidade de ensino o participante deve se organizar conforme seus próprios interesses, habilidades, conhecimentos e metas de estudo, necessitando apenas de acesso à internet, interesse no tema ofertado pelo curso e disponibilidade de tempo semanal para o andamento dos estudos, os quais possuem duração de, aproximadamente, três a vinte semanas. No traçado, o MOOC visa a desenvolver uma compreensão crítico-reflexiva no participante relativa à Educação Profissional e Tecnológica.

Assim, objetivamos de modo específico (re)pensar o próprio processo formativo a partir das histórias de vida de professores inseridos na Educação Profissional e Tecnológica; conhecer o enlace teórico entre Autoformação docente, Sentidos de Trabalho docente, Formação Humana Integral ou Omnilateral, Trabalho como Princípio Educativo e Politecnicia; além de produzir um *e-portfolio* (que se diferencia em nomenclatura do portfólio apenas por ser virtual) composto pelas atividades desenvolvidas ao longo do curso.

Entendemos que a relação entre *os Massive Open Online Courses* (MOOCs) e a formação de professores é evidenciada quando os MOOCs, inseridos na formação docente, ganham importância à medida que, segundo Gonçalves (2015), permitem ao professor renovar seus conhecimentos, adquirir novas atitudes para o exercício da profissão, além de proporcionarem a continuidade da aprendizagem e/ou aprofundamento ou atualização de conhecimentos. Devendo também ser considerados, ainda conforme Gonçalves (2015), os objetivos do professor em formação, o professor como pessoa, a cultura de ensino subsistente e o contexto real no qual cada professor se encontra imerso.

4.2 Arrematação: Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho

Propor um processo autoformação por meio dos MOOCs nos leva a explorar o conceito de desenvolvimento profissional autônomo que, em concordância com García (1999), pressupõe, sobretudo, autonomia do docente quanto ao seu processo de formação, realçando que dentre os fatores que concorrem para o desenvolvimento profissional está inserida a autoformação. Característica evidente no estilo formativo dos MOOCs, que privilegia a escolha individual dos cursos em conformidade com as necessidades de cada profissional, sendo também perceptível o conceito de responsabilidade para com a própria formação ressaltada por Imbernón (2014).

Os MOOCs se relacionam com a formação docente ao se apresentarem como possibilidade formativa. Segundo Laurillard (2016), essa modalidade de cursos poderia ser importante na solução de problemas, como, por exemplo, falta de tempo por parte dos professores em continuar estudando, falta de colaboração no ambiente de trabalho, isto é, nas instituições de ensino. Além de proporcionar educação gratuita e de alta qualidade, bem como propor uma cultura colaborativa no ensino mediante as atividades desenvolvidas pelos MOOCs.

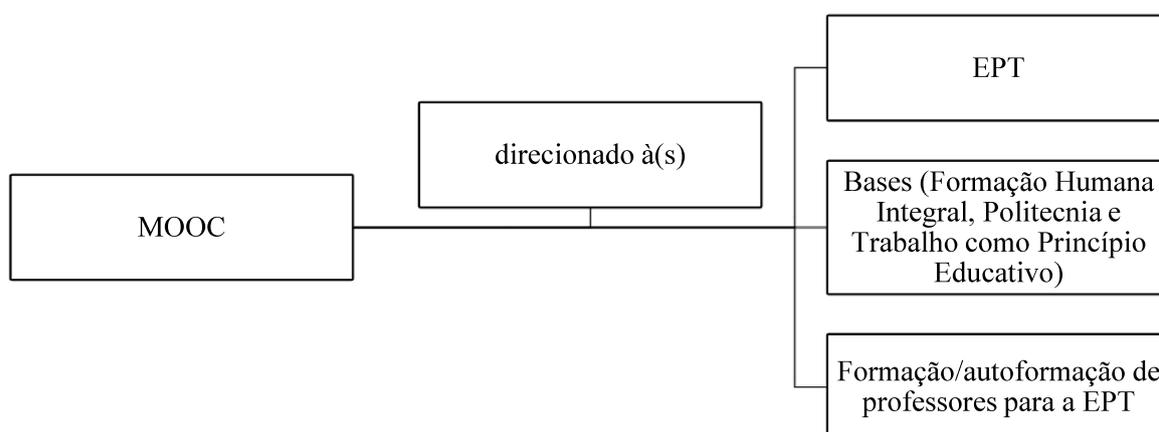
Partimos, desse modo, do que foi evidenciado em termos de sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, considerando os aspectos abordados como responsabilidade social, experiência e identidade. Assim, construímos o MOOC “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica” visando a oportunizar um processo de autoformação, concebendo o participante como indivíduo capaz de transformar suas necessidades e dificuldades em possibilidade formativa.

Conforme as categorias, as quais pudemos perceber, a partir das histórias de vida dos professores, acerca dos sentidos de trabalho que emergiram dos discursos (A tessitura que envolve, referindo-se à responsabilidade social do professor da EPT; O traçado da vida, que faz menção às experiências de vida e prática docente; e O traçado da vida, que se liga ao processo identitário constituído por professores no percurso), trançamos o conteúdo de nosso MOOC, realçando a necessidade de compreensão da Educação Profissional e Tecnológica a partir de suas bases: Formação Humana Integral, Politecnia e Trabalho como Princípio Educativo.

Nesse viés, o MOOC apresentou como escopo desenvolver uma compreensão crítico-reflexiva no participante relativa à Educação Profissional e Tecnológica, por meio do conhecimento de sua estrutura, na qual foram evidenciados os conceitos Autoformação docente,

Sentidos de Trabalho docente, Formação Humana Integral ou Omnilateral, Trabalho como Princípio Educativo e Politecnia, além de estabelecida uma relação (de aproximação ou distanciamento) entre tais conceitos e o processo formativo/autoformativo de professores para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), conforme expusemos na figura abaixo:

Figura 14: Delineamento do MOOC.



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Após finalizados os objetivos do curso, foi traçada a elaboração de sua estrutura. Conforme o mapa de aprendizagem (Apêndice A) de nosso MOOC, construído em um processo de colaboração com a pesquisa de doutorado da professora Aracele Garcia de Oliveira Fassbinder⁶, do IFSULDEMINAS, inserida no Programa de Pós-Graduação em Ciências de Computação e Matemática Computacional da Universidade de São Paulo (ICMC/USP).

O *Framework*, instrumento de auxílio na elaboração de projetos de aprendizagem para MOOCs, desenvolvido pela professora Aracele Garcia é composto por seis momentos: Preenchimento do Questionário de Caracterização, em que disponibilizamos nossas informações pessoais; Planejando Ad-hoc inicial, uma espécie de esboço do MOOC pretendido;

⁶ O contato com a professora Aracele Garcia de Oliveira Fassbinder surgiu logo após a disciplina Aplicações de TICs no Ensino, no curso de Mestrado em Ensino Tecnológico, ministrada pela professora Andréa Perreira Mendonça, a qual mediou o contato inicial com a doutoranda que nos convidou a utilizar o instrumento desenvolvido: Framework Instrucional para Desenvolvimento de MOOCs. Tal *framework* foi construído no âmbito do Doutorado de Aracele Garcia de Oliveira Fassbinder, no Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (ICMC/USP), em São Carlos-SP, sob orientação da professora Ellen Francine Barbosa e colaboração do Professor George Magoulas, Birkbeck College, University of London. A pesquisa também é apoiada pelo IFSULDEMINAS, onde Aracele atua como docente na área de Ciência da Computação.

Primeira Validação do planejamento do seu MOOC, compreendeu o primeiro olhar para nossa proposição e a verificação da necessidade de ajustes quanto à estrutura das semanas do curso; Vídeo e *Site* de Apresentação do Framework, representou o momento de compreensão de como nosso curso poderia ser estruturado, considerando dicas gráficas, além de conteúdo de áudio e vídeo; Desenvolvimento do Mapa de Aprendizagem, representou a materialização do que pretendíamos com o curso, por exemplo em quantas semanas seria realizado, quais atividades contemplaria ou quais conteúdos viriam em seu bojo.

Foi realizado também o preenchimento do Diário de Bordo (Apêndice B), isto é um relato do processo vivido com a utilização do *Framework*, instrumento na construção do mapa de aprendizagem de nosso MOOC, que destacou dificuldades, facilidades e percepções no elaborar da estrutura do curso. Ao fim, foi enviada à professora Aracele Garcia a versão final do Mapa de Aprendizagem, o qual continuamos a utilizar para nosso MOOC, e um Questionário sobre as percepções acerca do *Framework* e ajustes realizados.

Propusemo-nos a trançar um curso que desse realce tanto aos aspectos ontológicos, quanto aos metodológicos e epistemológicos no processo de autoformação/formação dos professores, por compreendermos conforme os sentidos que emergiram de seus discursos a necessidade de articular atividades inclinadas: ao que se pretende conhecer para que, no ato da produção de conhecimento, seja possível a reestruturação de processos formativos; a se referir ao saber que, além de produzido, assume status transformador em um contexto de relações sociais; e a se constituir nas múltiplas articulações entre ontologia e epistemologia, num contínuo ressignificar do conhecimento/autoconhecimento.

Aspectos que pudemos enxergar ao desenrolarmos o trançar de fibras traçadas quando iniciamos o processo de implementação de nosso curso, com a colaboração da turma de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)⁷, no período de 18 de agosto de 2017 a 12 de setembro de 2017, durante a disciplina Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica, ministrada pela professora Rosa Oliveira Marins Azevedo, em que disponibilizamos aos 27 mestrandos o conteúdo de nosso MOOC, por *e-mail* e canal em

⁷ O Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), criado em 2016, é um curso semipresencial ofertado pelas instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica associadas em uma Rede Nacional (RFEPCT), coordenado pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Tem objetivo de proporcionar formação em educação profissional e tecnológica, com intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e para o desenvolvimento de pesquisas na área. Atentos ao objetivo de nosso MOOC, desenvolver uma compreensão crítico-reflexiva no participante relativa à Educação Profissional e Tecnológica, foi oportuno oferecê-lo na primeira disciplina do ProfEPT, Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica, a qual discute conceitos como Formação Humana Integral, Trabalho como Princípio Educativo e Politécnica, também abordados no curso que propusemos.

*Youtube*⁸. Processo que resultou na entrega e socialização, por meio de uma roda de conversa, de um *e-portfolio* e um formulário de avaliação do curso (Apêndice C).

Compreendem as atividades realizadas pelos discentes na construção do *e-portfolio* proposto pelo MOOC (Apêndice D e E): Vídeo de abertura acerca do curso; Vídeos com relatos de Histórias de vida de cinco professores inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no IFAM; Vídeo de encerramento do curso; Roteiros com indicação de textos que tratam das temáticas: Formação Integral ou Omnilateral, Trabalho como Princípio Educativo, Politecnia, Autoformação docente e Sentidos de Trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica; Direcionamento para orientar o desenvolvimento do E-portfolio; Direcionamento para composição do Diário de Bordo; Direcionamento para composição do Memorial de Formação; e Formulário de Avaliação do curso.

Em nosso traçado, com a finalidade de resguardar as identidades dos vinte e sete discentes da turma de 2017 do mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), que se disponibilizaram a colaborar conosco, nomeamos a todos como frutos de nossas palmeiras, utilizando a letra “F” e um número de 1 a 27 para identificá-los em nossa tessitura (F1, F2 e assim sucessivamente até F27). Resolvemos chamá-los de frutos, pois enxergamos o quão relevante foi, para a turma de mestrandos, os vídeos que trouxemos com as histórias de vida de nossas palmeiras, professores inseridos na Educação Profissional e Tecnológica.

Consideramo-los como frutos por percebermos que o fruto, por guardar em si a semente, apresenta a expectativa de ser uma palmeira e já se constitui em uma palmeira em potencial, comparando-se àquela de modo explícito ou de maneira inconsciente em suas formas de dizer-se no processo. Abaixo, com a finalidade de realçar a diversidade dos mestrados que participaram de nosso MOOC, trazemos uma figura que retrata tanto a área de formação de cada um, quanto a instituição na qual se encontram inseridos.

⁸ O conteúdo do MOOC, que compreende tanto os vídeos como as atividades dos roteiros, direcionamentos e formulário de avaliação do curso foi disponibilizado por *e-mail* e canal da mestranda (Bárbara Castro Lapa) em *YouTube*, pois não fora possível submetê-lo a uma plataforma de MOOCs até o momento em que iniciara, no mês de agosto de 2017, a primeira disciplina Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica, inserida no curso de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

Figura 15: Formação e atuação dos mestrandos do ProfEPT (Turma 2017)⁹.

| |
|---|
| Licenciado em Filosofia, Instituto Federal do Amazonas (IFAM). |
| Licenciada em Educação Física, Instituto Federal do Pará (IFPA). |
| Pedagoga, Instituto Federal de Rondônia (IFRO). |
| Licenciada em Matemática, Instituto Federal do Pará (IFPA). |
| Licenciada em Letras Língua Portuguesa, Instituto Federal do Amazonas (IFAM). |
| Enfermeiro, Instituto Federal do Amazonas (IFAM) |
| Bacharel em Administração, Instituto Federal do Amazonas (IFAM) |
| Licenciada em Letras Língua Portuguesa e Psicóloga, Secretária de Estado de Educação (SEDUC/AM) |
| Graduado em Tecnologia em Processos Gerenciais, Instituto Federal do Amazonas (IFAM) |
| Psicóloga, Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) |
| Pedagoga, Instituto Federal do Amazonas (IFAM) |
| Bacharel em Administração, Instituto Federal do Amazonas (IFAM) |
| Pedagoga, Instituto Federal do Amazonas (IFAM) |
| Pedagoga, Instituto Federal do Maranhão (IFMA) |
| Pedagoga, Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/PA) |
| Licenciada em Química, Instituto Federal de Rondônia (IFRO) |
| Licenciado em História, Instituto Federal do Amazonas (IFAM) |
| Bacharel em Administração/ Licenciado em Filosofia, Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) |
| Pedagoga, Instituto Federal do Pará (IFPA) |
| Bacharel em Direito/ Licenciada em Informática, Universidade Paulista (UNIP) |
| Licenciada em Matemática, Instituto Federal do Amapá (IFAP) |
| Bacharel em Turismo/ Pedagoga, Secretaria Municipal de Educação (SEMED/AM) |
| Pedagogo, Instituto Federal do Pará (IFPA) |
| Pedagoga, Instituto Federal do Amazonas (IFAM) |
| Pedagoga, Secretária de Estado de Educação (SEDUC/AM) |
| Pedagogo, Instituto Federal do Pará (IFPA) |
| Licenciada em Filosofia, Secretária de Estado de Educação (SEDUC/AM) |

Fonte: Elaboração própria, a partir do *e-portfolio*, 2017.

Ao conhecer os mestrandos, foi possível trazeremos um olhar sobre os olhares de nossos frutos, realçando suas histórias de vida, e sobretudo o processo autoformativo que puderam experienciar no desenvolvimento das atividades propostas por nosso MOOC. Tal processo é realçado na forma como os frutos se disseram e se enxergaram palmeiras.

4.3 Os frutos que se enxergaram palmeiras

Ao olhar o processo formativo do outro nos tornamos um pouco do outro. Assim, percebemos os frutos que se tornaram também um pouco das palmeiras ao olharem as histórias de vida que entrelaçaram o traçado da lida e o traçado da vida nos vídeos de nosso MOOC,

⁹ Na figura, expusemos de forma aleatória a caracterização quanto à formação e à instituição de origem dos nossos frutos, com finalidade de manter em anonimato nossos colaboradores. Portanto, não os identificamos nem como F1, F2 e assim sucessivamente para manter o anonimato.

entendendo, conforme Prestes (2012), que quando dois homens estranhos se encontram pela primeira vez – não importa o que os separe, classe social, interesses etc. – ambos se reconhecem reciprocamente como homens, tal como se a relação entre eles houvesse existido sempre.

O desenvolvimento do curso nos ofereceu dados por meio dos seguintes instrumentos: *e-portfolio*, com objetivo de trazer em si o memorial de formação de cada mestrando e considerações acerca das bases da Educação Profissional e Tecnológica, o qual nos possibilitou elaborar a primeira categoria, nomeada “As buscas dos frutos no traçado”; as transcrições das gravações em áudio da roda de conversa realizada em sala de aula no IFAM, após a realização do MOOC por parte dos discentes, com objetivo de evidenciar as percepções dos mestrandos a respeito da experiência vivenciada no MOOC, que nos permitiram construir nossa segunda categoria, chamada “O dizer-se dos frutos”; e o Formulário de avaliação do curso, com objetivo de revelar as percepções dos mestrandos acerca da estrutura do curso experienciado, que representou a emergência de nossa terceira categoria “O olhar dos frutos para o traçado”.

Ao percebermos as informações contidas no *e-portfolio*, nas transcrições da roda de conversa e no formulário de avaliação do curso, utilizamos elementos da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2011) no tratamento do *corpus*, que nos possibilitaram realizar a etapa de Unitarização, resultado de um processo de recortes, desconstrução e reconstrução dos dados coletados, bem como a fase de Categorização que nos conduziu a um processo de comparação e diferenciação de elementos unitários, culminando na formação de conjuntos de elementos que se aproximaram ou se afastaram.

Um terceiro momento compreendido por nosso processo analítico foi a percepção da necessidade de comunicação existente no próprio traçar, realçada tanto na produção textual por parte dos mestrandos na construção do *e-portfolio*, quanto em nosso percurso de análise dos dados provenientes das buscas, do dizer-se e do olhar dos frutos. Enxergamos, conforme nos traz Galiazzi (2011) que escrever é preciso e a produção escrita constitui-se, ao mesmo tempo, em aprendizado e comunicação.

Desse modo, caracterizamos nossa primeira categoria, com base no uso de elementos da Análise Textual Discursiva sobre os *e-portfolios*, como “As buscas dos frutos no traçado”, da qual emergiram as inspirações de nossos frutos para falar de si a partir das histórias de vida de nossas palmeiras. Consideramos, ao analisarmos os relatos, a experiência como formadora e como um processo de buscas, conforme nos traz Josso (2002), percebido na busca de conhecimento ou do real, na busca de felicidade, na busca de sentido e na busca de si e de nós.

Identificamos tais buscas, também, na maneira de dizer e dizer-se de nossos frutos em nossa segunda categoria, que emergiu da roda de conversa para a socialização da experiência

com o curso “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica”, e que nomeamos “O dizer-se dos frutos”, trazendo consigo a essência do vivido no que pôde ser experienciado nas atividades do MOOC.

Ao entendermos que o curso possibilitou não apenas conhecer a história de vida de professores inseridos na Educação Profissional e Tecnológica, mas uma compreensão acerca das bases dessa modalidade de ensino (Formação Humana Integral ou Omnilateral, Trabalho como Princípio Educativo e Politecnicidade), fizemos emergir nossa terceira categoria, a qual nomeamos “O olhar dos frutos para o traçado”, o qual expressa as percepções de cada mestrando acerca da estrutura e da proposta do curso.

Assim, cabe expormos cada entrelaçamento das categorias que emergiram de nosso arremate e percebermos que o desenvolvimento, por parte dos discentes do mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), de nosso curso “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica” se tratou do momento no traçado em que foi necessário, conforme avançávamos na tessitura, não apenas traçar um caminho de proposição do curso e expor o que se passou no caminhar, mas foi preciso um olhar para o traçar, uma percepção para o (des) traçar e uma atitude para o (re) traçar do próprio traçado.

4.3.1 As buscas dos frutos no traçado

Perceber as buscas no traçado por parte dos frutos significou mergulhar também nas experiências e histórias de vida relatadas por eles na produção do *e-portfolio* quando (re) construíram seus memoriais de formação para a composição das atividades solicitadas. Na figura abaixo trazemos considerações feitas pelos frutos no processo de reflexão e composição do *e-portfolio*:

Figura 16: As considerações dos frutos.

| Considerações expressas no memorial de formação produzido para a composição do <i>e-portfolio</i> | |
|---|--|
| F1 | A experiência vivida por dois anos no campus Maués mostrou a necessidade de aperfeiçoamento constante por parte dos docentes. Tive uma formação em licenciatura que me mostrou diversas metodologias para desenvolver o ensino da [...] ¹⁰ , mas que nunca tratou de uma formação integral. Rever as práticas, refletir sobre conceitos e crenças são oportunidades que uma formação continuada pode oferecer aos docentes em EPT. Não basta ser um bom profissional e ter recebido a melhor formação na melhor instituição de ensino é necessário questionar-se sempre. O fazer-se não pode ser reduzido a um simples adequar-se é necessário comprometer-se para tornar-se. Penso que o ingresso no mestrado reacendeu o desejo de pesquisar, de desenvolver projetos e buscar caminhos alternativos para superar as provocações que a educação nos propõe diariamente. |
| F2 | Em tão pouco tempo já obtive aprendizados significantes para a minha carreira profissional e pessoal, estou me contemplando aos poucos, na certeza que poderei ser o diferencial dentro da minha profissão e na EPT. Acredito que agora viverei o ato da escrita, me encontrando comigo mesma e com o mundo que me cerca. Muitos dos relatos apresentados nos fizeram refletir e pensar: Qual palmeira eu sou? Qual palmeira eu já fui? Acho que meu colega de trabalho é essa palmeira. Fui essa palmeira, porém hoje sou essa. Podemos compreender que existirão muitos sentidos de trabalho para os professores que atuam na EPTNM, no entanto, essas concepções irão depender de como se deu o processo de entrada e manutenção desses professores e isso parte das histórias de vida, das concepções de mundo do trabalho, mercado de trabalho e da formação que foi buscada para manter ou mudar essa realidade. A amostra da autora nos mostra uma parte real de um todo o qual deve conter muitas outras palmeiras com ainda mais outros sentidos de trabalho com muitas outras histórias de vida. Ora me considerava ser Açaí, ora Inajá, ora acreditava ser uma mistura de duas e até três palmeiras, foi nesse momento que descobri que o meu sentido de trabalho é meu, e que a minha história de vida e as minhas buscas de formação irão definir esse sentido. O memorial me fez descobrir onde estou, o que quero e devo esperar de meus alunos, qual minha função na escola para além de docente, o que minha história de vida deve agregar em minha formação profissional e se de fato esse mestrado é o caminho a ser seguido. Concluo de forma crítica, reflexiva e consciente de que a partir daqui minha visão na docência dentro da EPT não será mais a mesma. |
| F3 | “Ainda hoje lembro de você professora”: são os tesouros colhidos no garimpo que é a vida de quem é professor. A partir dos relatos dos professores Bacaba, Inajá, Miriti, Arumã e Açaí (LAPA, 2017), percebemos que existe um movimento na EPT para o repensar da prática docente. A reflexão coletiva, ao mesmo tempo que nos torna grupal, nos faz individual, fortalecendo a nossa identidade. A partir do outro, eu me vejo nele, ora me diferencio, ora me aproximo, assim, nesse movimento para o outro e para mim, eu me percebo e fortaleço minha identidade como professor. O processo de formação profissional está intrinsecamente ligado ao processo de formação pessoal e humano. Ao nos inserirmos na vida acadêmica não deixamos para traz nossos sonhos, objetivos, valores, nossa cultura. Assim, a medida que a formação profissional vai se delineando, vamos nos desenhando também como gente. É através da interação com o outro, com as histórias, as vivências, experiências, conquistas e frustrações que vamos nos reconhecendo, e neste processo de reconhecimento, ao mesmo tempo que nos percebemos tão diferentes, nos sentimos muito iguais. Hoje, assim como aquele meu primeiro quadro “ a grande parede do quintal”, tenho uma sala de aula muito maior do que aquelas nas quais eu ensinava na infância, minha sala de aula hoje é em todo lugar, são os corredores, a cantina, a biblioteca. Minha sala de aula hoje é onde o aluno está. |
| F4 | Trabalhar na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica têm sido um grande aprendizado, não apenas pela experiência cotidiana, o que por si só já é bastante relevante, mas também por estar conhecendo esse lado tão particular na educação brasileira. Podemos dizer que essa modalidade educacional é bem mais que “saber utilizar várias técnicas” para a |

¹⁰ Com a finalidade de manter anônima a área de atuação dos mestrandos, que colaboraram conosco no processo de avaliação do curso implementado, utilizamos interpolações por meio de colchetes e reticências em seus discursos.

| | |
|-----|---|
| | <p>execução de tarefas que não demandem muito além do conhecimento empírico; é uma forma de combate à dualidade de concepções do trabalho, que divide as habilidades das pessoas em manuais ou intelectuais. A partir do conhecimento dos textos fornecidos, passei a compreender, ainda que de forma ainda bem limitada, sobre as dificuldades enfrentadas para que os professores dessa modalidade estabeleçam uma cultura de formação específica, assim como às instituições que a oferecem, de modo particular, as integrantes da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.</p> |
| F5 | <p>Sou uma em muitas e muitas em uma: mulher, profissional que atua em várias frentes da educação: docência, gestão, educação presencial e a distância, além de estudante. Nesse processo formativo profissional, mudei rotas, fiz um zig-zag sem fim. Vozes vivas e autênticas que emergem da história buscando ressignificar a vivência do que foi, do que é e do que poderá vir a ser”. Ainda é viva na minha memória a aula da professora Edineide, de didática sobre a diferença entre professor e educador. Naquele dia, decidi ser educadora, que era isso que queria para minha vida. O texto era de Rubem Alves e comparava “eucaliptos e jequitibás”; onde os primeiros crescem muito rápidos e logo são cortados e substituídos por novos exemplares; enquanto que os segundos se desenvolvem mais lentamente e são mais resistentes ao corte e não caem com muita facilidade. Nessa analogia o educador deve ser um jequitibá. A partir daí toda minha atitude sobre minha formação profissional mudou. Eu havia encontrado meu lugar no mundo. Foi para mim, dar-se conta da autoformação como autoregulação da aprendizagem, também.</p> |
| F6 | <p>Essa reflexão têm um "ar diferente" nesse processo. A grande diferença é que nos textos que escrevemos o homem aparece como "professor do próprio homem e de quem o observa". Na mesma medida os autores nos instigam a pensar na possibilidade de o homem avaliar sua trajetória, através da História de Vida (o que não é fácil) e suas experiências, com a intencionalidade de produzir conhecimento factual, a partir de erros e acertos que, podem ou não ser reproduzidos, por outros atores, em outras realidades, em ocasiões semelhantes ou completamente distintas. E Lapa (2017) conseguiu repassar a mensagem/informação de que, assim como existe um efeito sinérgico no resultado final da confecção de um cesto ou uma rede artesanal, a base fibras; quando poucas pessoas se acham capazes de tecer tal instrumento e daí só o admiram e/ou compram em feiras artesanais, a sinergia da utilização das Histórias de Vida desses professores leva ao entendimento que o resultado é bem maior que a mera soma das partes. A autoformação é algo permanente, é a capacidade de modificar a atuação profissional com base nas experiências vividas e servir de ensino para outros profissionais.</p> |
| F7 | <p>O mestrando expressa, logo no início de sua produção textual, a percepção de que “O caminho percorrido até o momento é apenas uma parte de algo maior que a cada dia se amplia. Onde vou chegar eu não sei. Mas sei que o ProfEPT é mais uma parte desse caminho que pretendo percorrer na busca dos meus sonhos.</p> |
| F8 | <p>Quando damos continuidade aos nossos estudos e nos deparamos com as narrativas presentes nos muitos livros, artigos e demais trabalhos acadêmicos, percebemos que em busca de se fazer ciência muitas vezes ocultamos ou negligenciamos a experiência de vida. Ao nos deparamos com a possibilidade de construir uma metodologia que leve em consideração uma abordagem experiencial, uma biografia ou autobiografia percebemos sua riqueza. Todas as reflexões que emergem, possibilitam mudanças em nossos fazeres diários, retiram de nós o automatismo de quem vem fazendo o seu trabalho com compromisso, mas nem sempre com consciência do seu papel na construção da sociedade que almejamos. Apesar de todas as dificuldades e desafios, tal processo permite uma rica aprendizagem.</p> |
| F9 | <p>A formação, se dá no ponto de vista do próprio docente, em sua prática educativa, através das experiências acumuladas ao longo de sua vida profissional, ou seja, a partir de situações vivenciadas no contato com os alunos em sala de aula. Na formação pedagógica, é necessário que o docente não exponha só os conteúdos a que são devidos e mantenha conduta ética e humana com os seus alunos, mas que também busque a formação constante, seja pela análise de eficácia das suas práticas educativas realizadas, assim como a análise da experiência de outros docentes, e pela busca de qualificações para o seu melhor exercício profissional.</p> |
| F10 | <p>Entender como podem ser ricos os elementos extraídos no processo, inclusive permite vislumbrar o novo. Assim como perceber por meio dos sentidos atribuídos pelas palmeiras a</p> |

| | |
|-----|--|
| | <p>sua prática docente no ensino tecnológico, a sua responsabilidade e comprometimento, tanto com a formação dos alunos, como também com a sua própria formação. Ao elaborar, ou melhor, tentar elaborar os textos que compõem esse portfólio, foi possível melhor compreensão das bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica, conhecer alguns dos autores que mais pesquisam nessa área e assim, perceber o quanto ainda é necessário ler e estudar para apropriação de tais conteúdos. Contudo, foi uma ótima experiência para o início do curso, visto que me permitiu identificar gargalos e assim, buscar saná-los de modo a superar os desafios que ainda se apresentarão durante minha trajetória.</p> |
| F11 | <p>O ato de escrever, embora seja um encontro conosco e com o mundo que nos cerca, expõe toda a nossa dificuldade de redigir. A dificuldade em se expor é muito grande, pois nos faz falarmos a verdade conosco mesmos através do olhar para dentro de si. Requer de cada um a humildade de reconhecer suas fragilidades, seus pontos fracos, e até sua rebeldia, teimosia e resistência diante de mudanças necessárias que precisam ser feitas. Espero, sinceramente, que por meio do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, possamos nos apropriar de fundamentos científicos, num buscar contínuo por novos conhecimentos próprios de uma sociedade dinâmica e juntos com meus colegas da rede, vislumbrar novos horizontes para nosso fazer pedagógico. A possibilidade de voltar a estudar depois de tanto tempo atuando em atividades meramente operacionais, me deu vida, animo e vontade de tentar, aí me inscrevi e comecei a estudar.</p> |
| F12 | <p>Com o advento do mestrado profissional, busca-se tanto aprender todas as nuances da Educação Profissional e Tecnológica como contribuir com a sociedade. As vivências passadas ajudam a responder e compreender estas questões no presente. Por meio da formação específica, espera-se que os trabalhadores da educação profissional, em especial os professores possam agregar às suas práticas pedagógicas a aplicabilidade das disciplinas com a EPT, e dessa forma, cumprir a sua função em consonância com preceitos e sentidos próprios da educação voltada para a cidadania. Ensinar para a vida, contrapondo-se com a justificativa de que o Instituto Federal apenas transmite o modo como tal profissão deva ser exercida. Isto vai além de formar um profissional: significa constituir um cidadão consciente de sua capacidade de transformar a própria realidade. Assim como as fibras do traçado se entrelaçam formando o artefato, as vivências, as escolhas, as qualificações, todos estes elementos modelam de forma singular o educador. Nesse sentido, o Mestrado em Educação Tecnológica (ProfEPT) surge como caminho executável, não apenas com o intuito de formar mestres, mas também de contribuir com o processo de ensino, preenchendo de forma concreta e incontestemente os vazios ainda existentes na seara educacional.</p> |
| F13 | <p>Entender como os fatos narrados na história de vida destes docentes se entrelaçam ao ponto de desvelarem nos sentidos que eles imprimem à sua prática, ampliou nossa visão para a necessidade de reflexão sobre a relação que existe sobre as histórias de vida e a qualidade da prática docente desenvolvida. Em meu percurso formativo essa palavra (fê) sempre esteve viva na minha memória, me levando a ir sempre além do que meus olhos podiam imaginar, e acreditando que minhas conquistas foram resultado da minha não conformação com a realidade social na qual eu estava inserida. O processo de autoformação exige disciplina e domínio próprio, e não se constitui em uma proposta fácil de executar, entretanto os resultados obtidos revelaram que no processo formativo no qual estamos inseridos, essa metodologia de estudo é fundamental, pois nos insere no campo da ciência e nos faz construir reflexões, dialogar com os textos, argumentar, em um processo de aceitação ou de negação do que está posto.</p> |
| F14 | <p>Trabalhar de forma interdisciplinar rompendo com os modelos tecnicistas de transmissão de conteúdo ainda é um objetivo a ser alcançado. Nós enquanto educadores da Educação Profissional e Tecnológica precisamos internalizar o conceito de trabalho como princípio educativo e entender a importância desse enfoque para desenvolvermos uma ação educativa comprometida com a emancipação dos sujeitos e com o desenvolvimento regional – desenvolvimento aliado ao bem-estar coletivo. Deve-se reconhecer que estamos vivendo, dentro dos Institutos Federais de Educação, um processo de ressignificação identitária dos professores. O que nos leva a problematizar a EPT, perceber a rearticulação entre trabalho e educação e refletir sobre os desafios e possibilidades da implementação de uma prática educativa na perspectiva de formação humana integrada. Este processo nos fez lançar um olhar</p> |

| | |
|-----|---|
| | sobre o nosso processo formativo e as nuances que o envolvem, entendendo que as nossas experiências e os saberes que trazemos conosco, se entrelaçam e geram novos conhecimentos a partir do confronto com a prática. |
| F15 | Compreender a Educação Profissional e Tecnológica implica discutir as suas bases fundamentais no intuito de conhecer a literatura já difundida pelos pesquisadores da área, esclarecer conceitos importantes e se apropriar de concepções construídas ao longo da história socioeconômica e educacional. Considero que a formação docente deve incluir questões de natureza didático-político-pedagógicas, além da discussão sobre a função social da EPT e nosso papel de docente da EPT. Essa formação precisa revelar a própria identidade da EPT, numa concepção omnilateral e politécnica. |
| F16 | Pensava que a palavra “integrado” estava lá só para informar que as disciplinas técnicas e as da base comum eram cursadas ao mesmo tempo, nunca houve aqui uma orientação, um curso de formação sequer que debatesse isso. Com o passar do tempo e o conhecimento das necessidades das disciplinas técnicas, comecei a perceber que esse “integrado” devia ser uma coisa muito mais profunda do que parecia. Do ponto de vista profissional, o autoconhecimento é busca de crescimento, através dele podemos reconhecer nossos pontos positivos e negativos, fortalecendo os primeiros e buscando a melhoria dos últimos. Quando o professor escreve sobre sua formação e prática, tem a oportunidade de revisitar a sua própria história, de (re) conhecer a si mesmo, seu processo de formação e entender seus sentimentos a respeito desse itinerário. Precisamos como professores da EPTNM nos apropriar do nosso ambiente de trabalho, das reais necessidades e especificidades dos cursos nos quais ministramos aulas para que assim, conhecedores delas, tenhamos maiores oportunidades de agir e modificar a realidade das nossas salas de aulas. |
| F17 | Entendemos que é necessário suprir necessidades e limites que são característicos da formação e atuação dos profissionais da Educação Profissional e Tecnológica. Assim se construiu o processo de autoformação promovido nesta primeira disciplina do mestrado, com orientações que nos proporcionaram repensar a Educação Profissional e Tecnológica em suas diferentes dimensões, como a questão da formação humana integral, do trabalho como princípio educativo ou da politécnica, entendidas como as principais bases da EPT. |
| F18 | A autoformação está presente em todo o decorrer de nossa vida, em nossas experiências formativas, sejam formais ou não, ocorre em nossos aprendizados com as situações, relações ou acontecimentos que nos marcam, que nos transformam. Assim como a história de vida que procura trazer o conhecimento de dentro para fora do indivíduo. E ao perceber os sentidos do trabalho para profissionais que atuam nessa modalidade de ensino, fomos levados a refletir e questionar sobre quais os sentidos do trabalho em nossa própria visão, em nosso pensar. |
| F19 | A narrativa permitiu a expressividade ao discorrer sobre o processo de formação, além de deixar evidente na análise da pesquisa aspectos e situações vividas que em algum momento permitirá a nossa própria identificação no que concerne a nossa formação profissional. Para além da formação prática e/ou técnica, é preciso ter em mente que os sentidos do trabalho devem envolver uma formação mais ampla, uma formação para a vida. A intencionalidade da EPTNM é integrar e articular os conhecimentos técnicos aos conhecimentos gerais do sujeito, visando a formação humana integral. |
| F20 | Achei interessante a menção acerca do termo formação integral, onde se fala acerca da necessidade de compreensão de que todo o saber está interligado e que a expressão remete à percepção de que fazemos parte de um “todo”, integrando esse complexo. A formação que se busca na atualidade é uma formação omnilateral, que desenvolva no indivíduo tanto a capacidade de operacionalizar, quanto a de criar, recriar, pensar, refletir e agir conscientemente quanto as nossas construções e desconstruções. Conseguimos aprender a partir da observação dos fenômenos e fatos ocorridos com terceiros, também através das histórias de vida pensar e repensar as práticas e métodos aplicáveis. O sentido de trabalho do professor da EPTNM está além da formação de profissionais, está na formação de pessoas, de cidadãos críticos e atuantes. No que tange à formação do professor, o curso nos alerta à necessidade de resgate da trajetória profissional para que se façam reflexões e se aprenda com tal. |

| | |
|-----|--|
| F21 | Evidencia-se nas entrevistas com os professores a necessidade de uma formação voltada para a Educação Profissional e Tecnológica, pois revelam sua angústia e dificuldades em trabalhar nessa modalidade de ensino, e o mestrado na área veio para preencher essa lacuna, no processo formativo docente, pois trabalha-se dentro de um processo identitário, buscando construir novos valores e conduta em um processo de autoformação. Percebi que na Educação Profissional e Tecnológica a formação deve estar voltada para uma formação humana integral, através desta orientação teremos sujeitos valorizados, pois receberão uma formação geral e específica, possibilitando uma visão ampla e significativa de si mesmos. |
| F22 | Busca-se uma educação emancipadora que provoque nos indivíduos as mudanças primordiais para uma sociedade mais justa com qualidade de vida. Das narrativas de vida se extrai conhecimentos epistemológicos, principalmente no que tange a formação inicial e continuada do professor, sendo possível uma análise de todo um percurso de (re) construção profissional, extraindo através de experiências profundos aprendizados para a melhoria dessa prática docente. O Portfólio construído nos levou a refletir sobre a prática docente na Educação Profissional e Tecnológica, através da autoformação com três elementos interligados: responsabilidade social, experiências e a identidade. |
| F23 | Cada professor dá um sentido diferente ao trabalho docente, fruto de experiências e anseios. Esse sentido pode mudar ao longo da trajetória de acordo com as experiências de mundo que vão se desenvolvendo. Podemos perceber o quão importante é a formação continuada, no sentido de perceber que a prática pedagógica se faz no dia-a-dia, se inventando e reinventando, aprendendo e reaprendendo, assim se forma o trabalho docente no âmbito da educação profissional com vista à emancipação dos alunos. Acredito que a partir das experiências dos outros professores, pudemos refletir sobre nosso papel enquanto professor na construção de uma sociedade reflexiva. |
| F24 | De nossas percepções e considerações destacamos três pontos: o primeiro deles é a possibilidade da construção de um projeto de aprendizagem, conhecimento e formação; o segundo seria a perspectiva de uma pesquisa colaborativa de formação e o terceiro e o efeito produzido no ator e autor na reconstrução de suas experiências formativas por meio da sua história de vida. Percebemos que iniciamos um novo percurso por meio da amplitude da visão de mundo, pensamento, entendimento de prática profissional e trabalho e, principalmente, o (re) pensar a Educação Profissional e Tecnológica. |
| F25 | A formação do homem está para além das experiências institucionalizadas, ela resulta do vivido no espaço com o outro, por meio das experiências positivas ou não, lutas, desafios, êxitos que esta vai se constituindo. E por assim dizer, finda com o epílogo da vida. Sob o ponto de vista individual, participar dessa atividade constituiu em grande ganho, pois me sinto “alfabetizada” acerca dos conceitos básicos e legais, essenciais, para compreensão da EPT. |
| F26 | Viagens memoriais a fatos particulares, problemas enfrentados e realizações pessoais que constroem minha experiência individual, mas também demonstram que os outros sujeitos perto ou longe de mim também têm suas histórias de vida e que precisam ser observadas e levadas em consideração no processo de formação, pois ao pensarmos sobre elas, refletimos sobre o que nos tornamos. Precisamos experimentar o novo e propor atividades que partam do trabalho como princípio de problematização da vida das pessoas, e a medida que dialogam, pesquisam e agem socialmente, professores e alunos, sintetizam essa realidade em teorias, que propõem novos olhares e hábitos culturais, num processo latente e vivo de formação do humano. Consigo perceber que os relatos das experiências pessoais e profissionais descritas ajudam muito a autoformar aqueles professores, como também a formar a pesquisadora Lapa e aos outros leitores da sistematização do seu trabalho como ciência, sobre a formação de professores, a partir de narrativas de si e do outro. É necessário identificar que o pessoal e o profissional estão imbricados. Não existe separação, por mais que se queira manter distanciamentos, ambos são afetados pelas situações que vivenciamos. Espero ter apresentado isso, porque assim reforçaria minha identidade de sujeito que possui responsabilidade política com o espaço público que ocupa, dentro de uma instituição de EPT, mostraria também lampejos do ser humano que ama a família e que tem compromisso com a transformação da realidade que vivenciamos. |

| | |
|-----|---|
| F27 | O ser humano é um ser de múltiplas dimensões, ser que constrói seu conhecimento a partir do processo reflexivo e empírico. O ser humano em sua totalidade fundamenta sua existência no processo empírico, a faculdade da memória é capaz de reviver tais fatos e acontecimentos com intuito de engrandecer tanto o próprio indivíduo quanto o sujeito que interpela e/ou investiga sua história de vida. A definição de devir utilizada aqui parte da concepção dos filósofos pré-socráticos em específico Heráclito ao afirmar “Todas as coisas estão em movimento”, assim o devir, o movimento presente na vida dos seres humanos é o motor primeiro do projeto de minha existência. Todo processo de formação epistemológica (razão-empirismo) vivenciado por mim em muitos momentos foi engrandecido e mediado por personagens importantes, professores e educadores, que marcaram a minha vida e me encaminharam às possibilidades do filosofar. |
|-----|---|

Fonte: Elaboração própria, a partir do *e-portfolio* dos mestrands, 2017.

Entendemos, a partir das percepções extraídas do que os frutos de nossas palmeiras traçaram em seus memoriais de formação inserido no *e-portfolio*, que a História de vida pode provocar além de um conhecimento da existencialidade e do saber-viver como recursos de um projeto auto-orientado, um chamado ao sujeito da formação a reconhecer-se, a assumir-se e a colocar-se no processo (JOSSO, 2002).

Processo que, em conformidade com Pineau (2010), compreende três dimensões da formação do indivíduo: a Heteroformação, como aquela que sofre influência do outro; a Ecoformação, como a que considera a atuação do meio sobre o processo formativo individual; e a Autoformação, como a que emerge do próprio indivíduo como autorreferencial. Tais dimensões pudemos perceber nas buscas dos frutos de nosso traçado.

A Heteroformação se fez presente nos discursos por meio do resgate que os discentes fizeram no traçar de seus *e-portfolios* ao evidenciarem as pessoas, os elos, que contribuíram consigo desde de seu processo inicial de formação, retratando experiências da infância, adolescência, graduação, especializações, trabalho e ressaltando o início do caminho no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) como possibilidade de (re)pensar seus percursos de formação, em uma tentativa não apenas de olhar para aqueles que se fizeram representativos em suas experiências, mas sobretudo de analisar as mudanças que ocorreram em si a partir da interação com o outro.

De modo similar, percebemos a presença da Ecoformação nas buscas de nossos frutos ao retratarem os espaços em que desenvolveram ou desenvolvem suas experiências, também desde o momento da infância, adolescência, graduação, especializações, trabalho, mestrado, quando por exemplo um deles relata “Hoje, assim como aquele meu primeiro quadro “ a grande parede do quintal”, tenho uma sala de aula muito maior do que aquelas nas quais eu ensinava na infância, minha sala de aula hoje é em todo lugar”(F3, *e-portfolio*, 2017). Assim compreendemos que os espaços estão representados no discurso como parte significativa da formação de si.

Identificamos que o processo representado como as buscas dos frutos no traçado também faz emergir da rememoração das experiências evocadas por meio da produção do *e-portfolio*, um olhar para si, não apenas da condição de profissional a procura de formação em um curso de mestrado, mas da condição de ser, dotado de singularidades, e conforme Pineau (2010) capaz de tornar-se, ver-se, referenciar-se, refletir-se, emancipar-se, diferenciar-se, autonomizar-se e, em um termo, autoformar-se.

Assimilamos que não se trata apenas de uma compreensão de como nos formamos ao longo da vida, em conformidade com JOSSO (2002), mas de tomar consciência de nós próprios como sujeitos que faziam seus itinerários de vida, seus investimentos e objetivos em uma perspectiva de auto-orientação que articula de modo consciente as nossas heranças, as nossas experiências formadoras, os nossos sentimentos de pertença, as nossas valorizações, os nossos desejos e o nosso imaginário nas oportunidades socioculturais.

Nesse processo de tomada de consciência de si relatado pelos frutos das palmeiras percebemos em seus discursos revelações como: a busca por formação e por superação de si, a percepção de mudanças a partir da chegada ao mestrado e do curso (MOOC) já proposto na primeira disciplina, um questionamento de si que envolve as maneiras de ser e estar na profissão, um enxergar-se nas histórias de vida dos professores mesmo não sendo professor, mas identificando-se por estar inserido em uma instituição de ensino, uma construção de sentidos de trabalho próprios de si e o resgate de experiências já vivenciadas na escola em situações similares àquelas descritas por nossas palmeiras.

Enxergamos também nos discursos de nossos frutos a percepção de uma necessidade de compreender a Educação Profissional e Tecnológica, juntamente com as bases que a constituem, bem como repensá-la a partir da realidade vivenciada por cada fruto nos *campi* onde estão lotados. Identificamos no dizer dos frutos um olhar para o coletivo e o individual se entrelaçando em um processo de aproximação e distanciamento quando disseram, por exemplo: “É através da interação com o outro, com as histórias, as vivências, experiências, conquistas e frustrações que vamos nos reconhecendo, e neste processo de reconhecimento, ao mesmo tempo que nos percebemos tão diferentes, nos sentimos muito iguais” (F3, *e-portfolio*, 2017).

O excerto nos aponta não apenas um processo de acercar-se ou apartar-se do outro, mas um movimento, percebido em relação aos frutos no desenvolver e falar a respeito do MOOC experienciado, de estranhamento, de encantamento e de envolvimento com o próprio caminhar diante dos processos formativos das palmeiras inseridas na Educação Profissional e Tecnológica.

O primeiro movimento, de estranhamento, partiu do olhar inicial para o curso traçado. Em princípio, nossos frutos descreveram angústias e dificuldades, como quando nos disseram que “A dificuldade em se expor é muito grande, pois nos faz falarmos a verdade conosco mesmos através do olhar para dentro de si. Requer de cada um a humildade de reconhecer suas fragilidades, seus pontos fracos, e até sua rebeldia, teimosia e resistência diante de mudanças necessárias que precisam ser feitas” (F11, *e-portfolio*, 2017).

Ou quando nos relataram a partir do conhecimento da história de vida do outro que “O processo de autoformação exige disciplina e domínio próprio, e não se constitui em uma proposta fácil de executar” (F13, *e-portfolio*, 2017), entendemos o dito como a expressão do que foi experienciado, bem como a tomada de consciência da busca de conhecimento (JOSSO, 2002), orientada pelo desejo de se informar sobre e/ou se apropriar dos saberes construídos.

Considerando tal percepção surgida a partir do relato de uma história de vida, inferimos que as narrativas de vida, conforme Josso (2002), fazem surgir esta busca de conhecimento que, muitas vezes, faz apelo aos saberes de experiências do outro e se fazem emergir no momento em que as pessoas se sentem em crise ou em efervescência e, assim, partem a procura de ofertas de formação.

Tal processo não se trata de um movimento de simples adição ou integração de novas informações, mas de um reajustamento, ou um (re) trançar das próprias fibras, em direção à compreensão do todo que envolve o caminhar formativo na Educação Profissional e Tecnológica, reconhecido por exemplo quando nossos frutos relataram “Compreender a Educação Profissional e Tecnológica implica discutir as suas bases fundamentais no intuito de conhecer a literatura já difundida pelos pesquisadores da área, esclarecer conceitos importantes e se apropriar de concepções construídas ao longo da história socioeconômica e educacional” (F15, *e-portfolio*, 2017).

No segundo movimento, o encantamento, percebemos um olhar dos frutos para o processo vivenciado, para o outro e para si e consideramos como a busca de si e de nós (JOSSO, 2002), na qual a busca de si abarca todas as abordagens empreendidas para aprofundar o conhecimento de si, seja por desenvolvimento pessoal solitário, por meio de trocas de experiências com pessoas íntimas ou por múltiplas confrontações oferecidas pela vida.

Ao compreendermos que a busca de si é inseparável de uma relação com outrem, identificamos a busca de nós como o encontro de nosso lugar nos diferentes agrupamentos humanos, por exemplo a escolha das amizades, dos grupos de afinidade, a construção de uma família, a pertença a associações de interesse de toda espécie, entre outras relações constituídas ao longo de nosso caminhar.

As histórias de vida relatadas por nós, e conforme nos traz Josso (2002), colocam em cena peregrinações para que o autor se sinta e viva ligado a outrem, em um movimento itinerante que exprime as evoluções de nossos interesses, dos sentidos que damos a nossa existência, das nossas necessidades e dos nossos desejos. E tal movimentação se entrelaça, inevitavelmente no trançar, com a busca de si e se fez presente em trechos como os relatos de F3, F26 e F27:

A amostra da autora nos mostra uma parte real de um todo o qual deve conter muitas outras palmeiras com ainda mais outros sentidos de trabalho com muitas outras histórias de vida. Ora me considerava ser Açaí, ora Inajá, ora acreditava ser uma mistura de duas e até três palmeiras, foi nesse momento que descobri que o meu sentido de trabalho é meu, e que a minha história de vida e as minhas buscas de formação irão definir esse sentido. O memorial me fez descobrir onde estou, o que quero e devo esperar de meus alunos, qual minha função na escola para além de docente, o que minha história de vida deve agregar em minha formação profissional e se de fato esse mestrado é o caminho a ser seguido (F3, *e-portfolio*, 2017).

É necessário identificar que o pessoal e o profissional estão imbricados. Não existe separação, por mais que se queira manter distanciamentos, ambos são afetados pelas situações que vivenciamos. Espero ter apresentado isso, porque assim reforçaria minha identidade de sujeito que possui responsabilidade política com o espaço público que ocupa, dentro de uma instituição de EPT, mostraria também lampejos do ser humano que ama a família e que tem compromisso com a transformação da realidade que vivenciamos (F26 *e-portfolio*, 2017).

O ser humano é um ser de múltiplas dimensões, ser que constrói seu conhecimento a partir do processo reflexivo e empírico. O ser humano em sua totalidade fundamenta sua existência no processo empírico, a faculdade da memória é capaz de reviver tais fatos e acontecimentos com intuito de engrandecer tanto o próprio indivíduo quanto o sujeito que interpela e/ou investiga sua história de vida. A definição de devir utilizada aqui parte da concepção dos filósofos pré-socráticos em específico Heráclito ao afirmar “Todas as coisas estão em movimento”, assim o devir, o movimento presente na vida dos seres humanos é o motor primeiro do projeto de minha existência (F27, *e-portfolio*, 2017).

Esse movimento de percepções e encantamento, além de revelar no discurso dos frutos a busca de conhecimento, a busca de si e de nós, revela também a busca da felicidade, caracterizada pelas posições da vida, em uma busca existencial, classificada quer como períodos felizes, quer como períodos dolorosos, representados nas narrativas como múltiplas deslocções geográficas, socioculturais, profissionais, relacionais e afetivas da condição de fruição do ser no mundo; bem como a busca de sentido, centrada em atribuição de valores, em aspectos particulares de nós ou de nosso ser em relação ao mundo, em sentidos que damos a nossa vida e comunidade de pertença, em escolhas pessoais e sociais, em uma preocupação de

inserir um sentido singular das escolhas de vida em uma perspectiva de devir humano e de procura do transpessoal (JOSSO, 2002).

No terceiro movimento, o envolvimento, identificamos nos relatos de nossos frutos a junção das quatro buscas identificadas como orientadoras dos itinerários e das escolhas de vida, conforme Josso (2002), constituindo um complexo emaranhado de buscas que convergem a um processo de tomada de consciência no próprio caminho traçado ou em um processo de atenção consciente, que reúne nossos sistemas de valorizações, formas socioculturais, técnicas de relaxação e meditação, calma mental, questões antropológicas, cosmo-estética, cosmo-ética, cosmogonia e consciência da consciência.

Deve-se reconhecer que estamos vivendo, dentro dos Institutos Federais de Educação, um processo de ressignificação identitária dos professores. O que nos leva a problematizar a EPT, perceber a rearticulação entre trabalho e educação e refletir sobre os desafios e possibilidades da implementação de uma prática educativa na perspectiva de formação humana integrada. Este processo nos fez lançar um olhar sobre o nosso processo formativo e as nuances que o envolvem, entendendo que as nossas experiências e os saberes que trazemos conosco, se entrelaçam e geram novos conhecimentos a partir do confronto com a prática (F14, *e-portfolio*, 2017).

Assim como em F14, identificamos um olhar dos outros frutos para si e para a consciência de si quando, por exemplo, F1 relata que “O fazer-se não pode ser reduzido a um simples adequar-se é necessário comprometer-se para tornar-se” ou quando F16 expressa “quando o professor escreve sobre sua formação e prática, tem a oportunidade de revisitar a sua própria história, de (re)conhecer a si mesmo, seu processo de formação e entender seus sentimentos a respeito desse itinerário” ou no momento em que F24 nos disse “percebemos que iniciamos um novo percurso por meio da amplitude da visão de mundo, pensamento, entendimento de prática profissional e trabalho e, principalmente, o (re)pensar a Educação Profissional e Tecnológica.

Ou então quando F25 afirmou que “sob o ponto de vista individual, participar dessa atividade constituiu grande ganho, pois me sinto “alfabetizada” acerca dos conceitos básicos e legais, essenciais, para compreensão da EPT” ou no relato de F23 “Acredito que a partir das experiências dos outros professores, pudemos refletir sobre nosso papel enquanto professor na construção de uma sociedade reflexiva”, revelando que o processo resultou em um buscar-se, possibilitando, em igual medida, identificarmos, conforme trazemos na categoria a seguir, o dizer-se dos frutos.

4.3.2 O dizer-se dos frutos

As maneiras de dizer e dizer-se no processo expressaram não apenas as percepções do vivido, mas um enxergar-se no caminhar formativo. Após a realização do MOOC, “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica” que propusemos aos frutos de nossas palmeiras, identificamos a essência do vivido e compreendido como as experiências que aconteceram (BONDÍA, 2002) aos discentes do mestrado em Educação Profissional (ProfEPT).

Expusemos, abaixo, os relatos transcritos após gravações em áudio da roda de conversa, ocorrida na sala 23, nos dias 11 e 12 de setembro de 2017, inserida nas atividades da primeira disciplina do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica, ministrada pela professora Rosa Azevedo, no Campus Manaus Centro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM.

Figura 17: O traçado da roda de conversa.

| O traçado da roda de conversa | |
|-------------------------------|---|
| F1 | Eu trabalhei durante 12 anos em indústria, então eu fui durante 12 anos <i>homo faber</i> . E a minha visão naquele tempo era só trabalho, uma visão muito micro do trabalho e também de mim. E quando eu comecei a ler esses textos, do <i>e-portfolio</i> , começou a fazer sentido muita coisa, que durante muito tempo, em que eu estudei em curso profissionalizante, até mesmo no curso de graduação, meu foco era só o trabalho e a EPT traz algo maior. Realmente eu consegui entender o sentido, porque eu já vivenciei na prática. Quando eu comecei a ler, a produzir, eu encontrei a resposta que estava faltando, porque eu me questionava: “poxa, mas é isso aqui? É só trabalho? É só 8 ou 10 horas? E o resto? Então, foram para essas interrogações que eu consegui obter a resposta a partir desse trabalho, identificando aquilo que estava faltando, aquilo que eu questionava. E eu pude entender que na minha formação, durante muito tempo eu fui me formando só para o trabalho e aqui (no mestrado ProfEPT) não, aqui é para vida, realmente há um propósito muito maior do que ficar durante 8 ou 10 horas produzindo algo em uma fábrica de que você nem vai usufruir. Acho que o sentido maior, ao fazer os trabalhos propostos, foi esse, o de vida pessoal. |
| F2 | Eu achei muito interessante, me ajudou muito a construir, a achar possível a construção do texto, o fato de escrever. Quando eu terminei o trabalho eu percebi que fiz 50 páginas, pensei: “poxa, eu consegui isso, eu cheguei a isso!?” Mas só foi possível, porque a metodologia do trabalho, separado por roteiros, por direcionamentos, pelas perguntas propostas, vão possibilitando entender e isso me ajudou muito a pensar a forma como eu tenho que disciplinar o meu trabalho, a minha rotina, os meus pensamentos e a minha organização. O que foi mais significativo na atividade para mim foi a capacidade, a possibilidade por mim de construção do texto. |
| F3 | E o que eu gostei bastante, ao final de tudo que fizemos, foi que eu percebi nas leituras que eu também preciso ter a oportunidade de uma formação completa, porque como eu posso modificar alguém se não puder modificar a mim mesma. Acho que esse foi o maior recado que o trabalho todo tenha deixado para mim. É do olhar para mim mesma e dizer que eu tenho o direito de me formar, como funcionária. Mais do que nos modificarmos como professor, temos o direito de ter a oportunidade de estudar para que consigamos progredir e aí sim nos tornarmos melhores professores. Como eu sou professora da EPT, vi nos vídeos meus colegas, gente que |

| | |
|----|---|
| | passou por percalços na vida, talvez muito mais do que eu, mas gente que tem uma história de vida muito parecida com a minha, que o mestrado chegou de forma tardia pelas condições da própria vida. A minha rota de vida foi apenas diferente e isso não nos faz melhor ou pior, o que faz a diferença são as minhas atitudes, a minha postura. Então, é preciso dar valor à nossa jornada, olhar para nós mesmos e falar eu sou um bom profissional. |
| F4 | Com relação ao Trabalho como Princípio Educativo e a formação de professores, eu ainda não tinha atentado para a formação de professores especificamente para a EPTNM. Me chamou atenção o texto da professora Marise Ramos. E no mais acredito que a questão do Trabalho como Princípio Educativo está na legislação, na LDB e eu consegui fazer algumas reflexões no meu <i>e-portfolio</i> . E penso que temos sim que discutir ainda muito sobre o Trabalho como Princípio Educativo. |
| F5 | O que mais me desafiou foi a autorreflexão que tive que fazer a partir dos seus processos e o texto que escrevi me trouxe o resgate de uma história que eu já tinha esquecido. Talvez até perdido no tempo de que sou eu. E isso me fez olhar lá para o meu início, fiz referência no memorial à importância que foi o início da minha vida escolar quando não fui alfabetizada na escola, mas sim pela minha mãe em casa, que passou para mim e meus irmãos o valor de que todos nós teríamos como legado deixado por ela e pelo meu pai, o estudo. E ela foi a primeira pessoa a investir em mim. Então, foi com ela que eu aprendi a ler e a tabuada. Quando eu cheguei à escola, fiz um teste e fui para o segundo ano. E como isso foi importante para mim no processo, lembrar dessa figura, que foi a primeira coisa que pensei quando li os textos sobre memória. Vi minha mãe nos ensinando, e assim resgatei esse princípio, esse valor que eu tive na vida que foi a determinação dos meus pais deixarem como legado a possibilidade de todos nós sermos formados, e graças a Deus, somos. E sem ter que passar pelo processo de ter que trabalhar e estudar. Eu tive o privilégio de não ter que passar por isso |
| F6 | Eu consegui enxergar que nós já encontramos o Trabalho como Princípio Educativo na própria Constituição Federal, nos textos faço a citação de que a Educação é dever de todos e tem o objetivo de formar o ser humano para a vivência em sociedade e qualificá-lo para o trabalho. E eu achei interessante que finalmente consegui fazer esse link com a EPT. Gostei muito de perceber no curso a necessidade de formação do docente, porque será que o professor está sendo formado para alcançar os objetivos da EPT? E assim, os textos foram muito interessantes para mim. |
| F7 | No início foi difícil, mas com o decorrer do trabalho, eu consegui entender pelo menos um pouco mais. Ao avançar nas produções, parecia que o curso tinha interesse no meu conhecimento, parecia assim que alguém queria saber o que é que estou falando e pensando. Então, eu comecei a me sentir importante no processo. Eu não estou sendo aqui um mero receptor, eu estou entregando aqui meu conhecimento. E quando chegou a parte da história de vida, aí me encantou. Eu pensei até nos aspectos filosóficos de Kant, nossa estou fazendo aqui uma revolução copernicana. Ao invés de entregarem o conhecimento ao sujeito, é o sujeito que está entregando seu conhecimento. E fiquei fazendo essa comparação com a filosofia. Então a história de vida me mostrou como a história é também construída por mim. Porque nós sempre pensamos que a história só é construída pelo outro e eu fiquei pensando: “não, mas eu sou importante, a minha história é importante e eu estou construindo a história, com cada fato, cada experiência que aconteceu comigo. Achei interessante a questão da subjetividade, porque esse Eu aqui também constrói o mundo. E esse foi o maior aprendizado que eu tive. Com relação à autoformação, que até então pensamos que o conhecimento ou vem da maneira formal ou informal, está relacionada à questão da Educação, da tua formação, da tua vida, das experiências e que reflete na tua profissão e interfere no Eu de cada um. Com relação à EPT, achei interessante que o curso mostra que não se trata de um mero tecnicismo. |
| F8 | Achei interessante a proposta do curso com relação à autoformação, baseada nos eixos responsabilidade social, nas experiências e na identidade do professor. E foi notório na história de vida dos professores a confirmação desses três eixos. A maioria dos depoimentos disseram que além de formar para o mercado de trabalho, os professores tinham a responsabilidade social de formar além do trabalho, mas para vida. E a questão das experiências que está dentro da autoformação do professor e da identidade. Então foram nítidos esses três pontos na fala dos professores. E ficou muito legal esse fechamento. |

| | |
|-----|---|
| F9 | <p>Consegui ver que todas as bases falam da superação da dicotomia de trabalho manual e intelectual, mas quando partimos para os textos de Moura e Fonseca que tratam a realidade da EPT e da formação docente, nós percebemos que há uma dificuldade grande de trazer as bases da EPT para a prática, para o nosso campus no Instituto. E essa é uma dificuldade não só do IFAM. E talvez o sentido desse nosso mestrado em rede seja trazer produtos que venham a contribuir para melhoria dos processos educacionais na EPT e que seja algo que transforme os discursos em prática. Percebo que não há a preparação do professor ao entrar no instituto, não há uma preocupação com a parte pedagógica que tem particularidades.</p> |
| F10 | <p>A parte do curso que achei mais interessante foram as histórias de vida como processo de formação, para mim isso foi muito importante, porque nós ainda temos uma visão de que aquilo que fizemos durante toda a vida não tem tanto valor e que não importa muito em nossa ação, em nosso fazer dentro de uma instituição de ensino. E eu não tenho tanta experiência na docência, mas quando fiz o resgate da minha história, descobri coisas maravilhosas e que dizem muito sobre o profissional que eu me tornei hoje. E que coisas que não estavam nem um pouco ligadas à minha área de formação, mas a minha vida pessoal. Eu me vi em várias daquelas palmeiras, a identificação foi muito grande, tinham trechos que vi várias vezes e pensei “não é possível, isso está trazendo uma fala que é muito parecida com a minha”. Isso foi muito importante e eu penso que valorizar a história de vida do profissional está muito ligado com a qualidade na formação desse profissional, é você validar aquilo que ele é e trazer tudo que o professor é junto, o indivíduo e o profissional.</p> |
| F11 | <p>Eu me sinto alfabetizada na Educação Profissional e Tecnológica, porque até então eu não conhecia nada a respeito, me achava “um peixe fora d’água”. Eu não entendia nada e esse conjunto de leituras me deu a condição de alfabetizada no sentido de conseguir enxergar a essência da EPT. A proposta do MOOC é muito boa para quem está iniciando como nós, é boa para quem já está trabalhando na EPT e é boa para quem virá, porque tem leituras que falam sobre os saberes docentes e colocam que a autoformação deve ser tanto para quem trabalha na EPT e tem a licenciatura, quanto para quem trabalha na EPT e é só bacharel.</p> |
| F12 | <p>Eu fiz uma reflexão acerca de três tópicos que eu achei muito importante e que deixou a pesquisa da Bárbara muito rica. O primeiro, foi trazer a estrutura da EPT, porque nós estudamos os princípios, as bases, mas a estrutura em si nós não lemos, a estrutura física, o foco dos professores, isso foi o pontapé inicial para poder estudar as outras coisas. O segundo, foi a história de vida, que me fez lembrar de um evento que participei, onde teve uma pergunta a uma professora que falava sobre memórias: “como você sabe que naquele momento o entrevistado está falando a verdade?” e ela respondeu: “ a partir do momento em que você entra de fato na pesquisa, que você começa a fazer parte daquele mundo, você vai saber se é verdade ou não” e ela falou dos cuidados que se tem que ter quando trabalha com a história de vida. Então, acredito que a Bárbara teve muito esses cuidados e nós percebemos isso. E o terceiro tópico que eu coloco, é a questão dos sentidos de trabalho, que é um tópico chave. E depois de lermos tanto, vieram os vídeos e quando começamos a assistir, já queríamos saber o final. Vejo os vídeos como um momento de dar uma parada, assistir, relaxar, olhar para a tela e começar a entender. Eu tiro disso a seguinte reflexão: muito do que os professores são hoje na EPT veio das histórias de vida deles. Então, por exemplo pela história de vida que Açaí teve não posso dizer que o conceito dela de sentido de trabalho será o mesmo que de Inajá, ou então que o de Inajá será o mesmo que de Açaí, não é possível, porque as histórias de vida são diferentes. E eu por muitas vezes me comparei, pensei “eu acho que sou essa ou eu acho que sou aquela palmeira ou eu acho que meu colega de trabalho parece com essa palmeira, mas já foi aquela outra também”. Eu fiz essas reflexões sobre as palmeiras e é válido compreender que o trabalho é só uma amostra de cinco palmeiras, cinco professores que foram entrevistados e eu penso quantas outras palmeiras, quantas outras histórias de vida e quantos outros sentidos de trabalho não devem existir nesse mundo que é a EPT? ”</p> |
| F13 | <p>Nós que somos da Educação e nos deparamos com as bases da EPT, a autoformação, as histórias de vida, o olhar para si, nós percebemos o quanto nossa formação parece frágil, porque o bacharel dizer que pouco conhece sobre EPT é uma situação, mas um professor se deparar com textos e perceber que compreende muito pouco e se identificar com o que os professores nos vídeos das histórias de vida contam como um fazer do ponto de vista intuitivo é outra</p> |

| | |
|-----|--|
| | <p>situação. Ver que você tenta construir seu fazer sem domínio, quando você fala que o Trabalho como Princípio Educativo já está na legislação, nós sabemos, mas daí você compreender o trabalho com suas diferentes dimensões como Princípio Educativo é algo totalmente diferente. Então se isso não faz parte da formação do professor que vem de uma licenciatura, imagina o quão difícil isso pode ser para os demais professores, bacharéis, por exemplo. E o curso trouxe essa capacidade de nos fazer olhar para nossa prática pedagógica e atuação como profissional. E isso foi enriquecedor. E eu percebi que não é só ler o texto e produzir algo de qualquer forma, mas fazer da sua formação aqui uma formação de qualidade. Quanto ao tempo, nós temos que estabelecer nossas metas cada um e tentar encontrar o que é melhor para nós.</p> |
| F14 | <p>Esse trabalho foi muito importante para trazer todos esses conceitos para a minha prática, porque sou [...] no instituto e vejo que esses textos vão me ajudar a tentar fazer algo diferente, porque nós vemos que aquilo que está escrito na legislação não acontece na nossa prática. Eu procurei trazer então tudo para a minha prática, até pelo fato do que me trouxe para esse mestrado que foi a oportunidade de aprender, partindo muito dos anseios que eu tenho e que também os meus colegas de trabalho têm. E quando eu tive contato no MOOC com o texto sobre trabalho como princípio educativo eu visualizei muito as coisas que acontecem comigo dentro do instituto, por exemplo na fala das palmeiras. E vou tentar trazer isso para a minha prática já que foi muito enriquecedor para mim nesse sentido e vejo que vai contribuir muito para isso, por exemplo nas nossas reuniões aqui de pais e mestres, que temos muitas dificuldades, já que os pais querem o foco para a formação voltada ao vestibular e nós percebemos que nossa formação não foca no vestibular, e pensávamos que era para o mercado e depois para o mundo de trabalho, mas não é para nenhum dos dois, agora é para a vida. Assim, foi muito bom para mim, foi muito enriquecedor o curso.</p> |
| F15 | <p>E agora, no mestrado escrever novamente sobre minha vida me fez resgatar esse momento da graduação, de coisas que já havia esquecido, minha infância, uma vida que se deu não à beira de um rio na Amazônia, mas de uma estrada, em um município do Pará e essa estrada tem uma representação muito grande para mim. Esse trabalho me fez perceber, limitações, sucessos, perceber fracassos, perceber incompletudes em, por exemplo, colocar minhas impressões nos textos e a partir delas dialogar com os autores. E gostei de realizar a atividade por poder me colocar no que eu escrevi, porque nós não somos apenas razão, somos emoção, sentimos, colocamos nossa marca pessoal na escrita e isso está no meu <i>e-portfolio</i>, expressando como eu penso a minha autoformação, esse processo de construção de si. E eu coloco essa questão da percepção de si e do outro, porque nós nos vemos naqueles professores e nós nos vemos nos relatos dos textos, por exemplo de Fonseca, ou de Moura. Então, meu texto não foi só de diálogo com os teóricos, foi também de revelações, de percepções, de como a minha história de vida compõe o que eu sou, como eu percebo o mundo e que tipo de profissional que eu sou. Mas isso só ficou claro para mim a partir de quando comecei a analisar as histórias de vida no direcionamento 04 e de quando assisti aos vídeos e li os textos em geral.</p> |
| F16 | <p>Gostei muito dos conceitos de autoformação e saberes docentes, extremamente proveitoso, porque me fez fazer o <i>link</i> com meu próprio trabalho, em uma instituição de ensino superior. E ali no curso eu vi um pouco do meu trabalho também. Quanto às histórias de vida, comecei a entender o porquê de falar no início da nossa história de formação e depois no memorial ao final que uniu tudo. Ao assistir às histórias de vida fez sentido ter contado sobre minha história no começo e finalizado com o memorial o texto. Então o modo como o MOOC está organizado ficou muito bom, porque realmente traz os conceitos da EPT, da legislação e traz também essa coisa nova das histórias de vida que me encantou como objeto de estudo no processo de formação docente.</p> |
| F17 | <p>O processo foi doloroso para mim nessas atividades. E tive muita dificuldade de compreender o conceito de história de vida. Outra reflexão que eu fiz é que o conhecimento angustia, porque quando temos contato com essas leituras começamos a olhar para as nossas próprias práticas, às vezes percebo uma necessidade de querer voltar atrás e fazer diferente em sala de aula. E o memorial me trouxe muito isso, esse refletir tudo que já fiz e pensar como poderia ser diferente. E acho que assim fez a diferença na minha vida.</p> |
| F18 | <p>Tive dificuldades com a gestão do tempo, com os roteiros e direcionamentos e com os textos. Mas o curso me fez pensar minha própria formação por meio do que vi nas histórias de vida e</p> |

| | |
|-----|---|
| | por meio das leituras feitas. Fez com que eu refletisse meus posicionamentos em sala de aula e fora dela. |
| F19 | Achei bacana a atividade, porque não foi apenas um texto para ser lido, mas uma proposta para ler e falar de si. E você se encontra naquilo que você leu. Perceber que uma coisa é o que penso sobre mim e outra é o que o outro pensa sobre mim. Nem sempre o que pensam de mim é tão bom ou tão ruim quanto o que eu penso. Quando eu comecei a ler, comecei também a me encontrar no que estava lendo. E o grande barato do curso foi essa relação, porque quando passo a escrever a meu respeito, me vejo no que o outro escreve. E depoimentos dos vídeos, trouxeram um grande barato ao trabalho, porque deixou de ser apenas teoria, passou a ser vida também. E eu me encontrei ao mesmo tempo que pensei no vir a ser, pois uma coisa é aquilo que sou, a outra é o que posso vir a ser ainda. E penso que esse pode ser o desafio e a proposta desse MOOC. |
| F20 | O trabalho me deu a possibilidade de enxergar, por exemplo, no texto da Politecnia, o qual já havia lido antes para a prova de ingresso no mestrado, mais ainda não havia parado para compreender o que estava escrito ali, o sentido da Politecnia em si. E a partir desse momento, me encontrei também como profissional [...], que é também um politécnico de saúde e, então, por que não usar esse trabalho como princípio educativo em outras áreas de formação. E vejo que a minha profissão é a arte do cuidar e fiquei pensando em unir as bases da EPT com a educação em saúde, que é o que quero aqui. Já pensou se todas as profissões usassem suas memórias, as suas experiências e compartilhassem isso. Eu comecei a perceber essas bases em tudo e a minha intenção é levar isso para a área da saúde. E parei para pensar que está tudo interligado e a minha experiência com o curso resultou em um grande ganho, um grande aprendizado. E acho que não só para mim, mas para todos aqui. E a partir de agora quando eu começar um trabalho, vou tentar olhar de forma mais holística, completa, não considerando apenas a parte, mas o todo. |
| F21 | Senti muita angústia nesse processo, para mim foi bem dolorosa a atividade. Fiquei com medo de não dar conta do mestrado, mas veio o refrigério do aprendizado, da superação, mas tive que passar por esses momentos. E ao estudar os textos nas minhas produções comecei a direcionar meu olhar de pesquisador, trazer os conceitos para a minha realidade. E os sentidos de trabalho me chamaram bastante atenção, para a minha instituição, qual será o sentido de trabalho para os professores e gestores do campus onde trabalho. Percebi a importância da formação, da autoformação e das discussões sobre EPT. E isso é um caminho longo. E comecei a identificar a questão da formação como um objeto de estudo e pesquisa. E no final valeu o aprendizado, foi um grande ganho, mesmo que no início tenha sido angustiante. E ao assistir as histórias de vida dos professores pesquisados no MOOC também percebi que eles passaram por momentos similares aos que eu passei no processo de formação. Apesar de tudo, foi muito boa a experiência. |
| F22 | Eu acho que a atividade proposta faz jus ao nome, um curso massivo [risos], tive angústias com relação a isso, mas tive ajuda em casa o meu marido que é também professor do instituto e nesse momento resolvi fazer uma entrevista com ele para entender como ele via a EPT. E percebi que mesmo sendo mestre, ele ainda não tem esse entendimento das bases da EPT, ele não tem essa visão do que é a EPT. E eu pude chegar a uma compreensão de que a minha formação em [...] não me deu essa compreensão das bases da EPT. Eu não tive essa compreensão e me chamou atenção que uma das palmeiras faz essa reflexão também, cita que sentia dificuldade até mesmo no acompanhamento pedagógico, ela esperava que o pedagogo a direcionasse. E nas minhas considerações fiz um comentário sobre isso, porque nós que atuamos como profissional [...], não temos tempo nem conhecimento para auxiliar os professores e então eu vivi um confronto com a minha realidade, porque não só os professores sentem a falta dessas bases, mas os pedagogos também. E por essa razão eu quis fazer o mestrado. Sempre que eu sinto uma dificuldade na minha formação, eu vou atrás do conhecimento. |
| F23 | Eu achei muito interessante a questão dos sentidos de trabalho para os sujeitos da pesquisa e me identifiquei com Inajá, quando fala dos pedagogos e nós no instituto não temos essa formação para a EPT. Aprendi sobre as bases, mas reconheço que tenho que ler mais. Mas eu já consegui levar isso para a minha prática e ver que o professor que está lá às vezes também |

| | |
|-----|--|
| | não tem. Então o curso vem com essa proposta de autoformação, de contribuir para a compreensão na EPT. E me colocando no texto, eu pensei “eu tenho que sair daqui e ter pelo menos o mínimo de propriedade para falar desse assunto, levar as bases da EPT para discutir em uma semana pedagógica. Acredito que dar o primeiro passo em relação a isso é muito importante. Esse foi um dos meus aprendizados desse trabalho. |
| F24 | O MOOC está organizado de forma com que nós conseguimos de fato ter uma compreensão das bases da EPT e fazer uma reflexão da nossa prática. A proposta está bem direcionada. Foi possível ver o entrelaçamento em um produto bem acabado. Eu estou muito empolgado com esse mestrado. Os textos foram importantes para mim. E me fez refletir que a gestão do instituto precisa perceber que isso é uma formação para todos nós e para a melhoria da política educacional do instituto. E é um contrassenso da gestão não flexibilizar a formação dos servidores, mas por outro lado eu entendo, porque também sou gestão e é difícil disponibilizar um servidor. |
| F25 | Eu entrei em crise existencial quando fui fazer meu memorial, porque nunca tinha parado para pensar na minha história. E com as histórias de vida temos uma sensibilidade envolvida na elaboração do trabalho. E vi que não há como separar a vida pessoal da vida profissional. E eu percebi que o trabalho foi um resgate dos meus ideais, de pensar isso de modo mais real. E consegui perceber que eu já desenvolvia na sala de aula esses ideais e antes não me dava conta. Com o curso vi um processo muito intenso de enxergar que é preciso compreender as bases da EPT. Para mim o ganho maior foi ter no MOOC exemplos de pessoas que têm uma história igual a minha. E ver que a sua história se entrelaça com a das outras pessoas e ver também tudo isso como possibilidade de modificar a realidade. |
| F26 | Eu gostei da proposta do curso, para mim que venho de um curso de tecnólogo não tinha ouvido antes a respeito das bases da EPT. E achei a proposta boa, porque você lê um texto e desenvolve ao final um material a respeito, no todo, que é o e-portfolio. Particularmente, eu gostei muito, de ver que todas as partes produzidas deram origem a um todo no trabalho. |
| F27 | Senti bastante dificuldade, com os roteiros, os direcionamentos e o diário de bordo, pela quantidade de textos talvez, para ler e escrever. Mas pude perceber que preciso ler um pouco mais e tentar conhecer mais sobre a EPT para poder me sentir dentro dessa modalidade. |

Fonte: Elaboração própria, a partir da roda de conversa com os mestrandos, 2017.

Assim como as buscas dos frutos no traçado representaram um caminhar sobre o processo formativo dos mestrandos, o dizer-se dos frutos nos retratou em igual medida os processos de Heteroformação, Ecoformação e Autoformação revelados no discurso dos discentes no momento da roda de conversa, no qual todos tiveram oportunidade de relatar suas percepções acerca das atividades realizadas na construção do *e-portfolio*.

O dizer-se dos frutos emerge de suas percepções acerca das experiências de vida percebidas, (re) pensadas e ressignificadas no decorrer do curso realizado e entendidas como o que nos acontece e como o que nos revela o sentido e o sem-sentido do que nos acontece, bem como o sentido e o sem-sentido de nossa própria existência e finitude como indivíduos e coletivo, conforme Bondía, 2002. Pudemos enxergar tal conceito, por exemplo, no dizer de F1 quando relatou que:

Eu trabalhei durante 12 anos em indústria, então eu fui durante 12 anos *homo faber*. E a minha visão naquele tempo era só trabalho, uma visão muito micro do trabalho e também de mim. E quando eu comecei a ler esses textos, do *e-*

portfolio, começou a fazer sentido muita coisa, que durante muito tempo, em que eu estudei em curso profissionalizante, até mesmo no curso de graduação, meu foco era só o trabalho e a EPT traz algo maior. Quando eu comecei a ler, a produzir, eu encontrei a resposta que estava faltando, porque eu me questionava: “poxa, mas é isso aqui? É só trabalho? É só 8 ou 10 horas? E o resto? Então, foram para essas interrogações que eu consegui obter a resposta a partir desse trabalho, identificando aquilo que estava faltando, aquilo que eu questionava. E eu pude entender que na minha formação, durante muito tempo eu fui me formando só para o trabalho e aqui (no mestrado ProfEPT) não, aqui é para vida, realmente há um propósito muito maior do que ficar durante 8 ou 10 horas produzindo algo em uma fábrica de que você nem vai usufruir. Acho que o sentido maior, ao fazer os trabalhos propostos, foi esse, o de vida pessoal (F1, registro da roda de conversa, 2017).

Nos registros identificamos tanto a percepção das formas de agir de nossos frutos, em um olhar atento para suas memórias, quanto um (re) pensar de seu próprio processo formativo que resulta na percepção e tomada de consciência do que veio a constituir-se com o passar do tempo. Um transformar-se, tornar-se, ver-se, referenciar-se, refletir-se, emancipar-se, diferenciar-se, autonomizar-se, enfim autoformar-se diante dos textos sobre Formação Humana Integral, Trabalho como Princípio Educativo e Politecnicidade que expandem a própria percepção acerca da Educação Profissional e Tecnológica.

Tal movimento realizado nos indica um olhar para si a partir do contato com a história de outrem e, portanto, constitui-se em uma experiência formadora (JOSSO, 2002) que simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades. Referimo-nos a uma maneira de articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideiação. E consideramos a formação como experiencial na medida em que parte do que foi observado, percebido e sentido.

O observado se fez presente nos registros da roda quando nossos frutos relataram seus percursos formativos “A minha rota de vida foi apenas diferente e isso não nos faz melhor ou pior, o que faz a diferença são as minhas atitudes, a minha postura. Então, é preciso dar valor à nossa jornada, olhar para nós mesmos e falar eu sou um bom profissional” (F3, registro da roda de conversa, 2017) ou ao enxergarem seus desafios e ações no processo “O que mais me desafiou foi a autorreflexão que tive que fazer a partir dos seus processos e o texto que escrevi me trouxe o resgate de uma história que eu já tinha esquecido” (F5, registro da roda de conversa, 2017) ou quando interagiram com o que fora proposto em um movimento interpretativo “quando chegou a parte da história de vida, aí me encantou. Eu pensei até nos aspectos filosóficos de Kant, nossa estou fazendo aqui uma revolução copernicana. Ao invés de

entregarem o conhecimento ao sujeito, é o sujeito que está entregando seu conhecimento” (F7, registro da roda de conversa, 2017).

Houve a manifestação do observado pelos frutos, também, no enxergar da análise realizada acerca das histórias de vida das palmeiras, como em “Achei interessante a proposta do curso com relação à autoformação, baseada nos eixos responsabilidade social, nas experiências e na identidade do professor. E foi notório na história de vida dos professores a confirmação desses três eixos” (F8, registro da roda de conversa, 2017) ou na relação dos textos lidos com a realidade vivida nos institutos, conforme exposto em “Consegui ver que todas as bases falam da superação da dicotomia de trabalho manual e intelectual, mas quando partimos para os textos de Moura e Fonseca que tratam a realidade da EPT e da formação docente, nós percebemos que há uma dificuldade grande de trazer as bases da EPT para a prática, para o nosso campus no Instituto” (F9, registro da roda de conversa, 2017).

O observado se expressa nos relatos a respeito de um olhar para o próprio processo formativo como em “nós percebemos o quanto nossa formação parece frágil, porque o bacharel dizer que pouco conhece sobre EPT é uma situação, mas um professor se deparar com textos e perceber que compreende muito pouco e se identificar com o que os professores nos vídeos das histórias de vida contam como um fazer do ponto de vista intuitivo é outra situação” (F13, registro da roda de conversa, 2017) ou ao dizerem a respeito do enxergar-se no momento das atividades, conforme em “quando fiz o resgate da minha história, descobri coisas maravilhosas e que dizem muito sobre o profissional que eu me tornei hoje” (F10, registro da roda de conversa, 2017).

É notório o observado quando os frutos relatam sobre superações no processo como em “Eu não entendia nada e esse conjunto de leituras me deu a condição de alfabetizada no sentido de conseguir enxergar a essência da EPT” (F11, registro da roda de conversa, 2017) ou quando dizem da importância das histórias de vida como em “foi muito importante e eu penso que valorizar a história de vida do profissional está muito ligado com a qualidade na formação desse profissional, é você validar aquilo que ele é e trazer tudo que o professor é junto, o indivíduo e o profissional” (F10, registro da roda de conversa, 2017).

Cabe ressaltar o observado pelos frutos a respeito do contexto e do papel que desempenham na instituição onde estão inseridos como em “ao estudar os textos nas minhas produções comecei a direcionar meu olhar de pesquisador, trazer os conceitos para a minha realidade. E os sentidos de trabalho me chamaram bastante atenção, para a minha instituição, qual será o sentido de trabalho para os professores e gestores do campus onde trabalho” (F21, registro da roda de conversa, 2017) ou em “o curso vem com essa proposta de autoformação,

de contribuir para a compreensão na EPT. E me colocando no texto, eu pensei ‘eu tenho que sair daqui e ter pelo menos o mínimo de propriedade para falar desse assunto, levar as bases da EPT para discutir em uma semana pedagógica’” (F23, registro da roda de conversa, 2017).

Outro aspecto observado pelos frutos foi a relevância da proposta do curso como trazido em “deixou de ser apenas teoria, passou a ser vida também. E eu me encontrei ao mesmo tempo que pensei no vir a ser, pois uma coisa é aquilo que sou, a outra é o que posso vir a ser ainda. E penso que esse pode ser o desafio e a proposta desse MOOC” (F19, registro da roda de conversa, 2017) ou em “O MOOC está organizado de forma com que nós conseguimos de fato ter uma compreensão das bases da EPT e fazer uma reflexão da nossa prática” (F24, registro da roda de conversa, 2017) ou em “meu texto não foi só de diálogo com os teóricos, foi também de revelações, de percepções, de como a minha história de vida compõe o que eu sou, como eu percebo o mundo e que tipo de profissional que eu sou” (F15, registro da roda de conversa, 2017).

Contamos também com o observado acerca dos efeitos para si de um curso que revelou, sobretudo, o caráter formativo das histórias de vida de professores, conforme expresso em “com as histórias de vida temos uma sensibilidade envolvida na elaboração do trabalho. E vi que não há como separar a vida pessoal da vida profissional” (F25, registro da roda de conversa, 2017) ou em “Eu procurei trazer então tudo para a minha prática. E quando eu tive contato no MOOC com o texto sobre trabalho como princípio educativo eu visualizei muito as coisas que acontecem comigo dentro do instituto, por exemplo, na fala das palmeiras” (F14, registro da roda de conversa, 2017).

A formação como experiencial partiu do que foi percebido no processo pelos frutos de nossas palmeiras, manifestou-se no dizer, no momento da roda de conversa, em trechos como “Quando eu terminei o trabalho eu percebi que fiz 50 páginas, pensei: ‘poxa, eu consegui isso, eu cheguei a isso!?’” (F2, registro da roda de conversa, 2017) ou em “eu percebi nas leituras que eu também preciso ter a oportunidade de uma formação completa, porque como eu posso modificar alguém se não puder modificar a mim mesma? ” (F3, registro da roda de conversa, 2017).

Em igual medida as atividades fizeram com que os frutos percebessem seu próprio percurso formativo como relatado em “isso me fez olhar lá para o meu início, fiz referência no memorial à importância que foi o início da minha vida escolar quando não fui alfabetizada na escola, mas sim pela minha mãe em casa” (F5, registro da roda de conversa, 2017) ou em “eu sou importante, a minha história é importante e eu estou construindo a história, com cada fato,

cada experiência que aconteceu comigo. Achei interessante a questão da subjetividade, porque esse Eu aqui também constrói o mundo” (F7, registro da roda de conversa, 2017).

O percebido se delineou no dito pelo frutos ao fazerem referência às suas memórias e às relações que perceberam no traçar das atividades propostas pelo MOOC, como em “A parte do curso que achei mais interessante foram as histórias de vida como processo de formação, para mim isso foi muito importante, porque nós ainda temos uma visão de que aquilo que fizemos durante toda a vida não tem tanto valor e que não importa muito em nossa ação, em nosso fazer dentro de uma instituição de ensino” (F10, registro da roda de conversa, 2017) ou em “muito do que os professores são hoje na EPT veio das histórias de vida deles. Então, por exemplo pela história de vida que Açaí teve não posso dizer que o conceito dela de sentido de trabalho será o mesmo que de Inajá, ou então que o de Inajá será o mesmo que de Açaí, não é possível, porque as histórias de vida são diferentes” (F12, registro da roda de conversa, 2017).

Enxergamos o percebido pelos frutos no (re) pensar da formação profissional, como dito em “o curso me fez pensar minha própria formação por meio do que vi nas histórias de vida e por meio das leituras feitas. Fez com que eu refletisse meus posicionamentos em sala de aula e fora dela” (F18, registro da roda de conversa, 2017) ou no resgatar-se como ser que é dotado de reflexão e autocrítica “percebi que o trabalho foi um resgate dos meus ideais, de pensar isso de modo mais real. E consegui perceber que eu já desenvolvia na sala de aula esses ideais e antes não me dava conta” (F25, registro da roda de conversa, 2017).

Identificamos o que fora percebido no olhar e no dizer dos frutos acerca do próprio fazer profissional e dos desafios encontrados na formação continuada, como em “nós no instituto não temos essa formação para a EPT. Aprendi sobre as bases, mas reconheço que tenho que ler mais. Mas eu já consegui levar isso para a minha prática e ver que o professor que está lá às vezes também não tem” (F23, registro da roda de conversa, 2017) ou em “me fez refletir que a gestão do instituto precisa perceber que isso é uma formação para todos nós e para a melhoria da política educacional do instituto. E é um contrassenso da gestão não flexibilizar a formação dos servidores” (F24, registro da roda de conversa, 2017).

Cabe expormos também os desafios percebidos e superados por si no processo como relatado em “o conhecimento angustia, porque quando temos contato com essas leituras começamos a olhar para as nossas próprias práticas, às vezes percebo uma necessidade de querer voltar atrás e fazer diferente em sala de aula. E o memorial me trouxe muito isso, esse refletir tudo que já fiz” (F17, registro da roda de conversa, 2017) ou em “pude perceber que preciso ler um pouco mais e tentar conhecer mais sobre a EPT para poder me sentir dentro dessa modalidade” (F27, registro da roda de conversa, 2017).

Ao considerarmos a formação como experiencial partimos também do que foi percebido, em um movimento de dizer dos frutos a respeito da experiência formadora (JOSSO, 2002) que simbolizou atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizaram uma subjetividade e suas identidades. Esse processo foi possível enxergar no dito dos mestrandos como em “O que foi mais significativo na atividade para mim foi a capacidade, a possibilidade por mim de construção do texto” (F2, registro da roda de conversa, 2017) ou em “É do olhar para mim mesma e dizer que eu tenho o direito de me formar, como funcionária”.

Identificamos o que simboliza a experiência formadora no que foi sentido e relatado no resgate do papel dos pais para a formação de um dos nossos frutos ao revelar-nos que “foi a primeira coisa que pensei quando li os textos sobre memória. Vi minha mãe nos ensinando, e assim resgatei esse princípio, esse valor que eu tive na vida que foi a determinação dos meus pais” (F5, registro da roda de conversa, 2017) ou ao perceber-se pertencente ao processo formativo como dito e sentido em “Ao avançar nas produções, parecia que o curso tinha interesse no meu conhecimento, parecia assim que alguém queria saber o que é que estou falando e pensando. Então, eu comecei a me sentir importante no processo. Eu não estou sendo aqui um mero receptor, eu estou entregando aqui meu conhecimento” (F7, registro da roda de conversa, 2017).

O que foi sentido por nossos frutos também fez referência à identificação de si no processo, como em “Eu me vi em várias daquelas palmeiras, a identificação foi muito grande, tinham trechos que vi várias vezes e pensei: não é possível, isso está trazendo uma fala que é muito parecida com a minha” (F10, registro da roda de conversa, 2017) ou à percepção da busca por conhecimento e do alcance do traçado, como dito em “Eu me sinto alfabetizada na Educação Profissional e Tecnológica, porque até então eu não conhecia nada a respeito, me achava um peixe fora d’água” (F11, registro da roda de conversa, 2017).

A experiência formadora como o que fora sentido se manifestou nos olhares dos frutos para as palmeiras e no enxergar-se palmeira como em “E eu por muitas vezes me comparei, pensei: eu acho que sou essa ou eu acho que sou aquela palmeira ou eu acho que meu colega de trabalho parece com essa palmeira, mas já foi aquela outra também” (F12, registro da roda de conversa, 2017) ou em “E gostei de realizar a atividade por poder me colocar no que eu escrevi, porque nós não somos apenas razão, somos emoção, sentimos, colocamos nossa marca pessoal na escrita” (F15, registro da roda de conversa, 2017).

O que os frutos sentiram pôde ser identificado quando expressaram suas angústias e ganhos no percurso traçado, como trazido em “Eu entrei em crise existencial quando fui fazer

meu memorial, porque nunca tinha parado para pensar na minha história” (F25, registro da roda de conversa, 2017) ou em “Senti bastante dificuldade” (F27, registro da roda de conversa, 2017) ou ainda em “Para mim o ganho maior foi ter no MOOC exemplos de pessoas que têm uma história igual a minha. E ver que a sua história se entrelaça com a das outras pessoas e ver também tudo isso como possibilidade de modificar a realidade” (F25, registro da roda de conversa, 2017).

Foi possível percebermos a intervenção tanto de outros indivíduos no dizer acerca da formação de cada mestrando, por meio dos relatos referentes a pessoas que se fizeram significantes no processo, quanto dos espaços formativos como contribuição para a constituição dos frutos, o que nos fez identificar que o caminhar para a autoformação não pode ser dissociado dos elementos que compõem a heteroformação e a ecoformação (PINEAU, 2010).

Todo o processo trançado e entrelaçado pelo MOOC propiciou aos frutos de nossas palmeiras a própria experiência a ser observada, percebida e/ou sentida, que se constituiu em uma experiência formadora (JOSSO, 2002) a partir do olhar atento à história de vida do outro, de um rememorar da história de vida de si, do envolvimento ao caminho traçado e da transformação de si, que embora tenha se mostrado de modo tácito, na categoria anterior das buscas dos mestrandos expressas pelos *e-portfolios*, ganhou convicção no dizer-se de cada um na roda de conversa realizada e nos permitiu traçar um olhar para nosso MOOC por meio do olhar dos frutos para o que fora trançado.

4.3.3 O olhar dos frutos para o traçado

Identificamos no olhar dos frutos não apenas uma percepção de si como também vimos nas duas primeiras categorias “As buscas dos frutos no traçado” e “O dizer-se dos frutos”, mas uma atenção em colaborar com nosso processo formativo, visto que nesse momento os frutos nos trouxeram considerações significativas acerca da estrutura de nosso curso. Uma visão que nos possibilitou enxergar com mais clareza o que havíamos proposto e reajustar a tessitura, em um processo de feitura, (des) feitura e (re) feitura do traçado.

O formulário de avaliação do curso nos conferiu a possibilidade de compreender o andamento das atividades propostas pelo MOOC e realçar a percepção dos mestrandos acerca do processo vivenciado. Desse modo, dividimos o formulário em quatro seções: I - Descrição, que trouxe a proposta de preenchimento desse documento; II - Informações Pessoais que registrou dados como o nome e a formação profissional; III - Avaliação Geral das Atividades, na qual foi possível o mestrando avaliar direcionamentos, roteiros, textos propostos para leitura, vídeos, além de atividade realizada pelo participante (produção textual); e IV - Avaliação da Experiência de Aprendizagem com questionamentos tanto acerca da fundamentação teórica utilizada quanto da percepção do mestrando no processo de construção do *e-portfolio*.

Trazemos, então, na figura abaixo as considerações feitas por nossos frutos por meio do formulário de avaliação do curso, preenchido após a roda de conversa em sala, nos dias 11 e 12 de setembro de 2017, na disciplina Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica, ministrada pela professora Rosa Azevedo, no Campus Manaus Centro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM.

Figura 18: Percepções e sugestões sobre o MOOC.

| Percepções e sugestões acerca do curso: Um traçado entre autoformação docente e sentidos do trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica. | |
|---|--|
| F1 | Os direcionamentos foram feitos de forma a orientar a escrita, os roteiros conseguiram fazer a ligação com os direcionamentos, quando lia conseguia me perceber na minha história de vida e formação. Os textos foram importantes, porque contextualizaram essa experiência, os vídeos comportaram as informações. A minha dificuldade residiu no tempo que foi pouco para a quantidade de textos, mas na verdade isso não é problema, porque o MOOC como princípio é aberto. Essa experiência permitiu associar teoria e prática. Ao mesmo tempo que lia os artigos acabava me reconhecendo no que estava sendo lido. |
| F2 | A construção do <i>e-portfolio</i> foi uma experiência de suma significância de construir princípios, valores, visões e propostas dentro da EPT. No entanto, para essa construção ser feita de forma satisfatória alguns ajustes precisam ser realizados, entre eles o melhor ajuste entre direcionamento, roteiro e diário de bordo, o curto espaço de tempo e as leituras. Porém, os fatores positivos são superiores aos negativos, ou melhor aos não ajustados. Escrever sobre si e construir o seu memorial, através da percepção das histórias de vida foram fatores que enriqueceram o trabalho. |

| | |
|-----|---|
| F3 | O <i>e-portfolio</i> favoreceu uma nova compreensão do processo de autoformação/formação profissional. Foi desafiador descobrir novos potenciais possíveis de serem explorados a partir de uma leitura reflexiva e da escrita responsável. Tive muitas dificuldades na estruturação do trabalho no sentido de diferenciar o que era direcionamento ou o que era roteiro, porém tais dúvidas foram sanadas durante o retorno às aulas presenciais. Como sugestão gostaria de indicar a importância da autoexplicação da ferramenta <i>e-portfolio</i> , também a sequência com que foram apresentados e propostos os direcionamentos e roteiros. Sugiro que sigam uma sequência mais clara. Ratifico a importância do <i>e-portfolio</i> no processo de produção e aprendizagem referente à EPT. |
| F4 | A atividade proposta me pareceu adequada ao que o trabalho se propõe. As alterações a serem realizadas seriam quanto aos direcionamentos, os quais acredito que poderiam ser incorporados aos roteiros e quanto à quantidade de textos a serem produzidos, pois acredito que com os textos propostos para leitura, a metade da produção já seria suficiente para o alcance dos objetivos da proposta. |
| F5 | A construção do <i>e-portfolio</i> propiciou um itinerário de autoaprendizagem orientada aos objetivos da disciplina, ao mesmo tempo que a partir de categorias de análise e produção permitiu ao aluno a expressão de suas ideias e compreensão dos textos propostos para estudos. O aprofundamento na temática das bases conceituais da EPT instiga o debate, questionamentos e provoca inquietações pertinentes ao processo de aprendizagem. |
| F6 | Os direcionamentos foram mais complicados que os roteiros, senti mais dificuldade, acredito que os roteiros foram mais produtivos, os vídeos foram bem interessantes, gravados em locais diferentes, a dinâmica foi bastante interessante e a produção de textos pós-leitura foi algo novo e importante na minha formação, acredito que vai perdurar. Sugiro que o <i>e-portfolio</i> seja apresentado e explicado de maneira mais clara no início do processo e que sejam utilizados mais roteiros que direcionamentos. |
| F7 | A construção do <i>e-portfolio</i> foi uma estratégia que possibilitou uma compreensão sobre as bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica. Trouxe, também, o aprendizado sobre a abordagem metodológica das histórias de vida. Os textos deram subsídios para a produção do <i>e-portfolio</i> . Os vídeos foram importantes para a compreensão da estratégia metodológica, por meio das histórias de vida. É uma abordagem que eu não conhecia e que depois percebi o quanto é importante para as pesquisas em Educação. A construção do texto me possibilitou um entendimento melhor, por causa da forma de estudo por meio da escrita. Quanto à sugestão de mudança, os direcionamentos poderiam ser melhorados no sentido de explicar melhor ou trazer modelos. Percebemos a responsabilidade social, as experiências e a identidade como os sentidos do trabalho nos discursos dos professores e pelas evidências apontadas pela autora nos diversos quadros apresentados no texto como recortes das entrevistas. A construção do <i>e-portfolio</i> trouxe a percepção e aprendizagem de vários conteúdos referentes às Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica. Com ele foi possível verificar como a EPTNM está estruturada e as bases de sustentação da Educação Profissional e Tecnológica. |
| F8 | Alguns direcionamentos deveriam se tornar roteiros, os roteiros estavam bons em relação à construção das atividades, mas poderiam trazer mais variedade de autores, alguns textos poderiam ser substituídos ou eliminados, os vídeos trouxeram uma ótima ideia, pois se estivessem em forma de texto seria enfadonho e a produção de textos foi ótima, pois trabalhou a autoestima dos educadores. Às vezes se confundiam as ideias do <i>e-portfolio</i> , do diário de bordo e MOOC, o que era cada...nem sei se a distinção se fazia necessária, mas estas dúvidas surgiram. |
| F9 | Achei a proposta boa, porque valoriza a produção textual, como mencionado, a partir de pequenas obras se produzia pequenos textos que com a organização proposta pelo Direcionamento 02 ao final se inter-relacionaram e passaram a compreender o todo, o <i>e-portfolio</i> . |
| F10 | Foi uma experiência enriquecedora que me permitiu perceber minhas dificuldades, assim possibilitando que eu busque meios para superá-las. Penso que o que poderá ser modificado são alguns direcionamentos que podem se tornar roteiros, bem como ao pensar o público para |

| | |
|-----|---|
| | o qual será destinado o MOOC, talvez pensar em reduzir o número de textos e indicar os outros para leitura complementar. |
| F11 | Sugerimos que fique mais claros o que são roteiros e o que são direcionamentos no processo; se faz necessário também a bibliografia (referências) completa dos textos propostos; sentimos necessidade de definição do que era o Diário de Bordo e o <i>e-portfolio</i> . Sugiro mais ou outros textos que expliquem melhor o que é pesquisa qualitativa e história de vida como categoria ou método e qual foi usada pela autora. Contudo, parabeno o trabalho de Bárbara, pois proporciona uma aprendizagem e um contato com a EPT para os profissionais que nela labutam. Parabéns! |
| F12 | Os direcionamentos estão bons, mas ficariam melhores se a partir do direcionamento 01 fosse exposto um modelo de <i>e-portfolio</i> para o participante poder se basear e a partir daí realizar as atividades solicitadas. Os roteiros estão bem elaborados, mas ficariam melhores se no teor deles fosse explicado melhor o diário de bordo, pois leva a crer que é uma produção paralela a dos textos. Os textos propostos para leitura estão muito bons, mas sugere-se o texto de outro autor da história de vida para que haja uma melhor compreensão do tema. Seria interessante que todas as bibliografias fossem disponibilizadas em um só item. Os vídeos estão muito bons, bem autoexplicativos e ótima qualidade de imagem e áudio. A produção textual foi bastante agregadora em termos de aprendizagem. |
| F13 | Em um processo formativo de mestrado acredito que apesar das atividades exigirem muita disciplina e organização do tempo, como todo mestrado, as atividades estão adequadas, pois nos levam a um desencadeamento lógico para compreensão dos temas propostos, entretanto se pensarmos que as atividades serão disponibilizadas aos professores da EPT, acredito que se estes não estiverem em um processo formativo formal, será difícil a realização de todas as atividades, porque como falei, anteriormente, eu dispensei aproximadamente 30 horas para a realização das atividades. Por esta razão, talvez escolher textos que trabalham os três fundamentos da EPT, mesmo que as atividades propostas levassem a atividades distintas. |
| F14 | A experiência proposta foi desafiadora, pois nos fez expressar o nosso conhecimento sobre as bases conceituais da EPT por meio da escrita. Escrever com responsabilidade não é tarefa simples, requer leitura, conhecimento das normas etc. Essa experiência me fez refletir que somos os principais sujeitos da nossa formação. Um fator dificultador foi a questão do tempo. Trabalhar 40 horas semanais e realizar as atividades do mestrado é muito difícil, gostaria de ter tido mais tempo para aprofundar melhor nos temas propostos. |
| F15 | Em alguns direcionamentos me senti confusa no sentido de compreender qual era a orientação. Os roteiros foram coerentes e objetivos. Gostei da maioria dos textos. Não achei conveniente utilizar dois textos do mesmo autor na temática história de vida. Achei os vídeos muito interessantes, transmitiram emoção, me ajudaram a entender e perceber melhor o conteúdo. A produção textual foi dolorosa, mas necessária, pois é preciso treinar a produção científica, desenvolver e avançar. |
| F16 | O <i>e-portfolio</i> foi bastante proveitoso. De início, tive dificuldades em relação ao diário de bordo (como fazer) e também para perceber que o <i>e-portfolio</i> era a apresentação do diário de bordo. Acredito que o complemento deva ser incorporado ao direcionamento 02. Em relação às atividades, achei os temas muito relevantes, principalmente, a questão da utilização da história de vida como método e técnica. Não conhecia, mas achei muito interessante e muito válido. |
| F17 | Senti dificuldade em entender a proposta dos direcionamentos. Os roteiros permitiram uma boa introdução ao estudo da EPT. Os textos propostos estão bem organizados, mas poderiam abarcar outros. Os vídeos completam bastante a dissertação. Foi justamente na produção textual que consegui (me vi obrigado a) sistematizar melhor o entendimento dos textos. Como a proposta é um curso de autoformação, a construção do <i>e-portfolio</i> ajuda a pensar a EPT, mas partindo de um olhar de si, o que de certa forma nos aproxima do texto. |
| F18 | Ótima metodologia de aprendizagem, pois o próprio aluno constrói o conhecimento. Poderiam ser incluídos mais vídeos sobre metodologia. O tempo de duração do curso poderia ser maior. Os direcionamentos estavam bem claros com relação às atividades. Alguns roteiros estavam de difícil compreensão sobre o que estavam solicitando de atividade. Os textos propostos foram ótimos, pois utilizaram os autores mais conceituados sobre EPT. Os vídeos ainda não estavam |

| | |
|-----|--|
| | editados completamente, mas permitiram o aprendizado do conteúdo. O tempo foi pequeno para a realização das atividades. |
| F19 | Os direcionamentos foram claros e objetivos. No entanto confesso que em alguns momentos a dúvida surgiu quanto a produzir um ou dois diários de bordo em cada atividade, já que tínhamos que registrar nosso aprendizado. Acredito que os roteiros atenderam às expectativas, no entanto ler vários textos e escrever cinco laudas em cada um, em um período curto, dificultou a produção escrita. A maioria dos textos apresentam uma leitura boa de fácil compreensão. Os vídeos foram excelentes para mostrar os sentidos de trabalho construídos pelos docentes. Poderia ter sido melhor. Acredito que nesse primeiro momento faltou tempo para o desenvolvimento das atividades, o que comprometeu a escrita com compromisso. Como sugestão acrescento que seria interessante realocar os dois memoriais em um só texto e de preferência no final da atividade. |
| F20 | Houve confusão acerca da diferença da atividade de direcionamento e daquela proposta no roteiro. Aqui a atividade mais relevante para mim foi o memorial de vida, que nos fez resgatar o caminho percorrido. As ideias de alguns textos eram repetitivas, mas no todo as atividades foram importantes para a formação. Tive dificuldade no que tange ao diário de bordo, já que costume traçar considerações ao longo do texto. Os vídeos foram muito interessantes. Não acredito que tenha conseguido elaborar os textos com qualidade já que na primeira leva de exercícios tínhamos muito a produzir em pouco tempo e na segunda maior quantidade de material para leitura. Além do já foi exposto, sugiro a elaboração de mais vídeos que poderiam servir de explicação/introdução às atividades propostas no curso e, talvez até apresente síntese do que os textos tratarão. Isso com o objetivo de criar uma curiosidade no aluno e o incentivar a buscar mais. |
| F21 | Apesar das dificuldades, as atividades propostas colaboraram muito, para ver e recuperar o processo formativo, além de contribuir de forma positiva para o processo de ensino aprendizagem dentro do contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Sugiro não a diminuição dos textos, mas a cobrança da escrita, de modo que se possa escolher alguns deles para se trabalhar a escrita e de modo que possibilite a utilização de outras referências. |
| F22 | A construção do <i>e-portfolio</i> foi bastante significativo, pois consegui ler informações importantes à EPT e, principalmente, realizar uma construção textual. E perceber a EPT em sua completude. A autoformação é uma proposta importante para a prática docente. E nas experiências expostas pelos docentes da EPT, ficou visível o sentido do trabalho como compromisso, responsabilidade social e identidade. |
| F23 | A proposta de organização está bem estruturada e possibilita um itinerário autoformativo que vai do olhar para si e do olhar para o outro. Direciona para a compreensão das bases da EPT e ao final contribui para que diante do aprofundamento teórico possamos ter um olhar melhor sobre nossa história de vida e autoformação. |
| F24 | A construção do <i>e-portfolio</i> foi muito importante, pois nos proporcionou um contato por meio do embasamento teórico de questões vividas na prática profissional, mas não vistas ainda dentro de um contexto tão amplo o qual tivemos contato com os textos. |
| F25 | Foi uma construção gradativa e muito importante para conhecer um pouco mais a legislação e as bases da EPT. Penso que os direcionamentos sejam orientações e os roteiros atividades práticas (produções escritas). |
| F26 | Minhas percepções foram de encontro comigo mesmo ao ter o reforço teórico de como devo aperfeiçoar o uso da história de vida na minha formação e na de outras pessoas com quem trabalho. A perspectiva teórica da autoformação traz um conceito, uma abordagem nova que apesar de não ter a clareza necessária ainda, pode nos ajudar a reforçar a nossa responsabilidade social e profissional com meu fazer cotidiano dentro da EPT, na medida que rememoramos a minha experiência e a dos outros, reforçamos nossa identidade nas nossas falas e nas dos outros relatos. |
| F27 | Os direcionamentos foram bem elaborados e estruturados, contudo percebi a necessidade de clareza no que diz respeito a diferenciação com relação aos roteiros, que foram claros e bem elaborados. Acredito que quando estiverem na plataforma serão mais práticos com relação à associação com os direcionamentos. Os textos atendem à necessidade quando se trata do |

| | |
|--|---|
| | <p>esclarecimento sobre as bases da EPT. Os vídeos são claros quanto ao entendimento e conhecimento das histórias de vida dos professores entrevistados. A produção textual foi fruto do árduo processo de leitura e reflexão. No cerne da reflexão, a trajetória de vida engrandeceu todo o processo. Para os meus textos tais reflexões foram fundamentais para a percepção da possibilidade de promoção de uma formação humana integral.</p> |
|--|---|

Fonte: Elaboração própria, a partir do formulário de avaliação do curso, 2017.

O ambiente virtual de realização das atividades do MOOC possibilitou aos mestrandos não apenas a identificação do processo formativo de si a partir do conhecimento da história de vida do outro ou do ambiente formativo do outro, mas conferiu aos frutos a possibilidade de se enxergar como autorreferencial (PINEAU, 2010) capaz de construir um espaço próprio de formação de si. E mais ainda, atribuindo a si a capacidade de tornar-se, ver, referenciar-se, refletir-se, emancipar-se, diferenciar-se, autoreferenciar-se, autonomizar-se, em suma, autoformar-se.

Com base nas considerações tecidas pelos frutos de nossas palmeiras acerca da estrutura do MOOC percebemos que era necessário retroceder no que fora entrelaçado com a finalidade de ajustar o enlace do trançado. Os mestrandos nos reportaram à dificuldade em lidar com os direcionamentos e roteiros, disseram-nos o quão complicado foi compreender a diferença entre ambos, fato que nos levou a realizar modificações estruturais dessas atividades.

Diante das sugestões propostas, foram realizadas alterações nas atividades do MOOC, especificamente dois direcionamentos (03 e 04) se tornaram roteiros (05 e 07), o direcionamento 02 foi reformulado recebendo o nome de direcionamento 01 para esclarecer o percurso a ser realizado na elaboração do e-portfolio, o direcionamento 02 passou a esclarecer o diário de bordo, o direcionamento 05 a respeito do memorial de formação se tornou direcionamento 03, houve a modificação de um dos textos referentes à história de vida no roteiro 05, o roteiro 05 passou a ser roteiro 06 e os direcionamentos 01 e 05 foram diferenciados quanto à finalidade, o primeiro de relatar brevemente o percurso profissional do participante do curso e, o segundo, de tecer o memorial de formação, o qual pressupõe os caminhos tanto de vida quanto de formação profissional.

Em sua nova configuração estrutural, o curso é composto por 7 roteiros, 3 direcionamentos, 1 formulário de caracterização do participante feito pela própria plataforma no momento de matrícula, 1 formulário de avaliação do curso e 7 vídeos. Percebemos que o olhar dos frutos das palmeiras nos fez enxergar o traçado conforme eles experienciaram e, assim, conseguirmos ajustar também para nós mesmos o que fora delineado e entrelaçado.

Pudemos também extrair do olhar dos mestrandos, nossos frutos, uma valorização da experiência trazida pelo curso que se converteu em um olhar para si no processo quando nos

disseram: “quando lia conseguia me perceber na minha história de vida e formação” (F1, formulário de avaliação do curso, 2017) ou “A construção do *e-portfolio* foi uma experiência de suma significância de construir princípios, valores, visões e propostas dentro da EPT” (F2, formulário de avaliação do curso, 2017) ou “O e-portfolio favoreceu uma nova compreensão do processo de autoformação/formação profissional” (F3, formulário de avaliação do curso, 2017) ou “A construção do *e-portfolio* propiciou um itinerário de autoaprendizagem orientada aos objetivos da disciplina, ao mesmo tempo que a partir de categorias de análise e produção permitiu ao aluno a expressão de suas ideias e compreensão dos textos propostos para estudos” (F5, formulário de avaliação do curso, 2017).

Identificamos em igual medida que tal valorização parte da compreensão do próprio processo no escrito de nossos frutos, o que identificamos nos excertos: “A construção do texto me possibilitou um entendimento melhor, por causa da forma de estudo por meio da escrita” (F7, formulário de avaliação do curso, 2017) ou “Foi uma experiência enriquecedora que me permitiu perceber minhas dificuldades, assim possibilitando que eu busque meios para superá-las” (F10, formulário de avaliação do curso, 2017) ou “proporciona uma aprendizagem e um contato com a EPT para os profissionais que nela labutam” (F11, formulário de avaliação do curso, 2017) ou “A produção textual foi bastante agregadora em termos de aprendizagem” (F12, formulário de avaliação do curso, 2017) ou “A experiência proposta foi desafiadora, pois nos fez expressar o nosso conhecimento sobre as bases conceituais da EPT e me fez refletir que somos os principais sujeitos da nossa formação” (F14, formulário de avaliação do curso, 2017).

Pudemos identificar também o processo de reconhecimento do MOOC como relevante para a formação dos mestrandos em trechos tais como: “a proposta é um curso de autoformação, a construção do e-portfolio ajuda a pensar a EPT, mas partindo de um olhar de si, o que de certa forma nos aproxima do texto” (F17, formulário de avaliação do curso, 2017) ou “A autoformação é uma proposta importante para a prática docente. E nas experiências expostas pelos docentes da EPT, ficou visível o sentido do trabalho como compromisso, responsabilidade social e identidade” (F22, formulário de avaliação do curso, 2017).

Todas as considerações feitas expressam os olhares dos frutos para as palmeiras que inspiraram. Nossos frutos se enxergaram palmeiras e puderam, a partir do vivido no MOOC “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica” perceber, mesmo que de modo inconsciente, que as experiências são o que nos acontece, tendo relação com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002).

Desse modo, os frutos das palmeiras contribuíram conosco no processo de (re) elaboração e arremate de nosso trançado na medida em que suas buscas, seus dizeres e seus olhares nos possibilitaram identificar tanto o processo autoformativo o qual experienciamos no desenvolver do MOOC, quanto a percepção de um novo olhar para nosso traçado. E ao considerarmos múltiplos os olhares, também expandimos nossas percepções e nosso próprio trançar e entrelaçar das fibras.

O AVESSO DO TRAÇADO

Comparado a um bordado, no qual o que exige mais esmero da artesã é o lado oposto, o mais importante do traçado se constituiu no avesso, por integrar os padrões de construção que não se enxergam em uma vista-d'olhos. O avesso representa todo o processo de feitura do traçado, desde a ideia da tessitura, a preparação, a busca pelas fibras, os encontros e desencontros com os outros e conosco, os estranhamentos, os encantamentos e o envolvimento com as palmeiras que deram fibras e frutos, o trançar e entrelaçar, bem como o arremate.

Propusemo-nos a articular os conceitos de formação de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, sentidos de trabalho e autoformação, o que realçamos na seção “A preparação para o traçado” e diante de elementos da Análise Sistemática, tal como a questão “Quais considerações podem ser feitas acerca dos sentidos de trabalho inseridos no contexto da formação de professores na Educação Profissional e Tecnológica?”. Nessa busca por articulação de conceitos, foi possível perceber a necessidade de se evidenciar o professor em seu processo formativo, suas experiências, constituição identitária e compromisso com a docência entendido como um processo de formação permanente de si.

Ao elaborar um percurso investigativo a fim de conhecer os sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, enveredamos pelas histórias de vida de cinco professores, considerados como palmeiras que deram fibras por meio de seus discursos, nos quais foi possível identificar que a rememoração e a atribuição de sentido funcionaram em um duplo movimento de aproximação e distanciamento, na medida em que cada história nos possibilitou identificar semelhanças e diferenças entrelaçadas.

Envolvemo-nos e nos emocionamos com as histórias de vida da enérgica e poética Açaí, da profissional comprometida que nos mostrou ser Bacaba, da apaixonada pela docência que se constituiu Inajá, do persistente Miriti e da sensível Arumã, palmeiras que inspiraram pelos modos de ser, agir, fazer e (nos) acontecer, conferindo-nos fôlego para o contínuo trançar, (des)trançar e (re)trançar de nosso traçado.

Notamos que trabalhar com as histórias de vida de professores nos incitou a repensar nossa própria experiência, fazendo-nos questionar os sentidos de nossas vivências e aprendizagens, a partir das surpresas e diferentes emoções que se apresentaram, principalmente, nas entrevistas com as palmeiras, por intermédio das quais pudemos vislumbrar o quanto há nos bastidores que estruturam a constituição de um professor. Ter contato com suas histórias

representou a importância do conhecimento de nós mesmos e o quão edificante é o caminhar na direção de si (DOMINICÉ, 2010), do autoconhecimento e autorreferencial (PINEAU, 2010).

O contato com os professores nos fez enxergar nossa própria trajetória traçada, na medida em que contavam suas experiências no início da docência, seus sucessos, suas realizações, as pessoas que tornaram a vida mais suave, os espaços pelos quais habitaram, os alunos, que também não esquecemos, os professores tão vivos ainda que apenas na memória, os caminhos da escola, a entrada e os momentos do mestrado, a mudança de visão, a ressignificação de conceitos e a formação do eu forjada no nós.

Ao fazer as entrevistas, foi-nos permitida a entrada em mundos diversos, foi concedido que a partir das memórias dos professores pudéssemos também nos encontrar em seus caminhos, em suas escolhas, nas práticas docentes, nas relações com os alunos em sala de aula, no lidar com os colegas de profissão, na adesão a projetos e parcerias, na harmonização do tempo com nossas famílias, nos dias em que a profissão ou o estudo falou mais alto e se sobrepôs às vontades individuais, enfim, fizemos parte do contexto e enxergamos os horizontes de vida dos professores, bem como os nossos, ao vê-los relembrar fatos e (re)traçar seus percursos.

O traçado como experiência, igualmente nos aconteceu na medida em que, também, fizemos parte do processo de seleção do mestrado, das disciplinas, das angústias, da mostra de TICs no Ensino, do painel de Fundamentos para a Formação de Professores no Ensino Tecnológico, dos seminários de História da Ciência e Metodologia da Pesquisa Científica no Ensino Tecnológico, da organização do Simpósio em Ensino Tecnológico no Amazonas (SETA), das noites acordados fazendo leituras, escrevendo, buscando conceitos, construindo compreensões e compartilhando, por vezes em grupos *online*, os processos angustiantes e prazerosos de formação do outro e de si.

Por intermédio das experiências de nossas palmeiras foi possível evidenciar os sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio e compreender que esses sentidos emergem da responsabilidade social do professor, das experiências vividas ao longo da vida e da constituição identitária. Além da percepção expressa pelos docentes, mediante seus discursos da necessidade de buscar formação, a qual nos permitiu pensar em elaborar, implementar e avaliar uma proposta que oportunizou além de uma compreensão crítico-reflexiva no participante relativa à Educação Profissional e Tecnológica, um processo de autoformação.

Proposição revelada em nosso arremate por meio da elaboração do curso massivo aberto e *online* “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores

da Educação Profissional e Tecnológica” que reuniu em seu conteúdo as bases (Formação Humana Integral ou Omnilateral, Trabalho como Princípio Educativo e Politecnicidade) da Educação Profissional e Tecnológica, além dos conceitos de Autoformação e Sentidos de trabalho docente.

Em nosso arremate pudemos implementar e avaliar o curso com a colaboração da turma de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), durante a disciplina Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica, ministrada pela professora Rosa Oliveira Marins Azevedo e no desenrolar do que trançamos e entrelaçamos enxergamos os mestrados como frutos das palmeiras por compreendermos que todos se constituíram em potenciais palmeiras, uma vez que se enxergaram e se expressaram, mesmo que de modo tácito, como palmeiras ao observarem-se, perceberem-se e sentirem-se inseridos no próprio traçado.

Identificamos os frutos das palmeiras por meio do trançar e entrelaçar de suas buscas no traçado, das quais emergiu o falar de si inspirado nas histórias de vida que compuseram o processo de atividades do *e-portfolio* desenvolvido no MOOC. Enxergamos tais buscas, também, no modo de dizer-se dos frutos na roda de conversa, o que expressou a essência do vivido no que pôde ser experienciado. Além de revelarmos o olhar dos frutos para o trançado, que expressou suas percepções, no formulário de avaliação, acerca da estrutura de nosso curso e nos conduziu a um (re) trançar do próprio MOOC no desenrolar da tessitura.

Percebemos como elementos, que nos possibilitaram enxergar a contribuição de nosso MOOC trançado no processo formativo dos participantes do curso, as buscas, a forma de dizer-se e o olhar dos frutos revelados em seus discursos. O que nos permitiu entender que a proposta elaborada, implementada e avaliada além de oportunizar uma compreensão crítico-reflexiva acerca da Educação Profissional e Tecnológica, possibilitou-nos avistar um trançar dos frutos em uma construção particular de um espaço de formação, no qual puderam se colocar como autorreferencial e, assim, tornar-se, ver-se, referenciar-se, refletir-se, emancipar-se, diferenciar-se, autonomizar-se, singularmente, autoformar-se/autotrançar-se.

Ao desenvolvermos nosso traçado, propusemo-nos a elaborar, implementar e avaliar um curso que, inicialmente, foi pensado para atender professores inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, visto que nos inspiramos em nossas palmeiras, e todos que manifestassem interesse pelo conteúdo do MOOC. No entanto, no desenrolar do traçado de nossa proposta, percebemos ao analisar o discurso dos discentes nomeados como frutos das palmeiras que o curso se expandiu comparado ao que havíamos idealizado e passou a atender profissionais inseridos na Educação Profissional e Tecnológica, bem como pessoas que apresentem interesse pelo que trançamos.

O curso foi traçado com interesse em desenvolver uma compreensão crítico-reflexiva no participante relativa à Educação Profissional e Tecnológica, além de (re)pensar o próprio processo formativo a partir das histórias de vida de professores inseridos nessa modalidade de ensino, sem contudo exaurir qualquer outra possibilidade de interpretação de nosso fiar, reportando-nos ao objetivo geral de nosso tecer, revelado em compreender os sentidos de trabalho no discurso de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM como fundamento para uma proposta de autoformação.

Na implementação e avaliação de nossa proposta autoformativa percebemos no discurso daqueles nomeados como frutos, de modo similar como nas palmeiras, as interferências de outros indivíduos e espaços formativos que se fizeram marcantes no processo de formação. Essa percepção, permite-nos inferir que a constituição dos frutos, bem como das palmeiras, caminha para um entrelaçar indissociável dos elementos que compreendem a heteroformação e a ecoformação no tecer da autoformação.

Ao trançarmos e entrelaçarmos nosso traçado, colhemos frutos de palmeiras que inspiraram e enxergamos fibras as quais, além de realçar sentidos para si, experiências, singularidades do percurso e do processo, dificuldades e superações da formação do eu e do nós em um contínuo trançar, (des) trançar e (re) trançar, indicaram-nos um caminhar possível em direção à tessitura do trançado/autotrançar-se que, por meio dos elos, dos caminhos e dos meandros, enfeitou, sustentou e constituiu o traçado da vida e o traçado da lida.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, jan/abr, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: 2013.
- _____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes. Bases da educação Nacional**. 1996.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CIAVATTA, M. O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral por que lutamos? **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187-205, jan/abr. 2014.
- _____. RAMOS, M. Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil Dualidade e Fragmentação. **Revista Retratos da escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p.27-41, jan/jun, 2011.
- CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.
- DAY, C. **Desenvolvimento Profissional de Professores**. Porto: Porto Editora, 2001.
- DANIELS, H. **Uma introdução a Vygotsky**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A. (Org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.
- DORE, R. Afinal, o que significa o trabalho como princípio educativo em Gramsci? **Cad. Cedes**, Campinas, v. 34, n. 94, p. 297-316, set/dez, 2014.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia de saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- GALVANI, Pascal. A Autoformação, uma Perspectiva Transpessoal, Transdisciplinar e Transcultural. In: **Educação e Transdisciplinaridade II – CETRANS**. São Paulo: TRIOM, p. 95-121, 2002.
- GARCÍA, C. M. **Formação de professores – Para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.
- GHEDIN, E. A função social do ensino e a organização dos conteúdos de aprendizagem. In: BORGES, H. GHEDIN, E. **Fundamentos para pensar o currículo**. Manaus: Editora Travessia, 2010.
- GONÇALVES, B. M. F.; GONÇALVES, V. MOOC: um aliado para a formação contínua de professores. In: **I Congresso Virtual Iberoamericano sobre Recursos Educativos Inovadores (CIREI)**. Universidad de Alcalá, 2015.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: As Histórias de Vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 2007.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

JOSSO, M-C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

_____. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

_____. Da formação do sujeito...Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

KITCHENHAM, B. **Procedures for Performing Systematic Reviews**. Keele: Keele University, 2004. Disponível em: <http://goo.gl/5Q5okd>. Acessado em: 6 jun. 2016.

LAURILLARD, D. The educational problem that MOOCs could solve: professional development for teachers of disadvantaged students. **Research in Learning Technology**. v.24, 2016. Disponível em: <http://goo.gl/5yRCo5>. Acessado em: 12 jun. 2016.

LIMA JÚNIOR, P. **Evasão do ensino superior de Física segundo a tradição disposicionalista em sociologia da educação**. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em Ensino de Física) – Instituto de Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

LIMA, M. E. C. DE C. **Sentidos do trabalho – a educação continuada de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MOURA, D. H. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 1, p. 23-38, 2008.

MCAULEY, A. et al. **The MOOC model for digital practice**. Charlottetown, Canada: University of Prince Edward Island, 2010. Disponível em: <http://goo.gl/kPpd06>. Acessado em: 13 de jun. 2016.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2007.

OLIVEIRA, M. A. M. **Políticas Públicas para o ensino profissional: O processo de desmantelamento dos Cefets**. Campinas: Papirus, 2003.

PACHECO, E. **Perspectivas da educação profissional técnica de nível médio**. Proposta de diretrizes curriculares nacionais. São Paulo: Moderna, 2012.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

PRESTES, L. S. D. Filosofia da Educação em Sartre. In: GHEDIN, E. (Org.). **Temas em Filosofia da Educação**. Manaus: Valer, 2012.

SAVIANI, D. O choque teórico da politecnia. **Trabalho, educação e saúde**, v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003.

SILVA, F. R. A. **Saberes docentes na formação inicial de professores para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. 2016. 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus. 2016.

SIMIONATO, M. F. A formação do professor do ensino técnico no contexto da reestruturação produtiva. In: KRONBAUER, S. C. G. (Org.) **Formação de professores**: abordagens contemporâneas. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUZA, E. C. Memória, (auto)biografia e formação. In: CHAVES, S. N. (Org.) **Formação e docência**: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica. Belém: CEJUP, 2011.

_____. Modos de Narração e discursos da Memória: Biografização, Experiência e Formação. In: PASSEGGI, M. C. (Org.). **(Auto)biografia**: formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VELTHEM, L. H. V. Trançados indígenas norte amazônicos: fazer, adornar, usar. **Revista de estudos e pesquisas**, FUNAI, Brasília, v. 4, n. 2, p. 117-146, dez, 2007.

APÊNDICES

| | |
|--|------------|
| APÊNDICE A – Mapa de atividades do MOOC..... | 161 |
| APÊNDICE B – Diário de Bordo para uso do <i>Framework</i> na construção do MOOC...168 | 168 |
| APÊNDICE C – APÊNDICE C – Formulário de Avaliação do curso..... | 171 |
| APÊNDICE D – APÊNDICE D – Atividades oferecidas pelo MOOC: Direcionamentos 01 a 03; Roteiros 01 a 07..... | 173 |
| APÊNDICE E – APÊNDICE E – PRODUTO EDUCACIONAL DA PESQUISA..... | 199 |

APÊNDICE A – Mapa de Atividades do MOOC

| Mapa de Atividades | | Curso: Um traçado entre autoformação docente e sentidos do trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica | | | | | |
|--------------------|-------------------------------------|--|------------------------|---|--|--|---|
| | | Provedor de MOOCs: IFAM | | | | | |
| Semana | Nome da Aula | Descrição da aula | Unidade (subtemas) | Objetivo | Atividade proposta/realizada pela instrutora | Atividade realizada pelo participante | Plataforma |
| 1 | Boas vindas e apresentação do curso | Receba as boas-vindas da instrutora do curso! Este curso possui abordagem narrativa, visto que está baseado em histórias de vida de | Funcionamento do curso | Identificar como o MOOC está estruturado. | Explicar como está estruturado o curso. | Identificação da estrutura do MOOC a partir da explicação da instrutora. | Vídeo de abertura que proporcione um momento de acolhida e explique acerca da estrutura do curso ao participante. |
| | | | Apresentação do curso | Conhecer o conteúdo e os objetivos que sustentam o curso. | Expor o conteúdo e os objetivos que sustentam o curso. | Conhecimento do conteúdo e dos objetivos do curso. | |

| | | | | | | | |
|--|--|--|--|---|---|--|---|
| | | professores, inseridos na Educação Profissional e Tecnológica, a partir das quais pretendemos estimular o desenvolvimento de uma compreensão crítico-reflexiva acerca do processo de formação do próprio participante do curso. Esperamos despertar, sobretudo, motivação em conhecer a cada aula o universo de nosso curso. | Boas vindas de Bárbara Lapa em nome do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico-Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM. | Conhecer a instrutora, bem como o curso de pós-graduação no qual se encontra inserida. | Proporcionar um momento de acolhida /aproximação com o participante do curso. | Tomar conhecimento do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico-Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM. | |
| | | | <i>E-portfolio</i> | Fazer <i>download</i> do direcionamento disponibilizado e seguir as indicações nele contidas. | Disponibilizar um direcionamento acerca da elaboração do <i>e-portfolio</i> . | Após o <i>download</i> do direcionamento, o participante deve seguir atentamente as indicações nele contidas para posterior elaboração do <i>e-portfolio</i> . | Direcionamento 01 com indicação para a elaboração do <i>e-portfolio</i> . |

| | | | | | | | |
|---|-----------------------------------|--|---|---|---|---|---|
| 2 | Conhecendo um pouco mais do curso | Aproveite para preencher o Questionário de Caracterização do Participante e se inteirar sobre o <i>e-portfolio</i> . | Questionário de Caracterização do Participante | Preencher o Questionário de Caracterização do Participante para prover informações úteis à confecção de certificado de participação no curso. | Disponibilizar o Questionário de Caracterização do Participante para preenchimento pelo participante. | Preenchimento do Questionário de Caracterização do Participante que requer informações úteis à posterior confecção de certificado de participação no curso. | Um formulário no qual esteja contido o Questionário de Caracterização do Participante para preenchimento pelo participante. |
| | | | Diário de Bordo | Conhecer a proposta do Diário de Bordo e (re) pensar seu processo formativo até o momento. | Propor uma reflexão acerca do processo formativo do participante do curso. | Leitura do direcionamento referente ao Diário de Bordo e breve descrição, em arquivo aberto em seu computador, de seu processo de formação até o momento de adesão ao MOOC, iniciando assim a escrita do Diário de Bordo. | Direcionamento 02 acerca do Diário de Bordo e realização de uma breve descrição do processo formativo pelo participante. |
| | | | O que consideramos Educação Profissional e Tecnológica (EPT)? | (Re)conhecer a modalidade Educação Profissional e Tecnológica e efetuar as leituras indicadas. | Expor a estrutura da EPT e indicar leituras para o participante. | Ler o roteiro acerca das considerações sobre a modalidade Educação Profissional e Tecnológica e realizar as leituras indicadas pela instrutora. | Roteiro 01 acerca da EPT, com indicação de material de leitura (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio). |

| | | | | | | | |
|---|-----------------------|--|--|---|--|---|--|
| 3 | Um tema de relevância | Um panorama de como está estruturada a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. | Dimensões que orientam a EPT: 1-Formação Humana Integral ou Omnilateral. 2-Trabalho como princípio Educativo. 3-Politecnia. | Identificar as dimensões que orientam a EPT. | Disponibilizar roteiros que direcionem o estudo do participante do curso a uma identificação das dimensões que orientam a EPT. | Identificação das dimensões que sustentam a EPT por meio das leituras propostas. | Seguir os Roteiros 02, 03 e 04 que contemplam indicações de leitura para o estudo do participante, direcionando-o à identificação das dimensões que orientam a EPT, por meio da produção textos que integrem o Diário de Bordo e, conseqüentemente, o E-portfolio. |
| | | | Autoavaliação e Diário de Bordo | Realizar a composição de textos acerca do que pôde ser percebido a partir dos roteiros sobre as dimensões que orientam a EPT. | Propor uma reflexão acerca da compreensão construída, com base nos roteiros propostos sobre as dimensões que orientam a EPT. | Seguir o roteiro proposto e redigir textos que integrem o Diário de Bordo e o <i>e-portfolio</i> . | |
| | | | A opção pela História de vida | (Re)Conhecer a História de vida como abordagem metodológica. | Evidenciar a abordagem metodológica utilizada e propor que o participante redija suas impressões no Diário de Bordo. | Fazer o <i>download</i> , ler e seguir as instruções do roteiro acerca da História de Vida como abordagem metodológica. | Roteiro 05 acerca da utilização da História de Vida como abordagem metodológica e indicação aos vídeos que relatam as histórias de vida de 5 professores do IFAM |
| 4 | Caminhos traçados | Serão conhecidas as histórias de vida de cinco professores inseridos na Educação | A vida que se entrelaça à formação profissional. | Conhecer os caminhos traçados por outros professores no processo de | Relatar as Histórias de vida de professores da EPTNM do IFAM | Assistir aos vídeos para conhecer as Histórias de vida de professores inseridos na EPT e os caminhos que os conduziram à essa modalidade de ensino. | Vídeos, indicados por meio do Roteiro 05, que relatam as Histórias de vida de cinco |

| | | | | | | | |
|---|----------------------------|--|--|---|--|--|---|
| | | Profissional Técnica de Nível Médio no Instituto Federal do Amazonas-IFAM. | | formação docente. | | | professores do IFAM e dos caminhos que os conduziram à EPT. |
| | | | Que sentido os professores conferem ao trabalho docente? | (Re)pensar os sentidos de trabalho entrelaçados aos saberes docentes no cotidiano do professor da Educação Profissional e Tecnológica. | Expor uma compreensão acerca do enlace entre saberes docentes e sentidos de trabalho para professores. | Realizar as leituras indicadas e redigir um texto para composição do Diário de Bordo. | Roteiro 06 com indicação de material de leitura e proposta de produção textual para o Diário de Bordo. |
| | | | Autoavaliação-Diário de Bordo: Sentido de trabalho docente como Compromisso, Responsabilidade Social e Identidade. | Identificar no processo de formação do outro, o processo de formação de si: Percepção do sentido de trabalho docente como Compromisso, Responsabilidade Social e Identidade. | Propor a elaboração de um texto que integre o Diário de Bordo e expresse impressões acerca das Histórias de vida relatadas, evidenciando o sentido de trabalho docente como Compromisso, Responsabilidade Social e Identidade. | Ler o roteiro acerca dos sentidos de trabalho docente que emergem dos caminhos traçados pelos professores da Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal do Amazonas-IFAM e redigir um texto com suas impressões acerca das Histórias de vida relatadas para a composição do Diário de Bordo. | Roteiro 07 acerca dos sentidos de trabalho docente que emergem dos caminhos traçados na história de vida de professores da EPT no Instituto Federal do Amazonas-IFAM. |
| 5 | O que emerge dos caminhos? | Nesta aula você vai resgatar conteúdos já trabalhados, conhecer novos | Autoformar-se | Expressar compreensões acerca do processo vivido | Disponibilizar um Direcionamento que oriente a compreensão e produção do | Fazer o <i>download</i> do direcionamento, buscar o material sugerido e realizar a leitura. | Direcionamento 03 com indicação de material de leitura e orientações para a |

| | | | | | | | |
|---|---|--|---|--|---|---|---|
| | | horizontes e produzir reflexões acerca dos temas abordados. | | | Memorial de Formação. | | produção de um Memorial de Formação e elaboração do texto final que represente as considerações acerca do curso, bem como as percepções atingidas ou não durante o processo vivido. |
| | | | Autoavaliação- Diário de Bordo: Memorial de Formação | Elaborar um Memorial de formação. | Disponibilizar um direcionamento que oriente a elaboração de um Memorial de Formação que também constituirá o E-portfolio, além de direcionar o participante se expressar sobre o curso e as percepções atingidas ou não durante o processo vivido. | Construção de um Memorial de Formação mediante o <i>download</i> do direcionamento e prosseguir as orientações. | |
| 6 | (Re)pensar e ressignificar o próprio processo formativo | Nesta aula o participante terá oportunidade de pensar os caminhos que o conduziram ao MOOC do qual participa, com intuito de revisitar seu percurso formativo, além de contribuir no | <i>E-portfolio</i> | Compor o <i>e-portfolio</i> e realizar <i>upload</i> do arquivo na plataforma. | Instruir quanto à finalização do <i>e-portfolio</i> e procedimento de <i>upload</i> do arquivo. | Composição do <i>e-portfolio</i> e realizar o <i>upload</i> do arquivo para a plataforma. | Finalização do <i>e-portfolio</i> com respectiva instrução de <i>upload</i> do arquivo à plataforma. |
| | | | Avaliação do curso | Preencher o Formulário de Avaliação do Curso. | Disponibilizar uma Avaliação do Curso em formato de formulário. | Preenchimento do formulário de Avaliação do Curso disponível na plataforma. | Formulário de Avaliação do Curso |

| | | | | | | | |
|--|--|----------------------------|---|--|---|--|---|
| | | aprimoramento deste curso. | Agradecimento pela participação em nosso MOOC e informação do procedimento de certificação. | Promover um agradecimento aos participantes que concluíram todas as etapas do curso. | Disponibilizar vídeo curto que expresse agradecimento em ter tido o participante como membro de nosso MOOC. | Assistir ao vídeo de encerramento/agradecimento. | Um vídeo curto que expresse agradecimento em ter tido o participante como membro de nosso MOOC. |
|--|--|----------------------------|---|--|---|--|---|

APÊNDICE B – Diário de Bordo para uso do *Framework* na construção do MOOC

Diário de Bordo - Bárbara Castro Lapa

- **Dia 26/04/2017**

Nesta data, foi realizado tanto o preenchimento do Questionário de Caracterização quanto o Planejando Ad-hoc inicial, no qual pude planejar como o MOOC poderia ser organizado sem o auxílio do framework, que me levou a (re)pensar o modo de oferta do curso, bem como seu conteúdo e disposição para o público pretendido.

- **Dia 27/04/2017**

Nesta data, realizei a Primeira Validação do Planejamento do MOOC. Um ponto importante a destacar foi que realizei a atividade em 30 minutos, embora ela tenha sido planejada para 10 minutos. Não vejo esse aumento de tempo como um ponto negativo, pelo contrário, ao longo da utilização do Instrumento de Apoio, foi possível obter mais contribuições acerca da elaboração do MOOC, assim como refletir os caminhos de criação do mesmo.

- **Dia 03/05/2017**

Nesta data, assisti ao vídeo de apresentação e acessei o site do framework com intuito de explorá-lo e conhecer melhor a proposta. Vale registrar que quanto mais leio a respeito do framework, mais possível parece ser a construção do MOOC.

- **Dia 04/05/2017**

Nesta data, iniciei o preenchimento do Mapa de Aprendizagem, considerando principalmente as questões contidas no Instrumento de Validação de Mapas de Aprendizagem para MOOCs.

- **Dia 17/05/2017**

Nesta data, tive uma reunião com minha Orientadora de mestrado, com a qual compartilhei o desenvolvimento do Mapa de aprendizagem. Nesse dia discutimos possibilidades de avaliações a serem utilizadas no MOOC e chegamos a um consenso para a produção de um e-portfólio, no qual estariam contidos tanto um Memorial de Formação do participante do curso quanto reflexões em Diário de Bordo motivadas a cada término das aulas.

- **Dia 07/06/2017**

Nesta data, após leituras acerca do Memorial de Formação, Diário de Bordo, e-portfólio e planejamento de ensino com base no Alinhamento Construtivo, fiz significantes modificações no Mapa de Aprendizagem, inserindo os objetivos de aprendizagem, centrados no tutor do curso, e os Resultados Pretendidos de Aprendizagem (RPA) referentes aos participantes do curso.

- **Dia 11/07/2017**

Nesta data foram realizadas modificações na metodologia do mapa do MOOC, ou seja, foram acrescentados além dos objetivos específicos para cada aula, atividades a serem desempenhadas pela tutora, bem como pelo participante, o que conferiu mais clareza ao que se pretende com o curso.

- **Dia 19/07/2017**

Após encontro com a orientadora, foram decididas modificações na estrutura de avaliação para o participante. Optou-se pela construção de um e-portfolio a partir das atividades a serem desenvolvidas ao longo do MOOC.
- **Dia 27/07/2017**

Nesta data, foi revisado o mapa do MOOC, com a inserção de mais detalhes no campo referente à estratégia de ensino a qual será adotada a abordagem narrativa, o que nos permite adotar o estilo de documentário no processo de produção dos vídeos.
- **Dia 28/07/2017**

Nesta data, ocorreu o primeiro encontro com o editor dos vídeos para explicação do projeto e troca de ideias a respeito das gravações, como por exemplo cenário, conceito e duração dos vídeos.
- **Dia 31/07/2017**

Início da elaboração dos roteiros para cada vídeo, com detalhamento, objetivo e descrição de cada cena a ser gravada.
- **Dia 02/08/2017**

Término da elaboração do roteiro, com posterior envio ao editor que fará a revisão e solicitará ou não possíveis ajustes.
- **Dia 05/08/2017**

Foram realizadas as gravações dos vídeos, sendo um vídeo de introdução da proposta, um vídeo de encerramento e agradecimento, cinco vídeos acerca das histórias de vida de professores inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no Instituto Federal do Amazonas (IFAM), nomeados Açaí, Miriti, Inajá, Bacaba e Arumã. A captação de áudio e vídeo foi feita em área externa, na Praça do Congresso e no Parque Jeferson Pérez, localizados no centro da cidade de Manaus.
- **Dia 15/08/2017**

Foi realizada nessa data o primeiro recebimento e revisão do processo de edição, na qual foi sugerida, ao editor, a inserção de textos no início dos vídeos acerca das características dos professores e a relação do nome de palmeira que cada um recebeu.
- **Dia 18/08/2017**

Foi apresentado o MOOC “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para a Educação Profissional e Tecnológica” para a turma de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), durante a disciplina Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica, ministrada pela professora Rosa Oliveira Marins Azevedo, no Instituto Federal do Amazonas, *Campus* Manaus Centro. Na ocasião, foi proposta a realização do curso como parte das atividades dessa primeira disciplina que discute as bases da Educação Profissional e Tecnológica.
- **Dia 25/08/2017**

Foi realizada a segunda revisão dos vídeos em edição, a qual apresentou maior resolução e foi percebida a necessidade da inserção de outros textos e palavras-chave no decorrer dos vídeos, bem como créditos finais com indicação para a trilha sonora e equipe que desenvolveu a produção, gravação e edição do material.

- **Dia 10/09/2017**

Foram recebidos os vídeos com edição finalizada.

- **Dia 16/09/2017**

Foram realizados ajustes nos roteiros e direcionamentos conforme os resultados obtidos do desenvolvimento e implementação do MOOC junto à turma do curso de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), no período de 18 de agosto de 2017 a 12 de setembro de 2017.

- **Dia 27/10/2017**

Foi realizada uma reunião com os responsáveis pela Diretoria de Educação à Distância, localizada na Reitoria do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), em que o curso “Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para a Educação Profissional e Tecnológica” foi aceito para submissão à plataforma MOOC do Instituto, disponível no endereço eletrônico: <http://mooc.ifam.edu.br:15000/>.

APÊNDICE C – Formulário de Avaliação do curso

Formulário de avaliação

I Descrição

Prezado participante, este é nosso formulário de avaliação das atividades propostas para a composição do *e-portfolio*, que deve ser respondido com atenção ao percurso empreendido até o momento, o que nos possibilitará uma compreensão acerca do que propusemos. A avaliação requer que o participante faça considerações acerca das atividades (Avaliação Geral das Atividades), bem como da experiência (Avaliação da experiência de aprendizagem) que aconteceu a si. Agradecemos, desse modo, sua colaboração.

II Informações pessoais

Nome do participante/avaliador: _____

Formação: _____

III Avaliação Geral das Atividades

Avalie cada item do quadro abaixo, conforme sua experiência com cada um deles, no decorrer das atividades propostas para a construção do *e-portfolio*:

| | |
|---|--|
| a) Direcionamentos | |
| b) Roteiros | |
| c) Textos propostos para leitura | |
| d) Vídeos | |
| e) Atividade realizada pelo participante (produção textual) | |

IV Avaliação da Experiência de Aprendizagem

Marque a alternativa que lhe parece mais coerente conforme suas experiências no decorrer das atividades para a construção do *e-portfolio*, e comente:

| Questionamento | Sim/Não | Em parte | Se possível comente |
|---|---------|----------|---------------------|
| a) As atividades permitiram (re)conhecer a estrutura da modalidade Educação Profissional e Tecnológica? | | | |
| b) As atividades permitiram uma compreensão da Formação Humana Integral ou Omnilateral, do Trabalho como Princípio Educativo e da Politécnica como categorias principais da EPT? | | | |
| c) Os objetivos das atividades propostas lhe parecerem relevantes? | | | |
| d) Foi possível (re)conhecer a História de vida como abordagem metodológica? | | | |
| e) Foi possível identificar, no processo de formação do outro, o processo de formação de si? | | | |
| f) Foi possível perceber nos discursos de professores, inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, o sentido de trabalho docente como Compromisso, Responsabilidade Social e Identidade? | | | |
| g) Foi relevante expressar suas compreensões acerca do processo vivido, por meio da construção de um Memorial de formação? | | | |
| h) As atividades possibilitaram (re)pensar os sentidos de trabalho entrelaçados aos saberes docentes no cotidiano do professor da Educação Profissional e Tecnológica? | | | |
| i) As atividades permitiram desenvolver uma compreensão crítico-reflexiva relativa à Educação Profissional e Tecnológica? | | | |

V Diante dos questionamentos, apresente suas percepções acerca da experiência proposta (construção do *e-portfolio*), bem como sugestões de mudança:

APÊNDICE D – Atividades oferecidas pelo MOOC: Direcionamentos 01 a 03; Roteiros 01 a 07

Direcionamento 01

E-portfolio

Direcionamento 01

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso primeiro direcionamento, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos processos de autoavaliação propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

Conhecer a proposta do *e-portfolio*.

Direcionamento

O *e-portfolio* se constitui como uma ferramenta que possibilita, além de uma forma de sistematização e organização das atividades propostas em nosso MOOC, uma compreensão acerca do processo de aprendizado no curso, visto que confere especial ênfase ao processo reflexivo e crítico de construção do conhecimento expresso por meio da produção textual do participante. Sugerimos que você construa seu *e-portfolio* em documento salvo em nuvem (ou disco virtual) e nomeado conforme a sequência de atividades propostas, pelos roteiros e direcionamentos, registradas no Diário de Bordo. Diante do exposto, sugerimos como sumário a seguinte organização:

Capa, Folha de rosto, **Sumário, Introdução**

1 Desenvolvimento (organizar os itens presentes no sumário)

1.1 Direcionamento 02 (Traçando um olhar para o processo formativo de si)

1.2 Roteiro 01 (Educação Profissional e Tecnológica: como está estruturada)

1.3 Roteiro 02 (Formação Humana Integral ou Omnilateral)

1.4 Roteiro 03 (Trabalho como Princípio Educativo)

1.5 Roteiro 04 (Politecnia)

1.6 Roteiro 05 (História de vida)

1.7 Roteiro 06 (O sutil enlace dos sentidos de trabalho aos saberes docentes na formação de professores para a Educação Profissional e Tecnológica)

1.8 Roteiro 07 (Sentidos de Trabalho: o que emerge das histórias de vida de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Instituto Federal do Amazonas)

1.9 Direcionamento 03 (Autoformar-se no processo: a construção de um Memorial de Formação)

Considerações finais

Referências

Direcionamento 02

Diário de Bordo: traçando um olhar para o processo formativo de si

Direcionamento 02

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso segundo direcionamento, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos processos de (auto)avaliação propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

Conhecer a proposta do Diário de Bordo e (re)pensar o próprio processo formativo.

Direcionamento

O Diário de Bordo se constitui como uma ferramenta que possibilita um processo de construção de uma compreensão e reflexão, pelo participante, acerca dos registros do percurso empreendido no decorrer de nosso MOOC. Sugerimos que o registro das atividades propostas no Diário de Bordo seja feito em documento salvo em nuvem (ou disco virtual). Ao longo de nosso curso, todos os escritos solicitados pelos roteiros e direcionamentos deverão ser feitos no Diário de Bordo, a fim de compilá-los no *e-portfolio*.

Diante do exposto, solicitamos o primeiro registro de seu Diário Bordo:

Registro: Diário de Bordo Direcionamento 01

Redija uma descrição que resgate, **de modo breve**, os caminhos percorridos em seu processo de **Formação Profissional** até o momento, considerando a afirmação de Isabel Alarcão, disponível no livro "Professores reflexivos em uma escola reflexiva", São Paulo: Cortez, 2007:

"O ato da escrita é um encontro conosco e com o mundo que nos cerca. Nele encetamos uma fala com o nosso íntimo e, se quisermos abrir-nos, também com os outros. Implica reflexões a níveis de profundidade variados. As narrativas revelam o modo como os seres humanos experienciam o mundo".

Roteiro 01

Roteiro 01

Educação Profissional e Tecnológica: como está estruturada?

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso primeiro roteiro, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos conteúdos propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

(Re)conhecer a estrutura da modalidade Educação Profissional e Tecnológica.

Roteiro

Leia o documento “Resolução Nº 6, de 20 de setembro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio”, disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192

Com base em sua leitura, registre no Diário de Bordo a proposição abaixo:

Redija um texto (de 3 a 5 páginas) que considere:

1. Quais cursos e itinerários formativos a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) abrange?
2. Os Princípios Norteadores da EPTNM.
3. As formas de oferta da EPTNM.
4. A organização curricular da EPTNM.
5. Duração dos cursos inseridos na EPTNM.
6. Avaliação, aproveitamento e certificação.
7. Formação docente para a EPTNM.

Autoavaliação

Registre em Diário de Bordo as atividades deste roteiro, bem como suas percepções.

Roteiro 02

Formação Humana Integral ou Omnilateral

Roteiro 02

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso segundo roteiro, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos conteúdos propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

Identificar a Formação Humana Integral ou Omnilateral como uma das principais categorias que orientam a Educação Profissional e Tecnológica.

Roteiro

Leia o item 3 (Concepções e Princípios – páginas 40-44) do texto "BRASIL. MEC. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. Documento base. Brasília, 2007", (BASE, DOCUMENTO. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO), disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf

Em seguida, leia também o texto de Marise Ramos "Concepção do Ensino Médio", RAMOS, Marise. Concepção do ensino médio integrado. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias, v. 8, 2008. disponível em http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf

Com base em sua leitura, registre no Diário de Bordo a proposição abaixo:

Redija um texto (de 3 a 5 páginas) que sustente a afirmação:

A Formação Humana Integral ou Omnilateral se constitui em uma das categorias principais que sustentam a Educação Profissional e Tecnológica.

Autoavaliação

Registre em Diário de Bordo as atividades deste roteiro, bem como suas percepções.

Roteiro 03

Trabalho como princípio educativo

Roteiro 03

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso terceiro roteiro, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos conteúdos propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

Identificar o Trabalho como Princípio Educativo como uma das principais categorias que orientam a Educação Profissional e Tecnológica.

Roteiro

Leia os excertos "Trabalho, ciência, tecnologia e cultura" e "Trabalho como princípio educativo: categorias indissociáveis da formação humana" (páginas 64-70) do texto "Perspectivas da Educação Profissional Técnica de Nível Médio" organizado por Eliezer Pacheco (PACHECO, Eliezer. Perspectivas da educação profissional técnica de nível médio. São Paulo: Fundação Santillana Moderna, 2012.), disponível em https://teiasocial.mpf.mp.br/images/1/13/07_Perspectivas.pdf

Em seguida, leia o texto "O Trabalho como Princípio Educativo frente às novas tecnologias" de Demerval Saviani (SAVIANI, Dermeval et al. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, p. 147-164, 1994), disponível em http://www.ufpr.cleveron.com.br/arquivos/EP_104/dermeval_saviani.pdf

Leia também o texto "Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos" de Demerval Saviani (SAVIANI, Dermeval et al. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista brasileira de educação, 2007), disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234>

Com base em sua leitura, registre no Diário de Bordo a proposição abaixo:

Redija um texto (de 3 a 5 páginas) que fundamente o questionamento:

"De que forma o Trabalho como Princípio Educativo é enxergado/inserido na Educação Profissional Técnica de Nível Médio?"

Autoavaliação

Registre em Diário de Bordo as atividades deste roteiro, bem como suas percepções.

Roteiro 04

Politecnia

Roteiro 04

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso quarto roteiro, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos conteúdos propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

Identificar a Politecnia como uma das principais categorias que orientam a Educação Profissional e Tecnológica.

Roteiro

Leia o texto “O choque teórico da politecnia” de Demerval Saviani (SAVIANI, Dermeval. The theoretical shock of the Polytechnic. Trabalho, educação e saúde, v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003), disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tes/v1n1/10.pdf>

Em seguida, leia o texto “Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica”, de Paolo Nosella (NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, 2007), disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a11v1234.pdf>

Com base em sua leitura, registre no Diário de Bordo a proposição abaixo:

Redija um texto (de 3 a 5 páginas) que expresse o tratamento dado à Politecnia como uma das dimensões que sustentam a Educação Profissional e Tecnológica.

Avaliação

Registre em Diário de Bordo as atividades deste roteiro, bem como suas percepções.

Roteiro 05

História de vida

Roteiro 05

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso quinto roteiro, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos processos de autoavaliação propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

(Re)Conhecer a História de vida como abordagem metodológica.

Direcionamento

Ao entendermos a história de vida como método investigativo em nosso traçar, percebemos que esta suscita as memórias, os fatos, a individualidade e a multiplicidade de cada ser, objetivando relatar a história de um ou mais indivíduos, trazendo à tona experiências, vivências, lembranças, problemas, realizações, conquistas, renúncias, projetos de vida, enfim todos os componentes que constituem um ser, um sujeito, que é ator de sua própria história.

Leia o texto “A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre a história de vida em formação” de Elizeu Clementino de Souza, disponível em <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285/5958>

Em seguida, leia também o texto “Narrativas de formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores”, de Lilliane Freitas e Evandro Ghedin (FREITAS, Lilliane Miranda; GHEDIN, Evandro Luiz. Narrativas de formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. Revista Contemporânea de Educação, v. 10, n. 19, p. 111-131, 2015), disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1929>

Diante do exposto, redija um texto, no Diário de Bordo, que expresse suas considerações acerca da história de vida como abordagem metodológica na pesquisa qualitativa.

Em seguida, assista aos vídeos que relatam a história de vida de cinco professores inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM.

Roteiro 06

O sutil enlace dos sentidos de trabalho aos saberes docentes na formação de professores para a Educação Profissional e Tecnológica

Roteiro 06

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso sexto roteiro, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos conteúdos propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

(Re)pensar os sentidos de trabalho entrelaçados aos saberes docentes no cotidiano do professor da Educação Profissional e Tecnológica.

Roteiro

Leia o texto "A formação de docentes para a Educação Profissional e Tecnológica" de Dante Henrique Moura, (MOURA, Dante Henrique. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, v. 1, n. 1, p. 23-38, 2015) disponível em <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/viewFile/2863/1004>

Em seguida, leia o texto " Formação e saberes docentes na Educação Profissional: um relato de experiência", de Fonseca (DA FONSECA, Christine Meyrelles Felipe; DA COSTA, Antônio Max Ferreira. FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: Um relato de experiência. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar, v. 3, n. 7, p. 78-85, 2017), disponível em <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/5873/pdf>

Com base em sua leitura, registre no Diário de Bordo a proposição abaixo:

Redija um texto que expresse o tratamento dado aos saberes docentes no processo formativo de professores para a Educação Profissional e Tecnológica.

Avaliação

Registre em Diário de Bordo as atividades deste roteiro, bem como suas percepções.

Roteiro 07

Sentidos de trabalho: o que emerge das histórias de vida de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Instituto Federal do Amazonas

Roteiro 07

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso sétimo roteiro, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos processos de autoavaliação propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

Identificar, no processo de formação do outro, o processo de formação de si. Perceber nos discursos de professores, inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, o sentido de trabalho docente como Compromisso, Responsabilidade Social e Identidade.

Direcionamento

Leia o texto, disponibilizado a seguir, proveniente do processo de pesquisa e elaboração de dissertação de Bárbara Castro Lapa no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM (LAPA, Bárbara Castro. **Tecendo um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho**. 2017. Texto em construção - dissertação (Mestrado em Ensino Tecnológico) - Instituto Federal do Amazonas, Manaus, 2017).

TRANÇANDO E ENTRELAÇANDO

Para enxergar a trama tecida é necessária a justaposição das fibras. Na tentativa de darmos forma ao nosso traçado, construímos o arranjo que permitiu organizar três categorias de análise, entendidas como sentidos de trabalho atribuídos pelos professores em seus percursos, entrelaçadas em nosso traçado como: A tessitura que envolve, O traçado da lida, O traçado da vida. Percebemos também em nossa tessitura que haviam mais possibilidades de trançar do que supúnhamos, o que se revelou em aspectos para além das fibras trançadas e entrelaçadas.

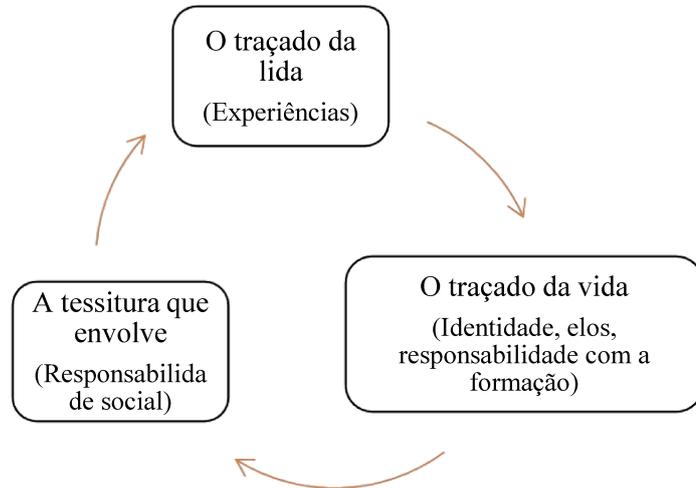
Fibras tecidas e entrelaçadas

Para que pudéssemos tecer e entrelaçar as fibras das palmeiras de nosso traçado e chegar às categorias de nosso processo, foi feita a leitura detalhada do *corpus* da pesquisa, reconhecendo que nosso objetivo é compreender os sentidos de trabalho no discurso de professores como fundamento para uma proposta de autoformação.

E o processo teve como base a Unitarização (MORAES, 2011) que deve estar em conformidade com os objetivos da pesquisa, a qual está efetivamente direcionada à procura de uma compreensão mais ampla e válida dos fenômenos estudados, o que é a própria razão de se fazer pesquisa, ainda segundo Moraes (2011). E trata, certamente, daquilo que move esse estudo, já que procuramos uma compreensão do fenômeno investigado, seguindo assim os moldes da Análise Textual Discursiva, que se expressa em nosso traçado. Emergiram, então, três categorias, entendidas como sentidos de trabalho atribuídos pelos professores, são elas: A tessitura que envolve; O traçado da lida; O traçado da vida. Respectivamente, na figura 1 abaixo, A tessitura que envolve entrelaçada à profissionalidade docente, à obrigação moral, ao compromisso social (DAY, 2001); O traçado da lida entrelaçado às experiências (BONDÍA,

2002); O traçado da vida entrelaçado ao processo identitário do professor (NÓVOA, 2007), aos elos do processo (JOSSO, 2006) e à responsabilidade com a própria formação (PINEAU, 2010; GALVANI, 2002; CONTRERAS, 2002).

Figura 1: Categorias dos sentidos de trabalho.



Fonte: Elaboração própria.

Respectivamente, a primeira categoria trata do que impulsiona o professor a ir além do cumprimento do dever como nos traz Day (2001), e, do que se expressou pelas palmeiras de nosso traçado como os elos do processo, além do “educar para a vida” ou então “o trabalho docente como função/responsabilidade social”; a segunda revela as experiências que sustentam o professor, a vida docente, aquilo e aqueles que nos acontecem; a terceira trata do trabalho que constitui, que preenche a identidade, realizando-nos, satisfazendo-nos, movendo-nos como professores que somos e nos constituindo. Tais categorias se expressam nas seções seguintes evidenciam no discurso de nossas palmeiras o trançar e entrelaçar das fibras.

A tessitura que envolve: responsabilidade social

A tessitura que envolve é aquela que amarra, marca as mãos de quem tece o traçado e deixa marcas, mas também é aquela que ao final enfeita. Tal categoria nos remete ao trabalho docente como compromisso, o que os professores em suas narrativas classificaram como educar o aluno para a vida, como a concepção de que o professor deve ir para além do cumprimento do dever (DAY, 2001), remete-nos às relações do professor com a docência, à responsabilidade de ser professor (PINEAU, 2010), ao sentido social que atribuem ao trabalho (LIMA, 2005), à obrigação moral (CONTRERAS, 2002) que o professor desempenha, para quem está direcionada sua profissão, isto é, quem influencia e por quem foi influenciado (JOSSO, 2006), as suas ações (NÓVOA, 2007) e ao seu desenvolvimento profissional (GARCÍA, 1999). Percebemos nos discursos dos professores evidências que apontam para o sentido de trabalho como responsabilidade que atribuem a si no fazer docente, conforme recorremos abaixo aos excertos das entrevistas:

Figura 2: Evidências para o sentido de trabalho como responsabilidade social.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | Não sei, mas eu tenho consciência que grande parte dos alunos não vai ser paisagista, porque não quer. Eu sei que muitos deles estão lá só porque a mãe matriculou, ou porque era o único curso que era perto da casa dele, ou porque foi o que ele achou melhor de todos os outros que tinham no campus. Mas eu me enxergo como uma formadora de profissionais, embora eu saiba que alguns deles não serão paisagistas, o meu posicionamento em sala de aula é que eu estou formando um profissional. Às vezes, eles olham para mim e dizem: |
|--------|---|

| | |
|--------|---|
| | "professora, eu não vou ser isso!". Eu digo: "Não importa, para mim, não importa, mas eu estou dando aula para você ser isso!" |
| Inajá | Hoje eu já sei que eu estou formando cidadãos, que precisam ser autônomos e envolvidos em toda uma questão social e política. Eu fazia isso, porque sempre achei que devemos dar essa formação para vida, mas não que alguém tenha me orientado. E na questão de inovar, eu sempre gostei de fazer as coisas diferentes com os alunos, sair dessa rotina tradicional, o que também era feito de forma intuitiva. |
| Miriti | Sempre tive uma boa relação com os alunos e procurando passar para eles a importância de se dedicar aos estudos, trabalhando a motivação nos cursos técnicos e profissionalizantes, tentando mostrar a eles que além da parte profissional é importante que sejam formados para a cidadania, para vida. Então para o Ensino Técnico não perdi de vista a questão da cidadania, sempre eu percebia que não adiantava uma pessoa bem preparada na técnica, sem esse preparo para a cidadania. |
| Arumã | [...]eu penso que ser professor é muito mais do que passar matéria no quadro, chegar na sala e passar conteúdo. Ser professor é muito mais abrangente, eu me vejo assim. Eu acho que nós temos um papel que ultrapassa, mesmo sendo professor da Educação profissional, nós temos um papel social. Então, se eu vejo que o aluno está faltando muito, se vejo que o aluno não está fazendo as atividades, eu vou ao setor pedagógico, pergunto à pedagoga se ela tem algo a dizer sobre o aluno. Esse talvez seja, no trabalho, um investimento que você tenha que fazer, é estar preocupado com o outro. Eu acho que o sentido do trabalho está muito atrelado a tudo isso que eu falei, muito mais do que passar um conhecimento técnico e específico para os meus alunos, o que eu quero realmente é que eles tenham a capacidade de pensar, de refletir, de fazer críticas, de tomar decisões, de fazer escolhas, mas é óbvio que nem sempre vão ser as escolhas corretas, mas que sejam conscientes, porque eu acho que a escola tem uma parcela nessa formação, a família tem também um grande papel, mas a escola tem uma responsabilidade fundamental na formação. Então, quando eu penso no ser docente, ser professor, para mim está muito atrelado a isso. |
| Açaí | Eu não dou aula para o (Processo Seletivo Contínuo) PSC, eu não preparo aluno para o PSC, até porque é uma prova de cem anos atrás [risos], é uma "gramatiquice", então eu não preparo aluno para o PSC, em nenhum momento quis ou tentei transformar o Instituto Federal em um cursinho pré-vestibular, eu preparo para a vida, para a reflexão, para a leitura, para escrita, para a interpretação, para ser gente. Eu não concordo com isso de dizer que a essência do Instituto Federal é preparar para o trabalho, para quê? Para ser mão de obra barata? Meus alunos não, jamais. |

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

A tessitura que envolve nos remete sobretudo às relações entre o docente e os alunos, faz referência ao compromisso que o professor atribui a si no cotidiano da sala de aula, ao comprometimento que o profissional da educação carrega consigo e que fez Bacaba, Inajá, Miriti, Arumã e Açaí afirmarem que seu intuito é preparar o aluno para a vida, ir além dos conteúdos estabelecidos pelo currículo e superar a preparação do aluno como técnico por meio do desenvolvimento da capacidade de refletir, de criticar e de questionar sua prática e seu próprio processo de aprendizado.

A percepção do compromisso ou obrigação moral para com o ensino está situada acima de obrigações contratuais, conforme Contreras (2002), e assim constatamos nos discursos dos professores quando frisam que estão preparando seus alunos para serem profissionais como trouxe Bacaba, ou que pensam em proporcionar uma formação para a vida conforme ressaltou Inajá, ou que se interessam em formar para cidadania como expressou Miriti, ou quando Arumã disse que possui um papel social no desenvolvimento da capacidade de reflexão, criticidade e questionamento do aluno, ou quando Açaí afirmou que prepara seus

alunos para a vida, para a reflexão, para a leitura, para escrita, para a interpretação, para ser gente.

Tais posicionamentos conferem ao professor comprometimento com todos os alunos em seu desenvolvimento como pessoas (CONTRERAS,2002), realçando que a profissão exerce funções de motivação e participação social, se transformando na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza (IMBERNÓN, 2014). Na tentativa de realçar o sentido pessoal do trabalho (LIMA, 2005), o qual reside naquilo que, como bem social, os incita a ensinar, percebemos ainda nos excertos abaixo, em concordância com Contreras (2002), o compromisso do professor para com a comunidade:

Figura 3: Evidências para o sentido de trabalho como responsabilidade social a partir do compromisso docente.

| | |
|--------|--|
| Bacaba | E eu vou, com chuva ou com sol. Meus alunos dizem: "professora, a senhora não falta? " Eu digo: "menino, eu já estou morta? Não! Então, não dá para eu faltar! " [Risos] porque até quando eu vou faltar, aviso um dia antes |
| Inajá | Eu não vou nem dizer para o mundo do trabalho, que agora eu já sei o que é mundo do trabalho. Eu formava meu aluno para o mercado de trabalho, para que ele fosse um empreendedor, na disciplina de Empreendedorismo, para ele ter uma perspectiva de trabalhar em uma empresa, a minha visão era a visão do administrador. Eu estava formando alguém que iria trabalhar naquele mercado de trabalho. Então eu formava alunos para isso, era a minha concepção técnica, de trabalho técnico, totalmente positivista, tanto que eu demorei muito para sair dessa caixinha, porque eu não conseguia compreender esse universo da Educação. [...] E eu tive que me libertar desse pensamento, até para a própria dissertação, porque não tinha condições de escrever assim. E eu formava meus alunos com essa concepção, por isso eu estou ansiosa para voltar para a sala de aula, porque minhas ideias estão fervilhando e eu quero dar esse retorno, uma nova proposta para os meus alunos...eles têm que aprender isso, eles têm que descobrir essas novas situações e quem sabe um dia, um deles pode se tornar professor. Então, hoje a concepção que eu tenho do que é o instituto, da proposta dele, do que ele traz para população é outra. E eu estou ansiosa para aplicar tudo nas minhas disciplinas. |
| Miriti | O professor tem que proporcionar uma liberdade em sala para que o aluno possa se descobrir no laboratório. Eu vejo que o Ensino Tecnológico tem esse aspecto importante, do professor que deve valorizar o que cada aluno tem e a partir daí, vai surgir uma boa ideia, uma iniciativa de construir. O professor tem que valorizar aquilo que o aluno já sabe, o que pode sair do aluno. |
| Arumã | Eu acho que esse repensar o viés social da docência, o lado humano da docência é muito importante. O fato de você pensar que está contribuindo para a formação de pessoas, de seres humanos, que muito mais que profissionais...eu sempre penso isso, eu sou profissional oito horas por dia, mas...e as outras horas? O que eu sou? Eu penso muito nisso, você está ali e está preparando o aluno, mas ele não vai ser só aquilo ali e eu penso que muitos alunos do Integrado, principalmente, eles vão fazer de você que é o professor, um exemplo ou a inspiração dele. Dependendo da situação que ele tem em casa, ele vai negar a casa e vai se apropriar de você enquanto exemplo. E talvez com uma palavra errada você pode desestimular o aluno ou até destruir os sonhos dele, só porque você falou uma palavra sem pensar. Então, eu me preocupo muito com isso. |
| Açaí | Me comunico por esses bilhetes, que têm tido um resultado muito grande, a conversa de corredor que é tão defendida no livro do professor Bazzo, em que há fóruns maravilhosos nos corredores com o aluno de forma desprendida, essas conversas de corredores surtem um efeito muito grande e é verdade. Eu tenho exemplo de conversas de corredor, de chamar o aluno e dizer: "olha, eu não quero mais que você faça assim, você tem potencial, você é um aluno tão bom, maravilhoso". E o aluno ser transformado da água para o vinho com uma |

| | |
|--|--|
| | conversa de corredor, é muito lindo isso, eu acho que todo professor deveria ler Walter Bazzo. E como eu me vejo como professora, eu me vejo como essa pessoa muito preocupada não com o conteúdo, não é o conteúdo que é mais importante, eu não tenho preocupação em cumprir o programa. |
|--|--|

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

O compromisso docente se desvela no discurso à medida que os professores demonstram o cuidado, a preocupação e a atenção na relação com os alunos, na busca de responder às exigências da formação discente no Ensino Técnico, que perpassa o tecnicismo e procura, conforme Simionato (2008), um profissional com autonomia intelectual, que domine não apenas os conteúdos, mas os caminhos metodológicos e do trabalho intelectual interdisciplinar para resolver problemas.

Nesse aspecto, é perceptível o engajamento dos professores em cumprir não somente o conteúdo programado pelo currículo, mas ir além do cumprimento do dever, como suscita Day (2001), estabelecendo em igual medida comunicação eficaz no desenvolvimento de suas atividades, satisfazer-se com sucessos específicos dos alunos, sentir-se realizado no ensino, atender às perspectivas dos alunos e possibilitar a aprendizagem por meio da reflexão sobre a prática.

Esses compromissos atribuídos a si pelos professores se revelaram no momento da entrevista quando Bacaba disse que se esforça para não se ausentar da sala de aula por se sentir comprometida com o aluno, ou quando Inajá reconhece a necessidade de mudança em sua prática e de apresentar uma nova proposta em benefício do aluno, ou no momento em que Miriti afirma que o professor deve valorizar o saber do aluno e a partir daí iniciar o processo de aprendizagem, ou quando Arumã exalta a necessidade de pensar o viés social e o lado humano da docência como contribuição na formação do aluno e mais ainda como capacidade de refletir-se e formar-se (PINEAU, 2010) no andamento da prática, ou no discurso de Açai que ressalta a importância do professor estar atento ao aluno e comunica-se de forma eficaz em prol não do conteúdo, mas do desenvolvimento do discente como pessoa. Quando dissemos que a tessitura que envolve é aquela que amarra, marca as mãos de quem tece o traçado e deixa marcas, mas também é aquela que ao final enfeita, nos referimos ao compromisso docente, o que é justamente o que amarra, o comprometimento, a obrigação para com a profissão que marca, isto é, envolve o professor. E ao final enfeita, porque representa a finalidade do ensinar, a satisfação com o sucesso do outro, por meio da formação do aluno, que se converte em sucesso e formação, quiçá autoformação, do próprio docente.

O traçado da lida: as experiências

A lida, o trabalho docente e o que nos sustenta, revela-nos o sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002) na sala de aula, nos corredores da escola e fora do ambiente de trabalho, no cotidiano do indivíduo, nas relações pessoais, nos acontecimentos que levam ao desenvolvimento profissional, nas relações com as pessoas que colaboram, causam empecilhos ou se constituem em exemplos, em elos (JOSSO, 2006) no caminhar docente. Assim percebemos o trabalho, aqui entendido pelos professores como as experiências, a fibra que os ampara e os fortalece no processo de formação.

Mas para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; por outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades (JOSSO, 2002). O sentido pessoal do trabalho não reside diretamente no salário, mas no que, como bem social, incita os professores a ensinar (LIMA, 2005) como já dissemos, comprovando o enlace, assim, da categoria anterior, que traz o sentido de trabalho como responsabilidade social com esta categoria, que se relaciona com a lida, isto é, com as experiências.

Percebemos nos discursos o valor que os professores atribuem às experiências que os formaram ao longo de sua trajetória, na construção de seu fazer docente, ou seja, na lida. E assim identificamos evidências, expostas na figura a seguir, que apontam para um sentido de trabalho como experiência:

Figura 4: Evidências do sentido de trabalho como experiências.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | Quando você pega o edital do concurso, lá não diz para quem você vai dar aula, para que curso você vai dar aula, faixa etária, nada. E eu nunca tinha sido professora na minha vida, numa sala de aula de escola. Tinha dado aula na igreja, mas nunca em uma escola, só na escola dominical da igreja. E, aí, cheguei no IFAM...pensei...vou ser professora. Entrar numa sala de aula com 44 alunos, isso já foi um impacto. Quanto à formação profissional, eu não senti tanto impacto, porque eu venho de um bacharelado. Então, eu fui formada para ser uma profissional e eu, basicamente, copiava aquilo que eu via meus professores fazerem, embora eu soubesse que tinham algumas coisas que precisavam ser ajustadas e personalizadas. |
| Inajá | Foi uma experiência que eu nunca mais...nem sei imaginar minha vida sem a sala de aula. Me cativou mesmo. Foi algo que eu gostei muito e fui muito bem recebida pelos alunos. E, então, minha trajetória inicial na docência é essa, totalmente desprentensiosa, não foi planejado, foi por um acaso, mas que fui tentando, como sempre falo para os meus alunos, me inspirar nos meus piores professores, porque eu jamais quero ser igual a eles. Então fui consolidando isso, mas professor substituto fica só dois anos e no final quando eu tive que sair, nossa...eu não queria deixar aquele ambiente da Universidade Federal de Roraima. |
| Miriti | Consegui esse contrato com a SEDUC em 1987 e tudo começou a melhorar. Morava na casa do estudante, trabalhava em uma escola estadual e em um cursinho. Só que nesse período que eu estava fazendo faculdade. O que ocorreu? Eram muitas greves, mas mesmo assim eu consegui terminar em quatro anos. Trabalhei pela SEDUC, em um colégio no bairro do Coroado, chamado Renato Thompson, era uma escola conceituada. Já depois de formado, passei no concurso da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), mais adiante, fiquei na SEMED e por volta de 1993, passei no concurso e vim para o IFAM em 1994. Então é uma longa trajetória, trabalhei em várias escolas particulares em Manaus, trabalhei no Ceima, Colégio Einstein, Colégio Objetivo, tive essa grande experiência. Na época, tinha Educação Moral e Cívica, era bastante diferente. E aqui no Instituto Federal, fiz o concurso no final de 1993 e assumi em 28 de fevereiro de 1994, portanto já estou aí, prestes a completar 23 anos só aqui no Instituto Federal. [...] porém em toda essa minha trajetória de aproximadamente 23 anos eu trabalhei pela intuição, às vezes fazendo as coisas certas e às vezes percebendo que estava fazendo errado. |
| Arumã | Apesar de eu já vir de uma escola de Educação Profissional, que era a escola onde eu trabalhava em Vitória, era só de cursos técnicos, mas é uma dinâmica completamente diferente no instituto. Por exemplo, lá eu dava aula para o subsequente que é o pós-médio, que preparava alunos para concursos. E quando eu cheguei no IFAM, fui dar aula para o Integrado, nível Médio. Então eu acho que o choque foi esse, porque eu vim de um ritmo e, aí, entrei em outro ritmo. E isso de você não saber muito..., mas plano de ensino e diário eu já sabia, porque já vinha dessa outra escola, mas você não é preparado quando entra no instituto. |
| Açai | [...] os alunos me amaram e quando eu passava no corredor eles saiam da sala, me abraçavam, coisa que nunca havia acontecido em quase 100 anos de instituição, eu tinha trazido algo novo, era uma nova maneira de ensinar e realmente, um dia eu me vesti de poesia, fiz e coloquei uma roupa de poesia e vim...tanto é que eles dizem "você entra na sala vestida de poesia". E eu literalmente entrava na sala vestida de poesia. [...]Então, o Ensino Tecnológico não pode esquecer o estético, o humano, o criativo, o original. Eu venho fazendo esse trabalho diferenciado e não me preocupava muito antes, só me preocupava em que o trabalho feito pelos alunos, mais de três mil textos, fossem parar em livros, que nós fizéssemos uma compilação. |

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Experiência também entendida, em concordância com Tardif (2014), como um saber desenvolvido pelos professores no exercício de suas funções e na prática profissional, baseado no trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio, identificado por exemplo quando Bacaba nos relatou o impacto da chegada em sala de aula, ou no momento em que Inajá revelou que a sala foi uma experiência que a cativou, ou quando Miriti expôs as diversas escolas pelas quais passou, ou quando Arumã reconhece que mesmo vindo de uma escola de Educação Profissional percebeu a diferença na dinâmica do instituto e a necessidade de adaptar-se e quando Açaí nos contou do trabalho diferenciado que realiza no IFAM, considerando o lado estético, humano e criativo a ser desenvolvido no Ensino Tecnológico. Entendemos o realce que nossas palmeiras conferem às condições da profissão (TARDIF, 2014), ao evidenciar as relações que os professores desenvolvem com os demais atores no campo de sua prática, bem como as obrigações e normas as quais devem desempenhar, além das funções circunscritas à instituição na qual estão inseridos. Enxergamos nos professores que a lida com os condicionantes da profissão é formadora e permite ao docente o desenvolvimento dos *habitus* que lhes possibilitarão enfrentar o cotidiano da docência. Cabe observarmos uma lacuna entre os saberes adquiridos na formação e os saberes constituídos na experiência, evidenciados, por exemplo, por Bacaba quando disse que nunca havia sido professora, embora tenha tido formação por meio do bacharelado para ser profissional e sofreu, portanto, um impacto quando entrou em uma turma de 44 alunos no IFAM, revelando o que Tardif (2014) nos enuncia como um choque entre a formação e a realidade da docência em seus primeiros anos de ensino, o que incita o professor a enxergar os limites de seus saberes.

Os *habitus* se desvelam em um estilo de ensino, em "macetes" da profissão, em traços da personalidade profissional, manifestando-se em um saber-ser e saber-fazer pessoal e profissional validados pelo trabalho cotidiano (TARDIF, 2014). O que Nóvoa (2007) também expressa como *Ação*, que compreende as melhores maneiras de agir na profissão e faz referência ao processo identitário docente, alimentado pela construção de maneiras de ser e estar na profissão.

Ao considerarmos a construção dos saberes experienciais concebidos por meio dos discursos dos professores entrevistados, convém evidenciar que as experiências formadoras, conforme Josso (2002), implicam uma articulação elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação, objetivadas em representação e competência. Traduzidas no fazer docente desenvolvido pelos professores, por exemplo quando Açaí percebe que por meio de ações diferenciadas no ato de ensinar, inserida no Ensino Tecnológico, consegue solidificar sua maneira de ser, sua competência na profissão e conjugar a isso a afetividade na relação com os alunos.

Percebemos, em igual medida, na descrição das experiências, elos (JOSSO, 2006) que se expressam na trajetória traçada pelos professores, identificados quando Bacaba disse que no início da docência copiava o que havia visto seus professores fazerem, ou quando Inajá afirmou que se inspirava em seus piores professores, porque jamais gostaria de ser igual a eles. Tais traços revelam, conforme Bondía (2002), que se trata de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, bem como às pessoas que nos acontecem, o que também expressamos na figura abaixo.

Figura 5: Os elos que constituíram a experiência docente.

| | |
|--------|--|
| Bacaba | Então minhas motivações são tanto o lado financeiro, quanto o crescimento profissional. E eu venho de uma família que é toda acadêmica também. Mas eu não tinha, a princípio, que fazer um mestrado, porque eu trabalhava em uma instituição que não iria agregar valor financeiro para isso. Depois que eu criei meus filhos e que eu voltei a estudar...aí, eu disse: agora eu vou para a pós-graduação. |
| Inajá | [...]fui tentando, como sempre falo para os meus alunos, me inspirar nos meus piores professores, porque eu jamais quero ser igual a eles.[...] Eu prefiro poder ter a chance de transformar pessoas". No caso, os meus alunos, tanto que eu...eu não me prendo só ao conteúdo, eu gosto...sempre gostei de dizer a eles da vida. |

| | |
|--------|--|
| Miriti | [...]O que até hoje lembro, com emoção, é o interesse de antes dos alunos. Agora, não sei se devido à internet, que dá ao aluno muita facilidade de informação. Porque antes tudo era mais difícil, então o que o professor falava era mais valorizado. |
| Arumã | O que meu pai me ensinou foi a trabalhar, algo que eu via nele e que eu vejo em mim é que ele tinha a questão de ser produtivo e de ser proativo, era algo que lhe motivava e é algo que me motiva também. [...]E quando eu estava na faculdade, quando terminei e fui defender a monografia, ele quis assistir. E ali, ele entendeu o sentido de estudar, o que isso significava para mim, a importância. Foi muito legal, porque ao invés de ele me despertar para o estudo, eu que o despertei. E eu acho que foi ele a figura. [...] No final do semestre eu sempre falo para eles (os alunos): “obrigada por tudo que vocês me ensinaram”. E tem alunos que se assustam quando eu falo isso, porque acho que ainda existe aquela cultura de que o aluno não vai ensinar nada para o professor, mas eu acho que é uma grande mentira e que nós aprendemos muito mais que os alunos. No final do semestre, o seu crescimento, o tanto de coisas que você aprendeu como professora foi muito maior. |
| Açaí | [...]Eu morava nessa ilha de forma isolada e eu já dava aula, já ensinava...e o meu irmão teve muita dificuldade em aprender a ler. Meu pai um dia foi de canoa para Coari, [...], na volta, trouxe duas cartilhas de ABC e folhetos de cordel. [...]Quando ia ler os textos lá na frente, ela (a professora Georgina) deixava o meu por último, porque era o melhor, era aquele que ia impactar a turma, então, ela lia por último, ela dramatizava as histórias, pedia para nós dramatizarmos e tantas outras coisas[...] eu acho que o me fazia ficar encantada era a afinidade que eu tinha com a professora, quando ela falava da enchente do rio, levava jornal, mostrava a cobra grande que engoliu o boi, mostrava o que era uma maromba no interior...então, era uma professora diferente, que explicava, levava recursos da época, figuras, jornais, contextualizava o ensino [...] é isso né, o professor não morre, ele permanece nos alunos dele. Eu tenho um aluno, um discípulo, que um dia nós estávamos na Livraria e ele pegou o livro Alegria de Ensinar do Rubem Alves e nós lemos ali a primeira página que dizia: “o professor não morre jamais, ele está sempre presente na vida dos seus alunos, na prática dos seus alunos” e o que fizemos ali...nos abraçamos, choramos e choramos...ficamos lá cinco minutos abraçados e chorando, porque ele reproduz o que eu faço, é professor de História, mas faz música, paródia, poesia, paráfrase, teatro, tudo ele reproduz e quando ele manda para mim essas imagens eu confirmo o que o Rubem Alves diz, que o professor não morre jamais, que ele permanece nos alunos dele. E eu estou aí, na vida de vários alunos, graças a Deus. |

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Por meio dos elos representados nos discursos dos professores consideramos, conforme Day (2001), que os docentes em qualquer estágio de suas vidas e carreiras se encontrarão em uma determinada fase de seu desenvolvimento pessoal e profissional. E assim, observamos quando Bacaba comentou que suas motivações para o desenvolvimento profissional provêm da vontade de crescimento financeiro e da influência indireta de uma família envolvida com o meio acadêmico.

Evidenciamos, também, no discurso de Inajá que seu incentivo em se desenvolver profissionalmente se constitui na experiência com os alunos e na vontade de superar suas próprias experiências como aluna ao ter dito que se inspirava em seus piores professores, fator que a motiva a buscar novos caminhos em sua prática como professora. Já Miriti fez referência ao valor antes dado ao professor pelos alunos e que considera preterido em virtude de o acesso à informação atualmente ser maior, ressaltando assim a necessidade da busca por novas maneiras de ensinar e interagir em sala.

Verificamos, da mesma forma, na fala de Arumã que além da figura relevante que foi seu pai na constituição de seu modo de ser na profissão, de sua postura e competência no trabalho, ela trouxe o reconhecimento pelo que aprende com seus alunos ao fim de cada semestre,

representando que a formação se dá, conforme Pineau (2010), na interação da ecoformação com a autoformação, isto é, refere-se à formação de si no decurso da vida em casa quando traz à tona a influência familiar que seu pai representou, bem como a interação entre a autoformação e heteroformação no decurso da vida no trabalho, quando expressou o quão significantes são os ensinamentos que emergem da interação com os alunos.

Açaí reconhece igualmente a figura de seu pai e a representatividade que teve desde o momento em que lhe trouxe, após uma viagem de canoa, folhetos de cordel e uma cartilha do ABC como relatou, além da imagem da professora Georgina que a encantava ao ler textos, dramatizá-los em sala de aula e contextualizar por meio de recursos o ensino, afirmando que o professor, conforme citou Rubem Alves, não morre jamais e ficará sempre presente em seus alunos, o que pode ser confirmado de modo duplo, visto que Açaí carrega muito do modo de ser e saber-fazer de sua professora da infância, bem como já inspirou alunos com seu *habitus*.

Tais experiências nos incitam a pensar o processo de formação apoiado na interferência do outro, isto é, na heteroformação (PINEAU, 2010), que se torna manifesto no discurso dos professores quando expõem suas percepções acerca opção pelo mestrado em Ensino Profissional no IFAM e sobretudo a respeito do processo de seleção, das expectativas que construíram, da concepção do andamento das disciplinas e do decurso que se revelou em formação de si.

Figura 6: Percepções do sentido de trabalho nas experiências por meio do mestrado.

| | |
|--------|--|
| Bacaba | Eu acredito que o mestrado foi, assim, um ponto muito importante. Tanto que na minha prova oral, na entrevista, eu falei para os membros da banca que eu acreditava que o que aprenderia nesse mestrado, talvez fosse o que estava faltando para me ajudar em sala de aula, até porque eu não vinha de uma formação para ser professora, eu não vinha de uma licenciatura. E, eu acreditava que ia aprender técnicas, métodos e ia conhecer autores e pessoas que iriam colaborar para que eu pudesse...não digo incrementar...não é a palavra, mas...tornar as aulas mais significativas e tornar o aprendizado significativo para os meus alunos... E, eu acredito que melhorei muito como professora, pelo que eu aprendi, pelo que eu li, pelo que eu fui levada a conhecer, pelo que os professores mostraram...que eu acho que sozinha, iria conhecer, mas iria demorar mais um pouquinho, eu não iria encontrar alguns autores, eu não iria ter algumas oportunidades, eu não iria buscar tão rapidamente como foi com o processo do mestrado. |
| Inajá | Para quem não é da área da Educação é muito difícil entender todo esse universo, muito mesmo, vocês não têm ideia, noção de como é difícil compreender isso. Então, desde a época que eu estava estudando para fazer o projeto e a prova, eu pensava: "poxa, para ser professor tem tudo isso, é assim mesmo!?". Para mim todo dia era uma novidade, eu me via e me vejo muito nos textos da Machado quando ela fala que continuamos formando professores achando que o conhecimento específico basta. E para mim antes, isso era tudo o que valia, o conhecimento bastava e ela diz que os professores vão se formando no seu dia-a-dia em sala de aula, nos erros e acertos. Isso parecia que estava sendo escrito para mim, ela (Machado) foi abrindo o meu mundo, nossa, eu pensava: "sou eu, isso é para mim!" [risos]. Porque era tudo que eu vivi e ainda vivia, porque eu escuto meus colegas de trabalho, administradores, contadores e engenheiros, todos pensam assim: "que basta saber o conteúdo para ser professor e a forma com que eu vou explicar ou que esse aluno vai conseguir absorver, isso é com ele, eu não tenho nada a ver". A maioria dos institutos federais tem essa característica. E tudo isso mexia comigo, deve ter algo a mais e na disciplina da professora Rosa, nós fomos descobrindo que sempre tem algo a mais e mais e mais [risos]. E eu ficava pensando: "meu Deus, como é que eu vivi esse tempo todo sem saber disso? [Risos]. |

| | |
|--------|---|
| Miriti | Muita coisa muda, para melhor, nossa própria atitude como professor. Nós percebemos que com essas aulas que tivemos, com tudo que nós escrevemos e continuamos a escrever, é possível ver um grande avanço. Hoje eu tenho mais facilidade para escrever, eu tinha muita ideia, mas para colocar no papel era difícil. |
| Arumã | [...]Quando eu cheguei no instituto eu pensava no mercado de trabalho e a vivência, o cotidiano no instituto me fez enxergar o mundo do trabalho e a ida para o mestrado reafirmou, confirmou esse meu pensamento e ampliou tudo. Eu falo isso para os alunos...o fazer, o desenvolver uma atividade, daqui a pouco as máquinas vão fazer, mas o pensar, o refletir, a tomada de decisão, as implicações que isso tem, só um ser humano vai poder fazer. E eu quero sempre colocar essa pulguinha atrás da orelha deles, vocês estão aqui para aprender a fazer o que? Só repetir uma ação ou para pensar essa ação, refletir sobre os impactos dessa ação? Eu penso muito nisso. [...] Depois do mestrado, acho que o doutorado talvez seja o próximo passo né. É algo que eu já penso, já vislumbro, o doutorado, não sei se vai ser logo de imediato, se eu vou parar, eu não queria parar, eu queria poder prosseguir, a vida também tem os caminhos dela, então, eu penso muito nisso e acho que não é só o mestrado e o doutorado, eu acho que a formação vai vindo de outras maneiras também. Creio que o grande ganho são os projetos que você vai se envolvendo, ou seja, aquilo que você promove, o seu retorno para a sociedade. |
| Açaí | Eu pensei: "meu Deus esses meninos estão falando comigo, isso é para mim, eu não posso continuar assim, eu vou fazer o mestrado" e fui, fiz o projeto três dias antes de terminar as inscrições e fui aprovada graças à crônica de Rubem Alves, graças ao que os alunos escreveram e à poesia também [risos]. Eram calouros, eles recém entraram no Instituto, já me dando lição de vida, sabe, então nós pensamos que o professor ensina, mas ele recebe muito mais, aprende muito mais. [...]E é isso, eu já estou pensando no doutorado e pensando que o que mais me deixa feliz é essa legitimação, isso não é uma loucura, isso não é só língua portuguesa, é língua portuguesa e muito, muito mais. Vai além da gramática, vai para a vida, para a poesia, vai caminhar junto com o científico, eu costumo dizer que agora, daqui para frente Ciência e Poesia caminham juntas, de mãos dadas [risos]. |

Fonte:Elaboração própria, a partir das entrevistas.

O sentido de trabalho como experiência se manifesta na compreensão dos professores pela necessidade, motivação intrínseca, em buscar formação seja para legitimar o trabalho já desenvolvido no instituto como fez Açaí, ou porque acreditava que o mestrado fosse lhe proporcionar o que faltava em sua prática docente em termos de saberes pedagógicos (TARDIF, 2014) como suscitou Bacaba, ou quando Inajá tomou consciência de que apenas o conhecimento específico da disciplina não bastava para ser professor.

A trajetória no mestrado se apresentou como experiência formadora (JOSSO, 2002) na medida em que os professores se perceberam atores no processo formativo, o que García (1999) nos enuncia como desenvolvimento profissional e que pressupõe, sobretudo, uma autonomia do professor sobre seu processo de formação, evidenciado quando Arumã disse que apesar de já vislumbrar o doutorado, compreende que a formação se apresenta de outras maneiras também, quer seja pelos projetos nos quais os professores se envolvem ou nas atividades que desempenham como retorno à sociedade.

A formação também pôde ser evidenciada no mestrado por meio da convivência, discussão e aprendizado com os elos (JOSSO, 2002) envolvidos no processo, dada importância que nossas palmeiras conferiram a essa trajetória formativa, revelada na figura abaixo:

Figura 7: Elos que revelam o sentido de trabalho nas experiências por meio do mestrado.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | Por que o Mestrado Profissional do IFAM? Não sei te responder, mas quando você entra em uma Instituição Federal, em uma vida que você vai lecionar, precisa do mestrado, tanto financeiramente, porque é preciso aumentar nosso salário e |
|--------|---|

| | |
|--------|--|
| | <p>you precisa crescer de forma acadêmica. Então minhas motivações são tanto o lado financeiro, quanto o crescimento profissional.</p> |
| Inajá | <p>Apresentar-se ao público...eu lembro que o primeiro colóquio, na disciplina da professora Rosa...gente...eu pensei: "por que a professora Rosa convidou Deus e o mundo? [Risos] os alunos da outra turma estavam, meu Deus, eles já sabiam o que eu ia falar. Eu estava insegura, não sabia direito e tive que falar sobre Tecnologia. Eu pensava: "será que eu sei? "[risos]. Parecia que nós não sabíamos de nada, mas a professora Rosa é tão confiante que ela passa essa confiança de que nós sabemos sim. E nós acabamos, não sei como, saindo bem. Então esse foi um grande impacto também, porque dar aula para os alunos é diferente, eles vão aprender conosco, não que tudo que eu disser vai estar certo, pode haver questionamento, mas é muito diferente do que você falar para o professor Amarildo na plateia, ele estava lá e eu falando sobre Tecnologia para a professora Andreia...meu Deus do céu [risos]. Esse era o meu medo e de toda turma, mas tudo bem. Ai, veio a apresentação da professora Andreia, que foi a Mostra de TICS e eu que fui apresentar, dez minutos para falar toda a nossa experiência que está em um capítulo do livro de 25 páginas, ela nos fez explicar em dez minutos. E ela disse que se passasse ela cortaria o microfone [risos]. Treinei minha fala, no dia, o auditório estava lotado, o que já deu um desespero. Então, todas essas barreiras foram uma preparação para a defesa e eu fiquei com muito medo nesse dia, mas depois eu estava lá, consegui levar bem. Tanto que falaram que nem parecia que eu estava nervosa, mas só eu sei. E esse impacto foi grande, porque tinha muita gente lá e o tempo era muito curto. Depois veio o Seminário de Projetos, que foi muito tranquilo, tinha pouca gente [risos]. E eu estava bem segura quanto à proposta que eu apresentei no dia.</p> |
| Miriti | <p>Nós sabemos que tem muitos livros produzidos, mas quando você procura um trabalho de campo, por exemplo na Geografia, as referências são poucas. O que eu pretendo fazer é começar a produzir algo para outros professores, que possa contribuir com o trabalho em sala de aula.</p> |
| Arumã | <p>Passei e não sabia de nada né [risos]. Na chegada, a primeira disciplina foi decisiva, porque te dá um repensar realmente. Primeiro se é aquilo mesmo que você quer e, segundo, te faz ver o mundo a sua volta de outra maneira. Eu acho que foi muito bacana sim. E tem essa questão toda de que é muito desgastante, muito cansativo, ainda mais eu que tenho criança pequena. Você tem que readaptar sua vida toda, a rotina toda mudou dentro de casa, do trabalho mudou. Continuei trabalhando, mas eu pedi redução de carga horária, fiquei com dez horas, que ainda é uma quantidade relevante, não é muito, mas também não é tão pouquinho. Continuei em sala de aula e o processo de estar em sala de aula e estar no mestrado é muito rico, apesar de ser cansativo, é muito bom, porque todo dia você reflete e você ressignifica a sua docência. Todo dia você vai ao mestrado, assiste a aula, faz uma leitura, escreve e quando você entra em sala de aula de noite você já está pensando diferente, você já está vendo diferente, você já está diferente, não tem como você não estar diferente. Eu acho que tem sido uma experiência única.</p> |
| Açaí | <p>É como um parto normal, igual ao que eu fiz, pari em um dia e no outro já estava lá fazendo vestibular. Aquela dor já acabou, eu digo isso nas minhas considerações finais, que eu sentia um misto de medo e alegria. Medo de decepcionar meu orientador, medo de não dar conta. E eu com a minha "leiguice" em informática, falava para a professora Andréia que eu era tecnofóbica, mentira, só invenção, porque eu não sei muita coisa, então, criei essa frase de que eu sou tecnofóbica. E quando eu fui fazer a disciplina de Ensino e TICs, falei "professora eu não sei nada de informática" e ela disse: "você sabe passar e-mail? ", e eu disse: "sei". E ela completou: "então está bom! Só precisa disso. " [Risos]. E me perguntou: "Você tem uma conta de e-mail? ", eu falei: "tenho", ela disse: "então pronto, só precisa disso". E realmente, só com uma</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>conta de e-mail, nós conseguimos um êxito muito grande na disciplina Ensino e TICs que já resultou em um capítulo de livro, já resultou em um livro digital, em um blog e no segundo capítulo da dissertação, [risos] só passando e-mail.</p> |
|--|--|

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Entendemos que as práticas profissionais não se constituam como isoladas e sim como partilhadas (CONTRERAS, 2002), como quando Inajá descreveu sua apreensão e de seus colegas de mestrado nos momentos de socialização das atividades realizadas, encorajadas pelos elos, na figura dos professores formadores, bem como dos próprios colegas que partilhavam simultaneamente tais experiências e, por conseguinte, aprendizado nas situações relatadas.

Em igual medida o desenvolvimento e as práticas profissionais convergem à conjugação de saberes tanto pedagógicos, quanto sociais e experienciais (TARDIF, 2014), revelados quando Bacaba retrata que a chegada em uma instituição federal e a atividade como professora a fez sentir que precisava do mestrado, justificando a necessidade por meio de anseios financeiros e crescimento profissional. Assim percebemos que não basta apenas o saber social, que compreende saberes disciplinares e curriculares, mas são requeridos pelo professor os saberes experienciais e pedagógicos, pelos quais Bacaba também se sentiu motivada a iniciar o mestrado e por meios dos quais Miriti realça sua vontade em contribuir com o trabalho de outros professores em sala de aula, expressando que os problemas surgem pelo fato de que o professor só pode assumir seu compromisso moral com a comunidade (CONTRERAS, 2002) a partir da autonomia.

Compreendemos, da mesma forma, no processo de atribuição do sentido de trabalho como experiência as necessidades e limitações de cada indivíduo, evidenciando que se trata de sujeitos mais ou menos ativos ou passivos da sua formação e de que podem dar a si próprios os meios de serem sujeitos cada vez mais conscientes (JOSSO, 2010), o que confirmamos com o posicionamento de Arumã que entendeu o mestrado como uma experiência única, visto que lhe proporciona uma ressignificação da própria prática em sala de aula e a percepção de refletir-se e transformar-se. Reflexão também constatada por Açaí ao superar suas limitações e transformá-las em retorno à sociedade, em produto ao fim do mestrado.

Entendemos no discurso de nossas palmeiras uma perspectiva de autoformação que desdobra o indivíduo em uma dupla operação denominada autorreferencial, no qual o professor torna-se sujeito, quando se apropria da formação e objeto de formação, quando a aplica a si mesmo (PINEAU, 2010). Evidenciando que na medida em que ocorre um processo contínuo de identificação dos sujeitos com as propostas vivenciadas, no mestrado, novos valores e condutas se delineiam e nessa tensão entre mudança e permanência, continuidade e diferença, conforme Lima (2005), é que se constroem as identidades.

O traçado da vida: a identidade

O trabalho que constitui é também aquele que preenche a identidade, realizando-nos, satisfazendo-nos, movendo-nos e motivando-nos como professores que somos e constituindo nossas fibras. Isto é, o sentido conferido ao trabalho, traduzido no traçado da vida, é compreendido como o processo de constituição da identidade docente, que entrelaça o indivíduo ao seu compromisso com a profissão, ao fazer profissional, bem como ao que se extrai daquilo que nos acontece como experiência.

Compreendemos que o professor ao ensinar tem sua identidade carregada de marcas de sua própria atividade e boa parte de sua existência caracterizada por sua atuação profissional, que com o passar do tempo vai moldando o docente com sua própria cultura, *ethos*, ideias, funções e interesses (TARDIF, 2014). Percebemos, assim, nos discursos evocados abaixo que o traçado da vida revela um sentido de trabalho que aponta para a identidade,

entendida por nós como um processo identitário, a medida que consideramos a identidade como um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão (NÓVOA, 2007).

Figura 8: Percepção do professor como evidência para o sentido de trabalho como identidade.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | E, ser professor...é levar muito trabalho para casa e eu trabalho [em casa] com menino chutando bola atrás de mim, com a bola, às vezes, batendo na minha cabeça. Porque eu não posso me dissociar da minha profissão e eu preciso levar trabalho para casa, lançar nota, corrigir exercícios, tudo isso é feito em casa. Aqui no instituto eu não consigo fazer. |
| Inajá | Eu sempre me senti professora, se eu não tivesse me sentido professora eu não teria permanecido. Desde o primeiro contato com os alunos e com o universo docente, nossa, eu lembro que quando eu era professora lá em Boa Vista e quando me chamava de professora, [risos]às vezes eu ficava pensando: "será que é comigo mesmo!?", porque quem estuda Licenciatura já vai se preparando para isso. E do nada eu ouvi pessoas me chamando de professora, eu pensava: "meu Deus, sou eu mesma essa professora? "[risos]. Ser chamada de professora foi o primeiro impacto, mas depois vai se tornando bom de ouvir. Então eu acho que desde o dia que me chamaram, pela primeira vez, de professora, eu me senti professora, pertencida a essa profissão, o que só foi crescendo com o passar do tempo. |
| Miriti | [...] sempre eu percebia que não adiantava uma pessoa bem preparada na técnica, sem esse preparo para a cidadania, porém em toda essa minha trajetória de aproximadamente 23 anos eu trabalhei pela intuição, às vezes fazendo as coisas certas e às vezes percebendo que estava fazendo errado. |
| Arumã | Eu acho que o trabalho...ter trabalhado em empresas e em outras repartições públicas antes do instituto...foi bacana, porque você vê que é uma faca de dois gumes...o professor da Educação Profissional tem que ter a formação para a docência e ao mesmo tempo tem que ter o conhecimento prático, da indústria, do setor econômico, que movimenta o trabalho, eu acho que isso foi muito importante para mim e eu tive a felicidade de ter a minha própria empresa, de ter sido funcionária de empresa, de ter sido estagiária em empresa, de ter sido servidora na esfera municipal e estadual, que são âmbitos diferentes. Então, eu acho que todo esse caminho foi muito válido e hoje em dia ele é parte da professora, da docente que eu sou. Não tem como me dissociar disso, não tem como apagar esse período. Isso está na minha identidade e eu acho que na maneira como eu ministro aula, na maneira como eu me comunico com os alunos e acho que tem uma gotinha de cada parte da minha vida ali, quando eu estou em sala de aula. E é um dos momentos que eu fico mais feliz...é quando eu estou em sala de aula. [risos] Me sinto muito feliz, realizada com o que eu faço...posso estar cansada como for, eu às vezes vou me arrastando, mas quando eu chego na sala, a minha pilha renova e é muito bom, muito bacana. Me sinto muito realizada com a minha profissão. Acho que é uma dádiva não é!? Você poder fazer o que gosta e gostar do que você faz. |
| Açaí | A vida inteira, por causa desse meu desejo muito grande de ser professora eu não me imagino fazendo outra coisa, eu nunca tive dúvida[...] E é o lugar que me faz feliz, na sala de aula, onde eu esqueço todos os problemas, eu posso estar com o maior problema do mundo, mas quando eu entro na sala de aula, eu não tenho mais problema, eu acho que os professores deveriam fazer isso. O problema deveria ficar lá fora e ele entrar como professor, sem o problema, então, como é que eu me vejo? Eu me vejo essa pessoa muito, muito apaixonada pela sala de aula. A sala de aula é o meu palco. [...]E como eu me vejo como professora, eu me vejo como essa pessoa muito preocupada não com o conteúdo, não é o conteúdo que é mais importante, eu não tenho preocupação em cumprir o programa. |

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Entendemos que a construção identitária do professor se molda em sua trajetória social e profissional (TARDIF, 2014), sendo resultado da formação docente, da inserção na profissão, do choque com a realidade, da aprendizagem na prática, da descoberta dos limites, da negociação com os outros, da responsabilidade para com os alunos, da satisfação com os sucessos individuais dos discentes, das relações pessoais/familiares, de processos anteriores de socialização, da realização pessoal e de poder enxergar-se professor.

O processo identitário também passa pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa atividade, sabendo que a forma como ensinamos depende diretamente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino (NÓVOA, 2007). Assim, constatamos a impossibilidade de dissociar o professor do ser e o ser do professor, conforme Bacaba trouxe em seu discurso quando disse que não é possível se dissociar de sua profissão.

Ou quando Arumã reconheceu que também não pode se dissociar das experiências de trabalho que teve antes da entrada no Instituto Federal, relatando-nos que todos momentos vividos anteriormente estão presentes em sua identidade, bem como constituem a docente que é em sala de aula e que considera ser o momento de maior felicidade, satisfação e mesmo estando cansada, disse que esquece de todos os problemas quando entra para ministrar as aulas, sentindo-se realizada na docência.

Percebemos que na medida em que ocorre um processo contínuo de identificação dos sujeitos com as propostas vivenciadas, novos valores e condutas vão se delineando, nessa tensão entre mudança e permanência, continuidade e diferença é que se constroem as identidades (LIMA, 2005), assim como observamos nos discursos acerca do sentimento de pertencimento à profissão, relatado por Inajá, por exemplo, quando disse que tal sensação iniciou e, tem aumentado com o passar do tempo, desde o período em que ministrava aulas na Universidade Federal de Roraima.

Tal sentimento de pertencimento foi expresso por Miriti ao considerar ter trabalhado pela instituição durante sua trajetória de aproximadamente 23 anos no Instituto Federal ou quando Açaí comentou do seu desejo de ser professora iniciado desde a infância e alimentado por si no decorrer da vida por meio dos processos de formação aos quais se submeteu, da postura adotada em sala de aula, da obrigação moral e compromisso com a comunidade (CONTRERAS, 2002), da satisfação com os sucessos específicos dos alunos, da realização com a profissão e da reflexão sobre a prática (DAY, 2001).

O trabalho como satisfação, move-nos a compreender o traçado da vida por meio da identidade que se constitui no traçado da vida, ou seja nas experiências do fazer e ser docente, bem como se entrelaça em igual medida na tessitura que envolve e representa a responsabilidade social do professor, impelindo-nos ao entendimento de que a formação, em conformidade com Dominicé (2010), é feita pela presença de outrem e de nós, em um processo de autonomização que no decurso da vida nos ajuda a descobrir o que é importante aprendermos para nos tornarmos competentes, darmos sentido ao nosso trabalho e constituirmos nossa identidade.

Para além das fibras trançadas e entrelaçadas: uma proposta de autoformação

Enxergamos que para além das fibras nos discursos de nossas palmeiras existem aspectos que nos suscitam a entender que o ser em formação só se torna sujeito no ato de aprender e em que é capaz de intervir no seu processo de aprendizagem e de formação para favorecê-lo e reorientá-lo (JOSSO, 2010). Realçamos, na figura abaixo, elementos que os professores evidenciaram como uma necessidade de formação quanto ao entendimento da modalidade de ensino da instituição na qual se inseriram e terminaram por buscá-la sem uma contribuição institucional, o que se constituiu em um processo de autoformação.

Figura 9: Evidências de necessidade de formação de professores do IFAM.

| | |
|--------|---|
| Bacaba | Quando você pega o edital do concurso, lá não diz para quem você vai dar aula, para que curso você vai dar aula, faixa etária, nada. E eu nunca tinha sido professora na minha vida, numa sala de aula de escola. Tinha dado aula na igreja, mas nunca em uma escola, só na escola dominical da igreja. E, aí, cheguei no IFAM...pensei...vou ser professora. Entrar numa sala de aula com 44 alunos, isso já foi um impacto. [...]Eu acredito que o mestrado foi, assim, um ponto muito importante. Tanto que na minha prova oral, na entrevista, eu falei para os membros da banca que eu acreditava que o que aprenderia nesse mestrado, talvez fosse o que estava faltando para me ajudar em sala de aula, até porque eu não vinha de uma formação para ser professora, eu não vinha de uma licenciatura. |
| Inajá | Na verdade, vamos abrir parênteses aqui, eu só fui entender o que é essa Educação Profissional e Tecnológica no mestrado. Então, eu estou no IFAM há cinco anos...desses, três anos eu fiquei dando aula por pura intuição, porque é bem precária nossa orientação pedagógica. Eu entendo que ser pedagogo em uma escola normal é uma coisa, mas ser pedagogo dentro do instituto é outra totalmente diferente. Assim como eu não sabia, posso dizer que quase 70 por cento dos meus colegas não sabem dizer o que é a Educação Profissional e Tecnológica. [...] E, foi nessa hora que tudo a respeito da Pedagogia fez falta. Eu não sabia como funcionava, mas eu sabia que existia e que eu tinha que aprender isso, porque se não, eu não teria condições de ministrar aulas para eles (alunos). |
| Miriti | Então para o Ensino Técnico não perdi de vista a questão da cidadania, sempre eu percebia que não adiantava uma pessoa bem preparada na técnica, sem esse preparo para a cidadania, porém em toda essa minha trajetória de aproximadamente 23 anos eu trabalhei pela intuição, às vezes fazendo as coisas certas e às vezes percebendo que estava fazendo errado. E ao entrar no mestrado comecei a perceber que na verdade falta muito para ser um bom professor, ou pelo menos se aproximar do que é ser um bom professor. |
| Arumã | Apesar de eu já vir de uma escola de Educação Profissional, que era a escola onde eu trabalhava em Vitória, era só de cursos técnicos, mas é uma dinâmica completamente diferente no instituto. Por exemplo, lá eu dava aula para o subsequente que é o pós-médio, que preparava alunos para concursos. E quando eu cheguei no IFAM, fui dar aula para o Integrado, nível Médio. Então eu acho que o choque foi esse, porque eu vim de um ritmo e, aí, entrei em outro ritmo. E isso de você não saber muito..., mas plano de ensino e diário eu já sabia, porque já vinha dessa outra escola, mas você não é preparado quando entra no instituto.[...] Eu acho que esse é, talvez, o grande desafio de se trabalhar no instituto, trabalhar com vários níveis. E você não é preparado para isso [...]Eu acho que você pensar o viés social da docência, porque aquela observação que eu fiz de apesar de ser professora da Educação Profissional é justamente, porque a maioria dos professores que estão no instituto ou pelo menos os que eu vejo que são da Educação Profissional não pensam o viés social da educação, não pensam o mundo do trabalho, porque não foram preparados para isso. Como nós não temos uma preparação, você já sai do mercado de trabalho para o instituto, você traz o mercado de trabalho para o instituto. Então o Engenheiro saiu da indústria e vem para o instituto, o que ele vai trazer para cá? Ele vai trazer a indústria, então, ele vai talvez repetir o modelo que viveu lá. Eu acho que esse repensar o viés social da docência, o lado humano da docência é muito importante. |

| | |
|------|--|
| Açaí | [...] o Ensino Tecnológico tem que ser também um ensino humano, criativo, reflexivo, em que o médico não seja só médico, seja também escritor, bailarino e que tenhamos mais, mecânicos escritores, mecânicos bailarinos, mecânicos atores, escritores, poetas. Então, o Ensino Tecnológico não pode esquecer o estético, o humano, o criativo, o original. [...]Mas, então, aqui no Instituto Federal os colegas pensam assim, e tem muitos que pensam e defendem isso em plena reunião, dizendo: “não, mas aqui nós somos uma instituição para preparar para o trabalho”. Eu já grito de lá: “eu mesma não, não estou aqui para preparar aluno para ser escravo no Distrito Industrial não, eu estou aqui para preparar meus alunos para a vida, para serem gente, para a humanização, para a arte, para ser alguém no mundo, menos escravo no Distrito Industrial”. |
|------|--|

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas.

Em seus discursos, os professores perceberam um problema que reside na falta de preparação quando chegaram ao Instituto Federal, alguns por virem de um Bacharelado e considerarem lhes faltar saberes próprios da Educação, outros por virem da educação propedêutica e tentar igualá-la ou compará-la à modalidade de ensino do instituto, e outro por chegar de uma instituição também voltada à Educação Profissional, mas com dinâmica diferente daquela encontrada no IFAM.

A percepção desse problema, pelos professores, é indicada em seus discursos na observação de sua própria condição e/ou na condição de seus colegas de trabalho, como trazido por Inajá quando afirmou que dos cinco anos desde que ingressou no instituto, três anos trabalhou por pura intuição e, assim como ela, reconhece vários colegas no campus onde está lotada na mesma situação, trabalhando conforme a intuição.

De mesmo modo, Bacaba expressou ser um problema o desconhecimento da dinâmica do instituto e a falta de preparação para inserção em uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica por vir de uma formação de Bacharelado e considerou a busca por formação como uma motivação intrínseca, proveniente de sua vontade de crescer profissionalmente e financeiramente, o que a direcionou ao mestrado no IFAM.

Arumã, em igual medida, afirmou que os professores percebem que não há preparação para trabalhar com a Educação Profissional e Tecnológica nos vários níveis presentes do instituto e que a maioria dos professores inseridos na Educação Profissional não pensam o viés social da educação, não refletem o mundo do trabalho, porque não foram preparados para isso e pelo fato de já saírem do mercado de trabalho para o instituto, trazem consigo o mercado e os modelos para a sala de aula, sem conseguir realizar uma transposição que possibilite enxergar o Ensino Tecnológico de modo mais humano, mais integral.

Conforme nos trouxe Açaí ao criticar o posicionamento dos colegas que afirmam que o instituto deve preparar para o trabalho, preterindo, segundo a percepção de nossa palmeira, o desenvolvimento de um ensino humano, criativo, reflexivo, crítico e que ofereça ao aluno a possibilidade de formar-se para a arte, para a vida e para o mundo.

Entendemos na trajetória das palmeiras de nosso traçado que o ingresso no mestrado se apresentou como forma de mitigar a lacuna percebida pelos professores em seu processo formativo. Para além dos anseios individuais, o mestrado representou a busca por formação no entendimento de que para continuar o desenvolvimento de suas atividades docentes na instituição era necessário conhecer mais da Educação Profissional e Tecnológica como foi para Miriti ou até legitimar, como para Açaí, o trabalho que já realizara.

Seja para entender melhor a Educação Profissional e Tecnológica, ou formar-se como profissional, ou legitimar a docência, é fato que as palmeiras de nosso traçado, tiveram como fruto de suas próprias percepções sentidos de trabalho como responsabilidade social, experiência e constituição identitária, além da necessidade de buscar formação permanente, o que em concordância com PINEAU (2010) nos incita a compreender a autoformação docente apoiada em um processo crítico-reflexivo, portanto autônomo por parte do professor.

Referências

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

DAY, C. **Desenvolvimento Profissional de Professores**. Porto: Porto Editora, 2001.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A. (Org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

GALVANI, Pascal. A Autoformação, uma Perspectiva Transpessoal, Transdisciplinar e Transcultural. In: **Educação e Transdisciplinaridade II – CETRANS**. São Paulo: TRIOM, p. 95-121, 2002.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores – Para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2014. JOSSO, M-C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

JOSSO, M-C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

_____. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

_____. Da formação do sujeito...Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A. (Org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, M. E. C. DE C. **Sentidos do trabalho – a educação continuada de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2007.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A. (Org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

SIMIONATO, M. F. A formação do professor do ensino técnico no contexto da reestruturação produtiva. In: KRONBAUER, S. C. G. (Org.) **Formação de professores: abordagens contemporâneas**. São Paulo: Paulinas, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

Diante do exposto nos vídeos (Roteiro 05) que relatam a história de vida de professores do IFAM e do texto lido acima, redija um texto que expresse suas percepções acerca dos sentidos de trabalho para professores inseridos na Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Registre seu texto no Diário de Bordo.

Direcionamento 03

Autoformar-se no processo: a construção do Memorial de formação

Direcionamento 03

Descrição

Prezado participante, seja bem-vindo ao nosso MOOC. Este é nosso terceiro direcionamento, que deve ser utilizado como guia em seus estudos e instrumento que possibilite uma compreensão acerca dos processos de autoavaliação propostos. Desejamos que você agregue uma boa experiência de formação por meio de nossa proposição.

Atividade realizada pelo participante

Expressar compreensões acerca do processo vivido.
Construir um Memorial de formação.

Direcionamento

Leia o texto "Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação" de Guilherme do Val Toledo Prado e Rosaura Soligo (PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação**: quando as memórias narram a história da formação. Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, p. 47-62, 2005), disponível em https://scholar.google.com.br/scholar?q=Memorial+de+forma%C3%A7%C3%A3o+quando+a+s+mem%C3%B3rias+narram+as+hist%C3%B3rias+de+forma%C3%A7%C3%A3o&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Diante do texto lido, redija seu Memorial de formação e esteja atento para que o mesmo expresse:

Os caminhos que o conduziram em seu percurso profissional e pessoal até o momento, suas escolhas nesse processo, os desafios pelos quais passou, os investimentos (tanto financeiros quanto pessoais) que realizou, as experiências que lhe constituíram, as pessoas que cruzaram sua vida, as ações e reflexões que se fizeram presentes, o enxergar-se em sua profissão e as memórias que emergem do vivido.

APÊNDICE E – PRODUTO EDUCACIONAL DA PESQUISA

MOOC: Um traçado entre autoformação docente e sentidos de trabalho para professores da Educação Profissional e Tecnológica

(Produto educacional impresso separadamente e também de acesso livre pelo endereço:
<http://mooc.ifam.edu.br:15000/>)